

JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS

O
MANUSCRITO
de Birkenau
romance



gradiva



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**

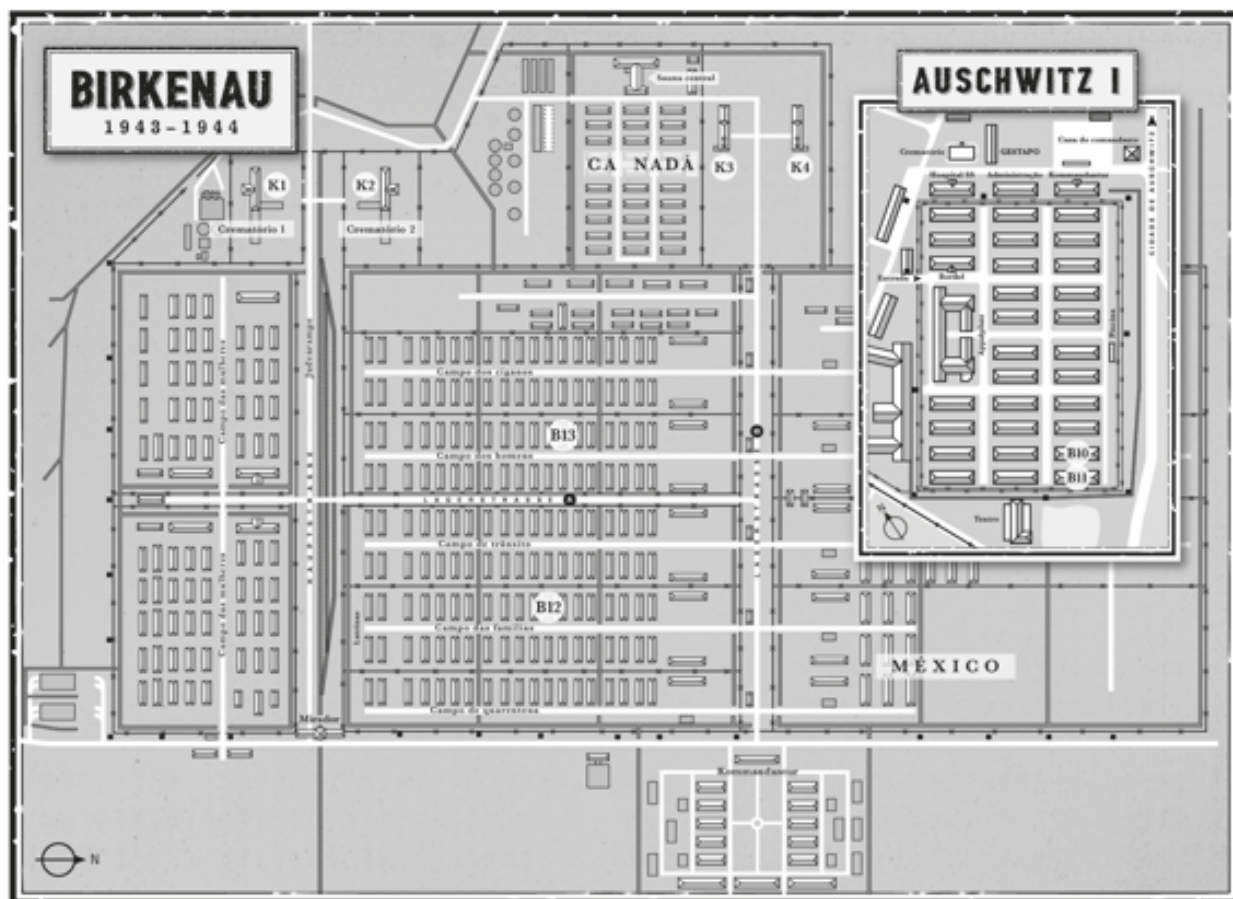


JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS

O
MANUSCRITO
de Birkenau
romance







OBRAS DO AUTOR

ENSAIO

- Comunicação*, Difusão Cultural, 1992; Gradiva, 2015
Crónicas de Guerra I — Da Crimeia a Dachau, Gradiva, 2001
Crónicas de Guerra II — De Saigão a Bagdade, Gradiva, 2002
A Verdade da Guerra, Gradiva, 2002; Círculo de Leitores, 2003
Conversas de Escritores — Diálogos com os Grandes Autores da Literatura Contemporânea, Gradiva/RTP, 2010
A Última Entrevista de José Saramago, Usina de Letras, Rio de Janeiro, 2010; Gradiva, 2011
Novas Conversas de Escritores — Diálogos com os Grandes Autores da Literatura Contemporânea II, Gradiva/RTP, 2012

FICÇÃO

- A Ilha das Trevas*, Temas & Debates, 2002; Gradiva, 2007
A Filha do Capitão, Gradiva, 2004
O Codex 632, Gradiva, 2005
A Fórmula de Deus, Gradiva, 2006
O Sétimo Selo, Gradiva, 2007
A Vida Num Sopro, Gradiva, 2008
Fúria Divina, Gradiva, 2009 (Prémio Clube Literário do Porto 2009)
O Anjo Branco, Gradiva, 2010
O Último Segredo, Gradiva, 2011
A Mão do Diabo, Gradiva, 2012 (Prémio Portal da Literatura Melhor Romance do Ano de 2012)
O Homem de Constantinopla, Gradiva, 2013
Um Milionário em Lisboa, Gradiva, 2013
A Chave de Salomão, Gradiva, 2014
As Flores de Lótus, Gradiva, 2015
O Pavilhão Púrpura, Gradiva, 2016
Vaticanum, Gradiva, 2016
O Reino do Meio, Gradiva, 2017
Sinal de Vida, Gradiva, 2017
A Amante do Governador, Gradiva, 2018 (Prémio Livro do Ano Bertrand 2018 Ficção Lusófona)
Imortal, Gradiva, 2019 (Prémio Livro do Ano Bertrand 2019 Ficção Lusófona)
O Mágico de Auschwitz, Gradiva, 2020
O Manuscrito de Birkenau, Gradiva, 2020

JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS

O
MANUSCRITO
de Birkenau

romance



gradiva

© José Rodrigues dos Santos/Gradiva Publicações, S.A.

Revisão de texto
Helena Ramos e Mônica Reis (português do Brasil)

Capa
Armando Lopes (*design* gráfico) / © Shutterstock (mãos de mágico
e entrada de Birkenau) / © AdobeStock (chapéu)

Composição do *e-book*
Gradiva

Reservados os direitos para Portugal por
Gradiva Publicações, S.A.

Rua Almeida e Sousa, 21 – r/c esq. – 1399-041 Lisboa
Telef. 21 393 3760 – Fax 21 395 3471
geral@gradiva.mail.pt

1.ª edição em *e-book* novembro de 2020
ISBN 978-989-785-014-1

gradiva

Editor
GUILHERME VALENTE

O autor é o escritor preferido dos portugueses
segundo os estudos do Prémio Cinco Estrelas
e das Selecções do Reader's Digest.



Visite o site www.gradiva.pt Oportunidades fantásticas!

Ficção inspirada em factos reais

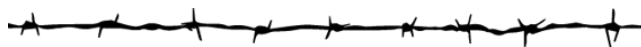
*Para fazer o mal
é preciso primeiro que se acredite
estar a fazer o bem.*

ALEKSANDR SOLZHENITSYN

PARTE UM



A MAGIA DA VIDA



*O preço da existência
É a guerra eterna*

ALEISTER CROWLEY, *The Book of Lies*

I

O choque de perceber que a rapariga cadavérica castigada no portão do campo das mulheres era Tanusha deixou Francisco desorientado. Duvidava dos próprios olhos. Tanusha? Aquele monte de ossos? Aquela careca de pele amarelada? Aquele farrapo imundo de gente? Tanusha? O que o convenceu foi a prisioneira ter pronunciado o nome dele.

Passado o impacto inicial, Francisco libertou-se do torpor e esbofeteou-a, projetando-a para a lama.

“Cala-te, cabra!”, vociferou. “Como te atreves a dirigir-me a palavra? Só falas com autorização, ouviste?” Virou-se para a *Blockowa*. “Há aqui algum sítio onde a possa interrogar a sós?”

“Só se for nos blocos, *SS-Mann*. Os quartos das *Blockältesten* são fechados.”

Com um movimento rude, Francisco pegou em Tanusha e obrigou-a a levantar-se. Puxando-a pelo braço com firmeza, fez sinal à *Blockowa*.

“Leve-me lá.”

Depois de seguir a mulher SS para o barracão mais próximo, o português entrou com Tanusha no quarto da *Blockälteste* e deu instruções estritas para não ser importunado enquanto interrogava a prisioneira. Fechou a porta e ficou a sós com ela. A rapariga fitava-o a tremer, ainda incrédula e visivelmente desorientada. Enternecido, Francisco envolveu-a com os braços e estreitou-a a si.

“Tanusha...”

Molhada e enregelada, a russa tremia sem cessar. Por uns segundos não

reagiu, como se não passasse de um objeto inerte; estava sem resposta, decerto em choque. Um gemido suave assinalou o momento em que pareceu despertar e com os braços magríssimos devolveu-lhe o abraço.

“És tu?”, sussurrou, a voz fraca e trémula. “És mesmo tu?”

“Shhh!”, soprou-lhe ele, consolando-a. “Pronto, está tudo bem. Estou aqui. Está tudo bem.”

Ela chorou convulsivamente durante alguns minutos, a testa mergulhada no ombro enquanto ele a afagava e lhe segredava palavras de conforto. Cheirava a fezes e urina, mas o português não a largou. Ao fim de algum tempo, sentindo-se mais calma, Tanusha apartou-se ligeiramente.

“O que fazes aqui?”

“É uma longa história”, respondeu Francisco. “Mas pode-se dizer que me alistei nas SS para te salvar.”

A rapariga pestanejou, a esperança a bordejar-lhe nas pálpebras.

“Vais... vais tirar-me daqui?”

Ele engoliu em seco.

“Não é assim tão simples”, respondeu. “Vou tentar, mas será difícil.”

A decepção dela embaraçou-o. Jurara protegê-la, fizera desse juramento um propósito de vida, mas falhara e continuava a falhar.

“O mais importante neste momento é que te encontrei”, apressou-se a acrescentar. “O resto... veremos.”

“Porque me bateste?”

“Não posso ser visto a confraternizar com uma prisioneira. Se for apanhado serei punido e talvez executado. E tu também.”

Ela abanou a cabeça.

“Estes alemães são horríveis”, murmurou. “Horríveis. Isto parece um dos campos lá da Rússia. Se visses as coisas que se passam aqui...” Estremeceu.

“A Margarita morreu no barracão e estes animais levaram a Olga.”

“Estive com ela.”

A afirmação surpreendeu-a.

“Com a Olga? Ela está bem?”

“Engordou e tudo.”

“Ah, que bom!”, suspirou, aliviada. “Andava tão ralada...”

O português deitou a mão ao bolso do sobretudo.

“Tu também precisas de engordar. Deves estar cheia de fome.”

Uma faísca de expectativa iluminou o rosto chupado de Tanusha.

“Trouxeste-me alguma coisa?”

O noivo tirou do bolso um embrulho envolto em papel de jornal que trouxera do *Stammlager*. A russa pegou nele, quase como se tivesse medo que desaparecesse, e com movimentos frenéticos rasgou o papel e abocanhou o pão com salsicha que o interior revelou. Mastigou com sofreguidão, como um animal selvagem, ainda mais voraz do que daquela vez em que lhe aparecera escanzelada no rio Ishora.

“Calma!”, aconselhou ele. “Come com calma, senão faz-te mal.”

Tanusha devorou o pão e a salsicha em apenas alguns segundos. A seguir pegou na maçã que ele lhe estendeu e trincou-a com a mesma sofreguidão.

“Hmm...”, gemeu de boca cheia. “Tão bom!” Mastigava com a fúria de uma selvagem. “*Tchort!* Não comia maravilhas destas há meses. Meses!” Depois de engolir um pedaço, meteu à boca o bocado final da maçã, incluindo os caroços. “Hmm... que delícia!”

Estudando-a com atenção, o português não pôde deixar de se sentir chocado com o estado a que ela chegara. Além de se começar a assemelhar a um dos mortos-vivos do campo, a noiva tinha a cabeça calva e a pele acinzentada coberta de edemas. O cheiro era nauseabundo.

“Estás doente?”

Ela lambia o suco da maçã que lhe ficara nos dedos.

“Toda a gente aqui está doente”, disse. “Todas as manhãs são retirados dez a vinte corpos do meu bloco durante o *Appell*.” Olhou para o cantil que ele trazia no cinto. “Tens água?”

Francisco tirou o cantil e deu-lho a beber. A noiva inclinou o cantil sobre a boca e engoliu tudo em goles sôfregos.

“Ena! Isso é que é sede!”

Quando esvaziou o cantil, lambeu o gargalo e, quase decepcionada por não haver mais, devolveu-lho.

“Não bebia água assim tão boa desde... sei lá. É a melhor água do mundo.”

“Não há água aqui?”

Ela olhou-o com uma expressão fatigada.

“Deves estar a brincar”, disse. “Temos um poço para o campo todo.” Ergueu o indicador para sublinhar o número. “Um poço. Um. E somos trinta mil.” Arrotou, ainda sob o efeito da água que acabara de engolir. “Ainda por cima a água desse poço está contaminada. Antes de deitar os baldes temos primeiro de retirar os cadáveres.”

“Cadáveres? No poço?”

“Sim, cadáveres. Há pessoas que têm tanta sede que não aguentam e atiram-se lá para baixo. As mortas-vivas são peritas nisso. Puxar os corpos delas lá do fundo é o cabo dos trabalhos. Depois é uma luta para conseguir uma simples tigela de água. Parecemos uns animais. Empurramo-nos umas às outras, batemo-nos, arranhamo-nos. Só não puxamos os cabelos porque não os temos.” Ao referir-se aos cabelos passou a mão pela cabeça nua, subitamente consciente da sua imagem. “Estou... estou feia?”

“És linda.”

“A sério. Estou muito mal?”

Ele sorriu, tentando tranquilizá-la.

“Já estivemos os dois melhor, é verdade, mas fica descansada que voltaremos ao normal.”

A russa ia dizer qualquer coisa quando se dobrou, agarrada ao ventre. Com movimentos atabalhoados, retirou apressadamente do interior do vestido uma tigela de cobre imunda e, acocorando-se, colocou-a entre as pernas. Um líquido amarelado esguichou sobre a tigela, salpicando-lhe as coxas e libertando um odor ácido. Eram fezes.

Tanusha olhou-o, envergonhada.

“Desculpa.”

O noivo estava atónito com o que acabava de observar.

“Andas com um penico?”

“É... é a minha tigela da comida.”

“Que nojo!”, exclamou ele, reprimindo um vômito. “Cagas na tigela onde comes?”

“Todas fazemos isto”, defendeu-se a russa numa voz sumida de embaraço.

“O que queres que te diga? Somos trinta mil no campo das mulheres e apenas temos uma latrina, que só estamos autorizadas a frequentar duas vezes por dia. Quando sofremos de diarreia, o que acontece a toda a hora, como querem que nos aguentemos? Imagina trinta mil prisioneiras com diarreia a tentarem entrar de manhã ao mesmo tempo na única latrina existente. Como ainda por cima quase não há água nas torneiras, a porcaria acumula-se por toda a parte. A merda chega-nos até aos joelhos. Se por acaso conseguirmos um lugar na bancada das retretes, as mulheres ao meu lado estão tão próximas que salpicam para mim. Portanto não vale a pena ir lá. Ora se não podemos ir à latrina e se não podemos cagar noutra sítio, porque senão matam-nos à pancada, o que sugeres que façamos? Temos de usar as tigelas da comida. Não há outra solução.”

O rosto de Francisco mantinha-se contraído num esgar enojado. A degradação das reclusas do campo das mulheres ultrapassava tudo o que lhe haviam dito no *Stammlager*.

“E vocês... vocês comem nessas tigelas?”

“Que remédio! Tento lavá-la o melhor que posso com a neve ou a pouca água que por aí há, claro, mas tenho mesmo de a usar. Só me dão comida se apresentar a tigela. Nem sei como vou fazer quando chegar o verão e a neve acabar...”

A rapariga pousou a tigela cheia de fezes líquidas num canto do compartimento, tentando afastá-la da vista do noivo, mas não tinha nada com que limpar-se. Estava reduzida a um estado selvagem.

“Há quanto tempo tens diarreia?”

“Desde que cheguei. Eu e todas as outras. Isto é um martírio constante, não calculas.”

Francisco retirou de outro bolso um pequeno embrulho.

“Trouxe-te uns medicamentos da farmácia das SS”, revelou. “Incluindo umas tabletes para a diarreia.”

“Como sabias que tinha diarreia?”

O SS começou a desembulhar o pacote.

“Tu própria o disseste, toda a gente tem diarreia”, respondeu. “A disenteria é uma praga nos campos de concentração. Tens de ter cuidado

com o que bebes, porque senão a diarreia não para. Não podes voltar a beber desse poço nem cagar na tigela onde comes.”

“O que sugeres? Que morra de sede ou à pancada por me borrar no chão?”

Era uma boa pergunta.

“Vou arranjar-te outra tigela.” Com o pacote já desfeito, estendeu-lhe o papel do embrulho. “Para já, usa isto.”

A russa pegou no papel e limpou o ânus e as coxas sujas de excrementos frescos. Enquanto se esfregava ia olhando para a seringa e as diversas embalagens que tinham saído do embrulho.

“O que é isso?”

“Na farmácia das SS disseram-me quais são as doenças generalizadas no campo. Além da disenteria, há tifo e tuberculose. Mandeí embrulhar tudo o que existe para as tratar.” Pegou numa das embalagens. “Isto são vitaminas. Tens de as tomar para compensar as deficiências da alimentação.” Passou-lhe os olhos pelo corpo emaciado. “Tens pulgas?”

Quase como reação reflexa, Tanusha começou a coçar-se.

“Estou cheia delas.”

Francisco pegou na seringa e, fitando a ponta da agulha, fez um pequeno esguicho.

“Isto é uma vacina para a febre tifoide”, explicou. “Dá-me o braço.”

Enquanto a inoculava, o SS português estudava-a; era incrível como uma rapariga tão bonita se tinha gasto tão depressa. Tornara-se quase uma velha. Perguntou a si mesmo se gostaria dela ou da imagem dela. A imagem já ali não estava; o que ficara era a essência. A situação confrontava-o com os seus sentimentos. Se gostava de Tanusha por ser bonita, o objeto do seu amor já desaparecera. Mas se gostava dela por ser ela, ainda ali a tinha. Não sabia já o que verdadeiramente sentia. Amor pela beleza dela ou amor por ela? Sempre achara que se tratava da mesma coisa, afinal fora a beleza de Tanusha que primeiro o atraía, mas percebia nesse momento que eram coisas diferentes. Amor à imagem ou amor à essência?

Retirou a agulha e a russa viu-o guardar a seringa.

“É verdade que estão a matar pessoas em fábricas?”

“Porque perguntas isso?”

Tanusha fez um gesto para o exterior do compartimento.

“Aqui ao lado do campo das mulheres há uma fábrica sempre a deitar fumo e a cheirar a churrasco”, disse. “Vemos muita gente a entrar e nenhuma a sair. Aparecem pessoas a pé ou em camiões, sempre com soldados e cães à volta. Às vezes ouvimos uns gritos e uns tiros. Corre por aí um boato sobre o que lhes acontece. Perguntámos à *Blockälteste*, mas ela disse-nos que é uma padaria e que não temos de nos preocupar.” Estreitou as pálpebras. “É mesmo uma padaria?”

As regras não escritas entre os SS interditavam-nos de falar sobre o assunto, sobretudo com os prisioneiros. Se dissesse alguma coisa e essa informação se espalhasse, Francisco sabia que ele próprio poderia ser detido e executado por traição ao Reich e conluio com o inimigo.

“O que achas?”

“Isso é o que eu te pergunto”, devolveu ela. “Há quem diga que estão a matar pessoas e que as labaredas na chaminé e o cheiro a churrasco são os cadáveres a ser queimados. As padarias não cheiram a churrasco. Mas... não pode ser, pois não?”

“Bem...”

“São mulheres, crianças e velhos. Que ameaça pode representar essa gente? Até vi bebês! Porque iriam os alemães matar bebês? Isso é absurdo. Os alemães não têm medo de invadir a Rússia, a França e mais não sei quantos países, mas têm medo de bebês? Não faz sentido. Além do mais, a Alemanha é um país civilizado, um país de progresso, muito mais avançado do que a minha pobre Rússia. Essa história não tem ponta por onde se lhe pegue.” Inclinou-se para ele, o olhar penetrante. “Ou estou enganada? A fábrica é uma padaria ou...”

Francisco não soube o que dizer. O edifício a que ela se referia era o crematório número um, contíguo ao campo das mulheres. Sentia-se tentado a revelar-lhe o que sabia, mas conteve-se. O risco era enorme e tinha de ser cauteloso. Para bem dos dois. Tanusha poderia contar às outras reclusas que a informação viera da boca de um SS. A notícia espalhar-se-ia e se o *Politische Abteilung* investigasse o assunto Tanusha e Francisco poderiam ser executados. Além disso, de que lhe serviria a informação?

“Não liguês a rumores”, acabou por responder. “O import...”

Um alvoroço repentino no exterior interrompeu-lhe o raciocínio. Ficaram ambos calados, atentos ao que se passava lá fora. A porta do compartimento abriu-se de repente.

“*Appell!*”, gritou a *Califactorka*. “*Appell!*”

A ajudante da *Blockälteste* desapareceu tão depressa como aparecera, percorrendo o barracão aos gritos de “*Appell!*” no meio de um grande rebuliço. Apanhados de surpresa, Francisco e Tanusha trocaram um olhar, ele de espanto, ela de pânico.

“Um *Appell!*”, exclamou a russa, levando a mão à boca. “E agora?”

“Vocês não tiveram já o *Appell* da manhã?”

“Isto é uma *Selektion*, não percebes?”

“Ela disse *Appell...*”

“Um *Appell* especial na hora do trabalho é uma *Selektion*. Estão a presumir que quem não saiu nos *Kommandos* e ficou no campo é porque está doente. Este *Appell* é uma *Selektion!*”

Ninguém no campo ignorava o que era uma *Selektion*, e muito menos eles. Os SS juntavam os presos e escolhiam alguns, muitos ou poucos conforme as circunstâncias e os objetivos, e levavam-nos. Se Tanusha apenas ouvia rumores assustadores sobre o destino dos selecionados, Francisco sabia muito bem o que lhes acontecia. Eram executados. Pery Broad contara-lhe que o novo comandante de Auschwitz tentara pôr fim àquela prática, na verdade chegara mesmo a suspendê-la, mas em janeiro fora forçado a retomá-la por imposição de Berlim.

O português olhou em redor, em busca de opções.

“Não há um sítio onde te possas esconder?”

“Qual sítio?”, perguntou ela, muito assustada. “Eles revistam o barracão. Além do mais a *Blockowa* sabe muito bem que estou aqui e a *Califactorka* acabou de nos ver.”

Ainda mais do que a noiva, o português sabia perfeitamente o que significava um prisioneiro ser apanhado nas redes de uma *Selektion*. Mas Tanusha tinha razão. Ninguém ignorava que ela se encontrava ali e os SS não descansariam enquanto não a localizassem. Se Tanusha se escondesse,

seria inevitavelmente apanhada e executada.

A *Califactorka* voltou a passar em corrida diante da porta.

“*Appell!*”, gritou ainda. “Todos para o *Appell! Schnell! Schnell!* Depressa! Depressa! E dispam-se!”

Sabendo que não havia alternativa, Tanusha baixou-se para pegar na tigela cheia de excrementos e saiu cabisbaixa do compartimento.

“Vou deixar as minhas coisas na *koia*.”

Sozinho no quarto da *Blockälteste*, Francisco sentia-se absurdamente impotente. Com um suspiro pesado, também abandonou o compartimento e encaminhou-se para a saída do barracão. Que raio de homem era ele que jurara a si mesmo protegê-la e afinal se aprestava a vê-la ser selecionada para morrer?

II

Ao chegar ao beliche após o encontro dessa noite com a família na Lagerstrasse, Herbert Levin deparou-se com o seu poiso habitual ocupado por Václav como se fosse rei e senhor do lugar. Estranhou vê-lo ali e esperou que ele saísse e o deixasse deitar-se no pequeno espaço que se tornara o seu canto privado nas camaratas. O antigo elemento da polícia judaica de Theresienstadt nem se mexeu.

“Dá-me licença?”

Só então Václav se dignou registrar a sua presença.

“Vá lá para cima”, resmungou, apontando para o nível superior do beliche. “O seu lugar agora é lá.”

“Diz quem?”

“Digo eu, ora essa”, devolveu com insolência. “Quer discutir comigo?”

“Não quero discutir com ninguém. Só que estou nesse lugar desde que cá chegámos e é aí que durmo.”

“Era, mas já não é. Vá lá para cima.”

A situação era inesperada.

“Porque está no meu lugar?”

“Agora é meu”, foi a resposta seca. “Vá para cima, não volto a dizer.”

Parecia evidente que Václav não iria explicar o seu comportamento. O ilusionista olhou em redor e constatou que o caso não era único. Muitos lugares tinham mudado e quem passara a ocupar os beliches mais baixos eram os prisioneiros mais encorpados. Não era difícil entender o que se passava. Quando de manhã o *Blockälteste* percorria as camaratas a

despertar os prisioneiros sob o olhar do *Blockführer*, batia nos que se atrasavam. E quem se atrasava mais? Os de baixo saltavam logo para o corredor, mas os do meio e sobretudo os de cima tinham de descer e essa demora sujeitava-os a apanharem. Era evidentemente por isso que muitos dos prisioneiros mais fortes haviam decidido ocupar os estrados de baixo.

Não se podia dizer que fosse uma surpresa. Levin já havia reparado que a situação difícil em que se encontravam transformava muitas pessoas. Nuns casos, como acontecia com Alfred Hirsch, revelavam o que tinham de melhor; tornavam-se solidárias, cooperantes, empenhadas. Noutros, como sucedia com Václav, emergia o lado pior; revelavam-se egoístas, centradas em si próprias, agressivas e hostis. Já vira isso acontecer nos *Arbeitskommandos* e naquele barracão, onde alguns ofereciam uma pequena parte dos seus alimentos aos que estavam em dificuldades e outros os roubavam sem qualquer hesitação. Chegara mesmo a ver um filho tirar a comida ao pai. A expulsão para o estrado de cima era apenas uma nova versão desse fenómeno.

Resignando-se, subiu ao terceiro patamar do beliche e ocupou o antigo lugar de Václav, mesmo na borda. Era possível que daí em diante experimentasse mais vezes o sabor da cana do *Blockälteste*. Para compensar, consolou-se, seria agora Václav a levar com a diarreia vinda dos estrados superiores. Azar. Nada era perfeito neste mundo.

III

Duas centenas de prisioneiras alinhavam-se na *Appellplatz* do campo das mulheres, todas nuas, os ossos e as costelas protuberantes, os edemas na pele à vista de todos. Diante delas estava um punhado de homens e mulheres fardados. Francisco reconheceu a *Lagerführerin* Mandel, que já tinha visto na hora da saída dos *Arbeitskommandos*. Atrás havia dois camiões de caixa aberta a aguardar as selecionadas para as levar para os crematórios. O português plantou-se junto das *Blockältesten* e das *Califactorkas* e, enchendo-se de coragem, preparou-se para ver o que o destino reservava à sua noiva.

O espetáculo era deprimente. Se as prisioneiras daquele campo já tinham um ar miserável, as que ali estavam eram as piores das piores. A maior parte não passavam de mortas-vivas que mal se tinham em pé. Umas estavam já prostradas no chão, indiferentes ao que lhes pudesse suceder, e outras balouçavam como se a qualquer momento fossem cair. As restantes também faziam aflição. A maioria parecia doente, os olhares febris e mortícios. E a nudez de todas era uma tristeza. Calvas, pele e osso, com feridas, arranhões e nódoas negras por todo o corpo, lama e excrementos nas nádegas e nas pernas. Nunca imaginara que uma mulher nua pudesse ser tão repugnante.

Lobrigou Tanusha numa das filas e sentiu o ânimo afundar-se ainda mais. Encontrava-se pior do que lhe parecera quando a vira vestida. Também ela tinha os ossos protuberantes e as costelas esculpidas sob a pele. Lá estavam os excrementos, a lama e as feridas. Era incrível que a rapariga tão bonita

por quem se apaixonara na *dacha* de Sablino estivesse reduzida àquele espectro. Tanusha era uma sombra do que fora. Não se tornara ainda uma morta-viva, mas não andava lá longe. A diferença em relação às outras é que parecia aguentar-se. Mantinha-se ereta e não vacilava.

A voz da *Lagerführerin* soou na *Appellplatz*.

“O *Doktor* vai ver-vos uma a uma para decidir quem beneficiará da transferência”, anunciou. “Comecem a desfilar! *Schnell! Schnell!*”

Um SS com galões de *Hauptsturmführer*, o equivalente a capitão, deu nesse momento um passo em frente. Obedecendo à ordem da responsável do campo, as prisioneiras começaram a passar diante dele. Com um movimento subtil do dedo, e sem pronunciar uma única palavra, o oficial ia-lhes indicando o lado para onde deveriam ir.

Esquerda.

Esquerda.

Esquerda.

Direita.

Esquerda.

Esquerda...

Iam quase todas para a esquerda, percebeu Francisco. O que queria aquilo dizer? Deu um passo para o lado e encostou-se a uma *Califactorka*.

“O que é a esquerda?”

A rapariga pareceu surpreendida com a pergunta.

“É... é a transferência, *Herr SS-Mann*.”

Ou seja, as da esquerda iam ser mortas. E de facto as que tinham sido seleccionadas para esse lado estavam já a ser conduzidas, ainda nuas, para a carga dos camiões. As mortas-vivas que não conseguiam andar eram mesmo atiradas para o interior dos veículos como sacos de batatas.

Esquerda.

Esquerda.

Esquerda...

Fixou os olhos no *Hauptsturmführer* que conduzia a *Selektion*. Estava bem fardado, como requerido nas SS, com luvas brancas e as botas de cano alto impecavelmente engraxadas. Parecia impossível apresentar tanto

aprumo no meio de tanta lama, mas o oficial conseguia-o.

“Quem é este *Hauptsturmführer*?”

A *Califactorka* voltou a lançar-lhe um olhar de espanto, como se a pergunta fosse ainda mais extraordinária do que a anterior.

“É *Herr Doktor Mengele, Herr SS-Mann.*”

Uma das *Blockältesten* juntou-se à conversa.

“O homem mais bonito do *Katset*”, observou, como se esse dado fosse de enorme relevância. “Olhem para aquilo! Que espetáculo!”

“Parece o Clark Gable!”

As *Blockältesten* e as *Califactorkas* desataram a comentar em voz baixa a figura do *Hauptsturmführer*. Francisco atirou-lhes um olhar de estupefação. Aquelas prisioneiras pareciam mais interessadas nos atributos físicos do médico do que no destino das mulheres que ele selecionava para a morte.

Esquerda.

Direita.

Esquerda...

“Sabem se é casado?”

“Há de ser”, opinou outra *Blockälteste*. “De certeza que já alguém lhe deitou a unha.”

“Talvez dê umas voltinhas por fora...”

“Olha-me esta serigaita, a fazer-se ao piso. Aquilo não é peixe para as tuas águas, minha linda. Um homem destes nem repara em nós.”

Esquerda.

Esquerda...

O grupo da esquerda não parava de aumentar, enquanto para a direita iam pouquíssimas mulheres. Francisco sentia-se muito nervoso; o coração ribombava-lhe no peito. Queriam lá ver que o estafermo ia selecionar a sua Tanusha? O impensável começava a tornar-se provável. O homem ia mesmo mandá-la para a esquerda! Teve vontade de tapar os olhos; aquilo era de mais. Fitou Tanusha e viu-a na fila, a aproximar-se passo a passo do oficial, trémula, os olhos baixos.

Esquerda.

Esquerda...

O que faria se, como lhe parecia inevitável, o médico selecionasse Tanusha? Aquele esqueleto careca e ambulante coberto de feridas e excrementos nada tinha a ver com a rapariga das tranças de ouro que pedira em casamento em Pushkin. E, apesar de parecerem pessoas diametralmente diferentes, uma bela e esta hedionda, eram a mesma. A mesma. Aquele monte de ossos era a sua Tanusha.

Quase em pânico com a iminência de a ver enviada para a morte, teve assim resposta à pergunta que fizera a si mesmo pouco antes. Gostava dela ou da imagem dela? Apaixonara-se pela sua essência ou pela sua beleza? A verdade tornava-se clara. Parecesse Tanusha como parecesse, uma princesa ou uma bruxa, um anjo palpitante de vida ou um destroço à beira da morte, era a sua Tanusha. É certo que fora a beleza dela que primeiro o atraía, mas agora o que amava era a sua essência. A essência, já não apenas a beleza.

Esquerda.

Esquerda...

O que faria então quando o médico das SS a enviasse para a esquerda? Ficaria passivamente a vê-la ser metida no camião e levada para os crematórios? Como viveria com isso? Teria de fazer alguma coisa. Mas o quê?

Esquerda.

Esquerda.

Esquerda...

Quando a *Selektion* terminasse iria falar com o médico e dir-lhe-ia que houvera um engano e uma das prisioneiras selecionadas era imprescindível. O médico acederia e mandá-la-ia sair do grupo das condenadas. Tanusha seria salva. Reconsiderou. As coisas não seriam assim tão fáceis. Ela era imprescindível para quê exatamente? À pergunta do médico, o que responderia? Que aquele esqueleto ambulante era uma peça fundamental para o bom funcionamento de um *Kommando*? Qual *Kommando*?

Uma coisa dessas não pegaria. O mais natural é que o médico nem se desse ao trabalho de lhe dar troco. Tratava-se de um *Hauptsturmführer* e ele não passava de um simples *SS-Mann*, ainda por cima estrangeiro. Mandá-lo-ia calar-se e dir-lhe-ia que não se metesse onde não era chamado. E seria

a resposta mais benevolente, pois poderia muito bem ser acusado de desrespeito à hierarquia e punido.

Na fila, Tanusha tinha agora apenas umas vinte prisioneiras à sua frente.

Esquerda.

Esquerda...

Tinha de ser realista. O médico não iria aceitar nenhuma objeção. Lealdade e honra. Não era esse o lema das SS? Lealdade e honra. As ordens não se discutiam. O soldado podia não as compreender, podia nem concordar com elas, mas tinha de as cumprir escrupulosamente. Lealdade e honra.

Esquerda.

Esquerda...

Tanusha a dez prisioneiras de distância. A rapariga atirou-lhe um olhar ansioso e ele, buscando ânimo onde já não o tinha, devolveu-lhe uma expressão de confiança, como se já tivesse tratado de tudo e ela pudesse ficar descansada.

Esquerda.

Esquerda...

O coração de Francisco dava saltos no peito e o estômago começou a doer-lhe. O tempo esgotava-se. Voltou à questão que se pusera a si mesmo. O que faria quando Tanusha fosse selecionada? Teria de interceder pela noiva, isso parecia-lhe inevitável. O médico recusaria, isso era igualmente claro, e então o que faria? Deixá-la-ia ser levada para a morte sem nada fazer? E a fazer, faria o quê?

Esquerda.

Esquerda...

Tanusha a cinco prisioneiras de distância.

Tomou a decisão. Sacaria da pistola que trazia à cintura e mataria o *Hauptsturmführer*. A seguir abateria a *Lagerführerin* e os SS que estavam ao lado dela e... e....

E o quê? Onde os levaria isso? À salvação? Numa situação daquelas não havia salvação possível. Não podia enfrentar o campo todo, não podia matar todos os SS que lhe aparecessem, nada disso era realista. A verdade, a

terrível verdade, é que não havia esperança.

Esquerda...

Tanusha a três prisioneiras de distância.

Esquerda...

Tanusha a duas.

Esquerda...

Era agora era agora era agora.

Direita.

Direita! Quase soltou um grito de alegria. Direita! Tanusha não fora enviada para a morte!

IV

Um encontro accidental do rapaz que acabara de se instalar no lugar ao lado derrubou uma das cartas que Levin manipulava no beliche para exercitar os dedos.

“Ach, entschuldigung.”

O alemão que o desajeitado recém-chegado usara para pedir desculpa pelo encontro, e sobretudo o seu sotaque berlinense, chamaram a atenção do mágico. Os judeus de Theresienstadt eram em geral checos, pelo que um judeu alemão não podia deixar de ser uma agradável surpresa.

“De que parte de Berlim és?”

“Karlshorst”, respondeu o rapaz. “Como sabe que sou berlinense?”

“Basta ouvir-te falar, moço.” Estendeu-lhe a mão. “Chamo-me Herbert Levin.”

Cumprimentaram-se.

“Werner Reich.”

“O que faz um berlinense por estas paragens?”

“Nem eu percebo”, disse o rapaz. “Os meus pais saíram da Alemanha quando Hitler chegou e fomos viver para Zagrebe. Entretanto o meu pai morreu de doença, depois os alemães entraram na Jugoslávia e a minha mãe escondeu-me na casa de uns croatas da resistência. O problema é que a Gestapo apareceu para os prender e... apanharam-me também. Como sou alemão e judeu, mandaram-me para Theresienstadt. E aqui estou eu.”

“Não foi muito inteligente a tua mãe esconder-te numa casa da resistência”, observou Levin. “Não me digas que nasceu em Chelm...”

Riram-se os dois. Entre os judeus eram normais as anedotas sobre os judeus de Chelm. Dizia-se que quando Deus entregara a um anjo um saco com almas de tolos para distribuir equitativamente pelo mundo, o anjo tropeçara em Chelm e por acidente despejara aí todo o saco.

“A mamã é de origem sefardita.”

“A sério?”, admirou-se Levin. “Também a minha, vê lá tu. Os teus antepassados vieram de Portugal?”

“Espanha.”

“É ao lado. Para todos os efeitos, é sempre um prazer conhecer um alemão de origem sefardita.”

O olhar de Werner pousou nas cartas que o ilusionista manipulava com as mãos.

“O que está o senhor a fazer?”

“Magia”, disse num tom teatralmente misterioso. “Tenho poderes.”

“O senhor é mágico?”

Em jeito de resposta, o Grande Nivelli baralhou as cartas e tirou uma ao acaso, mostrando-a ao seu vizinho sem a espreitar.

“Estás a ver esta carta?”

“Sim.”

O ilusionista meteu-a no meio das restantes e baralhou-as. A seguir tirou uma carta aparentemente ao acaso e pousou-a de face para baixo. Repetiu o processo mais duas vezes, até ter três cartas pousadas com o rosto escondido.

“Vira-as.”

O rapaz virou-as e sorriu.

“São as que me mostrou”, constatou. “Como fez isso?”

“Magia.”

“A sério?”

O ilusionista esteve tentado a dizer que sim e a convencer o jovem de que possuía mesmo poderes sobrenaturais, uma tentação de todos os mágicos. O que distinguia os mágicos honestos dos desonestos, no entanto, era que os primeiros assumiam o truque e os segundos fingiam que o sobrenatural estava de facto envolvido no processo. O estranho é que o público preferia a

mentira dos desonestos à sinceridade dos honestos.

“Tudo na vida são truques”, disse-lhe. “A única coisa mágica na vida é a própria vida... e suspeito que até ela esconde um truque.”

A seguir mostrou-lhe como fizera o número das cartas.

V

O *Appell* prolongava-se havia já três horas e todos os que se encontravam na *Appellplatz* de Auschwitz I se sentiam saturados. A chamada inicial fora repetida duas vezes e as sucessivas contagens mostravam que faltava um prisioneiro. Enquanto não fosse encontrado, ninguém sairia dali. Os *Blockältesten* e os *Kapos* afadigavam-se à procura enquanto os restantes reclusos permaneciam plantados na praça da chamada sob a chuva fria.

De pé ao lado do *Rapportführer* Kaduk, o SS de orelhas de abano que chefiava o *Appell*, Francisco olhava para os prisioneiros alinhados diante dele a tremerem de fome, frio e cansaço, mas apenas via Tanusha. Desde que a visitara no campo das mulheres que a ideia de a tirar de lá se tornara uma obsessão. Depois de observar em primeira mão o que se passava em Birkenau, não tinha a menor dúvida de que ela iria morrer em poucos meses, semanas talvez.

“Se o cabrão não aparecer na próxima meia hora, teremos de fazer soar os alarmes”, rosnou Kaduk. “Pode ser uma fuga, embora me...”

Uma súbita agitação à porta de um dos barracões atraiu os olhares de todos. Um *Blockälteste* agarrava um homem pelo colarinho da farda de prisioneiro.

“Encontrei-o, *Herr Rapportführer!*”, anunciou o *Blockälteste*. “Estava a dormir nas latrinas.”

“*Ach so!*”, exclamou Kaduk. “Traz-me cá essa ave.”

Perante o olhar de todos, o *Blockälteste* arrastou o prisioneiro para a *Appellplatz*, largando-o diante do responsável pelo *Appell* matinal. Kaduk

deu dois passos em frente e estacou junto ao recluso, cruzando os braços como se lhe pedisse contas. O homem teria uns cinquenta anos, um velho para os padrões de Auschwitz, e tremia descontroladamente.

“Então sua excelência decidiu bater uma soneca, ora é?”, questionou o *Rapportführer* num tom sarcástico e ameaçador. “Sua senhoria foi às latrinas arrear um calhau e depois pensou com os seus botões: enquanto aqueles camelos se esmifram pelo Reich, vou pôr-me no ripanço e ferrar o galho. Dão-me cama, encham-me de paparoca, não me mandam para a guerra... que melhor vida pode haver do que esta? Isto de Auschwitz é um paraíso! Ah, assim é que é! Eles matam-se a trabalhar e eu ronco. Ora é?”

Sempre de olhos baixos, o prisioneiro quase se encolhia de medo.

“Eu... *Herr Rapportführer*, peço desculpa... estava só a... a...”

Antes que concluísse a frase, Kaduk desferiu-lhe um murro na cara que o projetou para trás, fazendo-o estatelar-se no chão. O SS deu dois passos em direção à vítima.

“Levanta-te.”

O homem obedeceu e logo que se pôs em pé levou outro murro que o atirou de novo ao solo. A postura do *Rapportführer* tornou muito claro que esperava que se levantasse mais uma vez, o que a vítima acabou por fazer, mas já com dificuldade. Kaduk atingiu-o então no estômago e, ao curvar-se para a frente, o prisioneiro levou um pontapé na cara que o lançou para o chão, a cara empapada em sangue. Ainda se mexia, chegou a erguer a cabeça, mas estava grogue e não parecia capaz de se levantar. Foi então que o *Rapportführer* subiu para o tórax dele e começou a dar saltos, como se estivesse num trampolim. Vários estalidos, como galhos a quebrarem-se, assinalaram o momento em que as costelas se partiram, furando os pulmões e outros órgãos. Kaduk continuou a saltar até o homem ficar totalmente imóvel, os olhos vidrados com a expressão vazia dos corpos sem vida.

É certo que o som precedera a visão, mas entrar no gabinete e ver Pery Broad abraçado a um acordeão a tocar o que parecia uma música de igreja foi inesperado para Francisco. O SS brasileiro tocava de olhos fechados e o visitante aguardou o final para aplaudir.

“Bravo!”, cumprimentou-o. “Não sabia que o *Unterscharführer* era tão talentoso!”

O superior hierárquico pousou o acordeão no chão, encostado à parede.

“Gosta de João Sebastião Ribeiro?”

“Quem?”

“Johann Sebastian Bach”, esclareceu Broad. “Não me diga que não conhece...”

“O meu samba é outro, *Unterscharführer*.”

O oficial do *Politische Abteilung* cruzou as pernas, pondo-se confortável.

“Então qual é o fado que o traz por cá?”

“Não quero continuar às ordens do *Rapportführer* Kaduk”, anunciou Francisco. “Aliás, não quero sequer continuar a desempenhar funções que possam envolver maus-tratos a mulheres, velhos e crianças.”

O brasileiro estreitou as pálpebras, curioso.

“O que fez agora esse *Wasser-Pollak*?”

“Perdão?”

“*Wasser-Pollak*”, repetiu. “É como chamamos aos alemães poloneses, os *Volksdeutsche* da Polônia. Esse maluco do Kaduk é um *Wasser-Pollak*.”

“Este tipo de guerra não é para mim”, declarou Francisco num tom calmo, mas final. “O camelo matou um prisioneiro só porque tinha adormecido antes do *Appell*. Não é a primeira vez que o vejo fazer isso.”

“Alguns *Volksdeutsche* estão tão ansiosos por mostrar que são mais alemães do que os alemães que às vezes exageram”, concordou Broad. “É o caso do Kaduk. Ele chegou a trabalhar nos crematórios e parece que era uma fera. Matou tanto judeu que recebeu no ano passado a Cruz de Segunda Classe com Espadas por serviço com distinção. O Kaduk foi um de apenas trinta guardas SS a serem distinguidos com essa honraria. Isso mostra que é um exemplo.”

Francisco sacudiu enfaticamente a cabeça.

“Não quero mais este tipo de serviço”, repetiu. “Uma coisa é matar um espião ou um sabotador que, embora desarmados, põem em causa a nossa segurança, ou mesmo um civil apanhado acidentalmente no meio da confusão. Outra é matar a sangue-frio civis desarmados que não são uma

ameaça para ninguém.”

“Me deixe recordar que você jurou respeitar o lema das SS”, sublinhou o brasileiro. “A minha lealdade é a minha honra.”

“Não há honra nenhuma em matar civis, *Unterscharführer*. Apenas desonra.”

Pery Broad mordeu o lábio inferior; não estava necessariamente em desacordo.

“Sabe, eu também fiquei chocado no momento em que cheguei aqui”, admitiu. “Quando vi tudo isso, me quis ir embora. Mas com o tempo fui me habituando. Isso acontece com quase todo mundo. O doutor Wirths, o cara que chefia os serviços hospitalares, disse ao comandante Höss que não aceitava a matança dos judeus nem as execuções sumárias e pediu p’ra ser transferido. Acabou ficando e já faz *Selektionen* na *Rampe*. O doutor Delmotte vomitou e desmaiou na *Rampe* da primeira vez que foi lá. Depois pediu transferência p’ra frente russa, dizendo que preferia ser gaseado a escolher pessoas p’ra serem gaseadas. O doutor Mengele falou com ele e lhe lembrou que em certas circunstâncias os médicos tinham mesmo de escolher quem vivia e quem morria, como acontece numa batalha quando avaliam os feridos que têm de ser tratados e os que não vale a pena tratar. Na *Rampe* é a mesma coisa. Na verdade o médico não escolhe aí quem vai morrer, escolhe apenas quem está em condições físicas de trabalhar. O que acontece aos que são considerados inaptos p’ro trabalho já não é com ele. O Delmotte se deixou convencer por esse argumento e ficou. E um dia, apesar de ser um homem moralmente quebrado, até fez *Selektionen* na *Rampe*.” Esboçou com as mãos um gesto de conclusão. “É p’ra que você veja. A gente vai se habituando. Certo?”

O português abanou a cabeça.

“Habituamo-nos a tudo”, reconheceu. “Mas matar velhos, mulheres e crianças a sangue-frio e sem necessidade é uma desonra para um soldado.”

“Você não está matando civis. Você está matando inimigos do Reich. Não há desonra em matar inimigos. Todos fazem isso. Quando os americanos e os russos bombardeiam uma cidade na Alemanha, quem você pensa que eles estão matando? Mulheres e crianças, cara.”

Não era mentira, como Francisco sabia.

“É diferente quando lhes vemos o rosto. Muitos até são parecidos com os portugueses...”

“Você tem de ter cuidado com o que está dizendo”, avisou Broad. “Eu o compreendo. Como nasci no Rio e ainda tenho cidadania brasileira posso entender sua posição. Mas há por aí muita gente que se ouvir isso pode acusá-lo de traição.”

“Por me recusar a matar civis?”

“Bem... não necessariamente por isso. Sei de SS que pediram dispensa desse trabalho. O Bock, por exemplo, recusou-se a dirigir os caminhões que levam os judeus para os crematórios. Também o Spanner, o Bilan e o Wiebeck mostraram as maiores reservas. Se eles podem recusar, você também pode. Claro que isso complicará sua carreira. Além do mais, você será objeto de gozação por parte dos camaradas. Mas pode ser feito.”

“Então aí está. Recuso-me a fazer este trabalho. Como não tenho perspectivas de fazer carreira aqui, estou-me bem borrifando.”

O brasileiro inclinou-se sobre a secretária, fitando-o com intensidade, como se não quisesse perder a reação dele à sua pergunta seguinte.

“Mesmo que isso signifique uma transferência p’ra frente russa?”

Esta era a possibilidade que Francisco mais temia. O seu problema não era apenas ir para a frente de combate, onde as possibilidades de morrer eram infinitamente superiores às que existiam num KL da retaguarda. O verdadeiro problema chamava-se Tanusha.

“Esses SS que se recusaram foram transferidos?”

“Não. Estão aí.”

“Então eu também posso ficar. Não haverá nenhum serviço que possa fazer que não implique maus tratos aos prisioneiros?”

A pergunta deixou Pery Broad pensativo. Desviou o olhar para a janela, fitando o crematório desativado de Auschwitz I como se estivesse completamente absorto numa ideia.

“Talvez o *Abteilung VI*.”

“A Gestapo?!”

“Não”, devolveu o oficial. “As SS em Auschwitz estão divididas em sete

Abteilungen. O *Abteilung I* é a *Kommandantur* e o *Abteilung II* é o nosso departamento, o *Politische Abteilung*, que inclui a Gestapo e a polícia criminal, a Kripo. Acontece que, como ando envolvido nas orquestras do *Katzet*, me dou bem com o chefe do *Abteilung VI*, o Knittel. O pessoal zomba dele por causa de seus maneirismos teatrais, mas eu o tenho ajudado muito e o Knittel me deve favores. Poderia ser um lugar bacana p'ra você."

"O que é o *Abteilung VI*?"

"É o departamento das SS encarregado do treinamento do pessoal. Uma das responsabilidades do *Abteilung VI* é a vida cultural dos SS no *Katzet*."

"Parece interessante."

"O problema é que você não entende nada de música", Broad riu-se. "Como um homem sem cultura vai tratar da vida cultural do pessoal?"

Francisco apontou para o acordeão.

"Se o *Unterscharführer* me ensinar, não há nada que não possa aprender", disse, muito seguro de si. "Aprenderei tão bem que até me vão recrutar para a orquestra da Alma Rosé."

"Você não precisa saber acordeão p'ra trabalhar no *Abteilung VI*. A maior parte do pessoal que anda por lá é escolhida ao acaso, sem aptidões especiais. Basta que você organize eventos culturais no *Katzet*. Acha que é capaz disso?"

As possibilidades que se abriam eram imensas, percebeu o subordinado. Não só se livraria dos *Kommandos* como poderia ganhar maior liberdade para circular pelo KL. Isso dar-lhe-ia acesso a Birkenau, e em particular ao campo das mulheres.

"Quando começo?"

VI

A porta do barracão abriu-se com estrondo. Com os pés de Werner ao lado, Levin tentava dormir quando as luzes se acenderam.

“*Achtung!*”, bradou uma voz em alemão. “Atenção, todos os prisioneiros! Prestem muita atenção! Como sabem, toda a gente é autorizada a enviar correio para amigos ou familiares que se encontrem em Theresienstadt ou em qualquer outro lugar no Reich. Para o...”

“SS!”, soprou Werner. “O que nos quererão a esta hora?”

“... efeito trazemos-vos, como sempre, os postais”, continuava a mesma voz. “Acontece que, por imperativos de guerra, daqui a três dias o correio com a Boémia e a Morávia ficará suspenso durante um mês inteiro. Assim sendo, devem preencher estes postais e entregá-los ao vosso *Blockälteste* até amanhã ao jantar para que sigam imediatamente para os destinatários. A mensagem tem de ser escrita em alemão e em maiúsculas. No remetente ponham o vosso nome e o endereço deve ser *Arbeitslager Birkenau bei Neuberun*. Pormenor muito importante, avancem um mês na data para que possam receber as vossas habituais encomendas de Theresienstadt. Em vez de 27 de fevereiro, por exemplo, ponham 27 de março ou outra data qualquer perto do final de março. Entenderam? Se não fizerem isso, as encomendas de Theresienstadt não vos chegarão. Muita atenção à data.”

A referência à morada do remetente foi reconhecida por Levin, que em Theresienstadt vira aqueles postais enviados pelos deportados de setembro, mas achou bizarra a exigência de datarem os postais com um mês de avanço. Que problemas seriam aqueles que obrigavam a suspender os

transportes para o Protetorado da Boémia e da Morávia durante um mês inteiro? Seria possível que os russos já aí tivessem chegado? Ou teriam os checos lançado uma grande revolta?

Os SS levaram quase meia hora a percorrer os corredores para distribuir os postais pelos homens nas camaratas. Quando chegaram ao fim, fizeram o percurso inverso a olhar para cada um dos prisioneiros, de modo a certificarem-se de que todos tinham os postais. Ao passar por Levin, um dos alemães prendeu os olhos nele durante um momento longo e desconfortável.

“Olha lá, tu não és o... o Grande Nivelli?”

Fora reconhecido.

“Uh... *jawohl, Herr SS-Mann.*”

“Caramba!”, exclamou o SS, muito excitado. Voltou-se para o lado, chamando os companheiros. “Ei, camaradas! Já viram quem aqui está?”

Os outros SS olharam para ele.

“O que é, Heinz?”

“O Grande Nivelli!”, exclamou o alemão que reconhecera o mágico. “Está aqui o Grande Nivelli!”

“Quem?”

“Vocês não se lembram daquele mágico de Praga, o tipo que punha as gajas a flutuar?! Está aqui!”

Os soldados aproximaram-se.

“Estás a brincar!”

Heinz voltou a encarar o mágico.

“Olha lá, não nos fazes uma magia?”

O grupo de SS cercou o beliche com o olhar expectante fixado no Grande Nivelli. O mágico percebeu que não tinha alternativa. Pegou no baralho que Hirsch lhe oferecera e repetiu o truque que nessa noite fizera a Werner. Os alemães bateram palmas entusiásticas.

“Boa!”

“O gajo é o máximo, não é? Em Praga dizia-se que tinha estado no Tibete e que aprendeu com os lamas budistas os segredos dos atlantes.”

“Fazes-nos mais uma magia, Grande Nivelli?”

O mágico voltou a baralhar as cartas, preparando-se para um número mais complexo, mas um dos SS, o mais graduado, interveio.

“*Ach*, Heinz, não temos tempo para isto”, protestou, a farda a indicar o posto de *Oberscharführer*. “Temos mais postais para distribuir pelos outros barracões. Vamos despachar esta merda porque quero ir ao bar da Haus der Waffen-SS.”

Apesar dos protestos de Heinz, os SS acabaram por se afastar e momentos depois já estavam fora do barracão. As luzes apagaram-se e os prisioneiros puderam enfim dormir.

VII

A primeira reação do *Oberscharführer* Kurt Knittel quando Pery Broad lhe apresentou Francisco e lhe propôs a transferência para o seu departamento foi de ceticismo. O responsável do *Abteilung VI* deixou o *Unterscharführer* falar sobre a experiência militar do *SS-Mann* português, mas ouviu-o por mera cortesia, sem entusiasmo e com postura reservada, mais ainda quando conheceu os estudos do novo recruta.

“Escute, Broad”, disse por fim. “Deixe-me ser sincero consigo. Para que preciso eu de um SS que não é alemão e nem sequer tem habilitações? O *Abteilung VI* é o departamento encarregado da vida cultural das SS, mas lembro-lhe que também é responsável pelo treino e pela propaganda. Em que cultura, em que treino, em que propaganda pode um SS português ser-me útil? Será que ele é mesmo ariano?”

“Os portugueses são tão arianos como os italianos”, argumentou Broad. “Se os italianos foram considerados suficientemente arianos para serem nossos aliados, os portugueses também o serão. Se o *Reichsführer-SS* determinou que podia haver europeus do Sul nas SS, com certeza é porque estão racialmente habilitados para tal. Com o devido respeito, *Oberscharführer*, quem é o senhor para contrariar o *Reichsführer-SS*?”

“Pois... está bem.”

Francisco mantinha-se calado atrás do brasileiro, deixando-lhe as despesas da conversa. Estavam no gabinete de Knittel, em plena *Kommandantur*, e a conversa não parecia bem encaminhada.

“O *SS-Mann* Francisco Latino combateu na guerra civil espanhola,

Oberscharführer”, argumentou o homem do *Politische Abteilung*. “Esteve na batalha de Badajoz, na batalha da Catalunha e na conquista de Madrid. Além disso viveu o cerco de Leninegrado. Quantos SS aqui no *Katzet* se podem gabar de tanta experiência de combate?”

“Não digo que não, Broad. Será certamente útil para a atividade militar, não o vou negar. Acontece que aqui lido com questões culturais.”

A venda da ideia não estava a ser simples.

“Não acha interessante ter uma abordagem cultural exótica?”, sugeriu o brasileiro. “Com um português no seu departamento, poderia apresentar aos homens espetáculos muito originais. Samba, sevilhanas, fados... não acha que as tropas gostariam de mais variedade no reportório cultural?”

A expressão no rosto de Knittel mostrava que o argumento não o convencia.

“Deve estar a gozar comigo”, retorquiu. “O que nós queremos é cultura alemã. Para que vou dar samba às tropas se temos Wagner? Não podemos corromper os homens com música inferior.”

O responsável do *Abteilung VI* nunca se deixaria convencer, percebeu Broad. E com boas razões, pois os argumentos apresentados em defesa da transferência de Francisco para o departamento cultural não eram muito convincentes.

“Oiça, *Oberscharführer*”, suspirou o brasileiro, abrindo o jogo. “Chegou a vez de eu ser franco consigo. Admito que este homem esteja longe de corresponder ao perfil ideal. Mas sabe que o tenho auxiliado nas orquestras e é em nome disso que lhe peço ajuda. Dê-lhe uma oportunidade. Se ele se provar útil, excelente. Se não, mande-o de volta.”

O olhar do *Oberscharführer* Kurt Knittel desviou-se para Francisco, que permanecia em silêncio, e depois de novo para Broad. Era evidente que a ideia não lhe agradava. Porém, tinha uma dívida para com o SS brasileiro, que com o seu conhecimento de música lhe era muito útil nas orquestras no campo. Além do mais, convinha manter boas relações com a Gestapo. Ninguém gostava de dizer «não» a gente do *Politische Abteilung*.

“Ach, é só porque é você a pedir.”

Ao ver as estantes, Francisco sentiu-se desanimar. Nunca lera um livro e apenas consultara os jornais para saber as notícias da guerra ou do futebol em Portugal. Como poderia fazer o que se lhe pedia? Aproximou-se da estante menos intimidatória, a dos jornais e das revistas, e passou os olhos pelos títulos. O lugar mais destacado era ocupado pelo *Schwarzes Korps*, o semanário das SS. Havia ainda vários exemplares do *Front und Heimat* e da revista mensal *SS-Leithefte*. A oferta era completada pelos jornais germânicos da Alta Silésia, como o *Oberschlesische Kurrier* e o *Kattowitzer Zeitung*. Pegou nos jornais e folheou-os. Nada de galvanizante. Percebeu aliás que o *Kattowitzer Zeitung* era um jornal do Partido Nacional-Socialista de Katowice, e a leitura pareceu-lhe tão interessante como a de um decreto-lei a regulamentar a apanha de bivalves.

“Posso ajudá-lo?”

Francisco voltou-se para trás e viu o funcionário da biblioteca.

“Sou novo no *Abteilung VI*”, apresentou-se. “O *Oberscharführer* Knittel pediu-me que fizesse dez sugestões de leitura para os camaradas.”

“Essa é a estante dos periódicos...”

“Eu sei, eu sei.” Hesitou. “Quais são os livros mais interessantes?”

“As obras mais populares na biblioteca são as *Kriminalnovellen* de Edgar Allan Poe.”

Francisco preparou-se para tomar nota numa folha.

“Pode repetir?”

“Edgar Allan Poe. O problema é que é americano e não sei se o *Oberscharführer* ficará contente por sugerir a leitura de um escritor inimigo.”

O português suspendeu a caneta no ar.

“Ah”, murmurou. “Então o que tem aí que seja alemão?”

“Os romances de Karl May funcionam muito bem”, disse, pegando num exemplar com o título *Winnetou*. “Embora contem histórias do faroeste americano, são muito requisitados pelos nossos homens. Parece que o próprio *Führer* é um leitor de May.”

A capa mostrava um índio americano e prometia ação.

“Parece bom.” Fez uma anotação. “E que mais?”

“Os relatos de guerra também são muito populares. Por exemplo, o livro do Ernst Junger a contar como tomámos Paris e o *Infanterie greift an*, de Rommel.”

Novas anotações.

“Que mais?”

“O *Führer* é muito requisitado”, acrescentou o funcionário. “Sobretudo o álbum de fotografias *Hitler wie ihn keiner kennt*, de Heinrich Hoffmann, o seu fotógrafo pessoal, mostrando o *Führer* como nunca o vimos. E é sempre boa ideia sugerir o *Mein Kampf*, claro.”

“Claro, claro. E que mais?”

“O resto depende dos gostos.” Fez um gesto a indicar as estantes. “Se quiser dar uma vista de olhos pelos títulos, pode sempre encontrar coisas curiosas.”

Foi o que Francisco fez na hora seguinte. Não percebia nada de livros, mas acabou por selecionar outras cinco obras. A que mais gosto lhe deu incluir na lista foi *Fernando Magellan*, de Baumgardt, a história do primeiro homem a dar a volta ao planeta. Os SS achavam-se os melhores em tudo, mas ficariam a saber que o maior explorador da história fora um português.

Abandonou a *Kommandantur*, onde se situavam as instalações do *Abteilung VI*, e encaminhou-se para a cantina das SS. O trabalho do dia estava feito e já podia concentrar-se na estratégia para chegar a Tanusha. A transferência para o departamento de cultura libertava-o das detestadas funções de guarda aos *Arbeitskommandos* e sobretudo dava-lhe maior amplitude de movimentos.

Quando se despedira de Broad, o brasileiro tinha-o aconselhado a mostrar espírito de iniciativa e a propor espetáculos que entretivessem as tropas. Isso significava que poderia pedir para visitar os campos em busca de talentos, bastando para tal identificar previamente artistas potenciais. Onde os iria encontrar? Em Birkenau, claro. Era lá que estava a grande maioria dos prisioneiros. E sobretudo Tanusha. Precisava apenas de localizar artistas entre os detidos e o *Oberscharführer* conceder-lhe-ia a tão desejada

autorização. Porém, não era tão simples como isso. Só podia ir a Birkenau se conhecesse aí algum artista, mas só o conheceria se fosse a Birkenau fazer um levantamento dos talentos que aí existiam.

Entrou na cantina das SS a matutar no paradoxo.

“*Heil Hitler!*, português.”

O seu parceiro de beliche nas camaratas, Heinz, passava com um tabuleiro repleto de comida e vinho.

“*Heil Hitler!*”, cumprimentou-o de volta. “Estás sozinho?”

“Sim. Junta-te a mim.”

Depois de deixar o sobretudo na mesa de Heinz, Francisco foi servir-se. Como sempre, a grande mesa estava ricamente recheada. Além das inevitáveis salsichas e batatas, havia *foie gras*, queijos *Gruyère*, *baguettes*, *croissants* e vinhos franceses. Pela amostra, os judeus franceses ainda estavam a chegar a Birkenau.

“Então?”, perguntou ao sentar-se ao lado de Heinz. “Muito trabalho?”

“*Ach!*”, respondeu o camarada. “Nem imaginas! Hoje recebemos dois transportes de Drancy. Uma estafa.”

O português começou a comer.

“Não te custa fazer isso?”

“A *Selektion* e o tratamento especial?” Suspirou. “No início custa, não vou dizer que não. Mas é melhor do que estar na frente a levar tiros do Ivan.” Inclinou-se para o recém-chegado. “Além do mais, o prémio é bom. Dão-nos dose reforçada de *Schnapps* e de cigarros e ainda deitamos a mão às bagagens que os judeus deixam na *Rampe*. Os deportados têm muita massa, nem imaginas! Todas as semanas envio para a família uma bela maquia.”

“Eu não conseguia fazer uma coisa dessas.”

“Habituo-nos”, devolveu o alemão. Apontou para o camarada com o garfo como se lhe tivesse ocorrido uma ideia, embora na verdade estivesse a mudar de assunto. “Olha lá, é verdade que deixaste a guarda?”

“Estou no *Abteilung VI*.”

“Transferiram-te ou foi a pedido?”, quis Heinz saber. “É que consta por aí que te acagaçaste...”

“Quem te contou isso?”

O alemão encolheu os ombros.

“É o que consta.” Fitou-o com intensidade. “É verdade?”

“Não me acagacei. Só acho que o trabalho de um soldado não é matar crianças e mulheres.”

“São inimigos do Reich.”

“São crianças e mulheres.”

Heinz nada disse por momentos, entretendo-se a mastigar a salsicha.

“O que vais fazer no *Abteilung VI*?”, perguntou. “Música? Cinema?”

“Para já o *Oberscharführer* Knittel pediu-me que prepare sugestões de livros.”

“Ach, esse salvador do exército é uma seca!”, devolveu Heinz com uma careta. “Quem é que aqui quer ler? A malta quer é paródia. Futebol, boxe, filmes, espetáculos, cerveja, *Schnapps*...”

“Gajas.”

O SS alemão pôs o prato já vazio de lado e puxou o da sobremesa, um brioche.

“Olha, sabes o que era giro?”

“Hmm?”

“No início da guerra estive destacado em Praga. Uma vez fui ver um espetáculo de magia muito engraçado. O mágico fazia coisas incríveis. Pois ontem estive de serviço a distribuir postais pelo *Familienlager* e quem é que me apareceu pela frente? O gajo. Eh pá, pedi-lhe logo para me fazer uns truques. O tipo tem um jeito que só visto. Em Praga apresentava-se como o Grande Nivelli, mas parece que o verdadeiro nome dele é Levy ou coisa parecida.”

“É judeu?”

“Com um nome destes, o que querias que fosse? Chinês?”

“Sei lá”, devolveu Francisco. “Na minha terra não há judeus.”

“Ainda bem”, devolveu Heinz com uma risada. “Assim não temos de invadir Portugal.”

“Olha a nossa sorte...”

O brioche, evidentemente também retirado aos deportados de Drancy,

estava delicioso e o SS alemão mastigava-o com deleite.

“Bom era um espetáculo de magia no *Katzet*. Isso é que seria o máximo! Duvido é que o salvador do exército vá na conversa, bota de elástico como é...”

O português ainda ia nas salsichas, mas suspendeu o garfo no ar a considerar estas últimas palavras.

“Onde dizes que está esse mágico?”

“No *Familienlager*.”

O campo das famílias. Francisco lembrava-se de ter passado por lá na manhã em que fora a Birkenau e encontrara Tanusha. Desse campo retivera na memória as latrinas perto da vedação, a mistura de homens e mulheres no mesmo espaço, o facto de os deportados serem autorizados a usar roupas civis e terem *Blockältesten* judeus. Tudo isso ia contra a prática e as regras dos KL, mas pelos vistos era permitido naquele campo. Se bem se recordava, Broad dissera-lhe que esses judeus estavam a ser usados para propaganda por causa da Cruz Vermelha Internacional.

“Ele é mesmo bom?”

Heinz já ia no *Schnapps*.

“O mágico? Sen-sa-cio-nal!” Engoliu um trago de uma assentada e ao pousar o copo os olhos brilhavam-lhe com o ardor do álcool. “Aaah! Maravilha!”

“O que fazia o tipo de especial?”

O SS alemão limpou a boca com as costas da mão.

“Sei lá, coisas incríveis. Fazia desaparecer pessoas, engolia lâminas e sei lá mais o quê. Ontem fez-me um número com cartas. O Grande Nivelli era uma das atrações de Praga, sabes lá! Até o *Obergruppenführer* Heydrich foi ver o espetáculo dele!”

Tudo isto deixou Francisco a cogitar. Precisava desesperadamente de um pretexto para ir a Birkenau ajudar Tanusha e Broad recomendara-lhe que mostrasse espírito de iniciativa se queria manter-se no *Abteilung VI*. Pois o seu camarada acabava de tirar da cartola a informação de que em Birkenau existia um mágico. O que poderia haver de mais original do que um espetáculo de magia? A ideia começou a empolgá-lo. Se a sugestão fosse

acolhida, mataria dois coelhos com uma só cajadada. Mostraria iniciativa perante o chefe do departamento e, o mais importante, conseguiria um passe para ir a Birkenau visitar a noiva. Isso é que seria magia.

VIII

“*Singen!*”

A ordem do *Unterscharführer* Pestek arrancou um sorriso a Levin; sabia que era ele o destinatário. Pestek era o único SS que conhecera em Birkenau que se mostrava simpático e até preocupado com os prisioneiros. Coisa extraordinária, este *Volksdeutscher* da Roménia por vezes sorria-lhes. Quando o conheceu, pensou que se tratava de fingimento, mas com o tempo foi percebendo que Pestek era genuíno. No campo das famílias chamavam-lhe *miláček*, *querido* em checo. Levin tivera sorte em ir parar ao seu *Arbeitskommando*. Não só o *Unterscharführer* se mostrava afável como o seu comportamento dissuadia o *Kapo* de se comportar como era habitual.

Se Pestek lhe pedia que cantasse, fá-lo-ia com gosto.

*A la gerra me vo ir;
y no se si vo a venir.
la trompeta va...*

“*Quem é o A-1676?*”

A pergunta foi feita por um SS corpulento que Levin nunca tinha visto. O *Unterscharführer* Pestek encarou-o com desconfiança.

“*Para que quer saber?*”

“Sou do *Abteilung VI* e venho questionar o prisioneiro número A-1676”, anunciou o recém-chegado. “Onde está ele?”

Pestek nem se mexeu.

“Só pode falar com os homens do meu *Arbeitskommando* se for autorizado pelo *Lagerführer*.”

Pelo aspeto meridional e pela maneira de falar percebia-se que o SS desconhecido não era alemão. O homem tirou uma folha do bolso e estendeu-a a Pestek.

“Onde está a assinatura do *Lagerführer*?”

O SS-Mann apontou para o fundo da folha.

“Aqui.”

“É mesmo a assinatura do *Obersturmführer Schwarzhuber*?”, duvidou. “De certeza?”

Pestek protegia os prisioneiros.

“Oiça, *Unterscharführer*”, disse o recém-chegado num tom subitamente tenso. “Não estou aqui para joguinhos. Tenho ordens para falar com o prisioneiro número A-1676. Ou me deixa falar com ele ou não deixa. Se não deixar, irei ter com o *Oberscharführer Knittel*, dar-lhe-ei o seu nome e ele entender-se-á com o *Obersturmführer Schwarzhuber*. Estou certo de que o *Obersturmführer* estará interessado em saber por que razão um SS ignorou um documento com a assinatura dele.”

Contrariado, Pestek voltou-se para os homens do *Arbeitskommando*.

“Quem é o A-1676?”

Todos os prisioneiros sabiam que não era bom serem procurados por um SS. A medo, a tremer, Levin levantou o braço.

“Sou... sou eu, *Herr Unterscharführer*.”

O SS desconhecido aproximou-se dele.

“Herbert Levin?”

O ilusionista estranhou ser interpelado pelo nome e não pelo número.

“*Jawohl, Herr SS-Mann*.”

“O Grande Nivelli?”

A pergunta apanhou Levin de surpresa; era a segunda vez em poucos dias que um SS invocava o seu nome artístico.

“*Jawohl, Herr SS-Mann*.”

Para espanto de todos, o SS sorriu. Depois de Pestek, era apenas o segundo SS de Birkenau que viam sorrir a um judeu.

“Sou o *SS-Mann* Francisco Latino”, apresentou-se o recém-chegado com a naturalidade de quem acabava de travar conhecimento com alguém num café; só faltava apertar-lhe a mão. “Tem um minuto?”

Tanta cortesia era inaudita.

“Naturalmente, *Herr SS-Mann*.”

Preocupado em assegurar a privacidade, Francisco conduziu Levin para um lugar mais isolado. Todos os prisioneiros do *Arbeitskommando*, mais o *Kapo* e Pestek, atiravam olhares de curiosidade na direção dos dois, mas àquela distância não era possível captar mais do que sons ininteligíveis.

“Disseram-me que é um grande ilusionista”, indicou o SS. “Falaram-me muito bem dos seus espetáculos em Budapeste.”

“Em Praga, *Herr SS-Mann*”, corrigiu o mágico. “Agradeço os elogios, mas quem lhe falou em mim exagerou.”

“Espero bem que não, pois tenho uma proposta para si.” O recém-chegado fitou-o com intensidade. “Sente-se capaz de fazer um espetáculo de magia?”

“Aqui?”

“Sim. Sente-se capaz disso?”

“Bem... claro. Se me forem dados os meios necessários, penso que se poderia fazer alguma coisa. O barracão da *škola*, por exemplo, é capaz de ser o lugar ideal, uma vez que conheço o...”

“O espetáculo seria para os SS.”

O mágico arregalou os olhos, horrorizado.

“Perdão?”

“Estou a trabalhar para o *Abteilung VI*, o departamento de Auschwitz encarregado do entretenimento das tropas. Organizamos sessões de cinema, de teatro, de música... enfim, tudo o que possa entreter os SS. Ouvi dizer muito bem de si e dos seus espetáculos e parece-me que poderíamos fazer qualquer coisa.” Esboçou um ar vagamente embaraçado. “O trabalho não é pago, claro, mas se aceitar estou convencido de que o poderei livrar deste *Arbeitskommando* com o pretexto de que precisa de preparar os seus números.” Indicou os prisioneiros que nessa altura transportavam já as pedras de um lado para o outro. “Creio que seria muito vantajoso para si.”

Era verdade, e Levin sabia. Porém, a questão não se lhe afigurava fácil. A brutalidade no campo tornava-o cuidadoso nos contactos com os SS; quanto menos estivesse com essa gente melhor.

“Obedeço a ordens, *Herr SS-Mann*.”

“Isto não é uma ordem. Fá-lo-á se quiser.”

O judeu não conseguiu disfarçar um esgar de alívio.

“Se assim é, *Herr SS-Mann*, peço que me desculpe mas prefiro não fazer.”

“Ora essa!”, admirou-se Francisco. “O senhor é um mágico e estou a oferecer-lhe a oportunidade de exercer o seu ofício. Qual é a dúvida?”

O ilusionista hesitou. A dúvida era que teria de estar perante os SS, mas isso não o podia dizer.

“É que... enfim... não sei se estarei à altura”, alegou. “Sou um amador e iria fazer um espetáculo fraco. Não me parece boa ideia.”

“Creio que se está a subestimar”, considerou Francisco. “O camarada que me falou de si fez-lhe os maiores elogios. Pelo que me contou, penso que seria um êxito.”

Levin abanou a cabeça, mais convicto ainda.

“Não creio, *Herr SS-Mann*”, disse. “Insisto que sou um amador e nunca estaria à altura de uma coisa dessas. É melhor não arriscar.”

A recusa deixou o SS dececionado.

“Lamento ouvir isso. Estava muito entusiasmado e...”

“As minhas desculpas, *Herr SS-Mann*.”

Desalentado com o fracasso de uma ideia que lhe parecera promissora, Francisco começou a afastar-se. Ao fim de poucos passos, deteve-se.

“Tinham-me dito que o senhor era judeu alemão.”

“E sou.”

“Então porque canta em espanhol?”

“Não era espanhol, *Herr SS-Mann*”, corrigiu Levin. “Era ladino. Uma língua judaica com origem no castelhano e no português.”

“No português?”

“Para dizer a verdade, *Herr SS-Mann*, o meu ladino nem vem por via espanhola mas portuguesa. A minha mãe era uma judia portuguesa da Holanda. Foi ela que me ensinou essa canção.”

O SS fitou o judeu, embasbacado.

“Está a falar a sério?”

A estupefação do recém-chegado surpreendeu Levin; o que teria dito assim de tão extraordinário?

“Bem... sim, claro.”

Francisco mantinha o olhar colado nele.

“O senhor tem a noção de que sou português?”

Só nesse instante o judeu percebeu a reação do SS.

“Ah, bom”, exclamou o mágico. “Confesso que... enfim, nunca imaginei encontrar aqui um SS português.”

“Você também é português!”

“Não sou propriamente português...”

“Era a sua mãe”, sublinhou o SS. “Ela veio de Portugal?”

“Nasceu em Amesterdão”, clarificou Levin. “Os antepassados é que vieram de Portugal. Mas lembro-me que sabia de cor orações em português.” Fez um esforço de memória. “*“Abençoado sejas tu, Adonai, que nos deste a vida e a faculdade de estarmos aqui hoje.”*”

Reconhecendo as palavras, o português quase se comoveu.

“Isso é... é extraordinário.”

“Foi o que ela me ensinou. Aprendeu-o com os pais e eles com os pais deles.”

“De que terra em Portugal vieram os seus antepassados?”

“De um sítio chamado... uh... Alfambra do Fé.”

“Alfândega da Fé?”

“Ou isso.”

Francisco abanou a cabeça, incrédulo.

“Eu sou de Bragança”, indicou. “É perto de Alfândega da Fé. Somos conterrâneos, meu caro!”

A ligação emocional de Levin a Portugal era nula, uma vez que se limitava a velhas histórias de família, mas percebeu que aquilo significava muito para o SS. E de facto Francisco sentia que os laços do judeu com o seu país os aproximavam.

O português voltou a abeirar-se de Levin. Não o podia cumprimentar nem

convidá-lo para um café ou tirá-lo daquele sítio, pelo que fez a única coisa realmente ao seu alcance. Retirou do bolso um dos dois embrulhos que tinha preparado para Tanusha e baixou-se, como se quisesse limpar as botas. Ciente de que cometia uma infração grave, pousou discretamente o embrulho no chão.

“É para si e para a sua família”, sussurrou. “Lá dentro há pão e salsichas, e ainda medicamentos para a disenteria. Finja que vai aliviar os intestinos, acocore-se e guarde o embrulho.”

O gesto foi tão inesperado que espantou o judeu; nem Pestek alguma vez fizera algo assim.

“Eu... obrigado, *Herr SS-Mann*.”

“Se puder, passarei de novo por cá para lhe trazer mais alguma coisa.”

Preocupado em não atrair atenções indesejáveis, Francisco virou-lhe as costas e começou a afastar-se. O embrulho teria dado muito jeito a Tanusha, mas não podia deixar de o oferecer ao prisioneiro. Mesmo sem nunca ter posto os pés em Portugal, aquele homem tinha-lhe dado um sabor da sua terra e uma coisa assim num lugar daqueles não tinha preço.

“*Herr SS-Mann!*”

Voltou-se para trás.

“Hmm?”

“Temos de falar sobre as condições.”

“Quais condições?”

“Para fazer o espetáculo.”

Francisco parou e encarou de novo o prisioneiro. Estavam separados por dez metros, mas perceberam nesse instante que algo forte os unia. Talvez fosse a velha canção em ladino. Ou toda a história por detrás dela.

IX

O *Oberscharführer* Knittel apareceu nessa manhã um pouco mais tarde que o habitual. Francisco mal continha a impaciência. Chegara cedo com um plano de ação delineado e logo nesse dia havia o chefe de se atrasar. Quando o viu entrar no gabinete preparou-lhe um café *Ersatz*; era importante assegurar a sua boa disposição. Encheu a chávena, juntou-lhe açúcar subtraído da cantina SS e dirigiu-se ao gabinete com o café.

“*Heil Hitler, Oberscharführer!*”, cumprimentou-o da porta. “Trago-lhe um cafezinho.”

O responsável do departamento afadigava-se com os papéis que trouxera nessa manhã e encarou o português com espanto; era a primeira vez que o novo subordinado tinha um gesto destes.

“*Ach, vielen Dank!*”, agradeceu. “Pouse-o na secretária.”

O *SS-Mann* obedeceu.

“Quando poderemos conversar, *Oberscharführer*?”

“Vou ter uma manhã muito ocupada”, avisou o chefe sem levantar os olhos. “Passa-se alguma coisa?”

“Precisava apenas de dois ou três minutos para fechar aquele assunto.”

O *Oberscharführer* Knittel parou de mexer nos papéis e encarou-o; via-se que alimentava as maiores reservas em relação ao projeto.

“O espetáculo de magia?”

“Precisamente, *Oberscharführer*. Fui a Birkenau e localizei o tal mágico de Praga. Pareceu-me capaz de apresentar um espetáculo de grande qualidade. Descobri que até já atuou perante o *Obergruppenführer*

Heydrich.”

“Was?”, admirou-se o chefe. “Heydrich foi vê-lo?”

A referência ao ídolo caído das SS era o trunfo que Francisco tinha na manga. Agora ia jogar o ás.

“Parece que gostou muito.” Fez um ar misterioso, pois Levin tinha-lhe indicado que muitos oficiais SS eram sensíveis ao esoterismo e sugerira-lhe alguns botões em que devia carregar. “Sabe, este mágico andou pelos orientes e trouxe da Índia e do Tibete velhos segredos da Atlântida.”

“Ach so!”

“Alguns dos antigos mistérios arianos guardados nos mosteiros tibetanos foram-lhe revelados”, acrescentou o português, papagueando o que Levin o fizera memorizar. “Até aprendeu dos velhos lamas o segredo da levitação.”

O oficial olhou-o, desconfiado.

“Isso é conversa.”

“Por que outra razão haveria o *Obergruppenführer* Heydrich de o ver?”

Era uma boa pergunta. O *Oberscharführer* Knittel pegou na chávena e, recostando-se no assento, bebericou pensativamente um trago do café. Se Heydrich fora ver o mágico, isso iria gerar interesse. Além do mais, a magia tibetana era coisa para impressionar a hierarquia.

“Bem, de acordo”, decidiu. “Vamos fazer isso.”

Francisco teve de reprimir um sorriso triunfal.

“Excelente, *Oberscharführer!*”, exclamou. “Temos de dar ao mágico condições para preparar a apresentação. Será necessário transferi-lo, a ele e à família, de Birkenau para Auschwitz I. O mesmo para a ajudante.”

O chefe do *Abteilung VI* abanou a cabeça.

“Ach! Isso não é possível.”

“Mas, *Oberscharführer*, ele precisa de fazer os seus preparativos. A evocação dos poderes especiais dos atlantes não pode ser realizada nas condições existentes em Birkenau, como deve calcular. O mágico está num *Arbeitskommando* de pedras. Como pode preparar um espetáculo de qualidade enquanto passa o dia com pedregulhos de um lado para o outro? Impossível. Além do mais precisa de melhores condições de vida, a começar pelo alojamento e pela alimentação, senão ainda morre de doença

ou fome. Mesmo que sobreviva, não queremos um esqueleto em palco, pois não? Não se esqueça também de que ele tem de construir os adereços.”

“Não posso transferir prisioneiros de Birkenau para Auschwitz I por causa de um simples espetáculo”, afirmou o responsável do departamento. “E o que é isso da família? O mágico tem família em Birkenau?”

“A mulher e um filho de nove anos.”

O *Oberscharführer* Knittel pareceu espantado. Sabia que não era possível haver crianças no KL, pois eram todas gaseadas à chegada.

“Em que campo está esse mágico?”

“No campo das famílias, *Oberscharführer*.”

“*Ach so!*”

Isso explicava tudo.

“Em Birkenau ele não dispõe...”

O chefe do *Abteilung VI* consultou os papéis sobre a secretária.

“Esqueça”, interrompeu-o Knittel. “O projeto não é viável.”

A inflexibilidade inesperada do superior hierárquico desconcertou o português.

“Mas...”

“O mágico vai ser liquidado.”

Francisco arregalou os olhos.

“O quê?!”

O *Oberscharführer* Knittel pegou numa das folhas diante dele e voltou-a para Francisco.

“Está a ver isto?”

“Sim, *Oberscharführer*.”

“É a lista dos prisioneiros do campo das famílias. Foi-me entregue ontem à noite, porque está a ser preparada uma *Aktion*. Veja esta anotação.”

Apontou para um rabisco diante de cada linha.

SB6

“*SB* são as iniciais de *Sonderbehandlung*”, esclareceu Knittel. “O tratamento especial. E o seis é o número de meses de quarentena antes de

serem submetidos ao *Sonderbehandlung*.”

“Vão ser mortos?”, admirou-se Francisco. “Peço desculpa, *Oberscharführer*, mas disseram-me que este campo das famílias serve para propaganda, caso a Cruz Vermelha venha verificar se os rumores sobre a matança de judeus são verdadeiros. Para quê liquidá-los? Então e se a Cruz Vermelha vier cá?”

“É verdade que o campo das famílias serve para propaganda”, confirmou o chefe do *Abteilung VI*. “Mas se ao cabo de seis meses a Cruz Vermelha ainda não perguntou por estes prisioneiros já não perguntará. À cautela, mandou-se há dias os prisioneiros escreverem postais para Theresienstadt datados com um mês de avanço. Se a Cruz Vermelha vier cá, poderemos sempre mostrar-lhe os deportados do segundo transporte. Se perguntar pelos anteriores, teremos os postais datados com um mês de avanço para provar que nada de mal lhes aconteceu. Está tudo pensado.”

“Mas não podemos deixar que um homem que conhece tantos segredos da Atlântida seja morto, *Oberscharführer*. Já viu os conhecimentos que se vão perder?”

“Talvez seja melhor assim”, devolveu Knittel. “Não podemos esquecer que ele é judeu. Se conhece realmente os velhos segredos atlantes, o que duvido, talvez seja bom que desapareça, não vá usá-los contra nós.”

Os acontecimentos precipitavam-se, percebeu Francisco. Era preciso encontrar uma solução, e depressa. O seu olhar regressou à anotação *SB6* feita nas listas que Knittel segurava. Fitando o algarismo, teve uma ideia.

“O *Oberscharführer* não disse que esse seis significa câmara de gás ao fim de seis meses?”

“Justamente.”

“Mas o mágico chegou apenas há dois ou três meses...”

“*Ach so*, é do segundo transporte de Theresienstadt!”, percebeu Knittel. “Assim sendo não faz parte do lote para a *Aktion*. Só quando se completarem os seus seis meses.”

O português quase exalou um suspiro de alívio.

“Então sempre podemos fazer o espetáculo. Nesse caso, não será mesmo possível transferi-lo para Auschwitz I? É que não existem no campo das

famílias condições para preparar o espetáculo...”

“Está fora de questão a transferência de Birkenau para aqui”, repetiu o *Oberscharführer* Knittel. “Mas talvez se possam fazer transferências dentro de Birkenau. Apesar de o campo das famílias ser o melhor campo de Birkenau, posso ver com o *Lagerführer* Schwarzhuber se não haverá outro sítio no mesmo perímetro com melhores condições.”

“Não é só ele, *Oberscharführer*”, lembrou Francisco. “É também a família e a ajudante.”

“Que ajudante?”

“Os mágicos precisam sempre de uma ajudante nos seus espetáculos”, lembrou. “É quem os assiste nos números ou quem põem a levitar ou o que quer que seja. Existe uma rapariga com o perfil certo no campo das mulheres. Ainda por cima não é judia. Seria perfeita.”

O chefe do *Abteilung VI* avaliou o assunto.

“Penso que é possível tratar da transferência do mágico e dessa rapariga”, concedeu. “Talvez possa considerar também a transferência da mulher do mágico. Mas esqueça o filho. Nenhuma criança de nove anos pode andar fora do campo das famílias ou do campo dos ciganos. São os únicos campos onde são permitidas crianças.”

Um novo problema.

“Isso pode criar uma dificuldade, *Oberscharführer*. Quando fui falar com o mágico percebi que sem o filho não aceitará transferir-se.”

Estas palavras irritaram o *Oberscharführer* Knittel.

“Desde quando um judeu aceita ou não aceita a ordem de um SS?”, questionou com rispidez. “Ora essa! Um prisioneiro não tem de se pronunciar sobre esse ou qualquer outro assunto, ouviu? Damos-lhe a ordem e ele executa-a. Mais nada. Não há cá concordâncias nem discordâncias.”

“Absolutamente, *Oberscharführer*”, aquiesceu o subordinado. “Nem me ocorreria outra coisa. Os prisioneiros têm de acatar ordens e pronto. A questão é que... enfim, para fazer certas coisas os mágicos precisam de tranquilidade de espírito. Não podemos ignorar isso. Sem estarem serenos, podem perder a concentração e a atuação não seria a mesma.”

O oficial das SS levantou o dedo, quase como se fizesse um aviso.

“Pois eu digo-lhe que o homem vai ter mesmo de dispensar o filho”, declarou em tom final. “Se isso prejudicar a sua concentração para o espetáculo, não há espetáculo nenhum. A solução final do problema judaico não será sabotada por causa dos problemas de concentração de um mágico.”

Ou seja, nada feito quanto ao rapaz.

“Com certeza, *Oberscharführer*”, anuiu o português, escondendo a decepção. “E quanto à mulher e à rapariga? Posso contar com a sua autorização para as transferir para um sítio mais tranquilo em Birkenau?”

Pegando na chávena, o *Oberscharführer* Knittel engoliu o resto do café de uma assentada. A seguir entregou a chávena vazia ao subordinado, assinalando a conclusão da conversa.

“Assegure-se primeiro de que temos todas as condições para o espetáculo”, ordenou. “Depois verei com o *Lagerführer* Schwarzhuber se é possível mudar as duas mulheres e para onde.” Fez um gesto imperial com as mãos, como a mandá-lo embora. “Está dispensado.”

Sem voltar a olhar para o *SS-Mann*, o chefe do *Abteilung VI* mergulhou a atenção nos papéis que mantinha sobre a secretária e pôs-se a tomar notas, iniciando assim a jornada de trabalho. O subordinado regressou preocupado para o seu lugar. Francisco sabia que sem o filho tudo seria complicado. Teria de convencer Levin a aceitar o inaceitável.

X

As plumas esbranquiçadas flutuavam no ar e por momentos Levin pensou que caía neve, mas não era molhada nem fria. Choviam as cinzas de Birkenau. A Lagerstrasse enchera-se de gente nesse final de tarde e enquanto aguardava Gerda e Peter ia observando com curiosidade a estranha chuva seca que se desfazia ao toque. Tinha os ombros cobertos de pequenas tiras brancas, como caspa, mas desintegravam-se com uma sacudidela dos dedos. Mais pessoas chegadas de um comboio convergiam para os crematórios, de cujas chaminés jorravam os habituais rolos de fumo negro. Que magia seria aquela que as transformava em cinzas?

“Bertie!”

O aparecimento da família interrompeu-lhe os pensamentos. Como habitualmente, o convívio dos Levin começava com Peter a apresentar aos pais o relatório diário do que aprendera nesse dia na *škola*.

“O professor Lichtenstern contou-nos hoje uma história”, disse o rapaz. “Mas não entendi nada.”

Havia poucos livros na *škola* do campo e os professores davam aulas sem consultar textos e apenas com base no que recordavam. Mesmo as “leituras” de livros não passavam da recitação de memória de obras que os docentes tinham lido noutros tempos.

“Era sobre os irmãos *Koželuh*. ”

Jan *Koželuh* era um tenista checo que tinha chegado aos quartos de final do torneio de Wimbledon, e o seu irmão Karel, além de tenista, também jogava rãguebi, hóquei no gelo e futebol, tendo chegado a representar a

Áustria e a Checoslováquia em partidas internacionais. Os feitos dos dois irmãos eram amplamente conhecidos no país.

“O professor Lichtenstern contou-nos que os irmãos *Koželuh* vinham de uma família muito pobre e que quando eram pequenos só comiam pão e batatas.” Fez uma expressão de perplexidade. “Quem come pão e batatas é pobre?”

Os pais trocaram um olhar; seria cómico se não fosse tão sério. O pão e as batatas, que em situações normais eram de facto alimentos dos pobres, na realidade de Birkenau haviam-se transformado em símbolos de abundância. Só os privilegiados os comiam.

“O teu professor quis decerto dar-vos um bom exemplo”, explicou Levin. “A história dos irmãos *Koželuh* prova que as dificuldades não impedem uma pessoa de crescer e ser forte.”

“Mas eles eram ricos, papá”, argumentou o filho, sem entender a explicação. “Comiam pão e batatas todos os dias...”

Para uma criança que só conhecia a realidade do campo, uma história daquelas nunca seria compreensível.

“Pois, está bem”, tentou passar adiante. “E que mais aprendeste hoje?”

“A professora Edelstein ensinou-nos o *Alouette*. É em francês. Querem ouvir? Até um alemão apareceu lá e cantou connosco.”

Nova troca de olhares dos pais; a visita dos SS e dos *Kapos* à *škola* era comum. Os alemães sentiam falta de crianças nos campos e inventavam todos os pretextos para irem ver as do *Familienlager*. O visitante mais frequente era até o *Lagerführer* Schwarzhuber, pai de dois filhos. Também o SS responsável pela *škola*, o doutor Mengele, lá ia com regularidade.

O pequeno afinou a voz.

Alouette, gentille alouette

Alouette, je te plumerai

Alouette, gentille...

Nesse instante Levin viu Alfred Hirsch fazer-lhe sinal.

... alouette

Alouette, je te plumerai
Je te...

Devia haver novidades sobre os preparativos da revolta. O ilusionista atirou um olhar à mulher, como se se desculpasse, e foi ter com o responsável da *škola*.

... plumerai la tête
Je te plumerai la tête
Et la tête...

“O *Lagerführer* Schwarzhuber veio falar comigo”, disse Hirsch num tom lúgubre. “Anunciou-me uma transferência dos prisioneiros do transporte de setembro. Vamos para o campo de trabalho de Heydebreck.”

A novidade não era tão má como Levin esperava.

“Ufa, ainda bem!”

A expressão do seu interlocutor mantinha-se sombria.

“O *Lagerführer* Schwarzhuber propôs-me abrir uma exceção e deixar-me fora do grupo. Em vez de ir com o resto dos prisioneiros que chegaram em setembro, incluindo as crianças, ficaria cá a tratar da *škola* e das crianças que ficassem.”

“É uma boa ideia.”

Hirsch manteve o semblante lúgubre.

“Os meus contactos da rede de resistência, o *Kampfgruppe Auschwitz*, de que lhe falei noutro dia, disseram-me que já está tudo a postos para a nossa liquidação. O *Sonderkommando* comunicou ter recebido ordens para preparar os crematórios para nós. A história da transferência para Heydebreck não passa de conversa para nos enganar. Os camiões que aqui chegarem não nos vão transferir para nenhum campo de trabalho, mas levar-nos para os crematórios.”

Levin quase sentiu o ar faltar-lhe.

“Não estarão a... a tentar assustar-nos?”

“É tudo verdade.”

Ficaram os dois calados por um momento enquanto o ilusionista digería a

terrível novidade.

“E... e agora?”

“Quando me propôs abrir uma exceção para mim e deixar-me ficar a tratar da *škola*, o *Lagerführer* estava na verdade a dar-me a possibilidade de escapar à morte”, explicou Hirsch. “Perguntei-lhe se as crianças também poderiam ficar e respondeu-me que infelizmente não. As ordens são para transferir todos os deportados de setembro para Heydebreck. Passei as últimas vinte e quatro horas a matutar no assunto.”

“Avançamos para a revolta?”

O responsável da *škola* abanou a cabeça.

“Seria um massacre, e não apenas das pessoas do transporte de setembro. Não posso assumir essa responsabilidade.”

“Porque não?”, perguntou Levin. “Se os alemães matam agora os deportados de setembro, isso quer dizer que todos estamos condenados. Depois de vocês iremos nós.”

“É verdade, mas não se esqueça de que os russos já entraram na Polónia. Os deportados de setembro podem morrer, mas vocês, os que vieram depois, ainda têm possibilidade de escapar. Além do mais sou professor, não militar. Não percebo nada de revoltas.”

“Então o que fazemos?”

Hirsch esboçou um gesto de impotência.

“Não sei.”

Era uma rendição.

“Já contou às pessoas o que lhes vai acontecer?”

“O que adiantaria isso?”, questionou. “Faria mais mal do que bem. Ficariam angustiadas e desesperadas. Seria um sofrimento atroz. Algumas talvez se revoltassem, mas isso apenas precipitaria a morte de toda a gente. Mais vale estar calado. O que tiver de ser será.”

Fez-se um curto silêncio.

“E... e você, Fredy? O que tenciona fazer?”

“Escolhi esta manhã o Seppl Lichtenstern para chefiar a *škola*”, murmurou, cabisbaixo. “O adjunto será o Jan Brammer.”

O significado destas palavras era inequívoco. O jovem sionista escolhera

morrer.

“Não vai aceitar a proposta do *Lagerführer*?”

“Você aceitaria escapar vendo o seu filho morrer?”

“Essas crianças não são seus filhos...”

Hirsch fez um gesto vago a indicar as famílias na Lagerstrasse.

“É como se fossem”, disse. “Não posso aceitar safar-me quando as crianças são enviadas para a morte. Não seria capaz de viver com isso. Não fugirei, não me porei de parte, não escaparei às minhas responsabilidades. Estarei com elas até ao fim.”

“Talvez o pessoal do *Kampfgruppe Auschwitz* e do *Sonderkommando* esteja enganado”, alvitrou Levin, tentando manter viva a esperança. “Quem sabe se o *Lagerführer* Schwarzhuber não disse a verdade e vocês serão mesmo transferidos para outro campo de trabalho?”

A expressão no rosto de Hirsch mostrava que não alimentava a menor ilusão. A sirene soou nesse momento, dando por concluído o tempo dado às famílias para se juntarem na Lagerstrasse. Nada mais havia a dizer. Deram um abraço e o ilusionista ficou a ver o jovem sionista afastar-se, como se caminhasse pelo próprio pé para o seu destino. Acontecesse o que acontecesse, tinha conhecido um verdadeiro *Mensch*.

Os homens caminhavam em grupos de regresso aos barracões, muitos em silêncio compenetrado, com saudades das famílias ou já cientes de que algo muito grave ia acontecer. Outros vinham em mera cavaqueira; aquele dia era como os outros.

“Contaram-me que haverá em breve uma transferência para um campo de trabalho”, observou Werner. “Açam que me candidate?”

“Para esse transporte não há candidaturas”, retorquiu Václav. “A transferência destina-se ao pessoal de setembro. E é compulsiva.”

“Que azar!”

“Não digas disparates.”

“Disparates?” Werner fez um gesto largo. “Já viram onde estamos a viver? Nada pode ser pior que isto.”

“Ainda não aprendeste que com os nazis todas as mudanças são para

pior?”, perguntou Václav. “Quando estávamos nas nossas casas mandaram-nos para o *ghetto*. Era pior do que as nossas casas. Do *ghetto* saímos para Theresienstadt, que era pior do que o *ghetto*. De Theresienstadt viemos para aqui, que é pior do que Theresienstadt. Qualquer mudança é para pior.”

“O que pode haver pior que Birkenau?”, insistiu o jovem. “Passamos fome, andamos sempre com frio e a chapinhar na lama, temos diarreia e tifo e sei lá mais o quê, não há medicamentos, falta água, carregamos pedras de um lado para o outro, ficamos uma ou duas horas em pé à chuva ou à neve durante o *Appell*, levamos porrada dos SS e dos *Kapos*, morre gente por toda a parte, estamos reduzidos a esqueletos, passo a vida a cagar e a tossir... o que pode ser pior?”

Václav apontou para os fios de fumo no horizonte.

“Os crematórios.”

Toda a gente se calou. Já ninguém ignorava o que ali se passava. O assunto não era discutido, apenas se dizia que se saía de Birkenau “pelas chaminés”, mas sabia-se.

“Contaram-me que andam lá judeus a ajudar os alemães”, murmurou Werner. “Será possível?”

Com Levin em silêncio, a resposta veio de Václav.

“É o *Sonderkommando*.”

“Quem são esses tipos?”

“Uns alucinados. Têm a cara e o corpo coberto de fuligem, caminham pesadamente, os olhos dementes. Uns verdadeiros animais.”

“Que horror!”, exclamou Werner. “Já os viste?”

“Nem quero ver”, retorquiu Václav. “Ouvi dizer que são medonhos. Uns loucos que perderam toda a aparência humana. Parece que exalam um cheiro nauseabundo, um fedor dos infernos, com as caras devastadas e uns olhares de bestas. Gente brutal e sem escrúpulos, totalmente implacável. Consta que se matam uns aos outros como cães raivosos.”

Um arrepio de medo percorreu todos os que escutavam estas palavras. Já haviam ouvido várias vezes descrições semelhantes do *Sonderkommando*, a unidade especial dos crematórios. Se havia coisa que receavam era encontrar essas feras. Deviam ser piores do que os piores cães dos SS.

XI

A contagem do primeiro *Appell* terminara e do barracão foram retirados os cadáveres da manhã. Oito corpos. O café *Ersatz* foi servido de pequeno-almoço, como de costume, mas depois disso nada aconteceu. Os reclusos ficaram a deambular pelo exterior do bloco doze, à espera das instruções. O *Rottenführer* Baretzki reapareceu meia hora depois e começou a varrer à coronhada os prisioneiros na *Appellplatz*.

“Toda a gente lá para dentro!”, rugiu. “*Schnell! Schnell!* Toda a gente para dentro!”

Os reclusos correram para a porta do barracão e, empurrando-se e puxando, entraram no edifício como uma corrente humana. Com todos lá dentro, a porta fechou-se e o *Rottenführer* Baretzki voltou a desaparecer. Obedecendo às ordens do *Blockälteste* Bondy, os homens instalaram-se nos beliches. O tempo foi correndo sem que nada acontecesse.

Pelas nove da manhã, quando se tornou claro que algo de anormal se passava, os prisioneiros mais irrequietos foram ter com o *Blockälteste*.

“Os *Kapos?*”, perguntou um deles. “Por que não aparecem?”

Estas perguntas desencadearam um coro desafinado.

“O que estamos aqui a fazer?”

“Que se passa?”

“Quando vamos para o *Arbeitskommando?*”

Não que houvesse pressa em carregar pedras de um lado para o outro; tratava-se simplesmente de estranheza pela alteração de procedimentos. Mas Bondy parecia saber tão pouco como os demais.

“Não faço ideia”, admitiu o *Blockälteste*. “Não apareceu *Kapo* nenhum.”

“E o *Blockführer*?”

“O *Rottenführer* Baretzki disse que esperássemos e foi-se embora”, explicou Bondy. “Estou à espera de novidades. Tenham calma.”

“É por causa dos russos”, alvitrou alguém. “Não entraram já na Polónia? Aproximam-se de Auschwitz e os alemães cavaram.”

A possibilidade desencadeou um burburinho excitado. A entrada do Exército Vermelho em território polaco ocorrera dois meses antes e parecia a todos que já tinha passado tempo mais do que suficiente para os russos os libertarem. A despeito da falta de notícias do mundo exterior, essa possibilidade transformara-se nos últimos tempos em esperança palpável.

“Calma! Calma!”, pediu o *Blockälteste* de braços no ar, preocupado em garantir que a situação não saía de controlo pois quando o *Rottenführer* Baretzki voltasse seria a ele que pediria contas. “Vamos aguardar as novidades e depois veremos o que acontece. Tenham todos calma. Mantenham-se nos vossos lugares e esperem pelas ordens.”

Uma grande excitação percorria o bloco doze como uma corrente elétrica. Uma vez que o edifício não tinha janelas, os prisioneiros espreitavam pelas frinchas das paredes exteriores, tentando lobrigar o que se passava lá fora. As atenções centravam-se sobretudo nos outros barracões. Fazia sol, o céu estava azul e não se via uma árvore; apenas o cinzento dos blocos e da lama. Por todo o lado a mesma coisa. Os *Kapos* não apareciam, não se vislumbravam SS e nenhum *Arbeitskommando* saía. Todos os prisioneiros do campo das famílias estavam encerrados nos barracões e aguardavam ordens. Não era normal.

“Os gajos piscaram-se.”

Essa era a esperança na mente de todos. Uma inspeção rápida das vedações, no entanto, mostrou que os soldados das torres de observação permaneciam nos postos.

“Fugiram e esqueceram-se de avisar as sentinelas”, alvitrou Václav. “Foi isso que aconteceu.”

“Achas isso possível?”, questionou alguém. “Os alemães são tão organizados e iam esquecer-se das sentinelas?”

“Podes ter a certeza de...”

“Silêncio!”

O rugido do *Blockälteste* calou todos os homens do bloco doze. Mas apenas por um minuto, porque ninguém conseguia conter a excitação. Sim, o comportamento dos alemães só tinha uma explicação. Os russos aproximavam-se e os nazis fugiam.

A primeira coisa que ouviram foram os cães a ladrar e logo os estômagos se lhes contraíram de medo; os cães nunca eram bom sinal. Escutaram vozes e colaram-se às frinchas para ver quem se aproximava. Os SS entravam nos barracões vizinhos e os prisioneiros saíam e alinhavam-se no exterior. Um grupo de SS encaminhou-se para o bloco doze.

“É o Baretzki!”, exclamou alguém. “Vem com o *Bulldogue*!”

A revelação desencadeou um bulício horrorizado no barracão. *Bulldogue* era a alcunha de Fritz Buntrock, o temido *Rapportführer* do campo das famílias. Se também ele vinha, o caso tinha de ser sério. A porta do bloco doze abriu-se e os SS entraram. O *Rapportführer* Buntrock plantou-se no enfiamento do corredor central.

“*Achtung!*”, berrou. “Todos os que vieram no transporte de setembro de Theresienstadt vão ser transferidos, com exceção dos doentes. As crianças também, porque não queremos separar famílias. O vosso destino será o campo de trabalho de Heydebreck, a cem quilómetros daqui e com muito melhores condições. Birkenau está sobrelotado e não há comida para tanta gente. Quem veio em setembro, seja homem, seja mulher ou criança, será transferido para Heydebreck.” Bateu palmas para os incentivar à ação. “Vamos, toda a gente lá para fora! Toda a gente!”

Os SS indicaram a porta do barracão e os prisioneiros começaram a sair. Quase todos os ocupantes do bloco doze eram do segundo transporte, mas havia alguns que tinham vindo em setembro e que se haviam transferido para aquele barracão para estarem com familiares ou amigos. Como todos, Levin alinhou-se para sair; atrás dele vinham Werner e Václav. Viviam uma montanha-russa de sentimentos, da esperança mais louca ao medo absoluto passando pelo simples nervosismo e mesmo pela alegria, tudo em poucos minutos. O ambiente nesse momento era de excitação.

“O que é isso, Heydebreck?”

“Não ouviste, rapaz?”, retorquiu Václav. “É um campo de trabalho.”

“Está a ver? Afinal sempre é possível mudar para melhor...”

“Que sorte tem o pessoal de setembro!”, observou outro prisioneiro. “Vão sair deste inferno!”

“Será que nos podemos candidatar? Temos de sair daqui!”

“São só os de setembro.”

Devido ao que Alfred Hirsch lhe contara, Levin suspeitava que o *Rapportführer* Buntrock não dissera a verdade. Mas naquele instante duvidou. O SS falara com tanta convicção e por Birkenau corriam sempre tantos boatos que perguntou a si mesmo se Hirsch não se teria equivocado e os deportados de setembro não iriam mesmo para o novo *Arbeitslager*.

“Não sei, não”, advertiu alguém. “Não se pode confiar nos nazis. Não se lembram como eles já nos enganaram tantas vezes? Quem nos diz que não nos estão a passar de novo a perna?”

“Oh! Lá vens tu com os agoiros...”

“Não te esqueças de que estamos no campo das famílias. O nosso campo é especial. Não houve nem há *Selektion*. A nós não farão mal.”

“É por causa dos *Prominenten*”, alvitrou outro. “Como viemos de Theresienstadt, têm medo dos nossos amigos importantes.”

A esperança misturava-se com o medo, mas era tudo tão rápido que ninguém tinha tempo para pensar. Cruzaram a porta e deram com o *Rottenführer* Baretzki a separar os prisioneiros.

“Os do transporte de setembro vão para aquele lado”, indicou, apontando para o setor esquerdo. “Os restantes ficam aqui.”

Os poucos elementos do transporte de setembro no bloco doze puseram-se a escavar o chão para desenterrar pequenos tesouros que haviam guardado por ali. Um pente, um pedaço de pão, um espelho partido, uma colher ou umas cuecas; tudo o que tinham escondido para que não lhes fosse roubado nos beliches. Só depois se despediram dos companheiros e se dirigiram para o lado indicado.

Os restantes ficaram plantados em torno do bloco doze, Levin entre eles. A expectativa era enorme, pois ninguém ignorava que o que acontecesse aos

que se iam também sucederia aos que ficavam.

O *Appell* do fim do dia foi tão prolongado como o habitual, cerca de uma hora, e o jantar o do costume. O nervosismo era generalizado e todos aguardavam com ansiedade que a sirene tocasse para se juntarem às famílias na Lagerstrasse. A sirene demorava, o que intensificou a inquietação.

Ao fim de vinte minutos, e quando o ocaso se aproximava já, o *Rottenführer* Baretzki apareceu no barracão com o *Unterscharführer* Pestek.

“*Achtung!*”, exclamou Baretzki. “Hoje não haverá passeio na Lagerstrasse. Devido aos procedimentos de transferência para o campo de Heydebreck, todos os prisioneiros que não pertencem ao transporte de setembro ficam consignados aos barracões. Ninguém pode sair. Quem for apanhado no exterior será abatido.”

Depois de dar as últimas instruções ao *Blockälteste*, Baretzki abandonou o bloco doze. Deixou para trás os reclusos muito dececionados. Levin ansiava por se encontrar com Gerda e Peter, queria saber se estavam bem e se tinham novidades. Sentia-se preocupado com todos os deportados que se iam embora, mas em particular com Hirsch. Como Pestek ficara por ali e tinha alguma confiança com ele, interpelou-o.

“*Unterscharführer*, os que se vão embora vão ficar bem?”

O *Volksdeutscher* romeno encolheu os ombros com irritação.

“Só os génios que nos governam é que podem responder.”

A réplica, em tom amargo, surpreendeu Levin. Gostaria de o interrogar quanto ao sentido das palavras, mas não foi capaz de tanto. Pestek parecia nervoso e demorou-se no barracão durante uns minutos a fumar. Ainda com o cigarro aceso, o SS abriu a porta para se ir embora. Nessa altura passava por um caminho no lado exterior da vedação um *Rollwagenkommando*, uma carroça puxada por prisioneiros com a carga cheia de cadáveres esqueléticos, os *Muselmänner* do dia.

“Vejam só a bela obra dos grandes alemães que nós, os alemães da Roménia, tanto admirávamos”, resmungou Pestek entredentes. “Vejam só o que os nossos venerados heróis andam a fazer...”

A observação deixou os prisioneiros estupefactos. Nunca tinham imaginado ouvir um SS tecer um comentário daquela natureza, e muito menos em voz alta. Agastado, Pestek atirou o cigarro ao chão, esmagou-o com mal contida fúria e sumiu-se na noite.

Os gritos longínquos de mulheres gelaram todos os que tinham ficado no barracão. Levin espreitou pelas frinchas e viu os holofotes projetarem uma luz intensa sobre o campo de quarentena. A multidão estava ali comprimida, seriam umas cinco mil pessoas. Dezenas e dezenas de SS circulavam em redor, muitos com cães pelas trelas. Alguns soldados pareciam trôpegos.

“Estão... estão bêbedos!”

A conclusão era incrível, mas indiscutível. Que raio de transferência levaria homens tão disciplinados a emborracharem-se daquela maneira? Não fazia sentido. Alguns fustigavam a multidão com coronhadas e ouvia-se à distância os gritos das mulheres e o choro das crianças por entre os berros dos SS e dos *Kapos*, mais os latidos furiosos dos cães. Observar uma coisa daquelas era terrível para os homens, sobretudo estando eles encerrados no barracão e impotentes.

A multidão dava sinais de se movimentar. Mas movimentar-se para onde? Para onde podiam ir se estavam cercados pelos soldados? A gritaria era enorme, como se os reclusos tentassem resistir, e a ansiedade tornou-se palpável dentro do barracão. Por essa altura os homens do bloco doze, incluindo o *Blockälteste*, estavam presos às frinchas das paredes a observar o exterior, mas como não havia frinchas suficientes os que tinham acesso a elas iam relatando o que viam.

“Olha ali! Olha ali!”, gritou alguém. “Estão a ver aquilo?”

Os olhares desviaram-se para vultos que apareciam das trevas e se dirigiam para a multidão.

“Camiões!”, percebeu Levin. “Estão a entrar camiões no campo!”

Os vultos imobilizaram-se, os gritos e choros distantes recrudesceram. Por entre mais berros dos SS e latidos dos cães, vislumbraram figuras a subir para a carga.

“Começaram a metê-los lá dentro!”, descreveu alguém. “Olhem para aquilo. Estão a entrar nos camiões.”

Ficaram um longo momento calados a observar a cena. Os SS e os cães pareciam apertar o cerco sobre a multidão e pessoas atrás de pessoas subiam para os camiões. De repente ouviram a porta do barracão abrir-se.

“O que aconteceu?”

“É o Bondy!”, respondeu um prisioneiro. “O Bondy saiu!”

Tratava-se de facto do *Blockälteste* do bloco doze, o pequeno judeu que lhes infernizava a vida sempre que um SS andava por perto. Bondy abandonara o barracão e Levin e os companheiros viram-no atravessar o campo a correr.

“Onde diabo vai ele?”

“Tá maluco!”

Bondy corria em direção à multidão, o vulto sombrio recortado pelo clarão dos holofotes longínquos. De repente ouviram-no gritar.

“*Nelez tam! Nelez do tech nakladaku!*”, berrava em checo. “Não entrem! Não entrem nesses camiões! Ouviram? Não entrem nesses camiões!”

Os gritos atraíram a atenção dos SS e dos *Kapos*. Reagindo prontamente, alguns deles correram para Bondy e derrubaram-no, batendo-lhe com barras de ferro. Bateram e bateram e bateram, o corpo ficou inerte e os alemães batiam ainda, até que todos os que viam a cena no bloco doze tomaram consciência de que ninguém conseguiria escapar a um ataque assim. Haviam perdido o *Blockälteste*.

Os camiões arrancaram e fizeram-se ao caminho em coluna, desaparecendo algures na noite para além do campo das famílias. Vinte minutos depois surgiram mais camiões. Seriam os mesmos que regressavam ou outros que apareciam? Àquela distância era impossível dizer. Se fossem os mesmos, a viagem fora curta, o equivalente a uma ida aos crematórios, descarga de prisioneiros e regresso ao campo. Se fossem outros, tratar-se-ia de uma viagem bem mais longa. Todos desejavam ardentemente que fosse o segundo caso. Nesse instante ergueu-se à distância um coro.

Kde domov můj,

kde domov můj?
Voda hučí po lučinách...

Um silêncio sepulcral abateu-se sobre o bloco doze. Os prisioneiros que os alemães arrebanhavam cantavam o *Kde domov můj?*, o hino da Checoslováquia. O que significaria aquilo?

Quando o hino terminou fez-se uma pausa pontuada pelos gritos dos SS e dos *Kapos* e pelos latidos dos cães, mas já sem o choro das mulheres e das crianças, como se a canção nacional lhes tivesse dado coragem. Instantes depois soou um novo coro.

Kol od balevav penimah,
Nefesh Yehudi homiyah.
Ulfa'atei mizrach kadimah...

A canção dizia que, enquanto no fundo do coração se mexesse uma alma judaica, os olhares se voltariam para Sião e a esperança não estaria perdida. Era o *Hatikvah*, a *Esperança*, o hino dos judeus. Dentro do barracão os prisioneiros começaram a entoar também a canção, como se se juntassem aos que partiam, uns e outros unidos pelo mesmo destino.

Já não havia dúvidas para Levin. O que Hirsch lhe contara, mais o comportamento de Bondy, que devia saber alguma coisa, o ar taciturno de Pestek e os seus estranhos comentários, mais as pausas no aparecimento dos camiões, sugerindo que iam e voltavam, e agora o hino checoslovaco e o hino judaico eram indícios mais do que suficientes de que não havia nenhuma transferência para Heydebreck. O verdadeiro destino das cinco mil pessoas do transporte de setembro era bem mais sinistro. As chaminés.

Os camiões apareciam, enchiam-se e afastavam-se sucessivamente, para voltarem a aparecer vinte minutos depois. Os gritos e os choros não paravam, mas a multidão ia diminuindo até por fim todo aquele setor do campo BIIa se esvaziar, os SS desaparecerem com os *Kapos* e os cães e as luzes dos holofotes se apagarem.

O silêncio regressou a Birkenau. Já nada mais havia lá fora para ver ou

ouvir. Devagar, pesarosamente, os prisioneiros do bloco doze afastaram-se das frinchas das paredes e recolheram-se aos beliches.

“E agora, senhor Levin?”, sussurrou Werner, consternado. “O que nos vai acontecer?”

A pergunta do jovem ia direita ao cerne do problema. Até ali os prisioneiros do campo das famílias viviam na convicção de que, se tinham direito a atenções especiais por parte dos alemães, com regalias que não se viam em parte alguma de Birkenau, isso só podia acontecer porque eram especiais e por algum motivo seriam poupados ao destino a que os restantes judeus eram votados. Os outros morriam e eles viviam. Eram especiais.

A ilusão quebrara-se nessa noite. Afinal não havia neles nada de especial. Estavam tão sujeitos à morte como os outros que todos os dias viam encaminhados pela Hauptstrasse para os crematórios. Ninguém se livrava do destino. Ninguém. Se os deportados de setembro estavam nesse momento a ser mortos, agora que se perfaziam seis meses desde a sua chegada a Birkenau, isso queria dizer que eles também teriam o mesmo fim quando se completassem os seis meses desde a sua própria chegada àquele campo. Estavam vivos, mas tinham já lavrada a sentença de morte. Seis meses depois de ali chegarem seriam mortos. Seis meses.

Ninguém era especial.

“Chiu, dorme.”

Werner não fez mais nenhuma pergunta sobre o assunto e Levin não voltou a ter de o mandar dormir. Coisas daquelas eram demasiado terríveis para serem ditas. Sentidas, sim. Pensadas, a todo o momento. Mas jamais ditas. Sabiam a partir dessa noite que tinham encontro marcado com a morte, conheciam até a data em que isso aconteceria, sentiam um medo terrível e daí em diante pensariam nisso a toda a hora. Seria uma obsessão, uma nuvem, uma sombra.

Um silêncio absoluto abateu-se sobre o bloco doze. Dir-se-ia que os homens do barracão tinham caído no sono, mas isso não passava de uma impressão. Nem uma alma pregou olho naquelas camaratas de miséria e ninguém mais voltaria a ter um sono descansado porque sobre todos pendia a mais terrível das maldições.

XII

A cena final de *Das Bad auf der Tenne* arrancou uma chuva de aplausos entusiásticos à plateia. A fita tinha chegado ao fim e Francisco fez sinal ao prisioneiro polaco de que ligasse as luzes do cinema e desligasse o projetor, o que o homem fez de imediato. Depois de retirar o grande rolo de fita, o recluso devolveu-o à caixa da UFA, a produtora alemã de cinema, e entregou-o ao *SS-Mann*.

O português abandonou o cubículo de projeção com a caixa debaixo do braço e contemplou a sala de cinema. Os SS convergiam já para a saída e conversavam animadamente, comentando as peripécias da comédia. Identificou na multidão o oficial que procurava e desceu as escadas, misturando-se com os alemães.

“E a cena em que a mulher do presidente da câmara percebeu que o marido também tinha espreitado *Frau Antje* a tomar banho?”, perguntava um à direita, revivendo com entusiasmo o momento mais cómico da película. “*Ach*, foi o máximo!”

“Ri-me até às lágrimas”, dizia outro. “São filmes assim que nos dão ânimo na nossa missão sagrada.”

“A cores é muito melhor”, observava alguém. “Que diferença!”

“É o futuro, meu caro. É o futuro.”

Essa era de facto uma das principais novidades de *Das Bad auf der Tenne*, como Francisco sabia. Os alemães esforçavam-se por recuperar o atraso em relação aos filmes americanos e pelo menos nas cores estavam a consegui-lo. Evidentemente que se encontravam ainda muito longe de fitas como *E*

Tudo o Vento Levou, o grande êxito dos últimos anos, até porque não tinham nenhum Clark Gable. A não ser que recorressem ao doutor Mengele, claro. Não seria má ideia levarem *Herr Doktor* para o cinema, considerou o português. Seria uma maneira de o manterem, a ele e às suas temíveis *Selektionen*, longe do campo das mulheres. E de Tanusha.

Manteve os olhos no SS que procurava. A multidão movimentava-se devagar para a saída, sobretudo enquanto permanecia compacta, pelo que Francisco teve de ter paciência. Uma vez no exterior, acelerou o passo.

“*Unterscharführer* Broad?”

Ao ouvir o seu nome, o SS brasileiro voltou-se.

“Oi! Por aqui?”

“O *Oberscharführer* Knittel pôs-me na secção do cinema”, explicou. “Agora sou eu quem tem de vigiar as projeções. Que tal achou o filme?”

“Muito bom. Essa comédia era mesmo bacana.”

“Tenho aconselhado comédias ao *Oberscharführer* Knittel. É do que o pessoal mais gosta.”

Na verdade, mais de metade dos filmes produzidos na Alemanha sob os auspícios do Ministério da Propaganda eram comédias e apenas um número reduzido podia ser considerado de propaganda. *Herr* Goebbels pelos vistos achava que em tempo de guerra era melhor distrair as massas do que doutriná-las.

“Então e seu espetáculo de magia?”, perguntou Broad. “Você não tinha um projeto desses?”

“Tinha e tenho. O problema é o mágico. Está no campo das famílias e...”

O SS brasileiro fez uma careta.

“Opa! Não vai durar muito.”

“É justamente por isso que queria falar consigo”, indicou Francisco. “Ouvi dizer que o comandante de Auschwitz foi demitido e que vem aí um novo. O senhor acha que isto vai melhorar ou...”

Cruzaram uma multidão de judeus que caminhava em sentido contrário e calaram-se por momentos. A sala de cinema de Birkenau ficava ao pé de um dos crematórios e aquela gente tinha acabado de chegar e ia ser morta.

“Está vendo esse pessoal?”, murmurou Broad. “O afastamento do

Obersturmbannführer Liebehenschel do comando de Auschwitz quer dizer que a paciência de Berlim se esgotou. O Liebehenschel foi acusado de ser muito mole com os judeus e de sabotar a solução final do problema. Agora o comando do *Katzet* será dividido. O *Sturmbannführer* Richard Baer fica comandante de Auschwitz I e o *Hauptsturmführer* Josef Kramer comandante de Birkenau. Mais importante, Höss vai regressar.”

“Quem?”

“O primeiro comandante de Auschwitz. Quando o Höss estava aí, a matança de judeus era uma barbaridade. Minha nossa, você nem imagina! A Gestapo fazia o que queria e os crematórios pareciam fábricas. Foi com o Höss que se estreou o Zyklon B nos presos. Ele não vem como comandante, mas sim como chefe de uma operação especial, a *Aktion Höss*. Será na prática o manda-chuva do extermínio. Os crematórios vão ter bastante trabalho, viu?”

“Acha que ele vai liquidar o campo das famílias?”

“Lógico. Seu mágico vai fazer o maior truque da sua carreira.” Indicou o crematório ali perto. “Vai se transformar em fumo e sair pela chaminé. Com o Höss aí, vai ficar difícil p’ra todo mundo.”

“Oiça, se eu quisesse safar o meu mágico e a família dele, o que me aconselharia a fazer?”

“Rezar.”

“Preciso de algo mais prático.”

Broad tirou um maço do bolso e meteu um cigarro à boca.

“Veja se consegue transferi-los.”

“Para onde?”

Ocupado a acender o cigarro, o SS brasileiro só respondeu depois de largar a primeira baforada.

“A liquidação do campo das famílias não vai ser moleza”, considerou. “O *Lagerführer* Schwarzhuber tem um carinho especial por esse campo e a recente liquidação do transporte de setembro foi meio dura p’ra ele. Aliás, p’ra todos. Muitos SS gostavam de visitar o barracão das crianças p’ra ver os teatrinhos e as musiquinhas. Além disso, conheciam vários prisioneiros e, acredite ou não, simpatizavam com eles. O pessoal ficou bravo com o

tratamento especial dos judeus do campo das famílias. Alguns estão dizendo que da próxima vez é preciso impedir que se acabe com todo mundo. Prevejo que por isso muitos ocupantes do campo das famílias serão transferidos p'ra campos de trabalho fora de Auschwitz, de modo a terem uma oportunidade de sobreviver. De resto, alguns departamentos acham que é um desperdício exterminar mão-de-obra tão necessária ao Reich nesse momento tão delicado. Sugiro que seu mágico e a família se candidatem às transferências quando elas aparecerem. É a única maneira, entendeu?”

“Mas eu preciso dele aqui em Birkenau” insistiu o português. “Bem vê, sem mágico não há espetáculo de magia.”

Pery Broad libertou uma nova baforada acinzentada.

“Então fale com o Knittel”, sugeriu. “Ele que faça o pedido de transferência p'ra outro lado.”

O olhar de Francisco deteve-se por momentos no rosto de algumas mulheres e crianças que para lá da vedação caminhavam para o seu destino. Estavam vivas, mas era como se fossem já cadáveres. E atrás destes judeus mais judeus viriam, incluindo Levin e todos os que se encontravam no campo das famílias. Com o velho comandante de regresso a Auschwitz, o extermínio ia acelerar. O tempo esgotava-se.

XIII

Um uivo diferente soou em Birkenau.

“Larguem tudo!”, ordenou o *Kapo* Metek, alvoroçado. “Formem imediatamente! *Schnell! Schnell!* Regressar ao campo!”

Os prisioneiros do grupo C estavam a meio do trabalho do *Kommando* das pedras e era a primeira vez que a jornada terminava mais cedo. As quebras de rotina nunca auguravam coisa boa.

“O que se passa, senhor Levin?”, sussurrou Werner, assustado. “Que sirene é esta?”

“É estranho...”

Em apenas dois minutos já o grupo estava formado e em marcha. O *Kapo* seguia atrás, vigiando o *Kommando*, pois se algo corresse mal seria ele o primeiro a pagar a fatura. O SS habitualmente responsável pela unidade, o *Unterscharführer* Pestek, não aparecera nessa manhã e o grupo partira sem ele. A responsabilidade recaía inteiramente sobre o *Kapo*. O alarme soava ainda, indicando que se tratava de coisa séria, e por toda a parte se viam grupos de *Kommandos* a caminharem em formação de regresso aos respetivos campos e SS a correrem de um lado para o outro com cães. As torres de observação tinham mais homens que de costume e todos perscrutavam o complexo concentracionário e o espaço em redor.

“O que aconteceu?”, sussurrou Werner. “Serão os russos que chegam?”

A esperança misturava-se com o medo. Depois do *Appell* junto ao portão de entrada, entraram no campo. O rebuliço era generalizado. Havia *Kommandos* a chegar em vagas sucessivas e a formarem apressadamente

nas *Appellplätze* diante de cada barracão. Como sempre quando ali entrava, Levin espreitou o bloco de Gerda e viu as mulheres agrupadas, a exemplo do que sucedia por toda a parte. Guiado pelo *Kapo*, o grupo C chegou à *Appellplatz* do bloco doze e juntou-se aos prisioneiros já aí formados.

Da sua fila, Levin reconheceu dois SS. Um era o *Rapportführer* Fritz Buntrock. O que diabo estaria o *Bulldog* ali a fazer outra vez? A sua presença nunca era bom sinal. Buntrock estava acompanhado pelo *Rottenführer* Baretzki e ambos caminhavam impacientemente de um lado para o outro, trocando palavras tensas sob o olhar nervoso dos reclusos e dos *Kapos*. Quando o último *Arbeitskommando* do bloco doze apareceu, um dos *Kapos* começou a percorrer as filas de deportados para fazer a contagem. O homem levou quase uma hora a concluir a verificação. No fim apresentou-se diante dos dois SS e entregou-lhes o número. O *Rapportführer* Buntrock deu um passo em frente e encarou os prisioneiros.

“Onde está o *Blockälteste* do barracão dez?”

Os prisioneiros entreolharam-se, espantados. Todo aquele estardalhaço era porque não conseguiam encontrar o *Blockälteste* do bloco dez? A vontade de Levin e de muitos dos seus companheiros era sugerir ao *Bulldog* que fosse mas era falar com os do bloco dez. Ou então que verificasse as latrinas, pois com a disenteria endêmica em Birkenau o mais natural era que o homem ali estivesse a desfazer-se em merda.

“Olhem que por onde eu ando nem a relva cresce”, avisou o *Rapportführer* Buntrock. “Aconselho-vos por isso a cooperar. Onde está o *Blockälteste* do dez?”

Mais uma vez, ninguém respondeu. Percebendo que com perguntas gerais não iria lá, o SS dirigiu-se a um dos prisioneiros na primeira fila.

“Onde está o *Blockälteste* Lederer?”

O homem tremia.

“Eu... eu não sei, *Herr Rapportführer*. Nem o conheço. Passei o dia todo a trabalhar. O... o meu *Kapo* pode confirmar, *Herr Rapportführer*.”

O olhar do *Bulldog* desviou-se para as centenas de homens que enchiam a *Appellplatz* do bloco doze.

“Quem conhecia o *Blockälteste* Lederer?”

Fez uma pausa, mas ninguém respondeu. O *Bulldog* rosnou, irritado. Ao contrário do que todos esperavam, contudo, nada fez. Era perfeitamente verosímil que os reclusos do bloco doze não conhecessem o *Blockälteste* do dez. Girou sobre os calcanhares e encarou o *Kapo* que minutos antes terminara a contagem.

“Nova contagem.”

Quase como um autômato, o homem recomeçou a percorrer as fileiras dos reclusos alinhados na *Appellplatz*, contando e recontando os reclusos.

“... *sechsvierzig... siebenundvierzig... achtundvierzig...*”

A contagem foi feita duas, três, quatro vezes, e sempre que terminava recomeçava. Os prisioneiros sentiam-se no limite das forças. Haviam passado grande parte do dia no *Arbeitskommando* em atividades duras e viam-se obrigados a permanecer em sentido na *Appellplatz* durante horas e horas, sem descansar nem comer e beber. Aqui e ali um homem desmaiava, para ser espancado por um *Kapo* e obrigado a regressar ao lugar. Era assim diante do bloco doze e dos restantes barracões do campo das famílias. Felizmente Peter estava na *škola*.

“... *dreiundsechzig... vierundsechzig... fünfundsechzig...*”

A contagem recomeçava sempre e era difícil perceber o que pretendiam os SS. Acreditariam mesmo que, à força de tanto contar, o número de prisioneiros acabaria enfim por dar certo e o *Blockälteste* do dez se materializaria por artes mágicas? Não podiam ser tolos a esse ponto, percebeu Levin. O que se estava a passar era uma punição coletiva. O grupo pagava pelas infrações de cada um e os nazis contavam que esse princípio inibisse as fugas e encorajasse os prisioneiros a impedirem eles próprios a fuga de outros. Quando todos pagavam pela infração de um era mais natural que todos se vigiassem mutuamente.

Um zumbido distante arrancou expressões inquisitivas. As cabeças voltaram-se para todo o lado, procurando perceber do que se tratava, e alguém apontou para o céu. Um avião passava bem alto, deixando um rasto branco no seu encalço.

“É americano!”, sussurrou Werner, mal contendo o entusiasmo. “Não veem? É americano!”

Um burburinho irrequieto percorreu a multidão. Levin fixou os olhos no aparelho que voava sobre Auschwitz e pareceu-lhe de facto que tinha nas asas uma estrela ladeada por traços. Um avião americano sobrevoava o campo!

“Silêncio!”, berrou o *Rapportführer* Buntrock, colérico. “Silêncio!”

A multidão calou-se, temendo represálias, mas nos olhos dos prisioneiros havia um brilho excitado. Já não eram só os russos! Também os americanos rondavam Auschwitz! Sabiam da sua existência! Quem sabe se não viriam aí e bombardeavam o campo? Despejariam umas bombas e dariam cabo dos crematórios, das linhas de caminho de ferro e das vedações. *Kaputt* Auschwitz.

O zumbido foi-se desvanecendo até desaparecer.

A noite caíra, sentiam-se todos exaustos, e as contagens não paravam; recomeçavam sempre que terminavam, num ciclo infernal. O mágico não sabia o que pensar da fuga do *Blockälteste*. Por um lado estava contente. Pelos vistos o tal Lederer fugira e Levin desejava ardentemente que conseguisse escapar. Ninguém ignorava o que lhe aconteceria se fosse capturado. Seria torturado e enforcado diante de todos, para servir de exemplo. Ainda não tinham visto isso no campo das famílias, até porque nunca ninguém aí tentara fugir, mas sabiam o que sucedera aos fugitivos dos outros campos. Fugir requeria coragem.

Por outro lado sentia-se agastado. O *Blockälteste* fugira e quem pagava era quem ficara para trás, isto é, eles. Os alemães puniam todos os presos pelos delitos de um único. Sabia que em alguns casos noutros campos os SS haviam fuzilado todos os elementos do *Kommando* do fugitivo e, num incidente, tinham chegado mesmo a executar todos os seus companheiros de barracão. Nessas condições, como não sentir revolta pela fuga de Lederer? Ele colhia os benefícios, os restantes ficavam com o prejuízo. Incluindo Gerda e Peter. Ao salvar-se, o *Blockälteste* condenara toda a gente à punição.

“... *achtzig... einundachtzig... zweiundachtzig...*”

Não podia pensar assim, repreendeu-se. Não vira o que acontecera ao

transporte de setembro? Alguém tinha de denunciar aquilo e o *Blockälteste* Lederer assumira a responsabilidade. Não podia esquecer como fora terrível o dia a seguir à morte dos companheiros de setembro. Ver os barracões vazios, sentir a ausência dos amigos desaparecidos, observar um dos crematórios do bosque a expelir uma longa coluna de fumo negro e as cinzas a caírem por toda a parte. Ainda dois dias antes todos se haviam juntado na Lagerstrasse e nesse momento metade eram cinzas que desciam sobre os amigos.

O próprio Peter, com saudades dos colegas que tinham partido, já dizia “vamos sair todos pelas chaminés” como se fosse a coisa mais normal do mundo. O assunto do destino final de todos era evitado, mas não havia maneira de impedir que as crianças escutassem certas conversas. As atividades letivas haviam perdido fulgor. Os Levin sabiam que não lhes restava muito tempo e esforçavam-se por permanecer juntos sempre que podiam e o mais que podiam. A educação do filho deixara de ser prioritária; mais do que deixá-lo aprender, tinham de fruir da sua presença.

“... *fünfundneunzig... sechsendneunzig... siebenundneunzig...*”

Talvez o *Blockälteste* Lederer conseguisse fugir. Talvez valesse a pena pagarem essa fuga com o preço daquele *Appell* infundável. Talvez o fugitivo avisasse o mundo sobre Birkenau. Talvez os americanos, que já os sobrevoavam, e os russos, que se encontravam tão perto mas pareciam tão demorados, se apressassem.

Talvez.

XIV

Abriu a porta e entrou no barracão, ignorando o *Blockälteste* e todos os reclusos que viraram os olhares para ele. Um silêncio brusco abateu-se sobre as camaratas e até as respirações se suspenderam. Alheio ao impacto suscitado pelo seu aparecimento no bloco doze, Francisco percorreu o corredor e só se imobilizou quando chegou diante do beliche que procurava. Apontou para o prisioneiro que segurava um baralho de cartas.

“Tu, o mágico”, identificou-o. “Faz-me uns truques.”

A ordem deixou Levin embasbacado.

“Uh... agora, *Herr SS-Mann*?”

“Sim, agora”, foi a resposta seca. “Vem cá e mostra-me as tuas habilidades.”

O prisioneiro obedeceu e, no meio do silêncio geral, desceu do estrado. Uma vez diante do SS português, hesitou.

“Aqui no chão?”

“Vamos lá fora.”

Com o *SS-Mann* à frente, os dois homens percorreram o corredor em sentido inverso e encaminharam-se para a porta. Passaram diante do novo *Blockälteste*, atónito e lívido, e saíram para o exterior.

A noite já tinha caído e o frio era menos duro do que meses antes, pois a primavera chegara. A chaminé de um dos crematórios expelia uma enorme chama, com toda a probabilidade a queimar os deportados que ainda uma hora antes se haviam cruzado com os SS que saíam do cinema.

“Faça uns truques de magia para disfarçar”, ordenou o português. “Tenho

novidades.”

O mágico pôs-se a baralhar as cartas.

“O que aconteceu, *Herr SS-Mann*?”

“Não pode permanecer mais tempo neste campo”, disse-lhe. “Tenho de o transferir.”

“Mas... e a minha família?”

“O meu chefe diz que talvez possa transferir a sua mulher consigo, mas nunca o vosso filho.”

“A Gerda jamais irá concordar deixar cá o Peter. Mesmo que concordasse não concordaria eu. Ou vamos todos ou não vai ninguém. Não aceitarei a separação da família.”

A resposta estava longe de ser inesperada. Francisco desviou por momentos o olhar para a torre de observação mais próxima, não necessariamente para a ver mas para considerar as palavras certas.

“Oiça, Levin. Nem você nem eu estamos em condições de escolher soluções perfeitas. A situação é muito grave e o que aconteceu aos seus companheiros do transporte de setembro vai acontecer-vos a todos.”

“Já percebemos.”

“Então se já perceberam, também já perceberam que as coisas não se resolvem por artes mágicas, e com isto não estou a fazer nenhum trocadilho. Você não pode limitar-se a duas opções, salvarem-se todos ou nada fazerem, porque senão morrem todos.”

“Mas já viu o que me está a pedir, *Herr SS-Mann*? Que deixe aqui o meu menino à espera de morrer! Mesmo que racionalmente essa seja a solução possível, ou pelo menos a menos má, simplesmente não é aceitável. Nem eu nem a minha mulher seríamos capazes disso.”

“Eu não estou a pedir que deixe cá o seu filho.”

“Claro que está.”

“Estou é a dizer-lhe que essa conversa de que ou vão todos ou não vai ninguém irá acabar com a morte de todos. Estou a tentar explicar-lhe que a única maneira de a vossa família sobreviver é separar-se.”

O argumento deixou Levin desconcertado.

“Não estou a perceber”, disse. “Como é que o Peter, ficando sozinho e

estando este campo destinado à liquidação, sobreviverá?”

O SS levantou a mão direita e mostrou-lhe três dedos.

“Vocês têm três opções e só a primeira é que tem resultados garantidos”, indicou. Cruzou o primeiro dedo. “Se ficarem todos juntos, morrerão todos. Isso é absolutamente certo.” Cruzou o segundo. “Se aceitar transferir-se com a sua mulher, será possível encontrar um lugar para os dois aqui em Birkenau onde prepararão o espetáculo de magia. O problema é que o vosso filho não poderá ir, os SS nunca o permitirão, e ele morrerá neste campo.” O terceiro dedo. “A última hipótese é você ser transferido para preparar o espetáculo e a sua mulher ficar com o seu filho e ambos candidatarem-se a transferências para outros campos de concentração. As candidaturas para essas transferências vão aparecer em breve.”

“As transferências não passam de pretextos para enviar as pessoas para os crematórios. Não viu o que aconteceu com os do transporte de setembro?”

“Desta vez não será assim.”

“Como sabe isso?”

“Porque um oficial da minha confiança me disse. O *Lagerführer* Schwarzhuber afeiçoou-se ao vosso campo e não quer que se mate toda a gente. Outros SS que costumam visitar o campo das famílias têm a mesma posição. Antes da liquidação serão feitas verdadeiras transferências para outros campos.”

“Isso é o que você diz. Porque confiaria em si?”

Francisco e Levin trancaram o olhar, como se se medissem.

“Porque não tem mais ninguém em quem confiar”, foi a resposta seca. “Apesar de vestir a farda de SS, não sou alemão nem nazi. Você e eu partilhamos os mesmos antepassados e nunca seria capaz de lhe mentir olhos nos olhos. Além disso, sou tudo o que você tem.” Apontou para a chama que alumia a noite. “Se não confiar em mim, mais vale ir já para os crematórios.”

Estas palavras amoleceram o mágico; a sua profissão obrigava-o a ser observador e percebia que o homem diante dele, embora rude e violento, não lhe estava a mentir.

“Tem a certeza de que vai haver transferências para outros campos?”

A pergunta era muito direta e Francisco, ciente de que se fosse honesto nunca poderia dar uma garantia dessas, pestanejou.

“A única coisa de que tenho a certeza é que um oficial SS me disse isso e tenho confiança nesse oficial, pois fala a minha língua”, murmurou. “Estou convencido de que me disse a verdade e de que está bem informado, mas não posso ter a certeza absoluta. Agora decida. Ou confia ou não confia. Se confiar, você e a sua família têm uma hipótese de se salvar. Não é certo, é apenas uma hipótese, mas é uma boa hipótese. Se não confiar, ficarão todos juntos aqui e de certeza morrerão nos crematórios. A decisão é sua.”

Mais claro do que isto não era possível. Ainda a baralhar as cartas, o que fazia já mecanicamente, Levin fixou o olhar no horizonte. Um comboio estava imobilizado na nova plataforma, construída na antiga Hauptstrasse, e os SS procediam a uma *Selektion* em plena *Judenrampe*. Os seres humanos pareciam formigas, pois a cena decorria a alguma distância, mas o drama era palpável e tornara-se muito visível do campo das famílias a partir do momento em que na semana anterior aquela plataforma fora inaugurada. As chaminés dos crematórios não expeliam fumo, à exceção de uma, a daquele que estava ativo, mas a chegada do novo transporte indicava que isso iria mudar nas horas seguintes.

Apesar da crescente habituação, era impossível permanecer alheio à cena, não apenas por causa das pessoas que nesse momento a interpretavam mas porque nas costas dessa gente Levin se via a si e à sua família. O que estava a acontecer naquele instante acontecer-lhes-ia em breve. O que fazer? Confiaria ou não confiaria? Perante o dilema, tinha de se render à evidência. O português tinha razão. Se não confiasse, morreriam todos. Se confiasse, talvez se safassem. Com um jeito de mãos, abriu o baralho num leque.

“Escolha uma carta.”

“Não é o melhor momento para joguinhos...”

“Escolha uma carta, por favor”, insistiu. “Não ma mostre. Se depois de a baralhar eu acertar na carta que lhe saiu, aceito a sua proposta. Se não acertar, não aceito. Pode ser?”

O português sorriu; os ilusionistas acertavam *sempre* na carta.

“Vamos a isso.”

Pegou numa carta, viu-a e devolveu-a. O mágico meteu-a no meio das outras e começou a baralhar.

“Para onde tenciona transferir-me?”

“Não sou eu que decido isso”, esclareceu Francisco. “Nunca se esqueça de que não passo de um simples *SS-Mann* que nem alemão é. Valho zero aqui dentro. Mas muitos SS conhecem-no a si e a ideia de um espetáculo de magia em Auschwitz tem muitos adeptos. Se eu disser ao meu chefe que o espetáculo é mesmo possível e que para isso basta transferir um prisioneiro do campo das famílias e arranjar-lhe uma assistente de magia, estou convencido que ele vai mexer uns cordelinhos e transferi-lo para um sítio onde tenha boas condições.”

O ilusionista encostou-lhe o indicador ao peito, como se o avisasse.

“Não me está a enganar, pois não?”

“O que acha?”

Levin recomeçou a baralhar as cartas, atirando-as em rajada de uma mão para a outra; dir-se-ia um batoteiro profissional.

“Consegue garantir que a minha mulher e o meu filho vão nessas transferências de que me falou?”

“Não garanto coisa nenhuma”, sublinhou o português. “Mas estou convencido que vão. Quando os alemães pedirem voluntários, muitas pessoas vão achar que é um truque e haverá poucos candidatos. Isso aumenta as hipóteses de a sua família ser aceite, não lhe parece? Portanto fale com a sua mulher e diga-lhe que se candidate com o seu filho logo que as transferências sejam anunciadas. Ela que minta em relação à idade do rapaz e o faça parecer mais velho. É a única maneira.”

Os dedos do mágico imobilizaram-se de repente e, do meio do baralho, tirou uma carta que manteve tapada.

“Qual foi a carta que tirou há bocado?”

“O duque de copas.”

Levin virou a carta e viram o dez de paus.

“Oh!”

O mágico *enganara-se*.

“Bem... uh...”, atrapalhou-se Levin. “Não é possível. Tem... tem a certeza que era o duque de copas?”

O momento tornou-se embaraçoso e Francisco, com pena do seu interlocutor, esteve quase a dizer que se equivocara, mas era tarde para mentir.

“Era o duque de copas.”

Com um gesto de desânimo, o mágico guardou o baralho.

“Já viu isto? Não é possível manter-me em forma nestas condições.” Fez um gesto, como se o espaço em redor comprovasse o que dizia. “Quem consegue preservar a destreza de mãos num ambiente destes, com fome, cansado e atacado pela disenteria?” Abanou a cabeça, como se falasse para si mesmo. “Nem Houdini.”

Francisco ficou a olhá-lo, temendo perceber o que acontecera.

“Senhor Levin”, chamou. “Posso ou não contar consigo?”

O mágico imobilizou-se.

“Não viu o que aconteceu?”, perguntou sem se voltar para trás. “Qualquer um era capaz de mostrar a carta certa e eu não fui, percebe? Qualquer um! Até o senhor!”

“Tenha calma.”

Ficaram plantados um à frente do outro, as cabeças separadas por apenas dois palmos.

“Não acredita?”

“Oiça, não sou mágico e...”

“Veja o bolso do seu casaco.”

“Hã?”

“Veja o bolso do seu casaco.”

Francisco meteu a mão ao bolso e sentiu uma superfície fina. Retirou-a e viu que se tratava de uma carta. O duque de copas.

Riu-se.

“Como fez isso?”

Guardando a carta no baralho, Levin regressou ao barracão. Ao chegar junto à porta, virou-se para trás e lançou-lhe um último olhar.

“Espero que não tente enganar-me.”

Os dentes amarelados do *Oberscharführer* Knittel rangeram enquanto ele analisava os documentos. Estava embrenhado na leitura e Francisco, embora ansioso por resolver o assunto, não se atreveu a interrompê-lo.

“Ach, você conhece o Pestek?”

A pergunta foi tão inesperada que apanhou o português de surpresa.

“Perdão, *Oberscharführer*?”

“O *Unterscharführer* Viktor Pestek”, disse. “Conhece-o?”

“Ah, sim. Pestek. É um *Kommandoführer* do campo das famílias. Cruzei-me com ele algumas vezes. Não começámos bem, mas acabámos por nos entender. Um tipo simpático.”

O chefe levantou enfim os olhos dos papéis e fitou-o.

“Não sabe por onde ele anda?”

“Bem... imagino que esteja a vigiar o seu *Kommando* habitual.”

O *Oberscharführer* Knittel indicou os documentos que consultava.

“Acabei de receber isto da *Kommandantur*”, disse. “É um pedido de informações sobre Pestek. Devia ter comparecido ao serviço para vigiar o seu *Kommando* no campo das famílias e não apareceu. Nem nesse dia nem depois. Sumiu-se.”

“Estará doente, *Oberscharführer*?”

O chefe fez uma careta.

“Só se for da cabeça”, devolveu. Voltou a consultar os papéis da *Kommandantur*. “Parece que o Pestek desapareceu no mesmo dia em que fugiu um *Blockälteste* judeu, curiosamente também do campo das famílias. Um SS e um prisioneiro, ambos do mesmo campo, desaparecem no mesmo dia. O que se pode concluir disso?”

Francisco arregalou os olhos.

“Está a insinuar que fugiram juntos, *Oberscharführer*?”

Sem responder à pergunta, o responsável do *Abteilung VI* pôs de lado o documento da *Kommandantur* e, na sua melhor pose teatral, encarou o subordinado com ar de quem lhe dedicava nesse momento toda a atenção.

“Então o que o trouxe aqui?”

A mudança de tema fora brusca, como se a possibilidade de um SS ajudar um judeu a escapar fosse tabu.

“É por causa do espetáculo de magia, *Oberscharführer*”, disse o *SS-Mann*. “Precisava que transferisse o mágico. É possível?”

O alemão hesitou. Nunca fora um entusiasta da ideia, sobretudo porque não apreciava o ilusionismo, mas sabia que se tratava de um gênero popular entre os guardas e entre muitos oficiais, dado o interesse que o ocultismo suscitava no partido. Não era Himmler um apaixonado pelas ciências de fronteira? Ademais, seria uma proposta diferente na programação cultural.

“Pensei que já tivesse desistido desse projeto.”

“Estive quase”, retorquiu Francisco, económico com a verdade. “Mas o mágico é mesmo capaz de fazer um espetáculo de embasbacar.”

“E o filho?”, quis saber. “Tem noção de que não o podemos transferir?”

“Talvez fosse bom dar-lhe garantias de que a família será protegida se ele cooperar connosco. Acha isso possível, *Oberscharführer*?”

“Com certeza.”

O olhar do português iluminou-se. Fizera o pedido sem esperança de que fosse acolhido; tratara-se de uma mera tentativa.

“A sério?”, admirou-se. “Podemos mesmo proteger a mulher e o filho?”

“Claro que não”, devolveu o responsável do *Abteilung VI*. “Mas não custa nada dar-lhe a garantia.”

O semblante de Francisco fechou-se. A velha tática de ludibriar as vítimas.

“Para onde poderemos transferi-lo, *Oberscharführer*?”

“Ainda não sei”, foi a resposta. “O novo comandante acabou de chegar. Já pedi uma reunião com o *Obersturmbannführer* Höss e posso levar-lhe esse assunto.”

“Tem de ser um sítio onde o nosso homem possa comer bem”, alertou o português. “Além do mais, no novo posto terá de ter acesso a materiais de construção e tempo para preparar os seus truques.”

“E um bordel?”, ironizou o *Oberscharführer* Knittel. “Não quer também que o seu judeuzinho tenha meninas ao dispor?”

“Não peço tanto, *Oberscharführer*.”

O responsável do *Abteilung VI* tomou notas num caderninho, evidentemente como pontos para suscitar na reunião com o novo

comandante de Auschwitz.

“Em Birkenau não há lugares fáceis nem funções de lazer”, avisou enquanto escrevinhava. “Não haja expectativas irrealistas. Mas procurarei que lhe sejam dadas as condições mínimas dentro do quadro que pediu.”

“Agradeço-lhe, *Oberscharführer*.” Afinou a voz, preparando-se para o segundo assunto. “E... e a rapariga?”

“Qual rapariga?”

“O mágico precisa de uma assistente”, lembrou. “Identifiquei no campo das mulheres uma rapariga com o perfil certo. Creio que já lhe falei nela.”

“Ah, sim. A russa.”

“Acha possível transferi-la para o mesmo sítio?”

“A assistente é mesmo necessária?”

“Absolutamente essencial”, argumentou Francisco. “Repare que não estou a pedir nada de muito complicado. Apenas a transferência de dois prisioneiros, um dos quais nem sequer é judeu, para um lugar com melhores condições para preparar o espetáculo.”

O argumento parecia razoável.

“Quem é ela?”

“Tanya Tsukanova.”

O chefe soltou um estalido com a língua, contrariado.

“O número, *SS-Mann*”, repreendeu-o. “*Teufel!* Ao fim deste tempo todo ainda não percebeu que a identificação dos prisioneiros se faz pelo número e não pelo nome?”

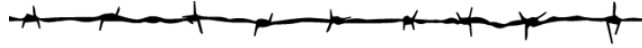
O subordinado tirou um papel do bolso.

“As minhas desculpas, *Oberscharführer*.” Consultou o papel. “É o 73644.”

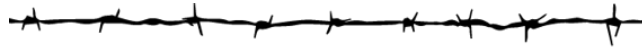
O responsável do *Abteilung VI* tomou nota e, com um suspiro a dar a conversa por concluída, guardou a caneta no bolso do casaco.

“Em breve lhe darei notícias.”

PARTE DOIS



A MAGIA DA MORTE



*Em verdade vos digo,
amor é morte,
e morte é vida que virá*

ALEISTER CROWLEY, *The Book of Lies*

I

Foi quando os prisioneiros saíam do bloco doze que Levin se apercebeu da presença do SS de farda branca. O rosto pareceu-lhe vagamente familiar. Tratava-se de um homem de estatura média, possante, loiro, a cara quadrada e os olhos azuis. Havia algo de estranho no olhar dele e o mágico depressa constatou que se tratava do olho direito; era de vidro. No uniforme trazia galões de *Hauptscharführer* e comportava-se como se todos, incluindo os restantes SS, lhe devessem obediência.

“Quem é o A mil seiscentos e setenta e seis?”

Fez-se silêncio entre os prisioneiros. Levin, que se habituara a memorizar o seu número como o A um seis sete seis, levou instantes a perceber que o SS se referia a ele. Deu um passo em frente.

“Presente.”

Ato contínuo, o *Hauptscharführer* desferiu-lhe uma bofetada tão forte que quase o atirou ao chão.

“Quando chamo um judeu, estou à espera que me responda imediatamente. Percebeste, *Drekjude*?”

Recompondo-se da estalada, o prisioneiro voltou a pôr-se em sentido.

“*Jawohl, Herr Hauptscharführer.*”

Depois de uma miradela ao recluso, o SS fez-lhe sinal de que o seguisse. Com o coração a ribombar no peito, Levin lançou um olhar assustado aos companheiros na *Appellplatz* e, perante a evidência de que ninguém o podia ajudar, acompanhou o desconhecido. Transpirava, não de calor, mas de medo e ansiedade. Onde diabo já vira aquela cara? E, o mais importante, o

que iria o SS fazer dele?

Como se não devesse explicações a ninguém, o alemão meteu pela Lagerstrasse até ao portão, mostrou uns papéis à sentinela e trocou com ela umas palavras em voz baixa. O prisioneiro ouviu apenas partes de frases. A sentinela dirigiu-se-lhe como “*Hauptscharführer* Moll” e este mencionou a expressão “transferência”. Atravessaram o portão já com o mágico à beira do pânico. Transferência? Para onde? Não era essa palavra sinónimo de morte? O seu pensamento foi de imediato para a família. Nem sequer se despedira da mulher e do filho.

Uma vez no exterior do campo das famílias não tiveram de caminhar muito. O SS conduziu-o ao perímetro vizinho, o campo de quarentena de onde os deportados do transporte de setembro tinham sido enviados para os crematórios. Os receios de Levin tornaram-se certeza. Ia ser liquidado. O *Hauptscharführer* Moll voltou a mostrar os documentos à sentinela e levou o prisioneiro para um barracão de madeira igual aos do campo das famílias.

O barracão albergava uns duzentos homens. Uma vez que não tinham a magreza esquelética característica de quem vivia em Birkenau, Levin presumiu que seriam recém-chegados. Cruzavam-se vários idiomas, sobretudo francês e duas línguas que percebeu serem grego e húngaro, um sinal de que se misturavam deportados de comboios diferentes. Ao ver o oficial de farda branca, o SS que vigiava aqueles prisioneiros bateu com os tacões das botas.

“*Achtung!*”, gritou. “Atenção! Formem imediatamente para a chamada!”

Os prisioneiros calaram-se e, como crianças obedientes, alinharam-se em filas. O *Hauptscharführer* Moll passou os olhos pelos homens.

“Precisamos de trabalhadores para uma fábrica de borracha”, anunciou em alemão. “Desfilem um a um à minha frente, para ver se estão em condições de fazer o trabalho.”

Ou seja, percebeu Levin, ia começar uma *Selektion*. Logo que o oficial se calou ouviu-se um burburinho entre os judeus; os que entendiam alemão ou ídiche traduziam para os companheiros.

“Vamos lá, todos a mexer!”, ordenou o guarda SS. “*Los! Los!*”

Os homens começaram a passar diante do *Hauptscharführer* Moll, que se limitava a dizer “*rechts*” ou “*links*”, “direita” ou “esquerda”. À medida que os prisioneiros se juntavam num ou noutro lado foi-se tornando claro que os da direita eram os mais encorpados e os da esquerda os franzinos. Quando a *Selektion* ficou concluída, o oficial dirigiu-se aos do lado direito.

“Qual é a tua profissão?”

“Sou dentista.”

“*Gut, gut!* Precisamos de dentistas.” Virou-se para o seguinte. “E tu?”

“Sou barbeiro.”

“*Ach, excelente! Wunderbar!* Os barbeiros são fundamentais.” Interrogou o que estava a seguir. “E tu?”

Enquanto o interrogatório prosseguia, o ambiente entre os deportados tornava-se mais descontraído e as conversas foram sendo retomadas, embora sempre num tom contido. Pelos vistos iam trabalhar nos seus ofícios tradicionais e isso animava-os. Tendo percebido que Levin também era judeu, um dos prisioneiros aproximou-se dele.

“*Shalom!*”, saudou o desconhecido. “*Parlez-vous français?*”

“*Un petit peu*”, respondeu o mágico com um toque de modéstia perante a pergunta sobre se falava francês. “Um pouco.”

“Sabe para onde foram as nossas famílias?”

A pergunta atrapalhou Levin.

“Uh... quando foi a última vez que as viram?”

“Ontem à noite. Viemos no comboio de Drancy e na plataforma dividiram-nos. Mandaram-nos a nós para a direita e as nossas famílias para a esquerda. Saberá por acaso onde elas estão?”

Não era difícil perceber que essas famílias já não existiam. Mas como dizer-lhe uma coisa dessas?

“Pois... uh... enfim, não sei.”

A resposta não deixou o desconhecido satisfeito.

“Que sítio é este?”

Outra pergunta difícil.

“É um campo de trabalho, mas... enfim, acontecem aqui outras coisas.”

“Que coisas?”

“Matam gente.”

O homem esboçou um esgar de estranheza.

“Matam? Matam como?”

“Não sei exatamente, correm muitos boatos. Apenas sei que há aqui grandes matanças. Muitas das pessoas do meu campo, por exemplo, foram transferidas há algumas semanas. Dizem que foram enviadas para um crematório. Não temos a certeza de nada, claro, mas nunca mais ninguém foi visto nem houve notícias delas. E todos os dias vemos os comboios pararem na nova plataforma, à frente do nosso campo, e as pessoas serem selecionadas. Umas entram no campo para trabalhar, a maioria vai para o crematório.”

“Crematório?”

“Não viu ontem uma chama a arder sobre uma chaminé?”

“É um crematório?”

“São corpos a serem queimados. Matam as pessoas e transformam-nas em fumo. É o que dizem.”

O homem olhou-o com incredulidade, quase com ressentimento por sentir que estava a ser alvo de uma piada de mau gosto, e sem dizer mais nada, quase despeitado, virou-lhe as costas e afastou-se.

Quando o número de homens enviados para a esquerda atingiu a centena, o *Hauptscharführer* Moll deu a *Selektion* por terminada. O SS fez sinal aos prisioneiros que escolhera e, com Levin e dois *SS-Männer*, saiu do barracão em direção à saída do campo de quarentena. Como integrava o grupo dos mais fortes, o mágico ganhou confiança e acreditou que afinal iria para a fábrica de borracha.

Entraram na Hauptstrasse, mas à medida que avançavam Levin foi-se convencendo de que o oficial alemão se enganara. A fábrica de borracha era em Auschwitz III, o campo da empresa alemã IG Farben, para os lados da cidade. O problema é que percorriam nesse momento a Hauptstrasse, já transformada em via-férrea graças aos trabalhos de extensão, no sentido contrário ao da fábrica. Pior, esse sentido levava-os para a *Sperrgebiet*, a zona interdita onde estavam os dois crematórios junto à nova *Judenrampe*.

O que significaria aquilo?

Afastou a ideia de que o SS se enganara. O alemão sabia com certeza o que fazia e não cometeria um erro tão elementar. Se os levava para ali era porque queria mesmo levá-los. Talvez os conduzisse a um caminhão, uma vez que Auschwitz III ainda ficava a uma distância considerável de Birkenau. Gostaria mais de ir a pé, toda a gente em Birkenau sabia que os caminhões tendiam a levar as pessoas para os crematórios; ainda ouvia Bondy gritar naquela noite terrível para os de setembro não entrarem nos caminhões. Considerando a distância que separava Birkenau de Auschwitz III, contudo, era natural que o *Hauptscharführer* Moll preferisse despachá-los de caminhão.

Confortou-se com a ideia sem nunca deixar de se sentir inquieto por caminharem em direção aos dois crematórios. Com o campo de quarentena já para trás e o colossal campo das mulheres sempre do outro lado da via-férrea, passaram pelo campo das famílias e pelo campo de trânsito. Já circulavam ao lado da nova *Judenrampe*, onde então se faziam as *Selektionen*. Estavam a dois passos da zona interdita e continuavam a seguir para lá.

A sensação de que conhecia o *Hauptscharführer* Moll de algum lado não o largava desde que ele o fora buscar duas horas antes; faltava apenas inseri-lo num contexto para o identificar. Foi nesse instante, quando percorriam a Hauptstrasse e se aproximavam perigosamente da *Sperrgebiet*, que de repente se lembrou onde vira o SS da farda branca.

O coração deu-lhe um salto.

Fora ali! Ali mesmo, na própria Hauptstrasse, uma semana antes. Observara aquele SS, aquele mesmo SS de farda branca que os conduzia rumo à zona interdita, a acompanhar os deportados que iam para os crematórios! O *Hauptscharführer* Moll levava gente para os crematórios! Era esse o seu trabalho! E nesse preciso momento levava-o a ele! A ele, Levin! O ilusionista caminhava pela Hauptstrasse como tantas vezes vira outros judeus caminharem para os crematórios, todos a marcharem para a morte sem saber que davam os últimos passos nesta vida. Observara os outros e nesse momento era ele que seguia pelo mesmo caminho. Ele.

Concluiu que a sua vida se abeirava do fim. Sentiu as pernas fracas e

quase desfaleceu. O SS acompanhava-o como acompanhara tantos judeus pela Hauptstrasse, às vezes até à conversa e a dar-lhes palmadas amigáveis nas costas, sem que as vítimas percebessem que o lobo as conduzia para o matadouro. Isso significava que não teria mais de alguns minutos para viver. Quis fugir, quis gritar, quis revoltar-se. Mas nada fez a não ser caminhar no meio do grupo, atrás do alemão, tenso, inexoravelmente rumo ao seu destino.

Os olhos de Levin estavam nesta altura fixados com absoluto pavor nas paredes vermelhas de tijolo dos crematórios, cada vez mais próximos, tão próximos que àquele ritmo não demorariam mais de um minuto a chegar lá. Caminhavam mesmo para a zona interdita, iam para os crematórios e esse seria o seu fim; acabariam todos por sair pelas chaminés, o terrível momento que durante todo esse tempo soubera que um dia chegaria enfim chegara mesmo e ele nem tivera tempo de se despedir da mulher e do filho.

De repente, com os temíveis edifícios poucas dezenas de metros à frente, à beira da *Sperrgebiet*, o *Hauptscharführer* Moll virou à direita e conduziu-os para o penúltimo portão, o que dava acesso ao campo dos homens. O oficial entregou à sentinela os documentos relativos à transferência dos prisioneiros a seu cargo e, miraculosamente, o portão abriu-se. Afinal não iam para os crematórios. O mágico exalou um suspiro de alívio, como se no último instante tivesse sido resgatado da morte. A chaminé esperava-o, representava o seu fim inelutável, mas não seria ainda nesse dia. Não ainda.

Depois de passarem pelo bloco das SS, os prisioneiros viram à direita uma vasta bacia de água e uma força erguida a um canto. Nada daquilo existia no campo das famílias e Levin sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Tinha chegado a um lugar diferente. Um lugar pior.

No resto, o campo dos homens era semelhante ao das famílias. Também havia duas linhas de barracões, separadas por uma *Lagerstrasse* que os recém-chegados percorreram num silêncio sóbrio, pois a visão da força deixara-os de sobreaviso. A meio do campo depararam-se com dois barracões isolados dos restantes por um muro de tijolos e arame farpado. Foi para um deles, assinalado com o número treze e guardado por uma

sentinela, que o *Hauptscharführer* Moll os conduziu.

Entraram no perímetro vedado. Uma vez todos no pátio do barracão, e perante o olhar atento da sentinela, o SS encarou-os.

“Estão doravante proibidos de contactar quem quer que seja fora do vosso *Kommando*”, anunciou o oficial. “Quem o fizer será executado.”

Sem pronunciar mais nenhuma palavra, o *Hauptscharführer* Moll saiu do perímetro do bloco treze e a sentinela trancou a porta. Por um momento os prisioneiros não souberam o que fazer. Limitaram-se a olhar uns para os outros como crianças perdidas. Uma vez que era o único daquele grupo que conhecia Birkenau, Levin entrou no barracão e os restantes seguiram-no. Um homem bem constituído acolheu-os no interior.

“Sou o *Oberkapo* Yaakov Kaminsky”, identificou-se o homem, falando ídiche com um sotaque peculiar, dir-se-ia báltico. “Bem-vindos ao meu *Arbeitskommando*.” Fez um gesto a indicar as camaratas do lado esquerdo. “Doravante estes são os vossos aposentos. Escolham os beliches que mais vos convierem, desde que não estejam ocupados.”

Os que percebiam ídiche traduziram para os outros em húngaro, francês, grego ou ladino, uma vez que os judeus gregos daquele grupo vinham de Salónica, o que significava que eram sefarditas e alguns pelos vistos nem grego falavam. Os homens pareceram ficar animados e instalaram-se, juntando-se por grupos de línguas. Depois de escolherem os seus beliches, um punhado de recém-chegados voltou para junto do *Oberkapo* Kaminsky.

“A fábrica de borracha?”, questionou um deles. “Onde está?”

“Qual fábrica de borracha?”

“O SS disse-nos que íamos trabalhar numa fábrica de borracha.”

O *Oberkapo* calou-se por um instante, olhando-os fixamente.

“Vocês sabem quem era esse SS?”, perguntou. “É o *Hauptscharführer* Otto Moll. Há quem lhe chame *Ciclope*, por causa do olho de vidro, mas quase todos aqui o conhecem como o *Malakh HaMaves*.”

A expressão arrancou um esgar assustado a vários homens. Nenhum judeu ignorava quem era *Malakh HaMaves*. O anjo da morte. A designação era autoexplicativa. Talvez por superstição, ninguém se atreveu a perguntar o que fizera o alemão para merecer tal alcunha.

“Não percebo”, acabou um dos recém-chegados por dizer. “Se não estamos aqui para trabalhar numa fábrica de borracha, estamos aqui para trabalhar no quê?”

Os olhares fixaram-se no *Oberkapo* Kaminsky, que parecia não saber o que dizer. Mas logo teve uma ideia.

“Têm fome?”

“Fome?”, questionou um deles. “Claro que temos fome. Quem não tem fome?”

“Desde que nos enfiaram naquele maldito comboio mal comemos”, queixou-se outro. “Há cinco dias que não meto nada na barriga a não ser uma sopa de merda. Que saudades do *goulash* da minha mãe!”

As respostas e reações eram eloquentes. Muitos deles, em particular os húngaros, ainda na semana anterior estavam tranquilamente nas suas casas quando se viram arrebanhados à pressa e deportados sem tempo sequer para prepararem merendas para a viagem.

O *Oberkapo* Kaminsky afastou-se do grupo e desapareceu algures no barracão. Momentos volvidos surgiu com uma caixa de madeira carregada de alimentos; viam-se pães, compota, latas de conserva e até queijo. De olhos arregalados e literalmente a salivar, os prisioneiros quase caíram em cima dele.

“Calma! Calma!”, pediu o *Oberkapo*. “Chega para todos, calma!”

Foi ignorado e em alguns segundos a turba esfaimada esvaziou-lhe a caixa no meio de um verdadeiro tumulto. Muitos ficaram sem nada e pareciam crianças selvagens; uns queixavam-se e outros guerreavam pela comida nas mãos dos companheiros. Os homens estavam à beira de um confronto generalizado no qual Levin não se atreveu a meter-se; era de longe o mais franzino, não só por não ser naturalmente encorpado como por ter emagrecido muito nos últimos meses, pelo que não conseguira nenhum pedaço de comida.

A voz do *Oberkapo* Kaminsky sobrepôs-se à algazarra.

“Está aqui mais.”

Carregava uma nova caixa de madeira, também cheia de pão, compota, mel e até pedaços de carne seca. A reação já não foi tão caótica como

momentos antes, pois tornara-se evidente que de facto havia comida para todos.

O último foi o mais magro, como era inevitável. Mais ainda do que os companheiros, uma vez que conhecia bem Birkenau, Levin sentia-se estupefacto com a abundância que o *Oberkapo* ostentava como se fosse normal. Desde que chegara ao campo de concentração que a fome se tornara uma constante, uma obsessão de que tentava escapar mas que nunca o largava; dir-se-ia uma doença. Nos últimos meses apenas vira sopa aguada, café *Ersatz*, chá, pedaços de gordura e um pão horrível. Pois ali havia pão de qualidade, peixe em conserva, carne seca e doces. Um luxo assombroso. Nunca imaginara uma coisa assim naquele lugar.

“Isto é incrível”, disse, trincando um pedaço de pão. Olhou em redor, pasmado. “Que sítio é este?”

O interlocutor olhou-o fixamente.

“É você o A mil seiscentos e setenta e seis?”

“Sou. Porquê?”

“O *Malakh HaMaves* falou-me de si”, explicou-lhe o *Oberkapo*. “Ficará adstrito ao meu *Arbeitskommando* para que possa desenvolver as suas atividades logo que haja uma pausa no trabalho.”

“Que atividades?”

O *Oberkapo* Kaminsky encolheu os ombros.

“Sei lá. O *Malakh HaMaves* disse-me apenas que tinha recebido uma ordem superior e que a sua transferência era especial.” Fez um gesto a indicar-lhe o corpo. “Olhando para si, tão lingrinhas, percebe-se que de facto não está talhado para este *Kommando*. O que o torna tão especial?”

Não era difícil deduzir que a transferência tinha o dedo de Francisco. O SS português devia ter movido influências para o colocarem num local com melhores condições.

“Chamo-me Herbert Levin e sou ilusionista”, apresentou-se. “No mundo do espetáculo conhecem-me profissionalmente como Grande Nivelli. Os SS aperceberam-se da minha presença em Birkenau e querem que lhes apresente um espetáculo de ilusionismo.”

“O senhor é um... ilusionista?”, estranhou o interlocutor. “O que é isso? Tem ilusões?”

Sabendo que a designação não era conhecida das pessoas menos instruídas, recorreu à expressão mais popular.

“Sou mágico.”

Kaminsky olhava-o com incredulidade.

“Um mágico? Faz bruxedos e maldições e... e essas coisas?”

“Não sou um golem, meu caro, apenas um mágico”, retificou. Percebeu que teria de lhe fazer uma demonstração dos seus talentos. “Não tenho poderes especiais, a não ser a capacidade de criar a ilusão de que os tenho.” Deu-lhe com a mão um toque no peito, como se reforçasse as suas palavras. “Daí que seja um ilusionista, está a perceber? Faço ilusões.”

“Não estou a entender...”

“Por exemplo, onde está a sua colher?”

Com um gesto automático, o *Oberkapo* deitou a mão ao casaco. Vasculhou no bolso com os dedos e os olhos incendiaram-se-lhe.

“Ó diacho! A minha colher?!”

O ilusionista fez um gesto com a mão e a colher materializou-se entre os seus dedos.

“Procura isto?”

O interlocutor bufou de alívio.

“Ufa! Estava a ver que a tinha perdido!” Olhou-o com uma expressão intrigada. “Como diabo fez isso?”

Levin abriu as mãos e sorriu.

“É magia.”

O olhar do *Oberkapo* Kaminsky iluminou-se.

“Meu Deus! Você é o mágico de quem me falaram!”

“Já vi que a minha reputação me precede.”

“Era capaz de... de lançar um raio e matar o *Malakh HaMaves*, por exemplo?”

Ora ali estava um raciocínio comum quando o ilusionista fazia um número.

“Não faço magia propriamente dita”, esclareceu. “Chamamos-lhe magia,

mas é apenas ilusão. A expressão correta é *ilusionismo*. Faço com a mão um movimento em que as pessoas não reparam e que parece magia, embora não passe de um truque.”

“Mas a colher estava no meu bolso e apareceu por artes mágicas na sua mão!”, contra-argumentou o interlocutor, ainda agarrado à colher. “Eu vi!”

Levin pegou na colher e meteu-a de novo no bolso do casaco do *Oberkapo*.

“Um simples truque”, insistiu. “Enquanto eu falava para desviar as atenções, dei-lhe um toque sobre o peito, para você sentir a minha presença e assim neutralizar a sensação de que lhe tocava. Depois meti sub-repticiamente os dedos no bolso e... tumba!, saquei-lhe a colher.” Exemplificou, repetindo a astúcia. “Assim, está a ver?” Voltou a exhibir a colher. “Olhe para isto, você nem reparou.”

Kaminsky estava boquiaberto.

“Caramba! Consigo por perto tenho de andar agarrado à carteira. Parece um político!”

Riram-se os dois.

“Foi por isso que os SS me transferiram para aqui, está a perceber? Querem que lhes faça um espetáculo.”

“Consegue fazer outras magias?”

A pergunta era na verdade quase um pedido. Levin retirou do bolso o baralho que aí trazia sempre.

“Claro”, acedeu, exibindo as cartas. “Escolha uma, mas não me mostre.”

O *Oberkapo* selecionou uma carta e o ilusionista fez-lhe um número simples, mas de belo efeito, sobretudo para quem evidentemente não estava familiarizado com aquele tipo de artes.

“Isso é espantoso!”, exclamou Kaminsky, ainda maravilhado com a capacidade do recém-chegado de executar proezas impossíveis. “Você faz coisas... sei lá, do outro mundo!”

Levin guardou o baralho e voltou a trincar o pão.

“É tudo truque”, repetiu. “A magia é a ilusão de que alguém é capaz de violar as leis da natureza. Temos a sensação de magia quando uma sequência causal extraordinária, como o teletransporte da colher do seu

bolso para a minha mão, esconde uma sequência causal ordinária, como eu meter sub-repticiamente os meus dedos no seu bolso para subtrair a colher.”

“Que mais truques consegue fazer?”

O ilusionista parou por momentos de mastigar e olhou-o de esguelha.

“Não está à espera de um espetáculo inteiro, pois não?”

“Claro que não”, apressou-se o interlocutor a responder, embora esse fosse evidentemente o seu desejo. “Queria só perceber os seus poderes.”

“Não são poderes, são ilusões”, voltou a enfatizar Levin. “Todos os truques de ilusionismo andam à volta de um conjunto restrito de efeitos. Faço aparições e desapareições, isto é, do nada aparece uma coisa, seja uma moeda, seja um coelho ou uma pessoa, ou então desaparece uma coisa. O resto são variações desta técnica, como é o caso das transposições, das transformações e das restaurações. Também posso executar feitos físicos ou psíquicos extraordinários, como engolir lâminas ou adivinhar uma coisa que só você sabe. Tenho ainda a capacidade de executar um ato de levitação, ou seja, criar a impressão de que ponho uma coisa ou uma pessoa a pairar, como se violasse a lei da gravidade.”

“Consegue mesmo fazer isso?”

“É um dos meus truques mais famosos”, confirmou o ilusionista com orgulho. “A levitação da princesa Karnac atraiu multidões ao meu teatro em Praga.” Baixou a voz, como se partilhasse uma confidência. “Roubei esse número a um mágico americano, que o comprou a outro americano, que o roubou a um grande mágico inglês. Como vê, acabamos sempre por roubar alguma coisa que nunca devolvemos.”

“Eu não digo que parece um político?”

O ambiente no barracão era buliçoso, com todos os prisioneiros a comerem. Os ânimos pareciam reanimar-se e até se escutavam gargalhadas; não havia como encher a barriga para que a boa disposição voltasse.

“Isto é sempre assim?”

“Assim como?”

Levin fez um gesto para a caixa vazia.

“Esta comida toda.”

“Ah, pois”, percebeu Kaminsky. “Sim, nunca nos falta nada. No meu

Arbeitskommando não se passa fome, isso é certo.”

“Que maravilha!”, exclamou o ilusionista, impressionado. “Como se explica tal magia?”

Sorriu com o trocadilho, mas o interlocutor não lhe devolveu o sorriso.

“Os transportes”, disse. “As pessoas chegam cá e a grande maioria vai para os crematórios. Esta é a comida que deixam nas roupas e nos sacos.”

O sorriso de Levin desfez-se.

“Esta comida é... é dos mortos?”

O *Oberkapo* pegou numa lata de conserva e num pedaço de carne seca, como se exibisse provas.

“O atum em conserva veio num transporte de Salónica e a carne chegou num comboio de Trieste. As pessoas que trouxeram estes alimentos já saíram pelas chaminés. A comida ficou para nós.”

O ilusionista teve de se conter para não cuspir o pedaço de pão que trancara; ele, mais do que qualquer outra pessoa, tinha obrigação de saber que a bela magia esconde sempre um truque vulgar.

“No nosso *Arbeitskommando* nunca falta comida”, disse o *Oberkapo* Kaminsky. “Tomamos banho de água quente, temos cama com colchão, lençóis e cobertores limpos, roupa abundante e sempre lavada, bons sapatos e muitas horas de descanso. Até há livros para ler e jornais atuais, o que significa que as notícias da guerra nos chegam ainda frescas. Por comparação com os restantes prisioneiros, somos saudáveis como touros e vivemos com grande conforto. Até o barracão é aquecido.”

Aquilo era bom de mais. Levin repetiu mentalmente que toda a magia bela escondia um truque vulgar.

“Qual é o preço de tudo isso?”

O olhar do *Oberkapo* empalideceu.

“De três em três meses somos selecionados e transferidos.”

O ilusionista reagiu como se tivesse levado um soco no estômago. Uma terrível suspeita assomou-lhe à mente.

“Como... como se chama o nosso *Kommando*?”

Kaminsky hesitou um instante. Ao contrário dos restantes recém-chegados, o prisioneiro diante dele tinha experiência de Birkenau e

compreendia o essencial das rotinas do campo, embora decerto sem profundidade e na ignorância dos pormenores. Não podia por isso deixar de perceber o significado da revelação do nome da unidade de trabalho para onde acabara de ser transferido.

“Sonderkommando.”

II

“*Sonderkommando?!?*”

Os olhos de Francisco arregalaram-se no momento em que viu a palavra escrita na guia de transferência. Não quis acreditar e perscrutou o documento de uma ponta à outra, até no verso, em busca de algo que lhe mostrasse que vira mal, que se enganara, que havia um equívoco. Mas a palavra permanecia lá, preto no branco, fria, brutal e incontornável.

O *Oberscharführer* Knittel fitou-o com um certo enfado.

“Qual é agora o problema?”

O SS português sabia que tinha de ser cauteloso na argumentação.

“Este espetáculo de magia vai dar ânimo aos nossos camaradas para que prossigam a sua missão sagrada de eliminar as raças inferiores para salvar a humanidade. Eles precisam de coisas que os distraiam, que os façam rir, pois o trabalho é, como o *Oberscharführer* sabe, penoso.”

“E então?”, impacientou-se o responsável do *Abteilung VI*. “Qual é o problema de o seu mágico ir para o *Sonderkommando?*”

“O que se passa, *Oberscharführer*, é que ele precisa de condições para conceber e preparar o espetáculo. Não me parece que as tenha no *Sonderkommando.*”

O chefe do departamento cultural fez um gesto irritado.

“Claro que tem”, retorquiu. “Você disse-me que ele precisava de um lugar onde comesse bem e tivesse conforto. Aqui no *Katzet* essas duas condições só existem nas SS e no *Sonderkommando*. Como presumo que não estivesse à espera que o seu judeu fosse para as SS, só restava o *Sonderkommando.*”

“É indiscutível, *Oberscharführer*, mas não bastam essas condições. Ele também precisa de tempo para preparar o espetáculo. No *Sonderkommando* estará sempre muito ocupado.”

“Disparate! O *Sonderkommando* trabalha em dois turnos. O mágico pode usar o turno em que está livre para fazer os seus preparativos. Tanto quanto sei, no período de descanso ninguém incomoda o *Sonderkommando*. Eles até têm tempo para ler e jogar futebol...”

Tudo isto era novidade para Francisco, que em bom rigor desconhecia quase tudo sobre o *Sonderkommando*, exceto o essencial.

“Pois... sem dúvida, *Oberscharführer*. Mas permita-me recordar que o mágico precisa de um local para preparar os seus adereços, montar e pregar estruturas, construir peças... essas coisas.”

O alemão sorriu, muito satisfeito consigo próprio.

“No *Krema* número dois existe uma carpintaria. Pode trabalhar lá. Como vê, o *Sonderkommando* é a unidade com as melhores condições para o seu judeu fazer o que precisa. O que mais quer afinal?”

Francisco nem soube o que dizer. Cada problema que suscitava encontrava uma resposta pertinente. O que poderia invocar para tentar meter Levin num posto diferente?

“O problema, *Oberscharführer*, é que, tanto quanto sei, os homens do *Sonderkommando* são eliminados de três em três meses.”

“Isso é um problema?”

“Bem... se o mágico for morto, não haverá magia.”

“Não me diga que o seu judeu vai levar mais de três meses a preparar o espetaculzinho...”

“Há muito trabalho de carpintaria para executar e ele não dispõe propriamente do dia todo livre”, sublinhou, sentindo que a sua linha de argumentação por aqui era mais sólida. “Não se esqueça de que o mágico desempenhará funções de *Sonderkommando* e, ao que sei, elas são bem pesadas, física e psicologicamente. Ficando no *Sonderkommando*, o trabalho de carpintaria será obrigatoriamente lento. Nessas condições não vejo como o homem consiga completar tudo em menos de três meses. O que significa que acabará por ser morto antes do espetáculo.”

O *Oberscharführer* Knittel fez um esgar de indiferença.

“Esse problema não existe.”

“Com certeza o *Oberscharführer* tem toda a razão, mas se o mágico for executado ao fim de três meses como vamos fazer o espetáculo?”

“Não sabe que vem aí muita matéria-prima para o *Sonderkommando*?”

“Matéria-prima, *Oberscharführer*?”

“Sim, matéria-prima da Hungria. Como decerto não desconhece, ao verem os vermelhos ganharem-nos terreno, os húngaros, quais cães traiçoeiros, roeram a corda e tentaram chegar a um acordo com o inimigo. Foi por isso que tivemos de intervir militarmente na Hungria. O Eichmann foi para lá e os húngaros aceitaram entregar-nos todos os seus judeus. Começaram já a chegar-nos transportes de Budapeste carregados de matéria-prima para os crematórios. O *Obersturmbannführer* Höss informou-me de que toda a população judaica da Hungria virá para Birkenau e será encaminhada, na sua maioria, para tratamento especial. São mais de setecentas mil pessoas. Sabe o que isso significa, presumo eu.”

“Que essa gente será morta.”

O responsável do *Abteilung VI* fez um estalido agastado com a língua.

“Claro que vai ser morta, isso é óbvio. O que quero dizer é que os homens do *Sonderkommando* não correm o risco de ser liquidados de imediato, está a perceber? Bem pelo contrário, e considerando o trabalho que aí vem, o contingente será até aumentado para que haja capacidade de processar todos esses transportes. Parece aliás que o novo chefe dos crematórios, o *Hauptscharführer* Otto Moll, que substituiu o bêbado do Voss, anda neste momento muito ativo a selecionar deportados para o *Sonderkommando*. Portanto o seu judeu será liquidado, sim, mas não necessariamente ao fim de três meses.”

O *Sonderkommando* estava longe de ser a unidade de trabalho onde Francisco gostaria de ver Levin, mas perante o que o superior hierárquico lhe dizia não tinha muito por onde ripostar. O problema é que, presente na sua mente, estava o destino de Tanusha. A ideia sempre fora colocá-la junto do mágico num qualquer setor tranquilo de Birkenau e, com o pretexto de estarem a preparar o tal espetáculo, fazê-los passar ali a guerra na esperança

de que os Aliados entretanto chegassem. Não tinham as notícias da véspera revelado que os americanos haviam tomado Roma? Com a transferência de Levin para o *Sonderkommando*, porém, tudo se complicava.

“Sem dúvida que o *Oberscharführer* está a ver muito bem e que o seu raciocínio é brilhante”, disse Francisco, tentando amaciar o ego do chefe. “O problema é que, no meio de tudo isto, não foi resolvida a questão da assistente.”

O alemão fez uma careta relutante.

“Não me agrada nada juntar dois prisioneiros de sexos diferentes”, confessou. “Pôr um homem a trabalhar com uma mulher aqui no *Katzet* nunca dá bom resultado, até porque Birkenau não é propriamente um bordel. Esse mágico precisa mesmo de assistente?”

Pelos vistos o chefe do *Abteilung VI* ainda não ficara convencido quanto a Tanusha.

“É absolutamente imprescindível”, sublinhou o SS português. “Se está preocupado com a possibilidade de algo acontecer entre os dois, eu fico de olho em ambos. A questão é estritamente técnica. Sem assistente, não há espetáculo. Como lhe disse, encontrei no campo das mulheres a pessoa perfeita para essa função. É importante que ela esteja com o mágico a preparar os números. Só que a ida dele para o *Sonderkommando* é um problema porque, que eu saiba, as mulheres não são autorizadas nessa unidade.”

“É um facto.”

“Então como vamos fazer isto?”

O *Oberscharführer* Knittel ficou pensativo.

“Se calhar o melhor seria deixá-la onde está e no dia do espetáculo levá-la para o teatro.”

“Não pode ser, *Oberscharführer*. Quando subir ao palco a assistente terá de estar perfeitamente articulada com o mágico. O ilusionismo é uma arte de precisão e a menor falha destrói um número. Eles precisam de trabalhar juntos para ensaiar as suas artes. Além do mais, não se esqueça de que as condições no campo das mulheres são penosas. As prisioneiras comem pessimamente, mal têm água, as doenças são endémicas e as seleções

multiplicam-se. Eu próprio vi esta rapariga escapar por um triz a uma *Selektion* do *Doktor Mengele*. Já imaginou o que seria não podermos ter o espetáculo só porque a moça morreu de fome ou de tifo ou foi enviada pelo *Doktor Mengele* para tratamento especial? Um absurdo. Além do mais, nem é judia. Temos de a transferir para um sítio onde seja bem tratada e se consiga reunir com o mágico.”

“Oiça, isto não é um campo de férias”, lembrou o chefe do departamento. “Não há em Birkenau lugares perfeitos.”

“Tenho consciência disso, *Oberscharführer*. Mas decerto a transferência de uma única prisioneira não constitui um problema intransponível quando há vontade de o resolver. Faço notar que, pelo preço de solucionar uma questão simples relacionada com apenas dois prisioneiros, um dos quais nem sequer é judeu, poderemos ter um espetáculo que ficará nos anais dos *Katzen* do Reich. O próprio *Obersturmbannführer* Höss e a sua esposa não deixarão de estar presentes e ele mostrar-se-á com toda a certeza muito agradado com o trabalho do *Abteilung VI*. Não se esquecerá decerto de mencionar ao *Reichsführer-SS* a inovação que com este espetáculo o nosso departamento introduzirá no entretenimento dos nossos camaradas.”

A referência ao responsável pela operação de extermínio em Birkenau e a Himmler arrancou um brilho aos olhos de *Oberscharführer* Knittel. Os dois chefes eram realmente muito próximos, como se provava pela visita que o *Reichsführer-SS* fizera dois anos antes a casa do *Obersturmbannführer* Höss, e um espetáculo daqueles chamaria inevitavelmente a atenção da chefia para as atividades do departamento. Projetar filmes, juntar orquestras, montar peças de teatro ou organizar jogos de futebol e combates de boxe eram coisas banais e muito vistas nos diversos KL do Reich. Mas um espetáculo de magia constituía algo absolutamente diferente. Tão diferente que era realmente provável que o assunto acabasse por chegar aos ouvidos do próprio *Reichsführer-SS*. Isso faria maravilhas pela sua carreira, pensou o chefe do *Abteilung VI*. Tudo pelo preço de dois prisioneiros.

O *Oberscharführer* Knittel lançou um olhar à folha na parede do gabinete com a planta de todo o complexo de Auschwitz. Os seus olhos colaram-se ao quadrado reservado ao maior campo do complexo, Birkenau, e em

particular aos crematórios. O mágico tinha sido transferido para o *Sonderkommando*, não era verdade? A assistente não poderia ir para ali. As únicas mulheres que entravam no perímetro dos crematórios eram as que saíam pelas chaminés. Então para onde a poderia enviar? Para onde? Os olhos vaguearam pelo espaço vizinho e, de repente muito abertos, prenderam-se num enorme retângulo.

“O Canadá!”

“Perdão?”

“Vamos mandá-la para o Canadá!”

O português olhou-o, embasbacado. Teria enlouquecido?

“Canadá?!”

O *Oberscharführer* Knittel dirigiu-se à planta e pousou o dedo gordo num grande perímetro traçado à esquerda do crematório três, a palavra *Kanada* impressa por cima.

“Aqui.”

Francisco levantou-se e juntou-se ao chefe diante do setor da planta dedicado a Birkenau, tentando identificar o local.

“O que é isto?”

“É o sítio perfeito”, considerou o alemão. “Está mesmo ao lado dos *Kremas* onde o *Sonderkommando* trabalha, o que permitirá que o mágico vá ter com a moça para os ensaios. Além do mais, aqui no Canadá ela terá...”

Um súbito burburinho no exterior do gabinete, com vozes alteradas e passos apressados, interrompeu a conversa.

Alguém bateu à porta.

“Entre.”

A porta abriu-se e o secretário do chefe do *Abteilung VI* transpôs a entrada do gabinete de braço vagamente estendido num esboço de saudação hitleriana, quase como se não houvesse tempo nem cabeça para formalidades, o cabelo despenteado e o olhar transtornado.

“*Heil Hitler!*”, saudou, como era da praxe. “O *Oberscharführer* está a par do que se passa?”

“Passa onde?”

“Na guerra, *Oberscharführer*. Já sabe o que aconteceu?”

O chefe do departamento fez com a mão um gesto a desvalorizar o assunto.

“Roma caiu, já sei. Mas a Wehrmacht vai...”

“Não é Roma, *Oberscharführer*. É a França.”

Alçou o sobrolho.

“A França?”

O secretário transpirava profusamente e não era por causa do calor; o seu nervosismo afigurava-se evidente. As notícias estavam longe de ser as melhores.

“Os americanos desembarcaram em França.”

III

O *Sonderkommando* do turno da noite entrou no bloco ao nascer do Sol, numa altura em que os novos elementos da unidade aguardavam a chegada dos SS para o *Appell* matinal, o banho já tomado e o pequeno-almoço também. Ao cruzar a porta, o *Kapo* do turno da noite desatou a cantar.

*Allons enfants de la Patrie
Le jour de gloire est arrivé.
Contre nous de la tyrannie
L'étendard sanglant est...*

Aquela entrada suscitou a estranheza do *Oberkapo* Kaminsky.

“O que se passa, Georges?”

O *Kapo* interrompeu *A Marselhesa*.

“Não sabem?”, questionou, falando alemão com sotaque francês. “Os amerloques e os bifes chegaram a França!” Ergueu as mãos. “*Vive la France!*”

A novidade percorreu nessa madrugada o bloco treze por vagas, desencadeando sucessivos bruaás à medida que ia sendo traduzida em várias línguas para os diferentes grupos de prisioneiros.

“Como sabes isso?”, perguntou o *Oberkapo* Kaminsky. “Quem te contou?”

“Um dos SS holandeses”, respondeu o *Kapo* Georges. “Ouvii a notícia na BBC e disse-me.”

De repente a libertação parecia de novo iminente e os judeus puseram-se a discutir com grande animação as perspectivas que a novidade abria. Os alemães tinham de lidar com três frentes em simultâneo, os russos no Leste e os americanos e os ingleses no Sul italiano e no Oeste francês. A guerra não podia durar muito mais tempo. Conhecedor das dificuldades em Birkenau para receber informações do exterior, Levin duvidou da veracidade da notícia, pois habituara-se aos boatos fantásticos e superotimistas que volta e meia assaltavam o campo de concentração. Ao olhar para os veteranos do *Sonderkommando* do turno da noite, todavia, lembrou-se que ali tudo era diferente, o que significava que a notícia podia ser mesmo verdadeira. Seria possível?

Uma voz em alemão calou o burburinho excitado.

“*Sonderkommando... Appell!*”

Um oficial SS que ainda não tinham visto entrara no bloco treze e acabara de dar a ordem para a chamada. Os homens alinharam-se em filas e o alemão, com galões de *Unterscharführer*, consultou uma lista.

“A dois mil trezentos e quarenta e dois?”

“Presente.”

“A mil cento e...”

O *Appell* era distinto do que se fazia no campo das famílias. Ali decorria dentro do barracão e, em vez de se limitar a contar o número de prisioneiros, o SS chamava-os pelos números tatuados nos braços. Quando a contagem terminou, o alemão fez um sinal ao *Oberkapo* Kaminsky e este, dirigindo-se-lhe como “*Herr Unterscharführer Eckardt*”, pôs-se à cabeça do *Sonderkommando*. O oficial encaminhou-se para a saída, onde a escolta SS os aguardava.

“*Sonderkommando... em marcha!*”

Plantado no pátio do crematório, de pernas abertas e mãos atrás das costas, o corpulento *Hauptscharführer* Moll esperava-os. O oficial de farda branca deixou que os prisioneiros formassem diante dele como num *Appell*, as sentinelas SS em redor e o *Oberkapo* Kaminsky à frente. O *Unterscharführer* Eckardt posicionou-se ao lado dele.

“*Sonderkommando*”, rugiu Moll. “Quais entre vós são barbeiros?”

Alguns prisioneiros deram um passo em frente e o alemão fez-lhes sinal de que se pusessem de lado. Entregaram-lhes uma caixa com tesouras.

“Quais entre vós são dentistas?”

Mais alguns homens deram o passo em frente e foram agrupados num outro lado. Entregaram-lhe alicates e pequenos espelhos, decerto para verem melhor os dentes. Dentistas e barbeiros ficaram a olhar para os instrumentos, satisfeitos com o que lhes fora destinado. Iriam trabalhar numa barbearia e num dentista, o que, além de serem funções com as quais estavam familiarizados, significava que iriam passar o dia dentro de portas, ao abrigo do clima agreste da Polónia. Num sítio como Birkenau, aquilo representava a diferença entre viver e morrer.

“Os restantes formem grupos de seis”, ordenou o *Hauptscharführer* Moll. “*Los! Los!*”

Obedecendo à ordem do SS, os prisioneiros constituíram-se em diversos grupos. Levin formou uma unidade com os homens ao pé dele. Uma vez o novo *Sonderkommando* dividido em múltiplas formações, o chefe dos crematórios percorreu todas as unidades a distribuir tarefas. Os mais corpulentos foram designados *Heizer*, que significava *fogheiro*, e alguns outros foram encarregados de trabalhos relacionados com roupas. Quando chegou ao grupo de Levin, o *Hauptscharführer* Moll deu-lhe outro nome.

“*Shleppern.*”

A designação intrigou Levin. *Shleppern* significava *rebocadores*. O que queria aquilo dizer? Iriam para a *Judenrampe* rebocar bagagem?

Os diferentes grupos foram conduzidos ao crematório. O *Hauptscharführer* Moll abriu uma porta e viram uma sala com roupas espalhadas pelo chão, penduradas em cabides ou guardadas sobre bancos ao longo de toda a parede, juntamente com sapatos; havia peças de todo o género e estilo e destinadas a todos os segmentos etários, algumas de luxo, a maioria vulgares. Todos os casacos tinham a estrela amarela de seis pontas cosida ao peito.

“O *Kommando* das roupas que arrume isto”, ordenou o alemão. “Qualquer dinheiro, ouro ou pedras preciosas que encontrem tem de ser entregue à

sentinela SS. Ai de quem desobedeça e fique com um *Reichsmark* que seja! Será imediatamente executado por roubo ao Reich. Quando a roupa estiver pronta, a sentinela chamará o caminhão do Canadá e depositá-la-á na carga. Estão autorizados a ficar com os alimentos ou bebidas que encontrarem no vestuário.”

O grupo a quem fora atribuída a designação *roupas* entrou na sala e, ansioso por mostrar serviço, começou a arrumar as peças; embora uma parte importante estivesse já dobrada sobre o longo banco colado à parede, o que facilitava a tarefa, muitas espalhavam-se pelo chão, como abandonadas, e eram tantas que tinham trabalho para várias horas.

O resto do *Sonderkommando* alinhou-se no átrio seguinte. Havia aí uma enorme porta, de aspeto maciço e hermeticamente fechada; tinha um pequeno óculo no meio. Por cima estava escrita, em alemão, inglês, russo e polaco, a palavra *duche*. O *Hauptscharführer* Moll destrancou-a e, com um movimento que requeria força, pois a porta era pesada, abriu-a. Um clamor chocado ergueu-se do *Sonderkommando*.

Uma massa de cadáveres enchia a sala; eram tantos que pareciam formar um mar revolto, com depressões e ondas encrespadas, só que fixas no tempo, sem um movimento, vagas nuas formadas por estátuas de pedra, muitas negras como basalto. Apenas os cabelos e as cabeças destoavam das ondas marmóreas de nudez. Viam-se pessoas deitadas e algumas em pé, todas emaranhadas umas nas outras, braços estendidos, cabeças aqui, pés ali, mãos acolá, um ponto ou outro com menos gente ou até vazio e montes humanos em certos setores, sobretudo junto à porta; dir-se-ia que no último momento as pessoas tinham saltado umas por cima das outras para fugir de algo medonho, homens em cima, mulheres a meio, velhos e crianças esmagados em baixo, bocas abertas num esgar de dor, uma verdadeira batalha, como se nesse último momento de desespero os mais fortes tivessem saltado sobre os restantes num derradeiro esforço para escaparem, para saírem dali custasse o que custasse. Tudo em vão, porque não havia fuga possível. A porta estava trancada e não existia escapatória. Mas viam-se também pessoas de mãos dadas ou abraçadas, evidentemente famílias e

casais, mães enlaçadas a bebês ou agarradas a crianças, últimos atos de amor antes da morte.

Os corpos estavam inchados como balões, cobertos de excrementos ou de sangue que saía por todos os orifícios, as peles repletas de bolhas, algumas rebentadas e vermelhas de sangue. No pavor da morte tinham expelido tudo o que traziam nos intestinos e na bexiga. As unhas arrancadas mostravam que até as paredes haviam arranhado na vertigem do desespero; tinham tentado escapar daquela armadilha a todo o custo, mas dali não havia saída. Os cadáveres enroscavam-se uns nos outros como um enleado caótico de carne, todos a exibirem as mais variadas cores, uns pálidos, outros azuis, alguns cinzentos e negros, muitos vermelhos, cada cor a denunciar mortes diferentes, umas por asfixia, outras por esmagamento, a maioria por envenenamento por gás. Os esgares grotescos, de bocas abertas e olhares injetados, tornavam claro que a morte viera com grande sofrimento.

Os novos elementos do *Sonderkommando* viam e não acreditavam. Estavam boquiabertos, num silêncio sepulcral, a tentar processar o espetáculo diante deles. Onde estou eu?, questionava-se Levin sem cessar, aturdido com a visão, a mente a revoltear num furacão de emoções, incapaz de reagir, paralisado pelo horror.

Onde estou eu?

“*Shleppernkommando!*”, ordenou o *Hauptscharführer* Moll num tom indiferente, como se a imagem fosse normal. “Reboquem esta merda toda cá para fora!” Apontou para outros grupos. “O *Kommando* dos dentistas deve tirar-lhes os anéis e depois inspecionar as bocas e arrancar todos os dentes de ouro. Não percam tempo com os bebês e as outras crianças, essas não têm dentes de ouro. O *Kommando* dos barbeiros deve cortar o cabelo das mulheres e depositá-lo naquela caixa. O *Heizerkommando* tem de ligar imediatamente os fornos para que estejam preparados para incinerar isto. À medida que o trabalho dos restantes *Kommandos* for avançando, o *Heizerkommando* deve cremar a matéria-prima já despachada pelos dentistas e pelos barbeiros. Entendido?”

Os novos prisioneiros do *Sonderkommando* estavam demasiado chocados para conseguir responder. Olhavam embasbacados para os cadáveres,

duvidando do que viam. Uma coisa daquelas não era possível, não era possível, dir-se-ia um pesadelo, só podia ser isso, um pesadelo, de certeza, um terrível pesadelo, bastaria acordarem e...

“Entendido?!”

Dessa vez o *Hauptscharführer* Moll fez a pergunta com um berro e deu um murro no prisioneiro mais perto dele. Foi o que bastou para o grupo se libertar do torpor e perceber que daquele pesadelo não havia despertar.

“*Jawohl, Herr Hauptscharführer!*”

“Então comecem já a trabalhar, cães!”, gritou o SS, batendo com violência nos prisioneiros mais próximos. “*Schnell! Schnell!* Depressa, que não estamos de férias! *Arbeit!* Ao trabalho! *Los! Los!*”

“*Schnell!*”, apressou-os igualmente o *Unterscharführer* Eckardt, sempre a acompanhar Moll. “*Los! Los!*”

Assim invetivados e a tremer de pavor e repulsa, os homens do *Shleppernkommando* avançaram para a câmara de morte. Um calor e um cheiro nauseabundo a podridão, um fedor que misturava fezes e vômitos com urina e mais não se percebia o quê, vinha do interior da grande sala dos cadáveres; sem dúvida o hálito da morte. Levin aproximou-se dos corpos junto à porta, onde as vítimas mais se amontoavam na tentativa desesperada de forçar a abertura, e fazendo um enorme esforço para vencer a repugnância aproximou-se no cadáver que lhe pareceu mais fácil de transportar; tratava-se de uma mulher nua sobre o monte de mortos, os olhos horivelmente esbugalhados e sangue a sair-lhe pelos ouvidos, pelo nariz e pela boca, os próprios excrementos colados às coxas. Pegou nela, mas a pele era escorregadia e as mãos deslizaram-lhe pela superfície fria.

Olhou para um companheiro, um grego.

“Ajuda-me com esta”, pediu-lhe no seu ladino elementar. “Eu pego-lhe pelos braços e tu pelas pernas.”

O companheiro concordou e levantaram-na da forma combinada. Foi assim que a tiraram daquela pilha de mortos e a levaram para o átrio, onde os *Kommandos* dos dentistas e dos barbeiros a esperavam. Havia já dois corpos no local e as bocas estavam a ser examinadas enquanto outros homens cortavam cabelos. O *Oberkapo* Kaminsky encontrava-se junto aos

grupos que trabalhavam sobre os cadáveres, orientando-os.

“Vocês têm de ser rápidos a tirar os dentes de ouro”, recomendou aos dentistas. “Daqui a pouco os corpos ficam rígidos e é o cabo dos trabalhos para lhes abrir a boca. Teremos de lhes partir os maxilares ou usar uma alavanca. Portanto despachem-se.”

Levin e o grego que o ajudava passaram pelo *Hauptscharführer* Moll para pousar o cadáver junto do *Kommando* dos dentistas.

“*Nein! Nein! Nein!*”, bramiu o alemão da farda branca quando os viu. “Não é assim! *Nur eine Person für einen Toten!* Uma pessoa por cada morto!”

Os dois prisioneiros entreolharam-se; como era possível que uma única pessoa conseguisse trazer um corpo? Mas ordens eram ordens e voltaram à câmara dos mortos para ir buscar mais. Dessa feita, o mágico, sempre o mais franzino do *Sonderkommando*, escolheu o cadáver de um bebé que se encontrava por baixo do monte de corpos; sendo pequeno era muito mais fácil de transportar. Pegou nele com cuidado, como se fosse de cristal, e transportou-o para o local indicado. Os seus companheiros carregavam entretanto os outros corpos, todos igualmente com dificuldade em arrastar sozinhos um cadáver, e foi nessa altura que o *Oberkapo* Kaminsky lhes entregou bengalas e cintos.

“Peguem nisto”, recomendou. “Prendam as bengalas aos pescoços das pessoas ou os cintos aos corpos e puxem. Assim é mais fácil.”

As bengalas e os cintos pertenciam evidentemente a idosos que tinham sido mortos e que os haviam deixado no vestiário. Os prisioneiros voltaram para a câmara. Levin percebeu que se ajeitava melhor com a bengala. Encaixou a pega na curvatura do pescoço do cadáver de um homem, conforme sugerido pelo *Oberkapo*, e puxou. O corpo deslizou de imediato; a técnica realmente funcionava.

Foi assim, a puxar os cadáveres com as bengalas ou com os cintos, que foram procedendo. O mágico bloqueou a mente, impedindo-se de raciocinar e de avaliar o que fazia; tornara-se um robô e os seus gestos haviam sido reduzidos a movimentos mecânicos, como se tivesse saído do corpo e fosse o corpo, um corpo sem alma nem consciência, o corpo e não ele, que

trabalhava. Tornara-se um autômato e apenas enquanto autômato se movia.

Ao voltar pela vigésima vez para a câmara escolheu o cadáver de uma rapariga jovem para rebocar para o átrio. Com o calor no interior, talvez uns trinta graus, Levin tinha a roupa empapada de transpiração. Ao abeirar-se da vítima viu-a mexer um braço.

“Ah!”, assustou-se, dando um salto para trás. “Esta está... está viva!”

O *Oberkapo* Kaminsky, que se encontrava na câmara de morte a ajudar outros novatos da unidade, foi ter com ele e inspecionou o corpo.

“Está morta.”

“Eu vi-a mexer-se!”

O *Oberkapo* abanou a cabeça.

“Por vezes os cadáveres mexem-se, tem a ver com gases e processos químicos, sobretudo quando a temperatura é alta”, explicou. “Alguns chegam a emitir gemidos ao tocarmos neles, mas é apenas o ar preso nos pulmões que se liberta com o movimento e faz vibrar as cordas vocais.” Deu um empurrão ao corpo em causa para mostrar que se encontrava inerte. “Esta está morta, pode ter a certeza.”

Hesitante e cheio de dúvidas, Levin voltou a abeirar-se dela e, com muito cuidado, pois ainda não se sentia absolutamente convencido de que a rapariga se encontrava mesmo morta, encaixou-lhe a pega da bengala no pescoço e rebocou-a para o átrio.

“*Halt!*”, berrou de repente o *Hauptscharführer* Moll, dirigindo-se a um homem ao lado do mágico. “Essas roupas pertencem ao Reich. Não podem ser cremadas! Tirem-nas do corpo! *Los! Los!*”

O prisioneiro que rebocava o cadáver da mulher ainda vestida teve de lhe retirar as roupas, enquanto os companheiros prosseguiram no seu vaivém sinistro. Ao fim de algum tempo conseguiram desimpedir a entrada da câmara. Concentravam-se sempre nos que estavam mais próximos da porta, mas havia ali mais de mil vítimas e, à medida que essa zona se esvaziava, iam penetrando mais fundo para ir buscar outros cadáveres, enfrentando sempre um fedor nauseabundo.

Quando as operações chegaram bem ao interior da sala da morte, o

Oberkapo Kaminsky entregou-lhes um balde de água.

“Molhem o chão”, ordenou, experiente naquele tipo de procedimento. “O piso fica mais escorregadio e assim é mais fácil arrastá-los.”

A água foi lançada para o piso e de facto, graças à mistura de água com vômitos, excrementos e urina, rebocar os cadáveres tornou-se mais simples; era como se o chão estivesse coberto por óleo. Todos os elementos do *Sonderkommando* se comportavam como máquinas, bloqueando os pensamentos e as emoções, e foi graças a isso e à destreza que iam ganhando que a câmara dos mortos se esvaziou mais depressa.

“*Du, verfluchter Jude!*”, rosnou o *Hauptscharführer* Moll, apontando para um refratário. “Tu, maldito judeu! Porque não trabalhas? Vamos lá a trabalhar! *Schnell! Schnell!* Mexe-te!”

Nesse momento Levin puxava o cadáver de outra mulher nua e olhou para ver o que se passava. Um grego da sua unidade de *Shleppernkommando* estava parado no átrio, absolutamente imóvel, o olhar esgazeado característico dos que haviam perdido o discernimento.

“Ai não ouves? Já vais levar!”

O SS da farda branca começou a dar-lhe murros e pontapés, mas o homem não se mexeu nem sequer para se proteger dos golpes; dir-se-ia imune à dor e ao medo. Estava simplesmente parado, como uma estátua, alheio a tudo o que se passava em seu redor.

“Anda, avança”, disse o *Oberkapo* Kaminsky numa voz suave. “Trabalha, não sejas parvo.”

O prisioneiro grego permaneceu plantado no seu lugar, sem olhar para ninguém, os olhos perdidos num ponto indefinido; parecia hipnotizado. Enrubescido de fúria por se ver desobedecido, o *Hauptscharführer* Moll pegou na pistola que trazia à cintura, apontou para o homem e disparou. O judeu nem se mexeu. O SS disparou um segundo tiro e, apesar de atingido, o grego voltou a não dar sinais de ter sentido o que quer que fosse. Exasperado, o *Hauptscharführer* Moll voltou-se para um dos seus homens.

“Dá-me a tua pistola.”

“*Jawohl, Hauptscharführer.*”

O subordinado entregou uma pistola de maior calibre ao seu superior

hierárquico e este disparou sobre o prisioneiro. O homem foi impulsionado para trás, como se tivesse levado um coice, e ficou estendido no chão, de braços abertos e barriga para cima, um buraco escuro na testa. O *Hauptscharführer* Moll devolveu a arma ao soldado e voltou-se para os homens do *Sonderkommando* que haviam assistido à cena.

“Então? Nunca viram um porco ser abatido?”, questionou. “Fiquem sabendo que quem me desobedecer terá o mesmo fim. Se me derem ordens para matar toda a minha família, fá-lo-ei sem hesitar. Portanto é bom que me obedeçam. Toca a trabalhar! *Los! Los!*”

Sempre como autómatos, os prisioneiros mexiam-se de um lado para o outro sem cessar e sem pensar, rebocando corpos, tirando anéis, inspecionando bocas, arrancando dentes de ouro com alicates, cortando cabelos, levando os cadáveres já processados para os fornos, cremendo-os e transformando-os em cinzas e fumo negro. Deixaram nesse momento de ser homens e, mais do que bestas, tornaram-se máquinas.

O turno terminou às seis e meia da tarde, hora a que o *Oberkapo* Kaminsky deu ao *Sonderkommando* ordem de regresso. O grupo saiu em silêncio dos crematórios e, escoltado por um punhado de SS, regressou ao campo dos homens e ao bloco treze. Caminhavam num mutismo absoluto, os corpos fatigados, os olhares mortiços, as mentes apatetadas.

Depois do *Appell* dentro do barracão, tomaram banho de água quente e jantaram. Para todos os elementos da nova unidade tratara-se do primeiro dia de trabalho num crematório e, de regresso aos aposentos, nenhum foi capaz de pronunciar uma única palavra. A comida era excelente e pelas latas e bebidas com etiquetas em húngaro, incluindo garrafas de *pálinka*, perceberam que se tratava das sobras de um transporte de Budapeste, possivelmente o mesmo que trouxera as pessoas que nessa manhã haviam encontrado na câmara da morte. Tinham-lhes roubado o ouro e o cabelo, haviam-lhes cremado os corpos e agora comiam-lhes as merendas.

Um poderoso sentimento de culpa e vergonha apossara-se de Levin, e decerto dos seus companheiros. Até os olhares evitavam. Havia colaborado na morte daquela gente. A sua própria gente. Eram cúmplices. E

em troca de quê? De mais um dia de vida, do conforto do bloco treze, do banho de água quente, do estômago cheio e de uns tragos ardentes de *pálinka* roubada aos mortos. Culpa e vergonha. Como era possível que ele, Levin, que se considerava íntegro e equilibrado, que a todos respeitava e que passara grande parte da sua vida a arrancar sorrisos e a maravilhar as pessoas, tivesse aceitado levar cadáveres de bebês para um forno em troca do conforto? Vira naquela câmara mulheres como a sua Gerda e crianças como o seu Peter! E o que fizera? O que os alemães lhe haviam ordenado.

Culpa e vergonha.

Nessa noite deitaram-se cedo, não só porque se sentiam exaustos mas sobretudo porque se queriam refugiar nos seus pensamentos. Talvez aquele prisioneiro que o *Hauptscharführer* Moll matara tivesse razão. Recusara-se a prosseguir, preferira a morte à ignomínia. Mas teria mesmo escolhido? Ou simplesmente a sua mente bloqueara e ele ficara incapaz de fazer fosse o que fosse? Teria realmente decidido não fazer nada ou fora a loucura que o paralisara no meio de uma loucura ainda maior?

Incapaz de adormecer, e depois de andar às voltas no beliche sempre assombrado pelas mesmas imagens, virando-se e revirando-se, Levin decidiu que não podia continuar assim. Levantou-se e massageou o couro cabeludo, sem saber o que fazer. Precisava de apanhar ar. Percorreu o corredor e foi dar com o *Oberkapo* Kaminsky à porta do barracão a contemplar a noite com uma garrafa de *pálinka* na mão.

“*Oberkapo?*”

Kaminsky voltou-se.

“Ah, o nosso mágico!” Fez um gesto convidativo. “Sente-se aqui. O verão está a chegar e pela primeira vez este ano temos uma noite agradável. Há que aproveitar os momentos bons pois já se sabe o que amanhã nos trará.”

Não era para apreciar a noite que Levin ali tinha ido. Chegou à ombreira da porta e perdeu o olhar no muro que cercava o bloco treze.

“Quando estava no campo das famílias e via os crematórios nunca imaginei que fosse assim.”

“Então imaginou o quê?”

“Não sei. Via o fumo e percebia que estavam a incinerar pessoas, mas não percebi como a coisa funcionava, a mecânica da morte. Via os deportados passarem pela Hauptstrasse, a pé ou em camiões, e desaparecerem na zona dos crematórios. Depois via o fumo. Parecia... sei lá, parecia magia. Entravam e... puf, transformavam-se em fumo. Não sabia o que se passava entretanto. Mas agora que sei, também sei que não vou aguentar isto. Amanhã vou... vou-me embora.”

Kaminsky levantou uma sobrancelha.

“Vai-se embora como?”

“Vou-me embora.” Apontou para as vedações do campo dos homens, para lá do perímetro do barracão. “Quando sairmos amanhã de manhã para os crematórios, vou correr para a vedação elétrica e...”

“Não diga disparates.”

“Não aguento isto. Não aguento. Para mim basta. Não vou voltar ao crematório, não vou voltar a entrar naquela câmara e ver... ver aquilo. Fazer *aquilo*. Não vou arrastar mais mulheres nem pegar em mais crianças. Não vou ajudar a arrancar dentes de ouro e cortar cabelos e levar corpos para os fornos. Não é possível, não sou capaz disso, isto não é vida. Estamos no inferno e de uma maneira ou de outra tenho de sair daqui.”

O olhar do *Oberkapo* desviou-se para o firmamento estrelado nessa noite amena. Ficou um longo instante calado a fitar os pontinhos trémulos no céu.

“O primeira dia é o mais difícil”, murmurou por fim num tom melancólico. “Lembro-me do que senti quando me levaram para os crematórios pela primeira vez. Julguei que enlouquecia. Mas da segunda vez, embora fosse ainda muito difícil, foi um pouco menos. Ao fim de uma semana, sabe o que aconteceu? Habituei-me. Passei a encarar isto como um trabalho igual a outro qualquer. Sei que é horrível dizer isto, mas todos no início pensamos em suicidar-nos e afinal acabamos por nos habituar. Habituo-nos a tudo. Os homens têm muito mais força do que pensam.”

“Nunca me habituarei a uma coisa destas. Nunca. Como pode uma pessoa achar aquilo normal? Se ficar aqui perderei toda a minha humanidade.”

“Se morrer também a perderá.”

“Morto já eu estou. Não viu o que nos obrigaram a fazer hoje? Havia

crianças ali dentro! Bebés! Como posso ser cúmplice de um crime destes? Como posso eu deixar que...”

O Oberkapo Kaminsky calou-o com um dedo sobre os lábios. A seguir fez com o polegar um gesto a indicar o exterior do barracão.

“Diga-me o que vê lá fora.”

A atenção de Levin deteve-se no espaço em redor. Tudo parecia quieto. As luzes nas vedações estendiam-se em linhas geométricas e a treva era rasgada pelos focos silenciosos que desciam das torres de observação. A única coisa que ouvia era o assobio monótono dos fios de arame farpado a embaterem uns nos outros como cordas de uma viola desarranjada; dir-se-ia que ensaiavam notas.

“Vejo o muro e o arame farpado, mais as luzes lá fora e a lama.”

“Qual lama?”

O mágico apontou para o chão em torno do bloco treze.

“Bem... esta aqui.”

“Qual arame farpado? Qual muro?” Abanou a cabeça. “Não vejo nada.”

Levin olhou para o responsável pelo *Sonderkommando* sem entender onde ele queria chegar. O *Oberkapo* apontou para o céu.

“Só vejo as estrelas.”

O olhar do mágico subiu para o firmamento. Como nessa noite não havia nuvens, as constelações eram visíveis sobre uma mancha de luz galáctica formada por milhões e milhões de pontinhos de pó luminoso.

“Percebe o que lhe estou a dizer?”, perguntou Kaminsky. “Aqui em Birkenau, aqueles que só veem os muros, o arame farpado e a lama são os derrotados, os condenados, os que não vão escapar. Já estão perdidos. É verdade que os muros existem, como existe o arame farpado e a lama. Mas veja para além deles. Liberte-se da prisão que nos cerca e olhe para a maravilha que é o universo sobre nós. Só os que são capazes de captar a grandeza que se estende para lá de toda esta miséria sobreviverão. Enquanto só virmos a lama e o arame farpado e só pensarmos em morrer, os nazis ganharam. Mas olhe para além da lama e do arame farpado, olhe para além da morte, olhe para além do inferno e veja o céu profundo, maravilhe-se com o brilho das estrelas, sinta a alma da criação. Isto existe mas aquilo

também existe. Faz tudo parte da mesma realidade, mas há uma que está por cima da outra. Se conseguir ver as estrelas para além da lama, as estrelas que na verdade são bem mais importantes do que a lama, então os nazis perderam. Você que é mágico, deixe que a magia do universo o envolva. Eleve-se para as estrelas, não permita que reduzam o seu mundo à lama. É esse o nosso dever sagrado. Somos a ralé da ralé, estamos no último círculo do inferno, pior do que isto a humanidade nunca conheceu nem jamais conhecerá, o mais profundo dos abismos, a treva que reina na sombra mais negra. Não deixe que os nazis lhe retirem a chama da vida que brilha nesta noite imensa e o vençam com a sua treva. Sobreviva. Sobreviva para os contrariar. Sobreviva para se vingar. Sobreviva para prestar testemunho. É esse o seu verdadeiro dever de *Sonderkommando*.”

O olhar de Levin vagueou pelo céu como se buscasse o maravilhoso que aquelas palavras inspiravam. As estrelas continuavam a cintilar, dir-se-iam joias, mas talvez não estivesse ainda preparado para aquilo, para entender e absorver, para sentir o prodígio acima da infâmia. A verdade é que se sentia ainda sob o efeito da terrível experiência desse dia. As estrelas não o enfeitiçavam. Dececionavam-no. Chocava-o a indiferença delas perante o grande drama humano. Naquele dia tinham morrido milhares de pessoas num edifício a poucas centenas de metros dali, estivera lá e vira-as, cheirara-as e pegara nelas, levava-as para serem espoliadas e depois puxara-as para os fornos e vira-as transformadas em cinza e fumo. Os alemães haviam-no tornado cúmplice da matança da sua própria gente e, diante de toda essa imensa tragédia, o que faziam as estrelas? Brilhavam. Brilhavam como sempre tinham brilhado, brilhavam como se não quisessem saber, brilhavam como se nada verdadeiramente importasse a não ser elas próprias e o brilho com que salpicavam o cosmos.

O *Oberkapo* estendeu-lhe a garrafa de *pálinka*.

“Beba isto”, sugeriu. “Até à última gota. Amanhã é um novo dia e verá as coisas de maneira diferente.”

“Mas...”

“Beba!”

O mágico hesitou antes de pegar na garrafa. Meteu o gargalo à boca e

engoliu um trago. O álcool ardeu-lhe tanto na garganta que até lhe vieram lágrimas aos olhos; era forte aquela *pálinka*. Deu meia volta e, engolindo um novo gole, cambaleou de regresso ao beliche.

IV

No momento em que se deparou com Tanusha deitada no beliche, ali designado *koya*, Francisco constatou que ela regressava gradualmente ao que fora. As suas visitas periódicas ao campo das mulheres, levando-lhe o conforto da sua presença e sobretudo alimentos, medicamentos e roupa, pareciam ter consumado uma espécie de milagre da ressurreição. A russa deixara de ser um esqueleto ambulante, o rosto recuperara cores e o corpo formas. O cabelo loiro já reluzia, apesar de ainda muito curto, e as feições tinham readquirido as linhas, talvez não ainda com o esplendor de outrora, mas já o suficiente para se fazer notada entre os homens e invejada pelas mulheres.

Quando viu o namorado, Tanusha teve de reprimir a vontade de correr para ele e abraçá-lo. Era madrugada e o primeiro *Appell* do dia seria em breve. As visitas de Francisco haviam-se tornado regulares, embora ele só aparecesse uma vez por semana, pois dependia do passe que lhe dava acesso a Birkenau, mas eram sempre muito aguardadas por ambos. O problema é que tinham de ser discretos. Consciente de que as outras prisioneiras os observavam, o *SS-Mann* dirigiu-se-lhe com modos bruscos.

“Prisioneira vinte e cinco quatrocentos e quatro?”

“Presente.”

“Vai ser transferida para um novo *Kommando*”, anunciou o português num tom neutro. “Acompanhe-me.”

Fingindo-se intimidada, a russa desceu da *koya* e pôs-se em sentido diante do SS. Cheirava muito mal. Com ela no encalço, Francisco dirigiu-se à

Blockälteste.

“A prisioneira vinte e cinco quatrocentos e quatro tem a partir de hoje um novo *Kommando*”, comunicou-lhe em tom seco. “De agora em diante não lhe serão atribuídas outras funções.”

“*Jawohl, SS-Mann.*”

Juntamente com as restantes prisioneiras, Tanusha plantou-se durante uma hora no exterior do barracão para o *Appell*. O português aproveitou para informar a *Blockowa* da alteração e mostrar-lhe os documentos de transferência. Quando a contagem foi concluída e se começaram a formar os *Kommandos*, Francisco ordenou à prisioneira que o acompanhasse, sempre com modos bruscos. Atravessaram ambos o campo das mulheres em direção à saída. Caminhavam calados, para não mostrarem a menor intimidade, e só falaram quando tiveram a certeza de que ninguém os podia escutar.

“Temos de ter cuidado”, avisou ela. “As mulheres da minha *koya* começaram já a fazer graçolas e tive de as calar com pão. A *Blockälteste* e a *Califactorka* também andam desconfiadas.”

“Desconfiadas como? À frente das outras sou sempre tão bruto...”

“Eu que o diga. O problema é que nos veem todas as semanas juntos e depois surpreendem-me com pão, queijo, mel, medicamentos, roupas boas... isso tudo. Não são parvas.”

“O que sugeres?”, questionou o *SS-Mann*. “Que te espanque sempre que te visito? Que deixe de te visitar? Que não te traga mais comida?”

A russa calou-se por momentos. De facto, o que poderiam fazer? Deixarem de se encontrar estava fora de questão. Além do mais, os bens que Francisco lhe trazia eram imprescindíveis para a sua sobrevivência. Se não fosse ele, havia muito que teria morrido com uma doença ou se teria transformado numa morta-viva e sido transferida para tratamento especial.

“Tens razão, não há nada que possamos fazer.”

Francisco virou-se pela primeira vez para ela.

“Olha lá, que pivete é esse?”

A namorada arregalou os olhos, intimidada.

“O quê? Nota-se?”

“Estás com diarreia?”

Ela baixou a cabeça com embaraço.

“É que... enfim, a *Blockälteste* anda um bocado chateada por te ver ao pé de mim e, como já percebeu que este é o dia das tuas visitas, destacou-me ontem para o *Scheißkommando*.”

“*Scheiß*... quê?”

“*Scheißkommando*. Não sabes o que é?”

O *SS-Mann* conhecia as palavras *Scheiß* e *Kommando*, claro, embora nunca as tivesse ouvido juntas.

“*Kommando* da merda?”

A russa corou de vergonha.

“É a unidade que... sabes como é, a unidade que... que limpa as latrinas. Como quase não há água no campo das mulheres, não me pude lavar.”

Estava explicado o fedor.

Quando chegaram ao portão, Francisco mostrou à sentinela dois passes, o seu e o da prisioneira. O soldado que controlava as entradas e saídas do campo das mulheres inspecionou-os em pormenor e lançou um olhar analítico a Tanusha. Estava tudo em ordem.

“Já sabes da última?”, perguntou a sentinela, devolvendo-lhe os documentos. “Lançámos uma das nossas armas secretas.”

“A sério? Um supercanhão?”

“Umas bombas-foguetes. Voam sozinhas para Inglaterra e estão a arrasar Londres. *Ach*, agora é que vamos ganhar, hem?”

Os dois saíram para a *Hauptstrasse*, dominada pela nova *Judenrampe* dos caminhos de ferro. O português ia fazer uma observação sarcástica sobre as tão propaladas armas secretas dos alemães mas calou-se quando viu *SS* e cães a encherem a plataforma, juntamente com *Kapos* e *Kommandos* das bagagens. Ao fundo estava o *Doktor Mengele*. Preparava-se uma receção. Devia estar para chegar mais um transporte e iria proceder-se a uma *Selektion* na rampa.

“De onde vêm os desgraçados que estão a chegar?”

“Estão previstos três transportes de Budapeste”, respondeu Francisco.

“Começaram a enviar para cá todos os judeus da Hungria.”

“Ah, os húngaros. Noutro dia foi uma confusão no campo das mulheres, nem imaginas. Quando chegaram os primeiros comboios da Hungria, os vagões vinham cheios de polícias húngaros para escoltar os seus judeus. Pois as húngaras do campo das mulheres, coitadas, reconheceram as fardas e correram para o portão aos gritos e aos saltos, a chorar de alegria, parecia que Deus tinha descido à Terra. Passaram pelo portão e pelos SS como enlouquecidas e foram abraçar os polícias do seu país. Pensavam que tinham vindo para as salvar. Até cantaram o hino da Hungria e tudo. Os SS carregaram à bastonada, dispararam uns tiros e elas foram forçadas a regressar ao campo. Depois colaram-se à vedação e dali perceberam que os polícias húngaros afinal não as vinham libertar. Vinham era entregar mais judeus. Assistiram dali à *Selektion* na *Judenrampe* e ao envio da maioria para os crematórios. Pobrezinhas, ficaram de rastos.”

Para evitar confusões com os SS que enchiam a *Judenrampe*, viraram à direita, como se se dirigissem ao grande miradouro, mas enfiaram de imediato pela Lagerstrasse A, uma estrada em terra batida entre o campo de trânsito e o campo dos homens. Foi nessa altura que Francisco lhe passou para as mãos um pão com uma salsicha. Ela devorou-o ao longo de toda a Lagerstrasse A e quando viraram para a Lagerstrasse B, que conduzia aos crematórios números três e quatro, entregou-lhe um chocolate.

“Onde vamos?”

“Ao Canadá.”

“O grande armazém?”

A resposta espantou Francisco.

“Conheces o Canadá?”

“Toda a gente no campo conhece o Canadá, tonto”, foi a resposta dela, já a lambe o chocolate que lhe manchava os lábios. “*Tchort!* Dizem que é o melhor *Kommando* de Birkenau. Melhor ainda que o *Esskommando*, o *Kommando* das cozinhas. O que vamos lá fazer?”

“É o teu novo *Kommando*.”

A novidade apanhou Tanusha de surpresa.

“Estás a brincar...”

“Eu disse-te que ia arranjar maneira de te tirar dali, não disse?”

Ela mal cabia em si de contentamento.

“Que... que maravilha!”, exclamou, e quase deu um salto. “Será que te posso beijar?”

“Só se quiseres ser executada”, riu-se o português. “É essa a ideia?”

“Claro que não.”

O SS-Mann lançou-lhe um olhar perscrutador.

“Hmm... estás a ganhar formas.”

“É a comida que me *organizas*”, respondeu ela. “Engordei dez quilos, vê lá tu. As minhas companheiras de *koya* roem-se de inveja. Para que andas a olhar para o meu corpo, meu maroto?”

Ele encarou-a com um ar sonso.

“Para ver se comesças a dar-me mais do que um beijo.”

Tanusha ergueu os olhos para o céu e fez com os braços um gesto teatral.

“Vocês, os homens, são todos iguais!”

Depois de verificar as credenciais, a sentinela deixou-os entrar no perímetro do *Effektenlager*, o nome oficial do campo de depósito de objetos que toda a gente em Auschwitz conhecia por *Kanada*. O campo era composto por uma trintena de barracões de madeira que pareciam cavalariças. As prisioneiras que circulavam por ali tinham um aspeto normal; estavam bem nutridas e vestiam boas roupas, quase como se fossem civis. O contraste com os reclusos andrajosos dos restantes campos não podia ser maior.

“Sabes porque chamam a isto Canadá?”

O SS fez um trejeito com a boca.

“Já ouvi a expressão, mas não a entendo. Tanto quanto sei, é para aqui que vem toda a riqueza que os deportados judeus trazem nos comboios. Esses produtos são empacotados e enviados para o Reich.”

“O Canadá é a terra da abundância”, disse ela. “O *Effektenlager* é o Canadá de Birkenau, pois aqui há de tudo.” Baixou a voz. “Mas parece que muitos SS aproveitam para meter coisas ao bolso. Há no meu campo raparigas que trabalham aqui e que estão muito bem, olaré se estão. E é para

aqui que vou agora viver. Que bom!”

Ele fez uma careta embaraçada.

“Não é bem assim, infelizmente. Passarás o dia no Canadá, mas quando a jornada acabar terás de voltar ao campo das mulheres.”

“Oh.”

Fazia sol e a temperatura era agradável, pois o verão estava à porta. Quando se dirigiam ao edifício indicado na guia de transferência viram raparigas estendidas no chão a gozar o calor, a conversar e a rir perto das vedações que separavam o *Kanada* do crematório número três. Não era habitual ouvirem-se risos entre os reclusos, sobretudo as prisioneiras.

“... tão, Magda?”, perguntava uma das raparigas quando passaram por elas. “Tu que és a primeira a saber dos transportes, o que vai chegar hoje?”

“Nada de especial”, respondeu a do lado, os olhos fechados e a cara sempre virada para o Sol. “Apenas húngaros. Uma seca. Os transportes franceses é que são bons. Ah, o perfume, os vestidos...”

“Mas as húngaras trazem bons bordados...”

“Não digo que não.” Suspirou. “Mas os vestidos de Paris são *tãaao* chiques. Além do mais, os franceses têm um...”

As vozes perderam-se atrás de Francisco e Tanusha, que trocaram um olhar de perplexidade. Aquelas prisioneiras falavam sobre os bens que os deportados deixavam na *Judenrampe* ou nos crematórios como se a função dos transportes fosse abastecê-las dos melhores produtos da Europa.

Uma vez inspecionada a documentação que Francisco lhe entregara, a responsável do barracão ao qual Tanusha foi destinada, uma polaca de triângulo verde, inspecionou-a da cabeça aos pés.

“O Canadá pode ser um paraíso, minha linda”, disse. “Aqui não falta comida e trabalha-se cá ao abrigo do frio e da chuva. A boa roupa é abundante e as prisioneiras até podem deixar crescer o cabelo.” Ergueu o dedo, em jeito de aviso. “Mas há regras. Ai de ti se roubares. Haverá inspeções de surpresa e serás sempre revistada à saída. Se fores apanhada a roubar o que quer que seja que pertença ao Reich, serás fuzilada. Já aconteceu no passado a umas tolas que foram imprudentes e tenho a certeza

que voltará a acontecer no futuro, pois a tentação é grande. Se fosse a ti, minha linda, teria muito cuidado.”

A *Blockälteste* agarrou-a pelo braço e virou-se para a levar, mas Francisco travou-a.

“Tenho instruções especiais relativas a esta prisioneira”, interveio. “Por ordem do responsável do *Abteilung VI*, não pode ser molestada sem autorização nossa.”

“Peço desculpa, *Herr SS-Mann*, mas só respondo perante a minha hierarquia. Com o devido respeito, o chefe do *Abteilung VI* não é a minha hierarquia.”

O português apontou-lhe o dedo com agressividade.

“Estou a avisá-la de que esta prisioneira é importante para o nosso trabalho”, rosnou. “Virei cá com frequência visitá-la e não gostaria de saber que lhe aconteceu algo de desagradável. Tenha muita atenção, pois fica pessoalmente responsabilizada pela segurança dela. Além do mais, volta e meia trarei comigo um prisioneiro do *Sonderkommando* para preparar com ela um espetáculo organizado sob a superior orientação do *Abteilung VI* e aprovado pela *Kommandantur*. Sempre que isso acontecer, preciso que a dispense de funções.”

“Desde que haja uma autorização escrita, *Herr SS-Mann*, não haverá problema.”

O português espreitou o interior do barracão; viu caixas e caixas cheias de roupa e uma fila de prisioneiras debruçadas sobre um estrado a examinar com cuidado cada peça de vestuário.

“O que fazem neste bloco?”

“Procuramos os tesouros que os deportados escondem nas roupas, sobretudo notas e joias. Temos de inspecionar tudo de fio a pavio.”

“O meu chefe informou-me de que no Canadá existem muitos materiais...”

“Vem cá parar de tudo”, confirmou a *Blockälteste*. “E agora que começaram estes transportes da Hungria tem sido uma verdadeira loucura. Muito material está a ser despejado nos blocos que servem de armazém até os transportes acalmarem, porque de momento, e apesar de haver aqui

quase oitocentas prisioneiras, não temos capacidade para processar tanto produto. Isto mais parece uma feira.”

“É possível que algum desse material seja necessário para os adereços do espetáculo que o *Abteilung VI* está a preparar”, observou Francisco. “Precisava que o cedesse em função do que o prisioneiro do *Sonderkommando* solicitar.”

“Como lhe disse, traga-me uma autorização escrita da *Kommandantur* e far-se-á como diz.”

Ou seja, teria de convencer o *Oberscharführer* Knittel a pedir ao comandante de Birkenau uma autorização naqueles termos. O chefe do seu departamento iria espremer, mas tinha a certeza de que acabaria por fazer o que era preciso.

A um sinal de Francisco a dispensá-la, a *Blockälteste* voltou a puxar Tanusha pelo braço.

“Vamos, minha linda”, ordenou. “Primeiro vais tomar banho. Não quero aqui ninguém a cheirar a esgoto. Depois comes logo a trabalhar.”

A responsável pelo barracão entregou a prisioneira a uma adjunta que levou Tanusha para o exterior. O *SS-Mann* permaneceu no seu lugar, observando-as a atravessarem o *Kanada* e a dirigirem-se à *Zentral Sauna*, um longo edifício de tijolo avermelhado onde habitualmente se enviavam para o banho os prisioneiros que haviam sobrevivido à *Selektion* na *Judenrampe*. Para ter a certeza de que tudo corria bem, aguardou que as duas saíssem.

Reapareceram quinze minutos mais tarde. Tanusha vinha limpa e com novas roupas; parecia outra pessoa. Observou-a a entrar no barracão, a ocupar o seu local de trabalho, onde recebeu instruções acerca do que se esperava dela. Viu-a começar a vasculhar nas peças de roupa que lhe depositaram à frente e só então abandonou o barracão para regressar a Auschwitz I, já elucidado. O *Kanada* era o sítio onde se roubavam os mortos.

V

As costas doíam a Levin enquanto fazia força com a esfregona para limpar uma nódoa mais resistente; havia passado as últimas três horas de joelhos a esfregar o chão e o trabalho aproximava-se do fim. Girou a cabeça para avaliar o que tinha ainda para fazer e concluiu, com uma ponta de satisfação de que não se orgulhava, que faltava pouco. Começara pelos cristais azul-esverdeados de Zyklon B que não se haviam vaporizado e depois passara para o resto. O trabalho estava a ser tão minucioso que ali até cheirava a lixívia, embora houvesse ainda excrementos e vômito a limpar numa parede. Quando tudo estivesse impecável, usaria um dos perfumes encontrados na bagagem das últimas vítimas para espalhar a fragrância pela câmara.

Trabalhar na *Gaskammer*, mesmo quando estava vazia, deixava-o sempre perturbado. Milhares e milhares de pessoas já ali tinham morrido e milhares iriam ainda morrer; era como se os seus fantasmas assombrassem o lugar. Mas havia que reconhecer que o *Oberkapo* Kaminsky tivera razão. A primeira vez que entrara naquela sala para retirar corpos fora horrível. Pensara que enlouquecia. O segundo dia voltara a ser muito duro. Mas o efeito de choque perdera-se. Todos os dias foram difíceis, embora o seguinte sempre menos do que o anterior. Até ao momento em que, por incrível que parecesse, e parecia, deu consigo a encarar tudo aquilo quase como se fosse normal. Seria mesmo possível que os seres humanos se habituassem a tudo?

Levin estabelecera no *Sonderkommando* uma estranha rotina. Acordava às

cinco da manhã, tomava banho, vestia-se e tomava um pequeno-almoço bem abastecido de pão, doces e iguarias que sobravam dos transportes. Pelas seis e meia aparecia um oficial SS e faziam o *Appell* dentro do bloco. Depois seguiam com a escolta para a zona interdita, a dos crematórios, onde o *Hauptscharführer* Moll, o seu inseparável ajudante, o *Unterscharführer* Eckardt, e os outros SS destacados para o serviço os vigiavam quase em permanência.

À parte alguns incidentes, a partir do momento em que os novos prisioneiros adquiriam maior traquejo nas funções, os SS quase deixavam de interagir com eles. Os oficiais alemães falavam diretamente com o *Oberkapo* Kaminsky, que tinha a desconcertante característica de não mostrar o menor medo deles, e com os restantes *Kapos*, como o francês Georges e outros, e eram estes que davam as ordens ao *Sonderkommando*. Os SS de baixa patente revelavam-se até simpáticos, mas apenas quando estavam a sós com os prisioneiros; logo que aparecia um segundo SS mudavam de comportamento.

A verdade, a inconcebível verdade, é que Levin se habituara. Quando entrava na câmara da morte e se deparava com os cadáveres enlaçados em abraços de sangue, excrementos e vômitos proibia-se de pensar. Tornava-se um autómato e executava as suas funções alheado, quase com indiferença. Uma indiferença forçada, é certo, mas indiferença mesmo assim. As pessoas que carregava já não eram pessoas, mas corpos inertes, estátuas amontoadas no meio da merda e dos vômitos e de um fedor repugnante a peixe podre. Eram objetos inanimados nos quais pegava como se agarrasse sacos de batatas ou simples calhaus, transportando-os de um lado para o outro como antes fazia no *Kommando* das pedras do campo das famílias.

Sobretudo não pensava. Respirava, mexia-se, executava. Pensar não. Nunca. Era como se a mente se desligasse. Estava ali mas não estava. O espírito fora-se e apenas ficara o corpo em modo ativo, uma máquina sem alma, uma mente sem consciência. Abeirava-se de um cadáver, encaixava-lhe a pega da bengala no pescoço ou atava-lhe um cinto a uma perna e puxava-o para a sala onde o *Kommando* dos dentistas e o *Kommando* dos barbeiros faziam o seu trabalho. Uma vez este concluído, os objetos inertes

eram entregues ao *Heizerkommando* para os fornos até se desvanecerem em cinza e fumo.

Descobriu que o gás não era a única maneira de matar nos crematórios. Quando o número de vítimas era pequeno e não justificava o uso do Zyklon B, a que se recorria apenas para as grandes matanças, faziam-se fuzilamentos. Nalguns casos as vítimas eram executadas umas à frente das outras, as de trás a verem as da frente sabendo que a seguir seriam elas. Eram terríveis aqueles momentos, até porque a tarefa de conduzir essas pessoas para o local de abate fora entregue aos homens do *Sonderkommando*. Ele próprio já arrastara cinco nacionalistas polacos para o pátio das execuções e vira-os cantar o seu hino no momento de serem baleados.

O que lhe causava mais impressão, porém, eram as execuções de surpresa, não apenas pelo que sucedia à vítima, mas como sobretudo pelo que se exigia do *Sonderkommando*. Um SS plantava-se num canto escondido da zona dos fornos e os homens do *Sonderkommando* recebiam ordens para levar as vítimas até lá. Pormenor importante, tinham de as puxar com firmeza por uma orelha. Ao entrarem na câmara dos fornos, os prisioneiros do *Sonderkommando* conduziam a vítima pela orelha em direção a umas escadas que levavam ao sótão e era nessa altura que o SS escondido baleava o desgraçado na nuca. Um dos homens do *Sonderkommando* que habitualmente fazia essa operação, um judeu sefardita grego chamado Shlomo, contara-lhe que era necessário baixar imediatamente a cabeça da vítima de modo a evitar que o sangue jorrasse para a farda do SS, o que provocaria punições terríveis. Tudo aquilo era horivelmente penoso e um dos maiores medos de Levin era que lhe dessem ordens para ajudar neste tipo de execuções.

Apesar disso, até a conviver com aquelas situações se começou a habituar. Essa parecia ser, de resto, a postura de todos os elementos do *Sonderkommando*. Tinham-se acostumado à realidade grotesca e davam a impressão de a encarar já como se fosse banal. O mágico via-os fumar e comer diante dos corpos e dera até com dois dos mais antigos sentados sobre os cadáveres, durante uma pausa nos trabalhos, a bebericarem um

chá. Começou a perceber que daí a um ou dois meses ele próprio se comportaria da mesma maneira. O horror tornava-se rotina.

“Levin?”

Reconheceu a voz e olhou para a porta da câmara de gás; recortado pela luz, estava ali o *Oberkapo* Kaminsky.

“Há aqui um SS a perguntar por si.”

A informação surpreendeu o mágico. Uma vez que no *Sonderkommando* os SS raramente falavam com os prisioneiros, aquilo era inesperado. Pôs-se de imediato em pé e, ligeiramente dobrado pela dor nas costas por estar tanto tempo de joelhos, saiu do crematório. Francisco esperava-o no átrio.

“É você o A um seis sete seis?”

O português fingia não o conhecer.

“*Jawohl, Herr SS-Mann.*”

O SS fez-lhe sinal de que o acompanhasse e caminharam ambos na direção da vedação que dava para o grande campo vizinho, o *Kanada*.

“Então?”, quis saber Francisco quando estavam a uma distância segura.

“Como vão as coisas?”

“Isto é horrível”, murmurou Levin. “Como é possível que me tenha enviado para aqui? Tem a noção do que se passa neste sítio? Matam pessoas com gás. Milhares de cada vez. Mulheres, crianças, bebés... é uma barbárie, não se imagina uma coisa destas. Não se imagina. E nós temos de pegar nos corpos com as nossas próprias mãos e mandá-los para os fornos.”

“Lamento que tenha vindo para aqui”, desculpou-se o *SS-Mann*. “Pedi ao meu chefe que o transferissem para onde se pudesse alimentar, estivesse confortável e tivesse tempo para preparar o espetáculo. Nunca imaginei que o fossem pôr a trabalhar em... nisto. Lamento muito.”

Levin fechou os olhos e massajou as têmporas.

“Pode tirar-me daqui?”, perguntou, quase a implorar. “Por favor, tire-me o mais depressa possível. Prefiro mil vezes voltar ao campo das famílias. Além do mais tenho lá a minha mulher e o meu filho, de quem nem sequer me despedi. Devem estar raladíssimos.”

O português suspirou de impotência.

“Não tenho passe para ir lá. Contudo, através de um SS brasileiro meu amigo, e a título excecional, consegui dar um salto ao campo das famílias e informar a sua mulher de que você está bem. Entreguei-lhe uns pães com salsichas e medicamentos.”

“Como... como estão eles?”

“Estão bem, fique descansado. Ela e o menino encontram-se de saúde e andam a embelezar o campo, pois é possível que a Cruz Vermelha venha cá fazer uma visita. O tratamento dos prisioneiros melhorou e até plantaram jardins à frente dos barracões, veja lá. Insisti muito com ela que se candidate às transferências para os campos de trabalho quando essas candidaturas abrirem. Contudo, receio que não possa voltar lá e...”

O mágico juntou as mãos, como se implorasse.

“Transfira-me de novo para o campo das famílias, por favor. Só lhe peço isso. Por favor, por favor.”

Francisco abanou a cabeça.

“Infelizmente não é possível”, disse. “A partir do momento em que um prisioneiro entra no *Sonderkommando*, não há caminho de retorno. Enquanto *Geheimnisträger*, ou portador do segredo, nenhum elemento do *Sonderkommando* pode falar com qualquer outro prisioneiro do *Katzet* a não ser em situações excecionais e muito controladas.”

“Não contarei nada a ninguém. Nem uma palavra. Juro.”

“Oiça, os alemães não são parvos”, ripostou o SS. “Sabem que, prometa o que prometer, qualquer elemento do *Sonderkommando* que contacte outros prisioneiros contará inevitavelmente o que se passa aqui. Isso seria um grande problema, uma vez que os nazis percebem que estão a cometer um crime. É por isso que tentam manter tudo secreto. Se um elemento do *Sonderkommando* contactar alguém do exterior, o segredo espalhar-se-á.”

“Já espalhou”, argumentou Levin. “Para quê tantos cuidados? Se a própria BBC noticiou na semana passada o que aqui se está a passar, o que tentam ainda esconder?”

A resposta surpreendeu o português.

“Como sabe isso?”

“As notícias circulam depressa no *Sonderkommando*, até porque os SS

holandeses são bem mais humanos do que os alemães e falam abertamente com os nossos *Kapos*. Além do mais, conseguimos *organizar* jornais e alguns dos *Kapos* leem-nos todos os dias. Desde que a notícia sobre os campos saiu na BBC, os alemães gritam menos connosco. Até o Moll amansou um bocadinho. Consta que os ingleses divulgaram o nome de vários oficiais responsáveis pela matança, incluindo o comandante, e anunciaram que depois da guerra vão todos prestar contas. Isso deixou-os em sentido. Portanto já não há segredo para guardar.”

“É verdade que os nazis ficaram nervosos com a divulgação da existência de Auschwitz e de tudo o que por aqui se passa, mas não se iluda. A notícia sobre a matança de judeus é tão incrível que ninguém lá fora acredita. Toda a gente acha que a notícia da BBC não passa de propaganda igual à da Grande Guerra, quando se disse que os alemães faziam sabão a partir de cadáveres e outros disparates do género. As mentiras da outra guerra tornam difícil acreditar nas verdades desta. Isso faz com que a vossa situação de *Geheimnisträger* seja ainda mais delicada, está a perceber? Enquanto portador do segredo, nunca o deixarão regressar ao campo das famílias, sob pena de no futuro aparecerem testemunhas que consubstanciem este tipo de informações. Os alemães jamais o permitirão.”

O judeu suspirou em desânimo.

“Quer dizer que... que só saio daqui pela chaminé?”

A pergunta, tão terrível pela sua lucidez e fatalismo, deixou Francisco desconcertado.

“Esperemos que os russos cheguem depressa.”

O olhar de Levin estendeu-se para lá do perímetro do crematório número três.

“E a minha família?”

“Como lhe disse, a sua mulher está informada e abastecida. O problema é que o campo das famílias não vai durar para sempre. Fui muito insistente com ela quanto à necessidade de se candidatar às transferências para os campos de trabalho, mas sendo eu SS tenho a certeza de que não confia em mim. É por isso que a sua palavra é crucial.” Fitou-o com intensidade.

“Deu-lhe essas instruções quando lhe disse que as desse?”

“Sim. Logo que pedirem candidatos para *Arbeitskommandos* fora de Birkenau, ela e o miúdo vão inscrever-se.”

“Ela percebeu a importância disso?”

“Absolutamente.”

Com aquele problema resolvido, o português desviou a atenção para os barracões do *Kanada*, no perímetro fronteiro ao crematório.

“O próximo mês será muito complicado, pois vão chegar ainda mais transportes de Budapeste. O meu chefe falou de si ao chefe dos crematórios e pediu que o deixasse ir uma vez por semana ao Canadá preparar o espetáculo com a assistente que lhe designei. O pedido foi rejeitado devido ao enorme volume de trabalho no *Sonderkommando*.”

“Sim, tem sido infernal”, anuiu o mágico. “Chegámos ao ponto de ontem haver cinco comboios parados à entrada de Auschwitz, à espera que se matassem os deportados da frente. O maior problema nem é a matança, pois as câmaras de gás aguentam até três mil pessoas de uma vez e ao que parece a liquidação é relativamente rápida, mas a cremação. Há momentos em que temos um comboio parado na linha à espera que o comboio que está na *Judenrampe* descarregue os seus deportados. O problema é que estes deportados também estão parados na *Judenrampe* à espera que o grupo à sua frente avance. Mas este grupo está parado diante da secção BIIf à espera que o grupo à sua frente avance. E este grupo está parado no bosque, já despido, à espera que o grupo à sua frente, já enviado para a câmara de gás, seja liquidado. E estes deportados, uma vez mortos, estão a ser amontoados à espera de vaga nos fornos para serem cremados.”

O português observava-o, siderado.

“Porra! Isto até parece uma linha de montagem!”

“Não imagina o requinte da coisa. Sempre que chega um comboio, o *Oberfeldwebel* informa qual o crematório que nesse momento está disponível para receber os deportados para os liquidar e desse modo gerir a disponibilidade das instalações, mas mesmo assim já atingimos o limite de operacionalidade.”

“Com tantos fornos?”

“Isto é uma loucura, o que é que pensa? Os quatro fornos trabalham vinte

e quatro horas por dia e ainda assim não têm capacidade para tanta gente.”

“Mas cada forno dispõe de três câmaras de combustão...”

“É verdade. Só que os alemães fizeram as contas e concluíram que cada câmara de combustão leva vinte minutos a cremar três corpos, o que dá nove por hora. O *Hauptscharführer* Moll acha pouco. Para aumentar a eficiência, aquele camelo pôs-se a fazer experiências para apressar a cremação e poupar combustível. Inventou um sistema que designou «trabalho expresso». A ideia é misturar um corpo gordo com dois corpos magros, um de um *Muselman* e o outro de uma criança. A gordura do gordo serve de combustível para alimentar a combustão dos dois magros sem usar mais carvão, entende?”

Embora fosse um veterano de guerra e julgasse já ter visto tudo, o *SS-Mann* estava embasbacado.

“Putá qu’os...”

“O máximo da capacidade conjunta dos fornos são dez mil cadáveres por dia. Mas há fornos que estão sempre a avariar-se quando se exige de mais. Neste momento os tipos da *Topf und Söhner* estão a fazer reparações no *Krema* número quatro. Além disso, é preciso parar os fornos em intervalos regulares para manutenção e limpeza. Com tudo isto, a capacidade máxima de cremação nem sempre é alcançada. Chegamos a amontoar corpos em salas à espera que haja vagas para serem cremados. Não há palavras que descrevam o que aqui se passa.”

Ao longo da sua vida de soldado, Francisco já vira muita coisa; participara até no massacre de Badajoz, durante a guerra civil espanhola. Mas o que acabara de lhe ser descrito era diferente; não havia execução de combatentes, que ele considerava normal, mas de civis, incluindo bebés e crianças.

“Já observou algum gaseamento?”

“Felizmente não. Estou no *Shleppernkommando* e apenas apareço quando as pessoas já estão mortas e é preciso rebocar os corpos da câmara de gás para as salas dos dentistas e dos barbeiros. Não imagina como é.”

Fez-se um breve silêncio; o tema era pesado e o português não se sentia à vontade, até porque fazia parte daquela grande máquina.

“O chefe dos crematórios, esse tal Moll, não o dispensa para preparar o espetáculo”, acabou por revelar, retomando o fio à meada. “Insisti com o meu chefe, mas não foi possível. Parece que o extermínio dos judeus tem prioridade sobre tudo o resto, incluindo o esforço de guerra. Quando os transportes húngaros terminarem, no entanto, a pressão do trabalho será menor e nessa altura você poderá ir ao Canadá ensaiar com a sua assistente e usar a carpintaria do *Krema* número dois. Enquanto isso não acontecer, convém que aproveite todo o tempo livre para conceber o espetáculo.”

“Não tenho cabeça para isso.”

“Terá de ter”, foi a resposta imediata de Francisco. “Diga-me quais são os materiais de que precisa.”

“É fácil”, devolveu o mágico. “Madeira, espelhos, pregos, um serrote e um martelo.”

“Deve haver isso e muito mais na carpintaria”, observou o SS. Espreitou o relógio. “Quando surgirem novidades, virei cá. Boa sorte.”

“Espere!”, travou-o Levin. “Como se chama a minha assistente no Canadá?”

“Tanya Tsukanova.”

Disse-o como quem dizia adeus. O português abandonou o perímetro do crematório número três e o judeu regressou à câmara da morte para concluir a limpeza.

VI

Os gemidos atraíram a atenção de Francisco. O português tinha ido ao bloco onze de Auschwitz I procurar Pery Broad quando ao passar por um corredor foi surpreendido pelo barulho numa das salas. Espreitou pela porta e viu um homem pendurado com os braços atrás das costas numa corda, o tronco ensanguentado e três SS diante dele, um com uma chibata.

“Onde está o Lederer?”, perguntou o da chibata. “Fala, idiota!”

“Eu... eu não sei”, balbuciou o prisioneiro, ofegante. “Separámo-nos em Praga e não sei para onde ele foi.”

O SS desferiu-lhe dois golpes com a chibata, atingindo-o no peito e deixando-lhe marcas vermelhas.

“Sabes sim senhor! Onde está o *Blockälteste* Lederer?”

Fitando com atenção o homem pendurado, Francisco reconheceu-o. Tratava-se do SS romeno da unidade de trabalho de Levin que desaparecera havia alguns meses. Sentiu movimento e percebeu que havia um outro SS na sala a dirigir-se à porta para sair. Deu um passo para o lado, para o deixar passar, e reconheceu-o; era o *Rottenführer* Baretzki, com quem já se cruzara na *Judenrampe* e no campo das famílias. O *Rottenführer* tinha um ar perturbado. Viu-o cambalear no corredor e cair no chão.

“Sente-se bem?”

Ajudou-o a levantar-se.

“Eu... preciso de água.”

A salinha junto à latrina estava impecavelmente limpa, o que era raro em Auschwitz e se explicava por aquela divisão se destinar aos SS. Havia uma

bacia com uma torneira, que o português abriu. Lavou a cara do camarada e deu-lhe de beber. Logo que se sentiu melhor, o *Rottenführer* sentou-se num banco.

“O interrogatório está a ser duro, hem?”, observou Francisco. “Quem é aquele?”

“Pestek”, foi a resposta. “Um camarada.”

Era isso, lembrou-se o português. O homem que estava a ser interrogado chamava-se Pestek. Um alemão da Roménia.

“Não foi o SS que desapareceu?”

“Hmm-hmm.”

“O que aconteceu?”

“Desertou”, indicou o alemão, abrindo os olhos para fitar o interlocutor. “Pior, ajudou um prisioneiro a fugir. Deu-lhe uma farda, passaram pelos portões e meteram-se num comboio para Praga.”

“Caramba!”, exclamou Francisco. “Estava mesmo com vontade de se ir embora.”

O alemão respirou fundo.

“O idiota é católico e não andava muito contente com o que se passa no *Katzet*. Ainda por cima parece que ficou embeijado por uma judia do campo das famílias. Foi isso que o perdeu. Uma vez em Praga, obteve documentos falsos em nome dela e voltou a Auschwitz para a ajudar. O problema é que ela recusou, porque não queria abandonar a mãe, e o Pestek organizou a fuga de outro prisioneiro, um *Blockälteste* do campo das famílias. A coisa correu mal e apanharam-no em Birkenau.”

O *SS-Mann* português manteve o olhar preso no *Rottenführer* Baretzki. Bastava já o ter visto várias vezes na *Judenrampe* durante as habituais *Selektionen* para perceber que, ao contrário de Pestek, não tinha objeções ao que se passava em Auschwitz. No entanto, ali estava ele perturbado com o interrogatório a um desertor.

“Conhece o Pestek?”

O SS alemão assentiu.

“Desde a infância.”

“Ah.”

Já restabelecido, o *Rottenführer* Baretzki fitou o português.

“Não o vi já no campo das famílias?”

“Tive de ir lá algumas vezes tratar de um prisioneiro. Creio que nos cruzámos numa ou noutra ocasião.”

“*Ach so.*” Voltou para a bacia e abriu de novo a torneira, molhando mais uma vez a cara com água fria. “Vou muitas vezes ao barracão-escola desse campo ver os miúdos. Cantam, fazem teatro, leem poemas... é bonito.” Respirou fundo. “É pena que isso vá acabar.”

“Vão encerrar a escola?”

O alemão fechou a torneira.

“Não sabe?” Pegou numa toalha para secar as mãos. “A Cruz Vermelha Internacional visitou Theresienstadt. Foi um sucesso, graças às medidas para embelezar o *ghetto*. Os delegados fizeram um relatório favorável e acreditaram na peta que o Eichmann lhes enfiou de que Theresienstadt é o destino final dos judeus e que dali não há deportações. Por isso a Cruz Vermelha não virá a Auschwitz. Isto significa que o campo das famílias perdeu a utilidade. Veio de Berlim a ordem para o fechar.”

A novidade alarmou Francisco; havia algum tempo que a aguardava, mas mesmo assim era um choque.

“O que vai acontecer aos prisioneiros?”

“Começámos já a fazer *Selektionen* para enviar os mais saudáveis para campos de trabalho”, revelou o *Rottenführer* Baretzki. “Os outros vão para o tratamento especial. O campo será liquidado.”

“E... e as crianças?”

O alemão respirou fundo.

“Pois, esse é que é o problema”, reconheceu com desalento. “Vão igualmente para tratamento especial.”

Francisco grunhiu. O *Rottenführer* Baretzki passou a mão pelos cabelos; era evidente que o assunto também o incomodava.

“*Ach*, é horrível, eu sei”, desabafou. “Normalmente estas coisas não me afetam. Vou todos os dias à *Judenrampe* ajudar na *Selektion* e não tenho o menor problema com as crianças e bebés enviados para tratamento especial. Às vezes até os acompanho aos crematórios.” Engoliu em seco. “Mas este

caso é diferente. Conheço estes miúdos. Tantas vezes fui ao barracão-escola vê-los cantar e fazer os teatrinhos que acabei por me afeiçoar a eles. Cheguei a jogar à bola com alguns e a dar-lhes bombons, veja lá. Até sei o nome de muitos. Por isso custa-me esta situação. Custa-me. A mim e a outros camaradas.” Sacudiu a cabeça. “Não vai ser fácil mandá-los para os crematórios.”

Não sendo inesperada, a intenção de matar as crianças no ato de liquidação do campo das famílias era terrível. Além do mais, deixava o filho de Levin numa situação muito delicada. A mulher do mágico tinha instruções para se candidatar às primeiras transferências e levar o miúdo com ela, mas quem garantia que as coisas iriam correr bem?

“Não será possível impedir que matem as crianças?”

“Sabe muito bem que não há lugar em Birkenau para crianças. Não só não trabalham como impedem as mães de trabalhar. Não passam de um estorvo, bocas inúteis que é preciso alimentar. Além do mais, se a solução do problema judaico passa pelo extermínio, que sentido faz preservar as crianças? Se não queremos que haja um futuro para os judeus e se as crianças são justamente o futuro, é evidente que temos de as liquidar. É por isso que, quando elas chegam nos transportes, são imediatamente enviadas para tratamento especial. As mães que não se querem separar dos filhos também vão.”

“Oíça, não será possível ao menos salvar algumas?”

“O que entende por algumas?”

“Umas... enfim... umas quinhentas crianças.”

O SS fez um gesto perentório com a mão.

“Isso significaria salvá-las todas”, disse. “Os nossos chefes nunca o permitiriam.”

“E menos?”

O *Rottenführer* Baretzki abanou a cabeça.

“Sinceramente, gostaria de as salvar, mas... não vejo como.”

O português esfregou o queixo, sempre à procura de uma solução. Pressentia naquele SS a vontade de fazer alguma coisa.

“O *Rottenführer* não disse que vários camaradas também se afeiçoaram

aos miúdos e não estão contentes com a ordem?”

“E então?”

“Porque não nos unimos? Fale com os camaradas e protestemos junto do *Lagerführer*. Não é o *Lagerführer* que tem filhos e adora crianças?”

“Sim, é verdade. O *Obersturmführer* Schwarzhuber tem dois miúdos, um de seis e o outro de oito anos, e está muito ligado a eles. Uma vez o mais pequerrucho meteu-se pelo campo fora e desapareceu. Foi um susto. O *Lagerführer* pensou que alguém o poderia ter levado por engano para o crematório. Desde então que o miúdo anda sempre com um papel pendurado ao pescoço a identificá-lo.”

“Então o homem é sensível às crianças...”

“Sem dúvida.”

“Ora aí está!”, exclamou. “Porque não juntar os camaradas e ir falar com ele? Pode ser que o consigamos convencer.”

O *Rottenführer* Baretzki atirou um olhar interrogador ao *SS-Mann*. Pelo seu semblante percebia-se que a possibilidade que o português suscitava não lhe parecia totalmente disparatada. Não seria fácil convencer o *Lagerführer*, mas, considerando que outros camaradas não estavam contentes com os planos, uma coisa daquelas não se afigurava impossível.

Subitamente impelido à ação, o SS alemão abriu a porta do quarto do lavatório e saiu para o corredor.

“Venha comigo.”

VII

O zumbido só foi interrompido quando a motorizada se imobilizou à entrada do perímetro do crematório número quatro. O estafeta, um rapaz do *Kanadakommando*, falou com a sentinela SS. Mesmo distante, Levin sabia do que se tratava. O pessoal do Canadá era sempre o primeiro a ser informado da chegada de um transporte, uma vez que tinha de enviar o *Kommando* das bagagens para a *Judenrampe*, pelo que sempre que o estafeta aparecia era para comunicar o desembarque de novos deportados. A sentinela foi ter com o *Hauptscharführer* Moll e este dirigiu-se ao *Oberkapo* Kaminsky.

“Vem aí matéria-prima!”, anunciou o SS. “A câmara de gás está limpa?”

“Sim, *Herr Hauptscharführer*”, assentiu o prisioneiro responsável pelo *Sonderkommando*, algo hesitante. “Os tipos do *Kanadakommando* não podem ajudar-nos?”

“Sabes bem que o trabalho deles é na *Judenrampe*.”

O *Oberkapo* mordeu o lábio inferior.

“O problema é que... enfim, não estava à espera de trabalho tão depressa e tenho ainda pessoal nos *Kremas* números um, dois e três. Estamos no limite da capacidade.”

“Desenrasca-te!”, ordenou o chefe dos crematórios. “Daqui a pouco chegam os camiões com a matéria-prima e temos de a processar, custe o que custar. A produção não pode parar. Vou já dizer ao *Doktor* Mengele que mande vir a *Sanker*.”

O *Hauptscharführer* Moll afastou-se em passo determinado e o *Oberkapo*

Kaminsky ficou a coçar a cabeça enquanto equacionava a maneira de resolver o problema. Olhou pensativamente para Levin, como se pesasse os prós e os contras, e, decidindo-se, abeirou-se dele.

“Penso que você já está pronto para o passo seguinte”, disse-lhe. “Estamos com pessoal a menos e a minha prioridade neste momento não é o *Shleppernkommando*, mas o acolhimento às vítimas. Irá agora para a unidade que as recebe. Há algumas regras que terá de respeitar. Oriente os deportados, ajude aqueles que tiverem dificuldade em despir-se e depois encaminhe-os para a câmara de gás. Não se preocupe que também estarei lá para dar uma ajudinha.”

Levin sentiu um baque.

“Eu... eu não posso fazer isso.”

“Não há alternativa”, retorquiu o *Oberkapo*. “Ou estamos prontos ou o *Malakh HaMaves* fará rolar cabeças a tiro de pistola. Quando os deportados chegarem, lembre-se que os velhos e as mulheres são os que têm mais dificuldade em despir-se. Há mulheres que nunca se desnudaram, nem à frente dos maridos, mas têm mesmo de ir nuas para a câmara. Se os SS virem um deportado vestido, moem-no de pancada. Ao menos proteja-os disso, convença-os antes que os alemães os convençam à bastonada. Uma das regras fundamentais é nunca lhes dizer a verdade. Não lhes conte que vão ser gaseados. Finja que vão mesmo para o banho.”

O mágico abanou a cabeça, horrorizado com o que o responsável pelo *Sonderkommando* lhe pedia.

“Não consigo fazer uma coisa dessas.”

“Tem de ser.”

“Não consigo”, repetiu. “Se for forçado a fazê-lo, quando elas chegarem vou contar-lhes tudo e...”

“Nem pense nisso!”, cortou Kaminsky no tom de quem não admitia discussões. “Não lhes servirá de nada, a não ser garantir mais sofrimento. Eles estão condenados, não há nada que possamos fazer. Temos de lhes poupar a angústia de saberem que vão morrer.”

“Mas se lhes contar pode ser que ao menos se revoltem e...”

“Ninguém se revolta!”, quase gritou o *Oberkapo*, exasperado. “Percebeu?”

Ninguém! Quando foi da liquidação daqueles cinco mil do campo das famílias, pensa que não os avisámos? Fartámo-nos de o fazer. Falámos semanas antes com o Fredy e explicámos-lhe tudo. Tudo. E eles...”

“O Fredy Hirsch?”

“Sim. Explicámos-lhe tudo em pormenor. Dias antes da matança dos cinco mil checos do campo das famílias, o Schwarzhuber apareceu aqui com os capangas para prepararem toda a operação. Contámos ao Fredy tudo o que sabíamos. Pois sabe o que aquele ingénuo foi fazer? Perguntou aos alemães se era verdade! Quer dizer, em vez de deitar mãos à obra e organizar a revolta, deu com a boca no trombone e pôs-nos a todos em risco! Fartei-me de dizer ao Fredy o que lhes ia acontecer. Mais, prometi-lhe que, quando aqui chegassem, o *Sonderkommando* se revoltaria caso eles se revoltassem. Estávamos dispostos a isso. Morreríamos todos, mas ao menos morreríamos a lutar, morreríamos a defender os nossos e não nos submeteríamos em rebanho. Sabe o que o Fredy fez? Nada. Nada! Pior, na noite da transferência envenenou-se e chegou aqui inanimado. E todas as pessoas do campo das famílias, pessoas que você conhecia, que tinham vivido seis meses em Birkenau e que por isso sabiam perfeitamente o que acontecia nos crematórios, perceberam ao chegar cá que iam ser mortas. Pensa que alguém se revoltou? Nem uma alma! Ninguém se revoltou! Estávamos nós preparados para lutar, esperámos que dessem um sinal e afinal... afinal foram para a morte como cordeiros! Verdadeiros cordeiros! Portanto nem pense que alguém se vai revoltar. Ninguém o fará. Ninguém! Para já, nem sequer vão acreditar em si. Então deram-se os alemães a todo este trabalho para os transportar de Salónica, de Brno ou lá de onde foi e fizeram todos estes quilómetros para serem mortos aqui? Se era para os matarem, matavam-nos lá. Era mais rápido, mais fácil e mais barato. Portanto não faz sentido nenhum e por isso não acreditarão. E se por acaso acreditarem nada farão além de chorar.”

“Vai ver que se revoltam.”

“Não seja tolo. A única consequência de um ato desses será os alemães matarem-no a si. Há uns tempos houve um tipo do *Sonderkommando* que reconheceu uma amiga na câmara das roupas e contou-lhe a verdade. A

amiga, que o conhecia muito bem e por isso acreditou nele, fez um grande barulho e pôs-se a avisar as pessoas em redor de que iam todos ser mortos. Não só ninguém acreditou nela como os alemães, ao aperceberem-se da situação, a foram buscar. Depois de gasearem o grupo inteiro, torturaram a coitada até ela revelar quem a avisara. A seguir deram-lhe um tiro e sabe o que fizeram ao *Sonderkommando* que a rapariga denunciou? Lançaram-no vivo para um forno à frente de toda a gente. Foi isso o que aconteceu. Portanto se você tiver juízo vai é estar caladinho e fazer tudo como tem de ser feito. Se por...”

Calou-se de repente. Um destacamento SS acabara de chegar ao perímetro do crematório para garantir a segurança durante a operação de gaseamento e aquela discussão não podia continuar. O *Oberkapo* Kaminsky lançou a Levin um olhar carregado de significado, como se lhe dissesse que se portasse bem quando a hora chegasse, e afastou-se para reunir o resto do *Sonderkommando*.

O primeiro sinal da aproximação dos deportados foi o ronco dos camiões. Depois ouviram-se vozes, das ordens dos SS com os inevitáveis “*Schnell! Schnell!*” e “*Los! Los!*” ao rumor da multidão com o choro das crianças. O dia estava bonito e o sol acolhedor quase descobria cores na cinzenta Birkenau. Remexendo nervosamente os dedos, Levin aguardava diante do crematório no meio de um punhado de elementos do *Sonderkommando*, todos já experientes.

A porta do perímetro do crematório abriu-se e os primeiros deportados entraram; eram mulheres, algumas idosas e outras novas, juntamente com crianças e bebés. Os rostos das recém-chegadas não denunciavam a menor apreensão; vinham cansadas, é certo, mas pareciam aliviadas por a longa viagem ter chegado ao fim. Vendo-as descontraídas, quase alegres, Levin percebeu que não faziam a mínima ideia do que lhes iria acontecer. Alguns SS acompanhavam-nas, incluindo o *Hauptscharführer* Moll, e mostravam-se amigáveis; conversavam com as judias e até se riam, quase como se fossem velhos comparsas.

Os camiões levaram ainda algum tempo a descarregar as mulheres e as crianças que tinham recolhido na *Judenrampe*; todo o procedimento levou

talvez vinte minutos. Havia umas mil deportadas e, quando todas se concentraram enfim no espaço diante do crematório, o *Hauptscharführer* Moll depositou um banco no chão e subiu para cima dele, encarando as recém-chegadas; com a sua farda branca parecia quase um médico, o que tinha um efeito tranquilizador. O ajudante, o *Unterscharführer* Eckardt, pôs-se ao lado e subiu para um segundo banco.

“Minhas senhoras”, disse Moll em alemão com bonomia, “bem-vindas ao nosso campo de trabalho.”

O *Unterscharführer* Eckardt, que pelos vistos falava húngaro, traduziu a frase de acolhimento, o que suscitou um rumor de agrado das deportadas. Ali estava um compatriota delas. Ao ouvirem a sua língua, sentiram-se ainda mais à vontade.

“Espera-vos aqui uma vida produtiva, em que cada uma passará dez horas por dia a exercer a sua profissão, desde que seja útil ao Reich”, retomou Moll, sempre traduzido por Eckardt. “Precisamos muito de costureiras, operárias e cozinheiras. Não vos vou enganar. Será duro. Mas todas terão comida e alojamento condignos. Sei que estão cansadas da viagem e o dia de hoje será apenas de ambientação ao campo. Vão começar pelo banho e depois teremos o almoço, que por se tratar do vosso primeiro dia inclui bolos. A seguir serão alojadas nos aposentos que vos estão destinados. Ao entrarem nos balneários, comecem por despir as roupas. Arrumem-nas junto a um cacifo e memorizem o número do cacifo, para que depois seja mais fácil recuperá-las.” Bateu palmas, dando o seu curto discurso por terminado. “Basta de conversa. Vamos a isto, todas ao banho!”

O burburinho da multidão regressou. A porta do crematório foi aberta e as primeiras mulheres convergiram para o interior.

“Despachem-se”, dizia um alemão, o *SS-Mann* Burger. “Olhem que a comida e o café vão ficar frios.”

O *Hauptscharführer* Moll e o *Unterscharführer* Eckardt foram tão convincentes, o ambiente era tão informal e elas comportavam-se com tal normalidade que o próprio Levin ficou na dúvida. Queriam lá ver que aquelas deportadas húngaras afinal iam mesmo para o campo trabalhar?

As mulheres e as crianças entraram na *Entkleidungskammer*, a enorme

sala do vestuário, e os SS ficaram à porta, como se quisessem respeitar a privacidade delas. As paredes brancas tinham uma longa bancada de madeira de pinho para as pessoas se sentarem ou depositarem as roupas e ainda ganchos metálicos para pendurarem casacos; os números encontravam-se por cima para identificar as posições. No meio da sala via-se também uma coluna rodeada de bancos e ganchos numerados. Em bom rigor deveria apenas haver pouco mais de uma centena de ganchos, pelo que a maioria teria de deixar a roupa no chão de cimento. As mulheres começaram por despir as crianças, mas a presença dos homens do *Sonderkommando* deixou-as incomodadas.

“Vocês têm mesmo de estar aqui enquanto nos despimos?”, perguntou uma delas a Levin em ídiche. “Não podem esperar lá fora?”

Perante o embaraço e a atrapalhação do mágico, o *Oberkapo* Kaminsky interveio.

“Temos ordens para vos ajudar”, disse. “Ignorem a nossa presença. Já estamos habituados a este trabalho.”

“Mas não queremos que os homens nos vejam nuas.”

“Tenha paciência, minha senhora. São ordens dos alemães. Eu por mim acho que a senhora tem toda a razão, mas sabe como eles são...”

Ela sabia, claro. Apesar de resmungar, começou a despir-se e outras fizeram o mesmo, sobretudo quando os SS que tinham ficado à porta, percebendo o burburinho e a indecisão, começaram com os seus habituais “*schnell!*” e “*los!*” num crescendo de impaciência.

“Tire-me essa saia, velha idiota!”, berrou alguém em ídiche. “Vamos lá! Depressa, que tenho mais que fazer!”

Levin virou-se para ver quem falara assim tão bruscamente com uma pessoa que iria morrer e, para sua surpresa, constatou que se tratava de um companheiro. Mais espantado ainda ficou quando o viu esbofetear a idosa. Havia pelos vistos elementos do *Sonderkommando* que maltratavam as vítimas!

O *Oberkapo* ocorreu de imediato.

“Pronto, pronto”, disse Kaminsky, empurrando o subordinado para o afastar dali. Voltou-se para a velha. “Minha senhora, sei que sente relutância

em despir-se diante de estranhos mas faça de conta que não estamos aqui. Se precisar de ajuda, diga.”

Ainda combalida, o rosto enrubescido pelas bofetadas, a idosa olhou-o a medo.

“Eu... eu tenho vergonha”, disse num fio de voz intimidado. “Não haverá aí uma cortina atrás da qual me possa despir?”

“Infelizmente não, minha senhora. Mas eu viro-me de costas e ponho-me à sua frente para ninguém a ver.”

Pressionadas, as mulheres começaram a apressar-se e decidiram ignorar os homens do *Sonderkommando*. Vendo duas idosas com dificuldade em dobrarem-se para tirar as roupas, Levin foi ajudá-las. Os maiores problemas de pudor envolviam as pessoas de idade e as raparigas novas, mas as dificuldades físicas limitavam-se naturalmente às primeiras.

“E agora?”, perguntou-lhe uma das mulheres já nuas, cruzando os braços sobre o peito para esconder os seios. “Para onde vamos?”

Comportando-se como se vivesse um sonho, o mágico apontou para uma tabuleta com uma seta desenhada na parede a indicar um corredor relativamente estreito que dava para a esquerda.

Zur Desinfektion.

“Por ali, minha senhora.”

Só depois de o dizer é que caiu em si; acabara de a mandar para a câmara de gás. Os nazis tinham feito dele um assassino.

Viu-a quase correr, e com ela muitas outras, todas com pressa de despachar o banho para depois poderem comer e descansar nos seus alojamentos. Algumas crianças choravam, de fome, de sono ou simplesmente assustadas com o ambiente estranho e mal iluminado, mas as mães acalmavam-nas e falavam-lhes nos doces que aí vinham ao almoço.

Já com as mulheres concentradas na câmara de gás, Levin ouviu vozes de homens no exterior do crematório.

“Porque não os puseram todos juntos?”, perguntou ao responsável do *Sonderkommando*. “Foi para que elas não se despissem à frente dos homens?”

“Controlo de multidão”, explicou o *Oberkapo* Kaminsky. “Os alemães

receiam que os homens se revoltassem e por isso mandam as mulheres e as crianças à frente para os dominar melhor, como se elas fossem reféns. Os homens têm medo que lhes façam mal e por isso mantêm-se quietos. Depois, quando se despem, já é tarde de mais e ficam totalmente à mercê dos nazis. Um homem nu é um homem indefeso.”

“Alguma vez os mandaram à frente?”

“Sim, mas correu mal. Tornaram-se agressivos e chegaram a exhibir facas. É por isso que os alemães mandam sempre as mulheres e as crianças à frente, ou então as famílias todas juntas. Quando os homens desconfiam e querem atuar, elas dizem-lhes que tenham juízo e a coisa acalma.”

Interromperam a conversa porque os primeiros homens começaram a entrar no vestiário. Pelos vistos para estes não havia discurso de receção e eles vinham nervosos, espreitando os cantos como animais acoissados. No exterior ouviam-se cães a ladrar e os berros dos SS, acompanhados pelo som surdo das bastonadas.

“*Schnell! Schnell!*”

Com um comportamento diferente do reservado às mulheres e às crianças, marcado por uma cortesia que lhes adormecia a desconfiança e o medo, com os homens os SS portavam-se com dureza.

“Dispam-se”, disse o *Oberkapo* Kaminsky com suavidade. “Se demorarem eles vão bater mais.”

“Que lugar é este?”, perguntou um idoso, piscando os olhos num tique. “Onde estamos?”

“Nos balneários”, respondeu o responsável pelo *Sonderkommando*. “Vão todos tomar banho.”

“As nossas mulheres? As crianças?”

“Já estão lá dentro à vossa espera.”

A informação pareceu acalmá-los. Os homens despiram-se e, ouvindo as vozes das mulheres à distância, enfiaram pelo corredor para irem ter com elas. Levin manteve a cara baixa e evitou olhá-los nos olhos; além de ter vergonha, não os queria fixar para não os reconhecer quando os fosse buscar.

A câmara de gás encontrava-se lotada e havia ainda uma centena de

homens no vestiário. Estavam todos nus e em fila no corredor a tentar entrar, mas a multidão que enchia a sala da morte bloqueava-lhes o acesso.

“Não cabe mais ninguém!”, gritou alguém da porta. “É melhor estes tomarem banho agora e os que sobrarem irem a seguir.”

Perfeitamente ciente do que se passava, o *Hauptscharführer* Moll fez sinal aos seus homens e os SS avançaram com os cães pelo vestiário, batendo e empurrando os homens que já se preparavam para ficar para trás, o que os forçou a avançar. A multidão comprimiu-se, ouviram-se gritos e protestos na câmara de gás, “já aqui está muita gente!”, mas os SS continuaram a bater e a empurrar, os cães a ladrar e rosnar e ameaçar com os dentes os últimos da fila, e estes, aterrorizados, sempre a impelirem os que estavam à frente, comprimiam a multidão num esforço desesperado para entrarem e escaparem às bastonadas e aos cães.

Quando todos se concentravam na câmara de gás, apertados uns contra os outros, o *Hauptscharführer* Moll fechou a enorme porta e trancou-a. A porta era feita de madeira e estava montada numa estrutura de ferro, o que permitia selar hermeticamente a sala onde as vítimas tinham sido arrebanhadas. A seguir fez um sinal a um outro SS para que desligasse a ventilação interior e verificou o termómetro.

“Vinte e cinco graus”, constatou. “A *Sanker* já chegou?”

“*Jawohl, Hauptscharführer*”, respondeu o *SS-Mann* Burger. “Hoje veio o *Doktor Mengele*.”

Depois de espreitar pelo óculo da porta, o chefe dos crematórios fez sinal aos homens que se encontravam atrás dele.

“Todos lá para fora.”

Os SS e os elementos do *Sonderkommando* saíram do crematório no encalço do chefe. O doutor Mengele encontrava-se no exterior, junto à ambulância, acompanhado por um SS com galões de *Rottenführer* e farda de *Sanitäter* do *Gesundheitswesen*, os serviços de saúde. O *Hauptscharführer* Moll foi ter com o médico.

“Faltam dois graus.”

“*Gut*”, retorquiu o doutor Mengele. “Agora que estamos no verão e o calor chegou, teremos de esperar menos. Não mais de cinco minutos.”

Os homens ficaram parados diante do crematório, aguardando não se percebia bem o quê. Levin não entendia o procedimento e voltou-se para o responsável do *Sonderkommando*.

“O que se passa?”

“O gás só funciona na perfeição aos vinte e sete graus”, foi a resposta do *Oberkapo* Kaminsky. “Com este calor, e como há muita gente na câmara e ela já se encontra selada, o *Doktor* Mengele calcula que bastam cinco minutos para que a temperatura lá dentro suba os dois graus necessários. Só então lançarão o gás.”

Permaneceram quietos durante mais alguns instantes, mas não muito. Os olhares de todos, incluindo do *Hauptscharführer* Moll, voltavam-se constantemente para o doutor Mengele, à espera do momento; era pelos vistos o médico-chefe de Auschwitz quem assumia a responsabilidade desta parte da operação. Depois de consultar o relógio pela terceira vez, o doutor Mengele virou-se para o *Sanitäter*.

“*Scheinmetz, mach das fertig.*”

O *Sanitäter* com galões de *Rottenführer* chamava-se pelos vistos Scheinmetz e *mach das fertig* queria dizer “fá-lo”. O SS do *Gesundheitswesen* abriu a porta traseira da ambulância e do interior extraiu uma caixa metálica com uma etiqueta amarela que pousou no chão. O olhar de Levin fixou-se nessa etiqueta.

Gás venenoso Zyklon B. Composto de cianogénio.

Perigo! Veneno!

Tesch und Stabenov International GmbH.

Para controlo de pragas. Só pode ser aberto por técnicos especializados.

Depois de pegar num martelo e numa faca, o *Rottenführer* Scheinmetz virou-se para dois elementos do *Sonderkommando*.

“Vocês aí, venham comigo.”

Entregando a caixa aos prisioneiros para que a carregassem, o *Rottenführer* Scheinmetz subiu por umas escadas para um ponto sobre a câmara de gás e pôs uma máscara. Os prisioneiros entregaram-lhe a caixa e

o *Sanitäter* SS abriu-a com o martelo e a faca. Fez um sinal aos homens do *Sonderkommando* e estes levantaram uma laje, destapando uma abertura. O SS virou a caixa sobre ela e despejou o conteúdo.

Um grito do outro mundo elevou-se da câmara.

Foi um brado dantesco, um clamor dos infernos, duas mil vozes unidas num berro de puro terror, desespero e pânico. Levin sentiu um arrepio e soube que, por muito ou pouco tempo que vivesse, seria para sempre assombrado pelo grito pavoroso dos condenados na hora da morte. No meio do brado desesperado ouviu-se de repente um coro proveniente do crematório; eram algumas vítimas que entoavam *Shema Israel*, a oração de afirmação do judaísmo.

“*Schmeiß rein, schmeiß rein...*”, gracejou um SS, usando uma expressão alemã foneticamente semelhante a *Shema Israel*. “Atirem-no para aqui, atirem-no para aqui...”

Sucederam-se batidas surdas e insistentes na porta, como se dentro da câmara de gás decorresse uma batalha; era a multidão que se comprimia contra a saída e tentava a todo o custo derrubar a porta e escapar da armadilha. A via de fuga, no entanto, encontrava-se bloqueada.

“Oiçam-nos só”, chalaceou outro SS. “A água deve estar quentinha para berrarem desta maneira!”

Os gritos prosseguiram durante três ou quatro minutos, sempre intensos, sempre desesperados; dir-se-iam de animais a guinchar num matadouro. Pouco a pouco, no entanto, foram perdendo intensidade, até o silêncio se impor por fim.

Com um movimento nervoso, Levin passou as costas da mão pela testa e secou o suor. Tinham passado dez minutos desde que o gás fora lançado para o interior, talvez um pouco menos. Até ali imóvel, sempre impecável com as suas botas reluzentes e luvas brancas, o doutor Mengele dirigiu-se à porta da câmara de gás e espreitou pelo óculo.

“Está feito.”

O médico-chefe de Auschwitz deu meia volta, fez sinal ao *Rottenführer* Scheinmetz e saíram ambos do crematório. Levin viu-os entrar na ambulância, à qual pelos vistos chamavam *Sanker*, e abalar dali, quiçá rumo

à *Judenrampe* e ao transporte seguinte da Hungria. Os restantes ficaram parados diante da porta da câmara de gás. Uma dezena de minutos mais tarde dois SS ligaram a ventilação da câmara enquanto os seus camaradas e os elementos do *Sonderkommando* dispersavam pelo perímetro do crematório, aguardando a hora de abrirem a porta e retirarem os cadáveres.

VIII

Não foi difícil juntar os SS que habitualmente frequentavam o barracão-escola do campo das famílias. Os homens estavam descontentes com o tratamento especial previsto para as crianças, pelo que o entendimento entre eles foi rápido. Dirigiram-se sem perda de tempo à *Kommandantur* de Birkenau, junto ao campo de quarentena. Embora não tivesse passe para aquela zona, Francisco foi com os camaradas. Com tantos SS juntos, nenhuma sentinela se atreveria a interceptá-los.

Na *Kommandantur* encontraram o *Obersturmführer* Schwarzhuber com o doutor Mengele, ambos à volta de uma planta do campo.

“Ach, o que é isto?”, gracejou o *Lagerführer* quando os viu à porta do gabinete. “Um levantamento de rancho?” Fez um gesto com a mão. “Entrem, entrem. Estava a ver com o *Doktor* Mengele os planos para o *Mexiko*.”

O *Mexiko* era o novo campo para acolher uma unidade fabril da indústria do armamento. As prisioneiras húngaras para aí enviadas viviam em condições tão miseráveis que nem sequer tinham roupas; envolviam-se em cobertores, o que lhes dava um certo ar de mexicanas. Daí a designação do campo.

Os recém-chegados entraram no gabinete acabrunhados e pouco à vontade. Não era próprio de um SS questionar a hierarquia e tinham consciência de que, havendo linhas que não podiam cruzar, estavam perto delas. Ainda assim, o assunto parecia-lhes de importância suficiente para merecer uma discussão com o chefe.

“É por causa da liquidação do campo das famílias, *Obersturmführer*”, disse o *Rottenführer* Baretzki, escolhido para porta-voz do grupo. “Soubemos da ordem dada pelo *Reichsführer-SS* e pelo *Obersturmbannführer* Eichmann e... ficámos preocupados.”

Quando percebeu qual era o tema da conversa, o *Lagerführer* fechou o semblante.

“As ordens são para cumprir, meus senhores”, disse devagar. “Como sabem, já aqui há meses tivemos de enviar para tratamento especial os primeiros cinco mil elementos desse campo. Agora, com o sucesso da visita da Cruz Vermelha Internacional a Theresienstadt, recebemos ordem para liquidar o resto.”

“Ordens são ordens, *Obersturmführer*. Mas será mesmo necessário matar os judeus do campo das famílias? Conhecemo-los pessoalmente, *Obersturmführer*. Uma coisa é meter nas câmaras de gás pessoas que nunca vimos, outra é fazê-lo a gente com quem jogámos à bola e a crianças a quem oferecemos doces e que até aplaudimos numa peça de teatro. A liquidação dos cinco mil elementos do campo das famílias foi muito dura, *Obersturmführer*. Muito dura. Não gostaríamos de voltar a passar pelo mesmo.”

“Temos as nossas ordens.”

Fez-se um silêncio breve no gabinete. As palavras do *Lagerführer* ficaram a ressoar nos ouvidos de todos, não necessariamente porque lhes lembrassem o seu dever de SS, que ninguém ignorava, mas porque não haviam sido pronunciadas com a convicção que se esperaria de um chefe. Isso encorajou o *Rottenführer* Baretzki.

“Se o *Obersturmführer* achar que esta ordem está absolutamente correta, calamo-nos já”, declarou o SS, protegendo-se assim de qualquer acusação de indisciplina. “Mas se por acaso houver alguma dúvida da sua parte, uma dúvida semelhante à nossa, *Obersturmführer*, talvez fosse útil ver se podemos encontrar uma solução.”

Novo silêncio, este muito significativo. Manifestamente, o *Lagerführer* não conseguia dizer que a ordem de liquidação do campo das famílias o deixava indiferente. O *Obersturmführer* Schwarzhuber trocou um olhar

com o doutor Mengele, quase como se lhe pedisse opinião, mas o médico permaneceu calado, não se comprometendo. Após uma breve hesitação, o *Lagerführer* foi à porta e dirigiu-se à ordenança.

“O *Obersturmbannführer* Höss está a inspecionar os trabalhos no *bunker* cinco”, indicou, referindo-se à pequena casa reativada para participar no extermínio dos judeus húngaros. “Vai chamá-lo.”

Os SS entreolharam-se, surpreendidos. Não tinham planeado envolver mais ninguém na conversa, e muito menos Höss, a mais alta autoridade da operação de extermínio em Birkenau. A conversa subia a um outro nível.

Não se podia dizer que Rudolf Höss fosse um homem imponente. O primeiro comandante do KL Auschwitz era baixo e atarracado, cara larga e olhos pequenos, os mesmos olhos com que perscrutou os SS no gabinete do *Lagerführer* de Birkenau. Tratava-se da primeira vez que Francisco via o chefe máximo das operações de extermínio em Birkenau e não se podia dizer que estivesse impressionado. Era então aquele anão com ar de campónio o executor das decisões de Hitler, Himmler e Eichmann?

Depois de uma breve troca de palavras de circunstância, o *Obersturmführer* Schwarzhuber explicou a essência das dúvidas. O responsável da *Aktion Höss* ouviu-o num silêncio benigno, quase compreensivo, fazendo movimentos afirmativos que sugeriam concordância. Só quebrou o silêncio quando o *Lagerführer* terminou a exposição.

“Sabem por que razão perdemos a guerra em 1918?”

Todos sabiam, claro. O assunto era constantemente martelado havia mais de vinte anos.

“Entendemos a necessidade do que está a ser feito”, sublinhou o *Obersturmführer* Schwarzhuber. “O que está aqui em...”

“Respondam à pergunta”, insistiu o *Obersturmbannführer* Höss com firmeza. “Sabem por que razão perdemos a guerra em 1918?”

A resposta veio em coro.

“Os judeus.”

“Apunhalaram-nos pelas costas quando enfrentávamos o inimigo.”

“Conspiraram com o grande capital contra a Alemanha.”

As palavras dos subordinados pareceram deixar o responsável das operações de extermínio satisfeito, como se tudo o que eles tivessem dito fosse autoexplicativo.

“Há erros que não se podem repetir”, disse. “Estamos de novo em guerra. Só que o *Führer*, atento às manobras deste inimigo interno, decidiu que não os deixará sabotar outra vez o grande esforço nacional. Quando abrimos fogo sobre as hordas de russos que nos atacam, não estamos a matar inimigos? Matar quem nos quer matar é legítimo. Da mesma maneira, quando enviamos os judeus para o gás estamos simplesmente a eliminar inimigos. Matar quem nos quer matar é legítimo. Por que razão matar russos que nos atacam de frente é legítimo mas matar judeus que nos atacam pelas costas não é?”

“Com certeza, *Obersturmbannführer*”, concordou o *Lagerführer*. “Isso não se questiona nem...”

“Não se esqueçam de que os judeus são um povo sem pátria a quem interessa cultivar o internacionalismo, de modo a não serem rejeitados pelos países onde se instalaram”, acrescentou Höss. “O que é o capitalismo senão um movimento internacional judaico do grande capital? O que é o cristianismo senão um movimento internacional judaico da religião? O que é o marxismo senão um movimento internacional judaico do socialismo? Faz sentido um socialismo internacionalista? Toda a gente sabe que os cosmopolitas são os burgueses, não o povo. O judeu burguês capitalista tem todo o planeta, pois o dinheiro não conhece fronteiras, o que faz do capitalismo um movimento internacionalista por natureza. Já o povo só tem a sua terra. O povo é nacionalista e socialista. Ninguém ama tanto a sua pátria como o povo. A classe trabalhadora é o povo, a burguesia é o judeu diletante e comerciante dos burgos. E sabendo isso o que vemos na Rússia? Socialismo internacionalista. Isto é, socialismo judaico. Os judeus usam o capitalismo internacionalista para manipular a América contra nós e usam o socialismo internacionalista para manipular a Rússia contra nós. Estão a repetir o que nos fizeram em 1918! Tentam destruir-nos! Vamos deixar?”

“Nada disso está aqui em questão, *Obersturmbannführer*”, insistiu o

Obersturmführer Schwarzhuber. “Sabemos muito bem que os judeus são nossos inimigos. A nossa dúvida está antes nesta mortandade toda. Uma coisa é internar o inimigo em campos de concentração, outra completamente diferente é liquidar mulheres e crianças. Não me alistei nas SS para matar judeus.”

“Alistou-se para defender a pátria. Os judeus são o inimigo que conspira contra nós, pelo que eliminá-los é proteger a pátria. Temos o direito moral, temos o dever para com o nosso povo de matar aquele povo que nos quer matar.”

“Porque não mantê-los simplesmente internados nos *Katset*?”, questionou o *Obersturmführer* Schwarzhuber. “Isso não resolveria o problema?”

O homem-forte das operações de extermínio em Birkenau mantinha uma expressão confiante, como se estivesse habituado a lidar com aquele tipo de dúvidas por parte dos subordinados.

“Não resolveria o problema de fundo”, disse Höss. “A Alemanha é a pátria da raça ariana, a raça superior. Toda a gente sabe que os nossos bravos rapazes estão a morrer aos milhões nas frentes de leste, de oeste e de sul. Todos os dias se perdem mais e mais homens insubstituíveis da *Herrenvolk*, a raça dos senhores. E o que acontece aos da raça inferior? Parasitam, crescem, conspiram, multiplicam-se como bacilos. Se os judeus não morressem, haveria um desequilíbrio racial, pois, como estão na retaguarda a reproduzir-se e nós na frente de combate a ser aniquilados, quando a guerra terminasse haveria mais judeus do que arianos. Não pode ser. Se há arianos a morrer, os judeus também têm de morrer, caso contrário a raça superior acabará por se extinguir e a inferior por dominar. Ou não é assim?”

O argumento arrancou um murmúrio de concordância entre os SS.

“Não se pode negar”, assentiu o *Obersturmführer* Schwarzhuber. “A questão racial é...”

“Claro que há sempre quem ache que esse problema se resolveria se os expulsássemos do país”, fez notar o responsável da *Aktion* Höss. “Uma vez fora da Alemanha, não haveria o perigo de os judeus nos apunhalarem pelas costas ou de se tornarem numericamente dominantes na nossa própria terra.

Só que esse argumento não tem em conta que tentámos de facto expulsá-los. Toda a gente sabe que lhes fizemos a vida negra para os convencer a emigrar, e eles até quiseram partir. O problema é que os outros países, derramando pelos judeus lágrimas piedosas, na hora da verdade recusaram recebê-los. As lágrimas afinal eram de crocodilo! Gostavam dos judeus, sim, mas gostavam deles na Alemanha, não nos seus países! Que ninguém esqueça a Cimeira de Evian, quando Roosevelt apareceu todo piedoso a dizer que era preciso proteger os judeus e mais não sei quê, mas na hora da verdade nem ele nem ninguém aceitou recebê-los! Essa é que é essa! Falaram muito mas não fizeram nada.” Fez uma pausa. “Pensámos depois em enviá-los para Madagáscar, para Angola, para sei lá mais onde. Ninguém os quis. Resta-nos esta maneira.”

“É um facto, *Obersturmbannführer*”, assentiu o *Lagerführer*. “Ninguém esquece a hipocrisia dos países que pregavam tolerância para com os judeus mas se recusaram a recebê-los.”

“Temos um dever para com o nosso sangue, a nossa gente, o povo alemão”, acrescentou Höss. “Como disse o *Reichsführer-SS*, o que acontece aos outros é-nos indiferente. Que morram dez mil judias ou russas de exaustão a cavar uma trincheira só nos interessa na medida em que cavem as trincheiras para a Alemanha. Nós, os alemães, os únicos no mundo com uma atitude decente para com os animais, adotamos também uma atitude decente para com estes animais humanos, mas é um pecado contra o nosso sangue protegê-los e deixar que venham incomodar mais tarde os nossos filhos e netos. Há quem diga que não pode abrir trincheiras com mulheres e crianças, que é desumano. Quem o disser está a cometer um crime contra o nosso sangue, pois se essas trincheiras não forem abertas morrerão soldados alemães. A nossa lealdade é para com o nosso sangue, nada mais.”

“Não estamos a falar em abrir trincheiras, mas em...”

“E ainda não falei nas nossas responsabilidades para com a humanidade”, continuou o responsável pela operação de extermínio em Birkenau, sem se deixar interromper. “Desde Darwin que percebemos que a vida está em permanente evolução, com os melhores e os mais fortes a evoluírem e os piores e os mais fracos a extinguirem-se. É essa a lei da vida. E essa lei

natural, meus senhores, também se aplica ao homem. Que ninguém esqueça que a humanidade...”

O *Obersturmführer* Schwarzhuber fez um gesto impaciente.

“Ach, tudo isso já sabemos, *Obersturmbannführer*.”

“Sabe o senhor, mas não o sabem alguns dos nossos homens e é preciso dizê-lo para que compreendam que a nossa doutrina é científica”, replicou Höss. “Como eu dizia, a humanidade ainda está a evoluir. A nossa espécie tem várias raças e algumas são superiores e outras inferiores. A superior das superiores, a ariana, vai evoluir e criar o super-homem, uma nova espécie que elevará a humanidade a patamares mais altos. Mas isso só acontecerá se a raça ariana não se misturar com as raças inferiores, o que conduziria, não à evolução, mas à degeneração. Se houver degeneração, a humanidade regressará à bestialidade de onde veio, à treva do animalesco. Não o podemos permitir.”

O *Obersturmführer* Schwarzhuber não disse nada. Sabia que esta parte da conversa era para benefício dos subordinados, todos com menos bagagem sobre estas questões. E de facto as palavras do chefe máximo da matança em Birkenau estavam a interessar-lhes, ao ponto de o *Rottenführer* Baretzki, até ali silencioso, levantar a mão.

“As leis de Nuremberga não resolveram esse problema, *Obersturmbannführer*?”, quis saber. “Desde 1933 que a lei proíbe os cruzamentos inter-raciais. Isso não chega para impedir a degeneração?”

O responsável pela *Aktion* Höss percorreu o gabinete com o olhar para fitar os presentes antes de responder com o argumento decisivo.

“O nosso *Führer* pensa que esse problema não está resolvido.”

O argumento deixou os SS num silêncio profundo. Quando Adolf Hitler fazia alguma afirmação não havia a menor dúvida na mente deles de que tinha razões fundadas.

“A convicção do *Führer* baseia-se em quê?”, perguntou o *Rottenführer* Baretzki. “O que sabe ele?”

O *Obersturmbannführer* Höss pôs as mãos à cintura, quase como se desafiasse os seus homens.

“Repitam, por favor, o vosso juramento SS.”

Os subordinados responderam em coro.

“Juro-te, Adolf Hitler, *Führer* e chanceler do Grande Reich alemão, fidelidade e bravura. Faço juramento de te obedecer até à morte, a ti e aos homens que designares. Que Deus me ajude!”

O responsável pela operação de extermínio em Birkenau deixou estas palavras assentarem.

“Fidelidade e bravura, juraram vocês.” Apontou para a frase cravada no laço do seu cinturão. “Qual o lema das SS que vocês trazem escrito aqui?”

Ninguém precisou de ler a frase para a enunciar.

“*Meine Ehre heißt Treue*”, disseram, de novo em coro. “A minha honra chama-se fidelidade.”

Höss voltou a deixar que o eco destas palavras fizesse o seu efeito na mente dos subordinados.

“Fidelidade”, repetiu. “Fidelidade.” Mais uma pausa, sempre pelo efeito dramático. “Nós somos SS, a fidelidade é o nosso lema, a obediência o nosso dever. Os SS têm de ser um modelo de obediência incondicional. Se alguém pensa que uma ordem está errada, tem naturalmente o dever de falar. Porém, lembrem-se de que o *Führer* tem sempre razão. Podemos às vezes não perceber uma ordem, podemos achá-la incompreensível e ilógica, mas sabemos que Adolf Hitler sabe o que faz pois está na posse de dados de que não dispomos. Por isso, se a ordem for confirmada, tem de ser executada, não apenas à letra mas no espírito. As ordens são sagradas. É nessa certeza inabalável que fundamos a nossa ação. Se a ordem vem do *Führer* tem de ser correta, mesmo que não a entendamos. Não se esqueçam das palavras do *Reichsführer-SS*: temos de ser duros como granito, senão o trabalho do nosso *Führer* perecerá.” Passeou os olhos pelos homens que enchiam o gabinete. “Qual é o nosso lema?”

A resposta voltou em coro.

“*Meine Ehre heißt Treue!*”

“A minha honra chama-se fidelidade!” repetiu. “Sei que a tarefa de que fomos incumbidos é árdua. Muito árdua. Há alguém aqui que goste de matar mulheres e crianças? Há alguém?”

Os homens mantiveram-se silenciosos. Exceto um.

“O Moll.”

O gracejo arrancou uma gargalhada geral, que teve o condão de quebrar a tensão da conversa.

“*Ach*, só se for esse doido”, sorriu Höss. Afinou a voz. “Todos sabem que o *Reichsführer-SS* quase desmaiou a primeira vez que viu judeus serem liquidados. Eu próprio me aflijo quando vou aos crematórios e os nossos médicos me obrigam a espreitar pelo óculo para ver aquela gente morrer. Não é por acaso que o *Reichsführer-SS* tem enviado para cá altos membros do partido. Himmler quer que eles vejam com os seus próprios olhos o que é o extermínio dos judeus. Alguns, que eu antes ouvia arrotar postas de pescada em voz alta sobre a necessidade de liquidar essa gente, espreitaram por aquele óculo e ficaram muito caladinhos. Viram o que essa abstração significa na prática. Uma coisa é falar e teorizar, outra é ver e fazer. Falar e teorizar é para qualquer um, ver e fazer é só para alguns. É para os que têm nervos de aço. É para a elite. Quem são os duros dos duros? Quem é a elite da elite? Quem é o granito da Alemanha?”

Nova resposta em coro.

“As SS!”

A conversa tornava-se uma missa.

“Quantas vezes me perguntaram como conseguíamos levar a cabo esta missão? Quantas vezes? Até o *Obersturmbannführer* Eichmann me perguntou, vejam lá! Até ele! Sabem o que respondo sempre? Conseguimos porque somos SS! A nossa vontade é de ferro, a nossa honra chama-se fidelidade! A ordem pode parecer-nos incompreensível, a ordem pode parecer-nos desumana, mas é uma ordem do *Führer* e as ordens do *Führer* não se questionam. Porquê?”

“Somos SS!”

“Porque somos SS, isso mesmo! Vocês pensam que não tenho dúvidas? Tenho-as, claro. Todos os dias! Mais do que vocês pensam! Mas sou SS e sei que o *Führer* sabe mais do que todos nós juntos. As dúvidas são como o medo, todos as temos mas só os fracos lhes cedem. Um SS não é um fraco. Por mais dura que a ordem seja, por mais desumana que pareça, sei que é para o bem da Alemanha e da humanidade. A humanidade é um corpo que

tem uma perna gangrenada. O bacilo da gangrena é o judaísmo. Temos de salvar o corpo, mas isso só é possível se amputarmos a perna. Amputar a perna é mau? É terrível! É uma coisa pavorosa! Um horror! Tem de ser feito? Sem dúvida! Se não amputarmos a perna, uma coisa que é aterradora, o corpo morrerá. É pois preciso fazer uma coisa momentaneamente pavorosa em nome de um bem maior. As SS são o cirurgião da humanidade. Fazemos o que tem de ser feito mas ninguém quer fazer. A nossa missão é um horror, é verdade, mas é um horror que salvará a Alemanha e a humanidade, um horror que livrará a humanidade do bacilo judaico e permitirá à nossa espécie ascender a um novo patamar da evolução, o patamar do super-homem. A lei da vida é cruel, exige que as espécies inferiores desapareçam e as superiores evoluam, mas essa crueldade está ao serviço de um bem maior, um bem último, o maior bem de todos. O bem da humanidade.”

Calou-se, como um bispo que tivesse concluído a sua prédica no altar, e os SS, quais fieis em adoração, ficaram momentaneamente calados perante a eloquência da palavra da salvação.

“Nenhum de nós está a questionar a ordem do *Führer*”, sublinhou o *Obersturmführer* Schwarzhuber. “Os judeus têm de ser destruídos e estão a ser destruídos. Em breve a amputação da perna gangrenada pelo bacilo judaico estará concluída e o corpo humano salvo. Foi uma ordem que recebemos, que compreendemos e a que obedecemos. A nossa tarefa é muito ingrata, mas necessária. Contudo, compreenda também a nossa posição, *Obersturmbannführer*. Os judeus do campo das famílias já aqui estão há algum tempo. Não são uns desconhecidos que chegam no comboio e despachamos para os *Kremas* sem pensar duas vezes. Ao longo do tempo fomos conhecendo as pessoas do campo das famílias. Sabemos os nomes delas, convivemos diariamente com estas famílias, vemos as crianças cantarem e representarem, conversamos, descobrimos coisas em comum, chegamos a trocar anedotas. Noutro dia eu ia com a minha família no carro e a orquestra do campo veio ter connosco e tocou uma música em nossa honra. A minha mulher saiu do carro para lhes agradecer, os meus filhos estavam entusiasmadíssimos. Não posso esquecer isso. Como quer que

sejamos nós, nós que com eles convivemos diariamente, a liquidá-los?”

A resposta do *Obersturmbannführer* Höss veio gelada.

“Vocês são SS e a vossa honra é a vossa fidelidade”, lembrou. “Sois os duros dos duros, a elite das elites. A ordem de enviar estes judeus para tratamento especial chegou. Vocês podem não gostar dela, podem nem a compreender, mas a vossa honra é a vossa fidelidade e se não cumprirem a ordem é porque não são homens de honra. São ou não são homens de honra?”

O *Lagerführer* engoliu em seco. A pergunta do responsável pela operação de extermínio em Birkenau era direta e incontornável, até porque tocava na essência de SS de todos os presentes.

“A ordem será cumprida, *Obersturmbannführer*.”

O destino dos prisioneiros do campo das famílias, pensou Francisco com desânimo, estava selado. O *Lagerführer* tinha ido muito para além do que o português imaginara ser possível nas SS, mas o limite havia sido alcançado.

“*Gut*”, murmurou Höss. “Excelente.”

“Faremos o que nos for ordenado”, disse o *Lagerführer*. “Mas tínhamos um pedido para lhe fazer, *Obersturmbannführer*. As crianças.”

O responsável pela operação de extermínio soergueu uma sobrancelha.

“Quais crianças?”

“Todos nós convivemos com as crianças do campo das famílias durante estes meses todos”, lembrou. “Juntamente com as do campo dos ciganos, são as únicas crianças a viver em Auschwitz e não as pudemos ignorar. Fomos ao barracão-escola, ouvimo-las cantar, vimos as suas representações, brincámos com elas. Sabemos que têm de morrer, claro. Mas não nos obrigue a ser os carrascos.”

Um murmúrio de assentimento percorreu o grupo; o *Lagerführer* falara por todos. O *Obersturmbannführer* Höss percebeu que, apesar das palavras que proferira com tanta convicção instantes antes, apesar de ter forçado o recuo dos seus subordinados perante a evidência científica do pensamento nacional-socialista, aquele ponto era importante para eles. E na verdade não podia deixar de os perceber. Aqueles SS geriam um verdadeiro inferno, eram a máquina que fazia que Birkenau fosse Birkenau; viam e faziam o

que mais ninguém vira e fizera a não ser nos campos comunistas da Rússia, e isso colocava-os no limite da sanidade. Poucos tinham ido tão longe no extermínio de seres humanos. Encontravam-se no abismo da noite mais profunda. E tinha de decidir se mesmo assim os obrigaria a ir ainda mais longe e a fazer o que manifestamente não queriam fazer.

A alternativa seria oferecer-lhes um mínimo que os reconfortasse. Tal implicaria um entendimento qualquer, um espaço comum aceitável para todos. Um compromisso. Talvez isso fosse o mais sensato naquelas circunstâncias. Os homens apaziguariam a sua consciência, como ansiavam por fazer; o chefe cumpriria o seu dever, como se impunha.

“O que sugerem?”

Só o facto de a pergunta ser feita mostrou um vislumbre de abertura.

“Não liquidamos as crianças”, propôs o *Lagerführer* de imediato, querendo agarrar a oportunidade. “Enviamos os velhos, os incapazes e os doentes para tratamento especial, mas deixamos as crianças viverem. Quando a guerra acabar com a nossa vitória, pois a vitória é inevitável no momento em que as nossas armas secretas entrarem em ação, que venha um outro contingente SS para aqui, um contingente que não tenha convivido com estas crianças, e esses que as enviem para tratamento especial, esses e não nós.”

O responsável pelas operações de extermínio abanou a cabeça.

“As ordens de liquidação do campo das famílias são muito claras e incluem o envio imediato das crianças para tratamento especial”, lembrou. “Somos SS e os SS não desobedecem a ordens, mesmo que não concordem com elas, mesmo que sejam as mais duras das ordens. Não temos o direito de liquidar os homens e deixar crescer os filhos, que um dia serão homens e se vingarão nos nossos filhos. As crianças têm de morrer.”

A janela que se abria parecia fechar-se. O *Obersturmführer* Schwarzhuber suspirou de desalento.

“Muito bem, enviamos as crianças para tratamento especial...”

A concessão quase dececionou Höss, que já se resignara a ter ele próprio de ceder nalguma coisa.

“*Gut.*”

“... mas não todas.”

Novo murmúrio de assentimento do grupo; claramente os SS desesperavam por um entendimento qualquer.

“Não todas?”

“Podíamos mandar algumas crianças para um campo de trabalho, por exemplo, alegando que... sei lá, que... que com os seus dedos pequenos são úteis para certos ofícios de elevada precisão. Inventamos uma coisa qualquer que justifique a necessidade de as preservar.”

O encarregado das operações de extermínio fez uma careta.

“Como no ano passado ouvi o *Reichsführer*-SS dizer em Poznan, é uma daquelas coisas fáceis de enunciar: o povo judeu será exterminado. Qualquer membro do partido vos confirmará: com certeza, a eliminação dos judeus faz parte do nosso programa, e então? Só que depois aparecem os oitenta milhões de bravos alemães e cada um tem o seu judeu bom. Dizem: todos os outros são porcos, mas este é um judeu de primeira! A julgar pelo número destas opiniões na Alemanha, houve mais judeus de primeira do que aqueles que existiram nominalmente!” Apontou para os subordinados. “É isso que me estão a dizer? Que esses miúdos são os vossos judeus de primeira?”

Os homens ficaram calados, mas Schwarzhuber não cedeu.

“Talvez seja como diz, *Obersturmbannführer*, mas queremos salvar nem que sejam algumas crianças.”

Höss suspirou.

“A maior parte de vós sabe o que significam cem corpos juntos no chão, quando se encontram lá quinhentos ou quando são mil”, lembrou. “Os membros do nosso partido que apregoam o extermínio dos judeus não fazem a menor ideia do que isso significa em termos de realidade física. Para eles é uma abstração. Mas para nós é o dia a dia. É por isso que o nosso sacrifício é o mais glorioso. Termos suportado esta realidade e termos mantido decentes endurece-nos e isso representa uma página de glória que não tem nome, porque sabemos como as coisas seriam difíceis para nós se hoje em cada cidade, no meio dos bombardeamentos, dos fardos da guerra e das privações, ainda tivéssemos os judeus como sabotadores

secrets, agitadores e instigadores, como em 1918. Nada temos a repreender-nos. Desempenhámos esta tarefa tão difícil por amor ao nosso povo. E não manchámos a nossa alma, a nossa pessoa, a nossa consciência.”

“Salvemos algumas crianças, *Obersturmbannführer*”, teimou o *Lagerführer*. “É importante para nós. Quem vier a seguir faça o que quiser.”

O chefe das operações de extermínio em Birkenau hesitou. E porque não? Ele próprio o dissera, os seus homens suportavam o insuportável e ali estavam eles a pedir-lhe o mínimo dos mínimos. Se lhes impunha o essencial, porque não ceder no acessório?

“Seja.”

Um clamor de alívio elevou-se do grupo. Percebendo que arrancara uma concessão efetiva do responsável da *Aktion Höss*, o *Obersturmführer* Schwarzhuber apressou-se a tentar tirar partido da situação.

“Estava a pensar em... sei lá, trezentas crianças.”

“Trezentas?!”, quase se escandalizou Höss. “Impossível! O *Reichsführer-SS* nunca aceitará uma coisa dessas!”

Tinha ido longe de mais, percebeu o *Lagerführer*.

“Então... uh... duzentas?”

O encarregado da operação de extermínio abanou a cabeça.

“*Nein, nein, nein*”, rejeitou. “Nem pensar. Isso é de mais e será notado. O *Reichsführer-SS* irá acusar-nos de fraqueza. Será uma desonra. Se queremos fazer isto, tem de ser um número razoável, algo que eu seja capaz de explicar perante a hierarquia sem dar a impressão de sabotar as ordens.”

“O que é um número razoável para si, *Obersturmbannführer*?”

“Menos de cem.”

Os homens entreolharam-se.

“Cento e cinquenta?”

“Menos de cem, já disse! Qualquer coisa com três dígitos é inaceitável. Mas dois dígitos são defensáveis.”

O *Lagerführer* coçou a cabeça, ponderando a questão.

“Noventa e nove são dois dígitos e é menos de cem.”

O *Obersturmbannführer* Höss esboçou um esgar agastado.

“Ach, se salvássemos esse número de crianças toda a gente perceberia que as safámos intencionalmente. Tem de ser um número mais discreto, uma coisa que não dê nas vistas.”

“O que entende por um número discreto, *Obersturmbannführer*?”

O chefe das operações de extermínio em Birkenau encolheu os ombros.

“Sei lá... noventa, por exemplo.”

“Noventa?”

“Sim. Parece-me mais discreto que noventa e nove.”

Tinham chegado a um número.

“Podemos poupar noventa crianças?”

“Consigo defender esse número junto do *Reichsführer-SS*”, confirmou o *Obersturmbannführer* Höss. “Mas têm de ser todos rapazes. Não esqueçamos que são as raparigas que geram bebés. Se queremos acabar com a raça, não podemos poupar quem a procria.”

“Mas, *Obersturmbannführer*, e se...”

“Esta condição não é negociável”, atalhou Höss. “Só autorizo que se poupem noventa crianças. E têm de ser rapazes. É pegar ou largar.”

Os homens entreolharam-se de novo e pelos olhares tornava-se claro que era de aceitar. O *Obersturmführer* Schwarzhuber voltou-se para o doutor Mengele, que a tudo assistira em silêncio.

“O *Doktor* tem estado a fazer *Selektionen* de prisioneiros do campo das famílias para os campos de trabalho, não é verdade?”

“Correto, *Obersturmführer*”, confirmou Mengele. “Já saíram vários *Kommandos* para diversos *Katzet* do Reich com prisioneiros em boa condição física. Enviei os homens para os campos de trabalho de Schwarzheide e Blechhammer e as mulheres para os *Frauenlager* de Stutthof, Christianstadt e Neuegamme.”

“Pode também proceder à *Selektion* destas noventa crianças?”

“*Natürlich*”, concordou o médico-chefe do campo. “Fá-la-ei imediatamente e com gosto. Eu próprio fui muitas vezes ao barracão-escola do campo das famílias, falei com essas crianças e vi-as cantar e representar. Nunca conheci nenhum camarada que não gostasse delas.”

O *Lagerführer* pareceu descontrair-se, e com ele os restantes homens. O

acordo estava fechado.

“Muito bem”, disse o *Obersturmführer* Schwarzhuber. “Salvaremos esses miúdos e, como o campo das famílias irá fechar, enviá-los-emos para o campo dos homens.”

Com o entendimento alcançado, os SS dirigiram-se à porta. Antes que saíssem, o responsável pelas operações de extermínio interveio.

“Camaradas, sei que a liquidação deste campo será dura para todos”, disse Höss. “Não é fácil o que estamos a fazer neste lugar. A nossa missão é terrível, não o ignoro eu nem o *Reichsführer-SS* nem o próprio *Führer*, mas lembrem-se que é um horror que as gerações vindouras nos agradecerão. É um combate que os nossos filhos já não terão de levar a cabo. Não podemos falar em público sobre tudo o que estamos a fazer, mas quem sabe se o dia virá em que alguém, olhando para esta época decisiva e para esta missão que pessoa alguma inveja, dirá: ‘Felizmente naquele tempo houve homens de têmpera, homens que fizeram o que ninguém queria fazer, homens que fizeram o que tinha de ser feito.’ Quem sabe se o dia virá em que o mundo se inclinará perante o nosso exemplo, em que os SS serão encarados com respeito e admiração, com orgulho até, pela disciplina de que deram mostras, pela fidelidade que exibiram e pela vontade férrea que alardearam, pois foram estes SS os homens que salvaram a humanidade e tornaram possível a sua evolução para um estado superior, aquele em que nos tornaremos deuses, como deuses foram os atlantes que nos precederam. Vós sois os heróis da espécie humana e embora sejamos obrigados a esconder tudo isto, porque homens de menos coragem não são capazes de engolir a dura realidade do extermínio que pela razão tão facilmente se entende, espero que o dia chegue em que o mundo inteiro o reconheça e diga que foi aqui em Auschwitz que foram escritas a letras de ouro as mais decisivas e determinantes páginas que tornaram para a humanidade o futuro possível e risonho. Honremos pois o nosso *Führer*, que criou o Reich alemão e nos conduzirá a um futuro radiante”. Estendeu o braço. “O nosso *Führer* Adolf Hitler.”

Todos estenderam o braço.

“*Sieg Heil!*”, bramiram em coro. “*Sieg Heil! Sieg Heil!*”

A palavras finais pareceram animar os SS. A reunião estava terminada e os homens fluíram gradualmente do gabinete do *Lagerführer*. Ninguém duvidava que os dias que se avizinhavam iriam ser difíceis, pois a tarefa que os esperava não podia de facto ser invejada por ninguém, mas o que eram tais dificuldades quando se estava a escrever a letras de ouro páginas tão gloriosas da história da espécie humana?

IX

A confusão no campo das famílias era enorme e Francisco andou duas horas a saltitar de barracão em barracão à procura de Gerda. Encontrou os blocos vazios, uma vez que uma parte significativa dos prisioneiros já tinha sido enviada para os campos de trabalho na Alemanha e os restantes deambulavam pelo *Familienlager*. O mais provável era ela ter partido nos dias anteriores para os campos do Reich.

O problema era Peter. Tendo apenas nove anos, não seria fácil Gerda convencer os alemães a deixarem-no seguir com ela para a Alemanha. Estava aí a grande vulnerabilidade do plano original. O novo plano do SS-*Mann* para salvar a família do mágico, caso ela permanecesse ainda no campo das famílias, assentava no resultado da reunião da véspera na *Kommandantur* de Birkenau. Dado que o *Obersturmbannführer* Höss havia autorizado que se preservassem noventa rapazes, Francisco queria meter Peter no grupo. O problema era encontrá-lo, a ele e à mãe. Como tinha sido dada ordem para as crianças se juntarem nessa manhã no bloco trinta e um para a *Selektion* dos noventa, dirigiu-se para aí.

Encontrou o barracão-escola num rebuliço. Centenas e centenas de crianças aglomeravam-se com os pais, enquanto SS, *Kapos* e *Blockältesten* faziam a vigilância. Viu o doutor Mengele preparar-se para a *Selektion* e reparou que o SS encarregado de o apoiar era o *Unterscharführer* Fritz Buntrock, o *Rapportführer* do campo das famílias. Francisco apenas o conhecia de vista, mas o facto de ambos terem feito parte do grupo que fora ao gabinete do *Lagerführer* deu-lhe confiança para o interpelar.

“*Heil Hitler!*”, cumprimentou-o. “*Unterscharführer*, quando vai começar a *Selektion* das crianças?”

O *Unterscharführer* Buntrock reconheceu-o.

“Dentro de dez minutos.” Fez um sinal a indicar o médico-chefe. “O *Doktor Mengele* está a ultimar os preparativos.”

“Será seguido algum critério?”

“Numa *Selektion* normal só passam pessoas saudáveis com mais de dezasseis anos. Mas neste caso serão seleccionadas as crianças do sexo masculino saudáveis entre os doze e os dezasseis.”

O rosto de Francisco ensombrou-se. Peter tinha apenas nove.

“Quem verifica a idade?”

“Sou eu”, disse Buntrock. “O *Doktor* limita-se a determinar-lhes a condição física.”

Era pois fundamental convencer o *Rapportführer* a flexibilizar os critérios no que a Peter dizia respeito.

“Acha possível seleccionar uma criança de... uh... dez anos?”

“Claro que não. Está fora dos critérios.”

O português esboçou uma careta dorida.

“Sabe, existe aí um miúdo a quem me afeiçoei muito, um rapaz de dez anos que é uma joia, e queria mesmo, mesmo, mesmo, que se safasse. Seria muito importante para mim.”

Buntrock hesitou.

“Bem... compreendo. Mas, está a ver, camarada, os critérios são os critérios e...”

Francisco colou-se ao alemão.

“E se eu lhe *organizar* uma pedra preciosa?”

O *Rapportführer* do campo das famílias olhou rapidamente em redor, para se assegurar de que ninguém os ouvia.

“Que tipo de pedra?”

“Ouro, diamantes... sei lá. Tenho contactos no *Kanadakommando* e no *Sonderkommando*. De certeza que se encontrará qualquer coisa nas bagagens dos judeus. O que me diz?”

O azul-acinzentado do olhar de Buntrock cintilou de cupidez perante a

perspetiva. O SS lançou em redor uma nova miradela cautelosa.

“Traga-me cá o rapaz.”

Os minutos seguintes foram passados por Francisco num frenesim a esquadriñar a multidão. Não os viu. Decidiu meter-se entre os prisioneiros. O ideal seria chamar por Gerda e Peter em voz alta, mas isso atrairia as atenções e suscitaria suspeitas da hierarquia. Se a família do mágico ainda se encontrasse em Birkenau teria forçosamente de ali vir, pois o *Lagerführer* ordenara que todas as crianças se juntassem no bloco trinta e um. Todas. Se estivessem no campo, apareceriam. Como não os lobrigava entre a multidão, e uma vez que a *Selektion* dos noventa estava prestes a começar, foi assistir aos procedimentos. As crianças desfilariam uma a uma e se Peter estivesse entre elas era inevitável que o visse.

Voltou para junto do *Unterscharführer* Buntrock e fez-lhe sinal de que a seu tempo lhe diria quem era o miúdo a salvar. Vendo o doutor Mengele a postos, o *Rapportführer* virou-se para a multidão.

“Toda a gente despida!”

As crianças obedeceram. Já nuas e alinhadas pelos *Kapos* e pelos *Blockältesten*, apresentaram-se perante Buntrock com as roupas debaixo dos braços. Havia muitas risadas, das crianças e dos pais, mas o tom forçado mostrava que tentavam esconder o desconforto e conquistar as boas graças dos SS.

“Podem começar”, indicou o *Rapportführer*. “Corram depressa, para o *Doktor* avaliar a vossa condição física.”

Iniciaram a corrida e passaram um a um diante do doutor Mengele a correr da esquerda para a direita, quase todos a sorrir, tentando mostrar que estavam fortes e procurando exhibir saúde, pois sabiam que só os mais saudáveis seriam escolhidos. O médico mexia o dedo ou fazia um trejeito quando queria que fossem para a esquerda, ficava imóvel quando deveriam seguir para a direita. Os da direita estavam claramente mais debilitados do que os da esquerda, pelo que depressa se tornou evidente que era para a esquerda que convinha ser selecionado. A certa altura o médico hesitou perante uma criança que passara a correr.

“*Wie alt bist du?*”, perguntou-lhe. “Que idade tens tu?”

“Catorze anos e um mês, *Herr Doktor*.”

Sem dizer mais nada, o doutor Mengele fez um sinal com o dedo a mandá-lo para a esquerda.

“*Gut, Jan*”, murmurou Buntrock. “Boa, Jan.”

O miúdo pelos vistos chamava-se Jan e claramente o *Rapportführer* torcia por ele. O incidente mostrara que o médico também questionava a idade dos selecionados sempre que tinha alguma dúvida. Isso seria um problema caso Peter aparecesse. Só se resolveria, claro, *organizando* outras pedras preciosas, desta feita para o doutor Mengele. Tudo se podia comprar em Auschwitz com o ouro dos gaseados.

O processo foi demorado pois eram centenas de crianças. Francisco viu-as uma a uma, ainda à procura de Peter. Por fim, a *Selektion* terminou. As rejeitadas voltaram para junto das famílias. Todos estavam destinados à câmara de gás dentro de dias e, pelas lágrimas que vertiam e pelo desânimo de que davam mostras, pareciam sabê-lo. Depois de contar os rapazes que tinham ido para o lado esquerdo, o *Unterscharführer* Buntrock constatou que o doutor Mengele havia selecionado trezentos. Não podia ser.

“Nova *Selektion*”, anunciou o médico, regressando ao seu lugar. “Vamos selecionar os selecionados.”

Ciente de que a janela de oportunidade se fechava, Francisco voltou a percorrer freneticamente a multidão em busca de Gerda e Peter. Decerto já tinham sido transferidos para um campo de trabalho. Mas precisava *mesmo* de ter a certeza. Quando inspecionava mais uma vez a multidão, um prisioneiro barrou-lhe o caminho.

“*Herr SS-Mann*, desculpe a impertinência mas parece procurar alguma coisa”, constatou o homem. “Posso ajudá-lo?”

O português ia responder que não, mas deteve-se. E porque não?

“Procuro Gerda Levin, que costuma...”

“A mulher do mágico?”

Francisco quase deu um salto.

“Conhece-a?”

“Lamento, mas já cá não está. Foi transferida com o filho para um campo de trabalho na Alemanha.”

“Tem a certeza?”

“Sim, *SS-Mann*.”

Quase bufou de alívio. A família de Levin estava em segurança. Podia descansar. Depois de agradecer ao prisioneiro, Francisco ficou a assistir à segunda *Selektion*.

“*Herr Unterscharführer*, por favor meta o meu filho”, suplicou uma voz. “*Herr Unterscharführer*, por favor.”

Buntrock virou-se para trás e viu um judeu com uma das crianças rejeitadas.

“Vá-se embora. O *Doktor* não o escolheu.”

“*Herr Doktor* estava desatento quando ele passou, *Herr Unterscharführer*. Por favor, dê-lhe uma nova oportunidade. Por favor, por favor. Imploro-lhe, *Herr Unterscharführer*. Dê mais uma oportunidade ao meu Pavel, que é tão bom rapaz...”

O *Rapportführer* olhou para a criança e reconheceu-a do barracão-escola. Fez-lhe sinal e o rapaz voltou para o grupo. O desfile das crianças nuas recomeçou, dessa feita envolvendo apenas as trezentas escolhidas na primeira passagem, mais Pavel. Os garotos mostravam-se muito nervosos e os sorrisos eram fugidios; tinham achado na primeira *Selektion* que já estavam a salvo e afinal precisavam de passar pelo suplício de uma nova escolha. Correram mais uma vez diante do doutor Mengele.

Quando a segunda *Selektion* terminou, bem mais depressa do que a anterior, tornou-se claro que mesmo assim havia crianças a mais.

“Está a ser demasiado generoso, *Doktor*”, disse o *Unterscharführer* Buntrock. “Ainda temos duzentos. É preciso cortar mais de metade.”

O doutor Mengele suspirou.

“Está bem, vamos a uma terceira *Selektion*. Desta vez vai contando e quando atingirmos os noventa avisa-me.”

As crianças voltaram a alinhar-se e pela terceira vez passaram diante do médico, todas numa grande ansiedade. Com um lápis na mão, Buntrock foi anotando os que o médico mandava para a esquerda; como os conhecia a

todos, até lhes sabia os nomes.

“Yehuda, um. *František*, dois. Wolf, três. Dov, quatro. Werner, cinco. *Eli*, seis. Pavel...”

A certa altura um dos rapazes, alto e tão magro que se lhe viam as costelas, em vez de correr passou em marcha prussiana diante do doutor Mengele, levantando muito alto as pernas esticadas numa caricatura cómica da marcha da Wehrmacht. O exercício arrancou gargalhadas aos SS, divertidos por verem os rivais do exército regular serem ridicularizados. Em condições normais um prisioneiro assim tão magro chumbaria numa *Selektion* de critérios apertados, mas o atrevimento do garoto agradou ao médico. Foi para a esquerda. Também o *Rapportführer* se riu da astúcia.

“Boa, Jiří.”

Os rapazes continuaram a desfilar e o doutor Mengele a fazer o sinal sempre que aprovava um miúdo. De repente o *Unterscharführer* Buntrock levantou a mão.

“Noventa”, gritou. “Já os temos!”

Os rejeitados e o punhado que não tinha ainda passado foi mandado embora, enquanto os escolhidos e as respetivas famílias festejavam. O *Rapportführer* deu ordem aos selecionados de que se vestissem porque iam partir imediatamente para o campo dos homens. A alegria deu lugar a um sentimento pesado, pois as famílias perceberam que chegara a hora de se despedirem. Houve abraços e lágrimas; todos tinham a noção de que era mesmo um adeus. O destino dos adultos seria a câmara de gás e o daquelas crianças ainda se veria.

A uma ordem do *Unterscharführer* Buntrock, os rapazes alinharam-se para partir. O olhar do *Rapportführer* fixou-se, quase surpreendido, no mais pequeno; o miúdo parecia ter dez ou onze anos, abaixo do limite de doze.

“Dov, que idade tens tu?”

“Uh... quinze.”

Buntrock levantou o sobrolho em reprovação.

“*Warum lügst du?*”, perguntou. “Porque estás a mentir?”

O rapaz baixou os olhos, mas o SS, após uma breve hesitação, fez um gesto a indicar-lhe que se juntasse aos restantes escolhidos.

“*Hau ab!*”, rosnou. “Desaparece.”

Escoltado pelos alemães, o grupo de noventa rapazes encaminhou-se para o portão. Ouviam-se os gritos dos pais à distância e os miúdos lançavam amiúde os olhares para trás e acenavam numa última despedida. Custou a Francisco assistir àquilo, pois sabia que era o adeus para sempre entre famílias. De repente, um rapaz apartou-se do grupo e correu para a família, abraçando-se ao pai; todos pensaram que se tratava de uma derradeira despedida, que depois do abraço ele voltaria ao grupo, mas isso não aconteceu. Escolhera ficar.

“E agora?”, questionou-se Buntrock, desconcertado. “Temos um a menos...”

O doutor Mengele encolheu os ombros.

“*Ach!* O destino assim o quis.”

E foi dessa forma que os rapazes saíram do campo das famílias, oitenta e nove e não noventa, as crianças judias autorizadas a sobreviver a Birkenau.

X

Primeiro apareceu a luz, ou talvez não passasse de uma claridade que ia ganhando intensidade e a seguir contornos, até que os contornos se transformaram numa cabeça desfocada. Seria um sonho? Tinha a sensação nítida de flutuar, de pairar dormente numa atmosfera irreal, de que uma neblina o impedia de ver com clareza. Sentiu-se sacudir com violência e escutou uma voz, primeiro distante, mas logo a seguir próxima e real.

“... tipo está a acordar”, disse o rosto baço, falando para o lado. “Traz água.” O homem voltou a encará-lo. “Levin! Acorde, Levin! Está a ouvir?”

O mágico pestanejou, tentando perceber o que se passava.

“Acorde, Levin!”

Voltou a pestanejar, esforçando-se por sair da letargia que lhe entorpecia o raciocínio.

“Uh... hã?”

Sentiu um choque frio e deu um salto, as mãos na cara e subitamente desperto. Alguém lhe lançara água ao rosto.

“Levin?”

Fitou o homem que antes não passava de um vulto desfocado e reconheceu-o. O *Oberkapo* Kaminsky.

“O que... o que aconteceu?”

“O *Malakh HaMaves* vem aí para o *Appell* da manhã”, anunciou o responsável pelo *Sonderkommando*. “Temos de nos mudar para os aposentos nos crematórios. Levante-se imediatamente para a chamada.”

Já consciente, apesar das dores de cabeça de ressaca do *Schnapps* que

engolira em doses cavalares, as imagens da véspera assaltaram-no e sentiu-se invadido por uma infinita tristeza. Encolheu-se em posição fetal, entregue à sua miséria e alheado do mundo.

“Levin, levante-se!”

Uma outra voz interveio.

“Deixa-o, Litvak. Não vês o estado em que ele se encontra?”

Litvak era a forma como Kaminsky se tornara conhecido entre os companheiros. O *Oberkapo* era um judeu da Lituânia, daí a alcunha.

“O *Malakh HaMaves* vem aí!”, argumentou Kaminsky. “Se o vê assim, despacha-o com um tiro. O Levin tem de se levantar!”

“Não vai resultar”, contrapôs a outra voz, evidentemente um segundo veterano do *Sonderkommando*. “Olha para ele, está catatónico.”

“Tem de se levantar!”

“Não viste o que aconteceu, Litvak? O tipo veio do campo das famílias e esteve presente ontem no gaseamento das pessoas do seu campo. É óbvio que está em choque. Põe-te no lugar dele.”

“Sei isso tudo muito bem, Gradowski, mas o *Malakh HaMaves* vem a caminho e sabes bem que o tipo não quer cá explicações. Se vir o Levin neste estado, liquida-o logo. Como tencionas resolver o problema?”

Fez-se uma curta pausa, como se Gradowski ponderasse a questão. Fora no mês anterior que, devido ao elevado número de prisioneiros no *Sonderkommando*, a maior parte começara a ser transferida para os crematórios. A transferência completava-se nesse dia e era imperativo que Levin, designado para o crematório número três, se levantasse.

“E se o substituíssemos pelo Shlomo?”, propôs Gradowski. “É a única maneira de safarmos a coisa. O Shlomo vai para o *Appell* no lugar do Levin até arranjarmos uma solução definitiva.”

“É uma ideia”, concordou o *Oberkapo*. “Vou pedir ao Georges que o tenha debaixo de olho enquanto estivermos nas mudanças.”

As vozes afastaram-se, cada uma na sua direção. O mágico manteve-se na cama, dobrado sobre si mesmo, abstraído de tudo aquilo, indiferente ao mundo e à sua sorte, entregue aos demónios que lhe assombravam a consciência, os que haviam sido libertados pela morte dos prisioneiros do

campo das famílias no crematório onde tinha a infelicidade de trabalhar. Se falasse, diria que preferia morrer.

A semana seguinte foi muito difícil para Levin, incapaz de trabalhar e sem vontade de viver. Passou intermitentemente por momentos de consciência afogados em *Schnapps* enquanto os companheiros do *Sonderkommando* se revezavam em estratégias para ocultarem a situação aos SS. O barracão havia-se esvaziado, pois a unidade contava já com demasiada gente. Muitos homens tinham sido transferidos para novos aposentos nos quatro crematórios, mas alguns ficaram no bloco treze. Era o caso de Levin e dos seus anjos-da-guarda. A maior parte do esforço de camuflar a situação do mágico foi levada a cabo pelo *Oberkapo* Kaminsky e pelo tal Gradowski, que no *Sonderkommando* desempenhava as funções de *Schreiber*, ou secretário.

Como a situação não evoluía favoravelmente, à sétima manhã Kaminsky chegou junto do mágico, que permanecia prostrado no beliche com o olhar perdido no infinito, e apresentou-lhe um outro homem do *Sonderkommando*.

“Este é Leib Langfus”, disse. “É o *dayan* de Makow. Veio do crematório número um para falar consigo.”

Um *dayan* era um juiz rabínico. Depois de os companheiros partirem para mais uma jornada nos crematórios, Langfus permaneceu o dia inteiro com Levin.

“Sei que perdeste a vontade de viver, meu irmão”, disse-lhe o *dayan* numa voz serena. “Ignoro qual a tua educação religiosa ou sequer se acreditas no Criador, mas se és judeu fizeste ao menos o *bar mitzvah* e o elementar saberás decerto. Vivemos num inferno, tu e eu e os nossos companheiros de infortúnio, e neste inferno vemos o pior de que a humanidade é capaz. O que vivemos é tão grotesco que não podemos deixar de nos perguntar se a vida terá algum sentido. Mas nada acontece por acaso, meu irmão. Nada. Nem isto. Nem a morte com que lidamos diariamente, nem a liquidação dos desgraçados do campo das famílias. Todos nós, tu e eu e os nossos companheiros, todas e cada uma das vítimas e até os SS, até o estafermo do

Malakh HaMaves, desempenhamos um papel. Ignoramos qual seja, é verdade, mas desempenhamos um papel. Só Deus o conhece. A mim mataram-me toda a família no dia em que cheguei e neste inferno tenho vivido com os nossos companheiros sem perceber porquê. Mas Deus sabe. Estamos aqui, acredites ou não, a cumprir uma missão. Uma missão sagrada concebida pelo Senhor. Por motivos que nos escapam, Deus quer as coisas desta maneira, desta e não de outra, e nós temos de suportar tudo isto porque é uma *mitzvah*, um imperativo religioso. É a vontade de Shadai, de Adonai... de Deus, qualquer que seja o Seu nome. Não nos cabe a nós alterar ou julgar a Sua vontade, apenas cumpri-la. Acredites ou não, meu irmão, nada do que está a acontecer é um acaso sem sentido mas parte de um plano, um plano divino que nos escapa a todos e cujo desígnio talvez um dia se torne claro. Talvez estejamos perante uma fatalidade, talvez estejamos a ser submetidos a um grande teste. Não sei. Apenas sei que tens o dever de te erguer, de lutar, de prestar testemunho, de cumprir a tua *mitzvah*.”

A conversa durou todo o dia e foi complementada com certos produtos, não *Schnapps*, a solução tradicional de Kaminsky e da generalidade dos elementos do *Sonderkommando* e até dos SS para os males da alma, mas extratos de plantas que o *dayan* lhe foi ministrando em doses controladas. O facto é que Levin quebrou o mutismo prolongado, não para chorar, pois naquele lugar não se viam homens a chorar, mas para falar, para exprimir a dor e a revolta que o consumia, e foi quando começou a falar nessa revolta que Langfus percebeu que ganhara a partida, que o seu paciente tinha enfim algo em que se concentrar, que seria a revolta que lhe devolveria a vontade de viver.

Pela primeira vez desde o terrível dia da liquidação do campo das famílias, o mágico abandonou o beliche e saiu com o *dayan* para o exterior do barracão. Foi aí que decorreu parte substancial da conversa. Quando Langfus se foi embora, já à tarde, Levin ficou sozinho a deambular pelo barracão, sem nada para fazer e com medo dos pensamentos que o tinham conduzido ao precipício. O fantasma não desaparecera nem nunca

desapareceria. Apenas o afugentara momentaneamente.

Os homens do turno da noite ainda dormiam nessa altura, mas a atenção de Levin foi atraída por um som de folhas de papel a serem reviradas. Apercebeu-se de que um dos companheiros do turno noturno já acordara e estava encostado no beliche a escrever, as folhas iluminadas pela luz da janela atrás dele. Reconheceu-o. Tratava-se de Gradowski, o *Schreiber* do *Sonderkommando*. Sabia que Gradowski era um judeu polaco muito crente e via-o frequentemente a pôr os *tallit* e os *teffilin* depois de uma jornada em que haviam gaseado as vítimas de um transporte e dizer um Cadish por elas. Chegava mesmo a recitar diariamente o *shaharit* matinal, a *minha* da tarde e o *ma'ariv* noturno, as três orações do judaísmo, e convencera alguns companheiros a juntarem-se-lhe nesses serviços.

“Gradowski?”

O companheiro levantou os olhos dos papéis que rabiscava.

“Olha quem é ele!”, sorriu. “Milagre! Não só se põe de pé como já fala!”

O mágico aproximou-se do beliche do *Schreiber*.

“Queria agradecer-lhe a atenção que teve comigo.”

“Estávamos preocupados”, disse Gradowski. “Foi o cabo dos trabalhos disfarçar a sua ausência, nem imagina. Ainda por cima com a transferência do pessoal para os aposentos nos crematórios... Chegámos a pensar que o *Malakh HaMaves* ia perceber a marosca e dar-lhe um tiro. Felizmente conseguimos trapaceá-lo o tempo suficiente para que você recuperasse. Folgo em vê-lo de pé e a falar. Bem-vindo ao mundo dos vivos!”

Vendo o beliche mais próximo vazio, Levin sentou-se nele.

“Não sei se o meu regresso deve ser saudado. Depois de tudo o que aconteceu, para quê viver?”

“O *dayan* de Makow não falou consigo?”

“Sim, falou. Ajudou-me a sair do estado de apatia, mas de que serve viver se não temos motivo para o fazer?”

“Claro que temos.”

“Não me diga que também acha que isto é uma missão que Deus nos entregou e que este inferno faz parte dos milagres e maravilhas de que a Bíblia fala...”

“Não pense que é o único a sofrer. Seria um insulto. Todos os homens que aqui estão sofrem. Mesmo os bestializados. A minha mãe, Sara, morreu assassinada aqui em Birkenau no mesmo dia em que foram assassinadas as minhas irmãs Libe e Ester e a minha querida mulher, Sónia. Foi a 8 de dezembro de 1942, o dia em que aqui chegámos. Fui selecionado para trabalhar e elas para morrer. Também o meu pai foi apanhado por eles, e o mesmo sucedeu aos meus irmãos Eber e Moyshl na Lituânia e à minha irmã Feigele em Otvotsk. Perdi toda a família.”

“Ainda consegue encontrar razões para viver?”

Como se exibisse a prova, Gradowski pegou no caderno que rabiscava.

“Sabe o que isto é?”

“Trabalho de secretaria, presumo eu.”

O secretário do *Sonderkommando* estendeu os papéis ao seu interlocutor. Pegando neles, a primeira coisa com que Levin se deparou foi o título. *No Coração do Inferno, de Zalman Gradowski*. Deitou um olhar às primeiras linhas da primeira página e leu-as em voz alta.

“‘Caro leitor, encontrarás nestas linhas a narrativa dos sofrimentos e dores que nós, as mais desgraçadas crianças deste mundo, sofremos durante a nossa ‘vida’ neste inferno terrestre que se chama Auschw...’”

Gradowski arrancou-lhe bruscamente as folhas da mão.

“Isto é secreto.”

O mágico olhou-o sem entender.

“Então porque me mostrou?”

“Para explicar porque vivo”, disse. “Vivo para prestar testemunho. É essa a minha *mitzvah*.” Fez um gesto a indicar os companheiros que ainda dormiam nos outros beliches. “É essa a *mitzvah* de todos nós, mesmo daqueles que estão transformados em animais. Vivemos para prestar testemunho. Sou um grande pecador que vive da morte do nosso povo, mas lavarei os meus pecados com o meu próprio sangue, com o testemunho que estas páginas levarão ao mundo, com o testemunho que nos resgatará a honra.”

“Acredita mesmo que escaparemos a isto?”

“Claro que não. O *Sonderkommando* será todo eliminado, sobre isso não

tenho dúvidas. Sabemos o segredo e os alemães não nos deixarão sair vivos.”

“Então como tenciona prestar testemunho?”

Mais uma vez Gradowski pegou nas folhas e mostrou-as como um advogado a exhibir provas em tribunal.

“O meu testemunho está aqui!”

“Acha que os alemães serão parvos ao ponto de deixar essas folhas intactas?”

“É por isso que os meus escritos são secretos. A sua existência só é conhecida por um punhado de companheiros. Os alemães não podem saber de maneira alguma que eles existem, entendeu?”

“Mas como planeia fazer chegar essas folhas ao mundo exterior?”

O *Schreiber* esboçou um sorriso sem humor.

“Quando concluir os meus escritos, vou metê-los numa caixa ou num tubo metálico e escondê-los num buraco. Depois de a guerra acabar, as folhas serão descobertas e a verdade conhecida. Eu morrerei, mas o meu testemunho sobreviverá. Será assim que me lavarei dos meus pecados.”

Levin passou a mão pelos cabelos.

“Não é má ideia...”

O seu interlocutor fitou-o com intensidade, como se o desafiasse.

“Porque não faz o mesmo?”, perguntou Gradowski com uma convicção quase religiosa. “Faça da dor a sua razão de viver. Preste testemunho. Cumpra a sua *mitzvah*. Quantos mais o fizerem, mais provas sobreviverão. Os nossos escritos serão a nossa voz quando a nossa voz já cá não estiver. Eles falarão por nós e por todos os que morreram. Além do mais, a escrita liberta-nos. Quando escrevo é como se aplacasse o sofrimento que me atormenta.”

A sugestão atingiu o mágico com a força de uma epifania. Viver para exorcizar os seus fantasmas. Viver para prestar testemunho. Viver para denunciar. Seria essa a sua missão?

A primeira coisa que Gradowski lhe ofereceu foram umas folhas e um lápis, mas do que Levin gostava mesmo era de escrever à máquina. O

Schreiber lembrou-se que tinha uma máquina datilográfica, encontrada na bagagem dos gaseados, e foi buscá-la. Já com ela, o mágico sentou-se no seu beliche e passou o resto da tarde a datilografar. Não foi difícil escolher o tema. As suas experiências em Theresienstadt e ali em Birkenau eram assunto suficiente para prestar testemunho, mas o que realmente o motivava era a liquidação do campo das famílias. Foi para contar o que se passou nesse dia terrível que começou a escrever, e acabaria por ser justamente aí que encontraria a sua razão de viver. Aquele crime tinha-o morto e era por essa morte que vivia.

Os companheiros do seu turno no *Sonderkommando* regressaram ao bloco treze pelas seis e meia da tarde, altura em que o turno da noite fez o *Appell* e saiu. Depois do banho veio o jantar. Levin permaneceu em silêncio durante toda a refeição e recusou o vinho italiano que chegara num dos últimos transportes, mas a sua simples presença à mesa, e também o facto de evitar o álcool quando ainda na véspera se encharcava em *Schnapps*, mostrava que algo havia mudado. Um choque como o que sofrera não passava nunca; aliás, nada do que os homens àquela mesa haviam visto e vivido nos crematórios alguma vez deixaria de os atormentar, mas ao menos ele estava de regresso ao mundo dos vivos.

Quando o jantar terminou, Kaminsky convidou-o a acompanhá-lo e abandonaram ambos o barracão.

“O *dayan* falou-me da vossa conversa e garantiu-me que poderemos contar consigo”, disse o *Oberkapo*. “Sabe, a dor que todos transportamos nunca desaparecerá. Mesmo que um dia consigamos sair daqui vivos, e não conseguiremos, façamos o que fizemos e vivamos o tempo que vivermos, esta chaga jamais irá sarar. A dor estará sempre cá dentro e só há uma forma de a domarmos.”

“Olho por olho, dente por dente.”

“Prefiro dizer que temos de fazer da dor a nossa razão de viver”, corrigiu-o Kaminsky. “É verdade que a maior parte dos nossos companheiros no *Sonderkommando* vive apenas porque quer viver, porque a vontade de viver se sobrepõe a tudo o resto, porque o instinto de sobrevivência é a coisa mais forte que temos. Alguns estão de tal modo brutalizados e desumanizados

que deixaram de sentir o que quer que seja quando veem as pessoas ser gaseadas e depois arrastam os cadáveres para os fornos. Chegam a maltratá-las no vestiário, como já constatou. A única coisa que lhes interessa é sobreviver, sobreviver a todo o custo, sobreviver nem que seja apenas mais um dia, mesmo sabendo que acabarão por morrer. Eu também quero viver. Vim para aqui em janeiro de 1943 e toda a minha família foi selecionada na *Rampe* e morta no próprio dia da chegada. Também eu vivo porque o instinto de sobrevivência é mais forte que tudo o resto, mas não é apenas por isso. Vivo igualmente porque transformei a dor em alimento e não me resigno a esta morte de cordeiros a que os alemães nos votaram. Não me resigno.”

Estas palavras, vindas de quem vinham, não deixaram de espantar o seu interlocutor. Não o queria julgar, não estava na verdade em condições de o fazer, mas como podia uma pessoa que todos os dias conduzia inocentes à morte e lhes queimava os cadáveres dizer uma coisa daquelas?

“E no entanto participa nisto...”

O *Oberkapo* Kaminsky calou-se por momentos.

“O que sente quando vê as pessoas serem mortas?”

“O que sinto?”, admirou-se Levin, quase indignado com a questão. “Como pode perguntar-me uma coisa dessas?”

“Não me interprete mal”, apressou-se o responsável do *Sonderkommando* a dizer. “Apenas quero saber a que está disposto para travar isto.”

“A tudo. Estou disposto a tudo.”

O *Oberkapo* olhou em volta, quase instintivamente, antes de fazer a pergunta seguinte, esta num sussurro.

“Incluindo a... a revoltar-se?”

O mágico olhou-o, tentando perceber o sentido da pergunta e sobretudo se ela queria dizer aquilo que ele pensava. Não era a primeira vez que ouvia falar em revolta. Escutara aquela mesma palavra meses antes dos lábios de Alfred Hirsch. No entanto, não passara de uma promessa oca. Fredy falara-lhe em revolta e nada acontecera. Seria desse tipo de revolta que o *Oberkapo* também lhe falava?

“O que quer dizer com isso?”

“Responda à minha pergunta”, insistiu Kaminsky. “Estaria disposto a revoltar-se?”

Manteve a desconfiança. A experiência com Alfred Hirsch deixara-o de pé atrás. Mas o *Oberkapo* não era Fredy.

“Mais do que nunca.”

A resposta pareceu deixar o responsável do *Sonderkommando* aliviado.

“Ainda bem.”

“Porque pergunta?”

“Este assunto é absolutamente confidencial”, disse. “Só uma parte do *Sonderkommando* está a par, incluindo Gradowski e Shlomo. Precisamos de uma pessoa com talentos especiais nas artes da dissimulação e o Fredy Hirsch tinha-me dito que havia no campo das famílias um mágico que nos poderia ser útil.”

“O Fredy convidou-me de facto para colaborar nos preparativos de uma revolta. Mas depois não aconteceu nada.”

“A revolta não avançou na altura mas pode avançar agora”, afirmou Kaminsky. “Já há algum tempo que temos este plano e andamos a falar com a rede de resistência do *Katzet*, o *Kampfgruppe Auschwitz*. O problema é conseguirmos armas e munições. Quando o Fredy me falou em si, pensámos que nos poderia ajudar. Só que o Fredy e os elementos do seu transporte de Theresienstadt foram gaseados e não houve revolta nenhuma. Pensei que tínhamos perdido o seu rasto. Mas você apareceu.”

As peças começavam a encaixar.

“Daí que me tenha colocado sob a sua asa...”

O *Oberkapo* colou a ponta do indicador no peito do interlocutor.

“Precisamos de si”, disse com ênfase. “Podemos contar consigo?”

“Para fazer o quê? Já lhe disse que o Fredy me falou na mesma coisa e depois isso não deu em nada...”

Kaminsky manteve o olhar fixo nele.

“Podemos ou não contar consigo?”

Ou seja, só lhe diria mais se ele se comprometesse. E deveria comprometer-se? Baixou a cabeça e, esfregando o queixo, ponderou a questão. A desilusão com Fredy deixara-o desconfiado. Para que se iria

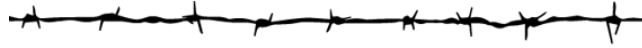
meter numa coisa daquelas se depois nada seria feito? Por outro lado, qual a dúvida? Não esquecia a dor que o consumia por dentro, a dor que o levava para o abismo e que no desespero se transformara na fonte que alimentava o seu desejo de viver. Vivia para prestar testemunho e a revolta seria o maior de todos os testemunhos.

O *dayan* Langfus tinha-lhe falado na *mitzvah* dos que sobreviviam e Gradowski havia-lhe mostrado que essa *mitzvah* passava pelo dever de prestar testemunho. Nesse momento Kaminsky apresentava-lhe o mesmo caminho que Fredy lhe apresentara, mas Kaminsky parecia-lhe mais determinado, dispunha de mais recursos e dava a impressão de saber o que fazia. O *Oberkapo* propunha-lhe ir mais longe, muito mais longe do que pensara ser possível. Como podia recusar? Não havia ele próprio dito ainda momentos antes que estava disposto a tudo? As mortes em rebanho tinham de acabar, alguém tinha de pôr cobro àquela loucura.

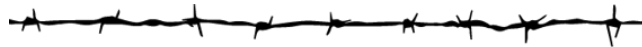
Levantou a cabeça e, acreditando ser essa a missão da sua vida, apertou a mão do *Oberkapo* Kaminsky.

“Podem contar comigo.”

PARTE TRÊS



A ILUSÃO FINAL



*Um feiticeiro,
pelo poder da sua magia,
submete tudo à sua vontade.*

ALEISTER CROWLEY, *The Book of Lies*

I

A atividade na moradia do comandante, em Auschwitz I, chamou a atenção de Francisco quando se dirigia para os escritórios do *Abteilung VI*. A manhã nascera quente e havia um caminhão estacionado à porta da vivenda. Vários prisioneiros alemães de farda listada, claramente testemunhas de Jeová, retiravam móveis diante de um pequeno grupo de mirones formado sobretudo por SS. Com a curiosidade a morder-lhe os olhos, o português abeirou-se. A carga do caminhão estava cheia de baús, caixas, malas e outros objetos; dir-se-ia que a moradia era esvaziada. Entre os mirones vislumbrou Pery Broad.

“O que aconteceu?”

“Puxa! Você já viu isso?”, perguntou em português. “Tem aí muita *organização*, hem?”

Francisco arqueou as sobrancelhas.

“Está a insinuar que isso tudo foi roubado pelo comandante Höss?”

O SS brasileiro fez um ar escandalizado.

“Eu?” Parecia a inocência personificada. “Que nada. Ele ganhou isso da vovozinha.”

Desataram ambos a rir. Em condições normais arriscavam-se a ser detidos por falarem daquela maneira sobre o comandante de Auschwitz; era impensável um SS troçar da hierarquia. Comunicar em português, porém, soltava-lhes a língua.

“Os alemães têm um provérbio”, acrescentou Broad. “*Des einen Tod ist des anderen Brot*. A morte de um é o pão de outro. Isso nunca foi tão

verdadeiro como aqui no *Katzet*. Como você sabe, os transportes chegam carregados de bagagens e os judeus trazem tudo o que possuem de valioso. Uma parte foi parar aí aos cofres do nosso querido comandante.”

“Eu achava que os bens dos judeus eram considerados bens do Reich e enviados para o Canadá para depois serem remetidos para a Alemanha...”

A ironia arrancou ao brasileiro um sorriso conhecedor.

“A teoria da prática é diferente da prática da teoria.”

A corrupção no campo era bem conhecida de todos. Tanusha já contara a Francisco como os SS iam amiúde ao *Kanada* recolher valores, de dinheiro encontrado na bagagem e na roupa das vítimas a pedras preciosas e outros bens. Que a corrupção atingisse o próprio comandante, supostamente um zelota, era todavia inaudito, sobretudo considerando a dimensão do esbulho. O *Obersturmbannführer* Höss roubava tanto que até precisava de um caminhão para levar o produto da pilhagem. E fazia-o à luz do dia.

“Isto é incrível”, murmurou o português, o olhar preso ao espetáculo do caminhão a ser carregado. “O homem nem disfarça.” Voltou-se para o SS brasileiro. “Quantas vezes o comandante já fez isto?”

Pery Broad olhou-o sem perceber o sentido da pergunta.

“Ué. Essa é a única. Ele está indo, n’ê?”

“Indo? Indo onde?”

“Embora! O Höss vai embora.”

Francisco arregalou os olhos, incrédulo.

“Embora?”, admirou-se. “Embora como? Só chegou há dois meses...”

“A *Aktion Höss* terminou e ele vai embora.”

“Mas... o que aconteceu? Não matava com a eficiência que queriam?”

“O sujeito matava bem de mais até. Desde que chegou, no princípio de maio, quase acabou com os judeus da Hungria. Era isso a *Aktion Höss*. Você não viu os trens em fila aí na *Rampe*? O Höss foi tão eficiente que a matéria-prima se esgotou. Não tem mais mundo p’ra exterminar.”

“Os judeus da Hungria morreram todos?”

“Isso não sei”, respondeu o brasileiro. “Mas já não vêm mais para Birkenau. A guerra está virando feia e estamos fazendo retiradas estratégicas em toda a parte. Como sabe, os russos nos expulsaram da

Bielorrússia e estão na Lituânia. Com essa retirada da Wehrmacht, o governo da Hungria acabou com as deportações de judeus.”

“Você chama-lhe retirada estratégica, eu chamo-lhe cavanço”, ironizou Francisco. “Não tarda nada temos os russos aí.”

Lançando-lhe um olhar agastado, por momentos Broad deu a impressão de que o iria repreender. Mas conteve-se. Entre ambos a língua funcionava como um véu que lhes permitia dizer em português o que se proibiam de pensar em alemão.

“É por isso que o Höss vai embora, entendeu? Ainda tem p’ra liquidar os judeus dos *ghettos* da Polônia, os de Corfu, os da Eslováquia, os de Theresienstadt. Mas o pico de produção já passou. Agora que acabaram os transportes de Budapeste, a atividade intensa nos crematórios chegou ao fim. A missão do Höss está cumprida.”

A imagem do camião a ser carregado com os bens que o *Obersturmbannführer* Höss *organizara* era bem a imagem do ocaso de Auschwitz. Com a partida do responsável máximo da operação de extermínio ficava no ar a sensação de que todo aquele estranho universo, que parecia pertencer a uma dimensão onde as regras normais não se aplicavam, se começava a desmoronar. Pairava uma certa atmosfera de fim dos tempos, como se todo um mundo estivesse prestes a acabar.

“O seu espetáculo de magia?”, perguntou Broad sem tirar os olhos do camião. “É quando?”

“É justamente por causa disso que tenho de ir agora à *Kommandantur*.”

“Se fosse a si, me despachava.”

“Sim, sim. Já deve ter aberto o gabinete do...”

“Me estou referindo ao espetáculo”, precisou. “Se fosse a si me despachava.”

A insistência não era inocente.

“Porquê? O que aconteceu?”

“Não é seu mágico que está no *Sonderkommando*? Com o fim das deportações da Hungria e da *Aktion Höss*, o *Sonderkommando* já não tem muito trabalho. Já pensou nisso?”

“Eu sei”, anuiu o *SS-Mann*. “Havia tantos transportes de Budapeste e o

trabalho nos crematórios era tanto que ele nem tinha um minuto para se coçar. Agora terá tempo livre para preparar o espetáculo.”

“Pense bem”, aconselhou Broad. “Os trens da Hungria acabaram e o trabalho do *Sonderkommando* diminuiu. O problema é que o *Sonderkommando* soma quase oitocentos homens. O que vai todo esse pessoal fazer agora? Já imaginou?”

A questão tinha muito que se lhe dissesse.

“Vão ficar a coçar os... os...”

“Você conhece o Moll, não conhece? O maior cafajeste, o maior jagunço, o maior açougueiro de Birkenau. Quando vir os oitocentos homens do *Sonderkommando* de papo p’ro ar, o que acha que esse mau caráter vai fazer?”

“Reduzir o *Sonderkommando*.”

“E como se reduz o *Sonderkommando* em Birkenau? Despedindo os sujeitos e pagando indenização?”

Sem mais uma palavra que fosse, Francisco abalou imediatamente dali. Como era possível que não tivesse logo visto aquilo? O brasileiro do *Politische Abteilung* tinha razão. As grandes deportações chegavam ao fim, por isso os alemães iriam reduzir o número de elementos do *Sonderkommando*. E em Birkenau isso fazia-se de uma só forma.

II

O apito soou depois do *Appell*, o que não era normal. Surpreendidos com a quebra da rotina, os prisioneiros voltaram a sair do crematório para ver o que se passava. Deparam-se com o *Hauptscharführer* Moll e o *Unterscharführer* Eckardt acompanhados por um *Kapo* alemão.

“*Appell! Appell!*”

Outro?

Alinharam-se no pátio para a chamada. O *Hauptscharführer* Moll esperava-os com uma folha na mão e isso deixou-os inquietos. Se as quebras de rotina nunca auguravam nada de bom, a presença do chefe dos crematórios ainda menos. Os sussurros nervosos cruzaram-se no ar até os judeus completarem a formação e um silêncio tenso se impor. Eram oitocentos homens e nem um sussurro se ouvia.

“*Achtung!*”

Outros oficiais SS aproximaram-se do pátio com uma escolta. O nervosismo cresceu. Nunca tinham visto tantos altos oficiais juntos para um *Appell*. Algo de anômalo se passava. Algo de perigoso.

“Homens do *Sonderkommando*”, berrou o *Hauptscharführer* Moll. “Vamos proceder a uma transferência para Lublin, onde há mais trabalho do que aqui. Os prisioneiros que vou enumerar devem juntar-se diante do muro.”

Um burburinho inquieto percorreu o grupo. A palavra *transferência* fez toda a gente tremer. O trabalho nos crematórios diminuía imenso desde que os transportes da Hungria tinham parado. Sem trabalho, os homens do

Sonderkommando não seriam precisos. Desconfiaram. Que história era aquela de Lublin? Seria mesmo uma transferência para outro campo? Ou tratar-se-ia de uma liquidação pura e simples? A duplicidade dos alemães era por de mais conhecida de todos. Viam-nos diariamente a enganar as vítimas das câmaras de gás e sabiam que usariam da astúcia quando chegasse a vez do *Sonderkommando*.

“Gradowski”, sussurrou alguém. “O que achas que nos vão fazer?”

“Cala-te, senão topam-nos.”

Levin sentiu uma gota de suor nascer-lhe nas têmporas e ziguezaguear-lhe pela face direita. Tinha os olhos baixos, pesados; o medo era tanto que mal conseguia respirar. Com uma espreitadela fugidia percebeu que a ansiedade era geral. A tensão nas fileiras tornara-se de tal modo espessa que se diria palpável.

Sentiam-se unidos por laços invisíveis. Irmãos. O que acontecesse a um era como se acontecesse a todos. Sentia-o Levin e sentiam-no os companheiros; eram muitos mas estavam unidos como um único. Uma consciência, uma vontade, uma força. Um. Se os alemães tocassem num, tocariam em todos. A revolta começaria. Ali. Naquele momento. Ai deles se se atrevessem. Ai deles!

A voz de Moll voltou a ressoar pelo pátio.

“Dezoito vinte e sete trinta e nove...”

Após uma curta pausa expectante, alguém se mexeu. Levin reconheceu o homem cuja existência em Birkenau se reduzia àquele número; era um judeu grego que se encaminhou, devagar mas obedientemente, para o muro.

“Dezassete vinte e cinco quarenta e quatro...”, prosseguiu o alemão, designando o número do homem seguinte, o que provocou novo movimento nas fileiras. “Oitenta setecentos e sessenta e quatro... Dezoito vinte e cinco vinte e sete...”

À medida que os números iam sendo lidos, um suspiro aliviado ia percorrendo o grupo. A chamada revelava um padrão. Os selecionados pertenciam ao *Reinkommando*, a unidade do *Sonderkommando* encarregada de limpar os cabelos tosquiados dos cadáveres retirados das câmaras de gás. Os restantes prisioneiros estavam seguros. Foi quanto bastou para a

solidariedade se quebrar. Deixaram de ser um e passaram a ser muitos. Onde antes havia irmãos, passou a haver primos e dentro de um ou dois minutos passariam a amigos e mais uns momentos volvidos tornar-se-iam meros conhecidos até se transformarem em estranhos. Um abismo foi-se cavando a cada número que o *Hauptscharführer* Moll chamava, um abismo a separar os escolhidos para a transferência e os que ficavam.

Levin sentiu os músculos descontraírem-se. Um peso saíra-lhe de cima dos ombros, uma nuvem negra desvanecera-se, o ar tornara-se mais respirável, mais puro. Todos sorriam, aliviados, felizes; iriam ficar, iriam viver, talvez fosse só mais um dia mas sempre seria mais um. Podiam estar tranquilos que a chamada não lhes dizia respeito, era coisa para outros, os do *Reinkommando*, os que se aglomeravam a conta-gotas no lado direito, tristes e assustados, envoltos na nuvem escura, isolados dos restantes, condenados à transferência e ao que ela significasse. Talvez nada lhes acontecesse. Talvez, não. Provavelmente. Quase de certeza. Seguramente. Para quê preocuparem-se? Não haviam os alemães dito que iam trabalhar para Lublin? Nada tinham a recear. Olhava-se para eles encostados ao muro e via-se-lhes o medo espreitar nos olhos, um pavor mudo que os fazia querer desaparecer, fundir-se com o chão e assim escapar aos alemães, mas quando se sentiu fora de perigo Levin concluiu que o temor não tinha sentido nenhum.

O que ia na cabeça do mágico ia na cabeça dos que ficavam. No momento em que a maioria compreendera que não seria selecionada, a ansiedade desvanecera-se e de repente todos viam claro, como se uma neblina se levantasse. Não iria acontecer nada aos do *Reinkommando*, o medo era a neblina, o medo cegara-os mas os que ficavam constatavam que não havia problema nenhum, só uma simples transferência para Lublin, nada de preocupante, apenas trabalho.

A figura corpulenta de Francisco recortava-se junto ao portão do crematório número dois, a poucas dezenas de metros da *Judenrampe*. Como o trabalho nas câmaras de gás e nos fornos diminuía, o *Hauptscharführer* Moll autorizara que Levin se dedicasse ao projeto do *Abteilung VI* e o

Oberkapo Kaminsky conseguira-lhe um passe para se deslocar à carpintaria do dois.

Ao aproximar-se com o *Oberkapo* desse crematório, o mágico percebeu que este e o número um eram diferentes dos três e quatro. Eram maiores, com mais fornos e mais potentes. Os deportados desciam aí por umas escadas para a cave onde os gaseamentos decorriam. O um e o dois eram sem dúvida os crematórios mais ativos de Birkenau, até porque os fornos do três havia muito que estavam avariados, o que obrigara a cavar *bunkers* para cremar os cadáveres, e os do quatro tinham um funcionamento intermitente.

Quando se aproximaram do SS que aguardava junto do portão, o *Oberkapo* deixou a Levin as últimas recomendações.

“Confia nele?”

“No português? É um SS.”

“É isso mesmo, é um SS”, reforçou Kaminsky. “Não se descaia sobre os nossos planos, ouviu? Qualquer fuga de informação será fatal.”

Deram mais uns passos.

“Ela tem mesmo de estar no sítio que combinámos.”

“Estará”, garantiu o *Oberkapo*. “A senha é a que lhe dei.”

Calaram-se porque chegaram junto de Francisco. Depois de trocarem palavras de circunstância, o SS-Mann estendeu a Levin o passe que obtivera na *Kommandantur*. O mágico tinha daí em diante autorização para se deslocar ao *Kanada*, desde que acompanhado por um SS. Considerando que o *Hauptscharführer* Moll lhe entregara também um salvo-conduto para ir ao crematório número dois, onde se encontrava a carpintaria, Levin ia poder movimentar-se nas zonas interditas de Birkenau. Uma coisa daquelas era imprescindível para a missão de que Kaminsky o encarregara.

A quase normalidade que encontrou no *Kanada* deixou Levin estupefacto. As prisioneiras tinham um ar bem nutrido, usavam cabelo comprido e vestiam-se bem. Que contraste com os restantes campos! O que mais o chocou, todavia, foi constatar que o *Kanada*, com toda a sua abundância e normalidade, ficava paredes meias com o crematório número três, onde as câmaras de gás devoravam a humanidade. Havia apenas meia dúzia de

metros entre os dois mundos e era como se um universo inteiro os separasse.

Encontraram Tanusha no barracão onde trabalhava. Francisco mostrou à *Blockowa* um documento assinado pelo novo comandante de Birkenau, o *Hauptsturmführer* Josef Kramer, e a guarda SS dispensou-a pelo período máximo de uma hora. O tempo que a russa ali passara desde que se transferira para o *Kanada* havia-a transformado por completo. O corpo enchera-se e ganhara curvas. Nesse dia Tanusha usava um vestido alegre, com flores. Além disso deixara crescer o cabelo, revelando o loiro quase platinado que Francisco lhe conhecera em Sablino. Era impossível não reparar nela.

“Bem escolhida”, aprovou Levin. “Se e quando a virem em palco, os SS não vão tirar os olhos dela. É perfeita para camuflar os truques. Enquanto os papalvos se babam com ela, não topam as voltas que lhes dou.”

A ideia de participar num espetáculo de magia intrigava Tanusha.

“O que devo fazer exatamente?”

“A seu tempo lhe direi”, respondeu o mágico. “Presumo que saiba costurar. Preciso que agarre na agulha e no dedal. Faça para si uma roupa de princesa oriental, uma coisa vistosa que deixe os homens a salivar, não sei se está a ver. Por exemplo, um vestido vaporoso e colorido, de preferência dourado ou vermelho-berrante, e que sugira as formas do peito e lhe deixe as coxas à mostra. Se conseguir fazer uma coisa dessas, será perfeito. Para mim faça uma *kasaya*.”

“Uma saia?”

“Uma *kasaya*”, repetiu. “É um traje especial.” Retirou um papel do bolso e entregou-lho. “Estão aí os desenhos e as especificações, incluindo o tipo e a cor do tecido que terá de usar.”

“E a carpintaria?”, quis saber Francisco. “O que vai lá fazer?”

“Os adereços, claro”, respondeu Levin. “Fui lá agora e vi que tem quase tudo aquilo de que preciso. Tábuas, martelos, pregos, serrotes... Só me faltam espelhos. Alguns números não podem ser feitos sem espelhos. É possível arranjar alguns?”

“Há por aí muitos”, indicou Tanusha. “As deportadas viajam com

espelinhos para a maquilhagem.”

“Preciso de espelhos grandes, como os que se usam nos armários e nos quartos de banho.”

O pedido atrapalhou a russa.

“Isso... enfim, isso não é uma coisa que se traga na bagagem, não é verdade?” Lançou um olhar fugidio a Francisco, quase como se lhe perguntasse se tinha alguma ideia, mas pela expressão vazia que ele lhe devolveu percebeu que teria de se desenvencilhar sozinha. “Vou ver o que se pode arranjar. No Canadá há de tudo.”

“Irei também pensar noutros adereços úteis para os meus números. Para não a sobrecarregar, pode ser que tenha de fazer pedidos especiais a outras pessoas. Se algum prisioneiro vier ter consigo com um adereço para mim, vê inconveniente em entregar-mo?”

“Não, claro que não.”

O *SS-Mann* interveio.

“Oiçam, não é preciso exagerarmos”, disse. “Temos de ter presente que a ideia do espetáculo de magia nunca passou de um pretexto para vos tirar dos sítios onde se encontravam e colocar-vos onde pudessem sobreviver.”

“Não sei se se pode classificar o *Sonderkommando* como uma unidade onde se possa sobreviver”, replicou Levin com acidez. “Ainda agora os seus amigos SS foram aos crematórios e transferiram duzentos dos nossos homens para Lublin. Não ponho as mãos no fogo pela sobrevivência deles e não sei se não virão aí novas transferências e para onde. Além do mais, o *Sonderkommando* é de longe o pior *Kommando* que existe em Birkenau e...”

“Não vamos voltar a essa conversa, pois não?”, cortou Francisco. “Sabe muito bem que nunca tive intenção de o enviar para lá e que se pudesse o tirava imediatamente. Mas há coisas que não posso controlar, pois não deve nunca esquecer que não passo de um simples *SS-Mann*, ainda por cima estrangeiro. Muito já faço eu.” Afinou a voz. “Concentremo-nos no essencial. O espetáculo não passa de um pretexto para vos manter vivos.”

“Não haverá espetáculo?”

“Talvez haja, talvez não.... não sei. Para já não vejo razão para apressar as

coisas. Repare que, uma vez o espetáculo terminado, vocês perdem a vossa utilidade e deixa de haver razões objetivas para que os alemães vos mantenham nos sítios onde se encontram.” Apontou para Tanusha. “A hierarquia pode perfeitamente mandar-te de volta para o campo das mulheres ou até tentar outra vez meter-te no bordel do campo.” Indicou o mágico. “Quanto a si, e tendo em conta que é muito mais franzino do que a generalidade dos homens do *Sonderkommando*, será o primeiro selecionado para transferência, e não me parece que o seu destino seja Lublin. Portanto temos todo o interesse em atrasar a coisa.”

“Então para que vamos gastar tempo a preparar o espetáculo?”

“Porque temos de o fazer”, insistiu Francisco. “Por um lado, é uma forma de justificar a vossa presença nos *Kommandos* onde se encontram. Por outro, há sempre o risco de o meu chefe se impacientar e dar a ordem para se apresentar o espetáculo num determinado prazo, sob pena de vocês serem imediatamente executados.”

Levin e Tanusha trocaram um olhar resignado. Ambos sabiam que a sua sobrevivência dependia do SS português e que teriam de confiar no julgamento dele.

Quando atravessavam o *Kanada* e se encaminhavam para o portão que dava para o crematório número três, Levin fez uma careta dorida e mostrou uma súbita dificuldade em andar.

“O que se passa?”

O mágico olhou em volta e agarrou-se ao ventre, como se estivesse aflito.

“Onde são as latrinas?”

“Não aguenta mais um bocadinho? É que...”

“Preciso de ir lá urgentemente!”

O portão estava ainda longe e, sabendo que as diarreias eram comuns em Birkenau, Francisco olhou para Tanusha como se lhe remetesse a responsabilidade pela resposta. Ela apontou para um barracão à esquerda e Levin caminhou até lá quase curvado sobre si mesmo, como se tentasse conter as entranhas. Entrou e sentiu o cheiro característico a esgotos. Ao fundo uma mulher lavava as mãos. Seria ela?

“*Shema Israel.*”

A mulher voltou-se e respondeu.

“*Adonoi Elohenu.*”

Era ela.

Haviam trocado as primeiras palavras do *Shema*, a principal oração do judaísmo e a senha que o *Oberkapo* Kaminsky lhe dera. Apertaram as mãos.

“Herbert Levin, *Sonderkommando.*”

“Róza Robota, *Bekleidungskammer.*”

“O meu *Oberkapo* disse-me que falasse consigo”, indicou Levin. “Do que precisa exatamente?”

“Pediram-me que arranjasse pólvora e a desse ao *Sonderkommando*”, respondeu ela. “Conseguí convencer umas miúdas judias que trabalham no *Pulverpavillion*, o pavilhão dos explosivos da fábrica de munições da Union-Werke, em Auschwitz I, a fornecerem-me o material. O problema é que elas são minuciosamente revistadas à entrada e à saída da fábrica e não têm maneira de me fazer chegar a pólvora. Mesmo que tivessem, eu não conseguiria introduzi-la no *Sonderkommando* pois também sou revistada. E vocês andam sempre escoltados pelos SS para não contactarem outros prisioneiros, o que complica ainda mais a transferência de material entre nós. Como poderemos fazer isto?”

“A primeira coisa que preciso de conhecer são as rotinas. As miúdas do *Pulverpavillion* conseguem entrar e sair da fábrica da Union-Werke com objetos, como caixas ou outras coisas?”

“De modo nenhum”, retorquiu Róza. “Entram e saem de mãos vazias.”

O mágico ponderou a questão.

“E quando são revistadas, tiram-lhes a roupa?”

“Claro que não. Entram e saem com a mesma roupa. Inspeccionam-lhes os bolsos, é certo, mas mantêm a roupa.”

Aquela possibilidade parecia-lhe mais promissora.

“Disse que trabalha na *Bekleidungskammer*?”

“Sim. A câmara das roupas, situada no campo das mulheres. É por isso que tenho autorização para vir ao Canadá abastecer o meu *Kommando.*”

Levin esfregou o queixo, pensativo.

“Hmm... as miúdas do *Pulverpavillion* podem vir até Birkenau ou a Róza pode ir ter com elas a Auschwitz I?”

“Não.”

“Há alguém que elas conheçam que costume vir aqui a Birkenau?”

“Não.”

“Não haverá um *Kommando* ligado às obras...”

“Não.”

“... ou às limpezas...”

“Não.”

“... ou à comida...”

Ela hesitou.

“Bem... há o *Kommando* das cozinhas. Todos os dias acontece em Birkenau uma entrega diária de sopa proveniente de Auschwitz I.”

“Conhece alguém desse *Kommando*?”

“Conheço.”

“E como trazem eles a sopa?”

“Em panelas, claro.”

“Os SS revistam-nas?”

“Às vezes. Metem uma colher dentro da panela e andam ali a ver se há algum objeto estranho na sopa.”

Levin pensou no assunto, visualizando mentalmente as entregas de sopa.

“Estive a estudar as rotinas do *Sonderkommando* e verifiquei que somos de facto muito vigiados pelos SS para impedir os contactos com os restantes prisioneiros”, disse o mágico, já com outra ideia. “No entanto, temos uma unidade que também vai todos os dias à cozinha buscar a sopa.”

“Pois, mas os SS nunca os largam.”

“É verdade. O facto, no entanto, é que o *Sonderkommando* vai lá e isso é uma oportunidade de contacto. Só trazem sopa?”

“Também pão.”

Levin mordeu o lábio, sempre pensativo.

“E o *Scheißkommando*?”

A mudança de direção das perguntas foi tão súbita e surpreendente que

Róza pestanejou, mais ainda porque a pergunta envolvia a unidade de trabalho mais repugnante de todo o KL, o famoso *Kommando* da merda.

“O *Kommando* que faz a limpeza das latrinas?”

“Sim. Como se faz a ligação do *Scheißkommando* com o *Sonderkommando*?”

“Não há ligação nenhuma”, respondeu ela. “O *Scheißkommando* não entra nos crematórios. Ninguém entra, a não ser os que... enfim, os que saem pelas chaminés.”

“Eu sei. Mas o *Sonderkommando* vai diariamente buscar ao *Scheißkommando* o carrinho de mão usado para retirar a merda das latrinas dos crematórios e transportá-la para o exterior. Tem algum contacto no *Scheißkommando*?”

Róza esboçou uma careta, quase enojada com a simples perspectiva de se relacionar com alguém do *Kommando* da merda.

“Claro que não!”

“Ah... que pena.”

Vendo-o dececionado, ela pôs-se a considerar soluções.

“Quer dizer... enfim, sei que o *Kampfgruppe Auschwitz* tem lá uns homens que poderemos usar em caso de necessidade. Porquê?”

Levin não respondeu, mas não por má educação. Estava perdido nos seus pensamentos e apenas escutava a parte das respostas pertinentes para o plano que tinha na cabeça. De repente pegou em Róza pelo braço e puxou-a para o exterior das latrinas. Da porta apontou para Francisco e Tanusha, que aguardavam a uma centena de metros.

“Está a ver aquela rapariga loira?”, indicou. “Chama-se Tanusha. Dorme no campo das mulheres e trabalha naquele barracão ali ao fundo. Prepare-me um conjunto de vestidos. Quando os tiver, entregue-lhos a ela e diga-lhe que são adereços para o espetáculo de magia.”

A judia arregalou os olhos, sem perceber.

“Espetáculo de magia?”

“Não interessa”, retorquiu ele. “Diga-lhe que são para o espetáculo de magia do Levin e ela entregar-mos-á. Compreendeu?”

“Bem... sim.”

Já havia perdido demasiado tempo e não queria abusar da paciência do SS português. Com um aceno fugaz em despedida, abalou dali em passo rápido.

III

A convocatória de Pery Broad intrigou Francisco. O *SS-Mann* visitava por vezes o oficial SS brasileiro para praticar a sua língua, uma vez que falar português lhes permitia matar saudades, um da sua terra e o outro da sua infância, mas como trabalhavam em departamentos diferentes e com objetivos diversos nunca o trabalho os unira. Dessa feita era diferente. A convocatória viera por estafeta e tinha a formalidade de uma ordem. Francisco deu com o *Unterscharführer* a escrevinhar no seu gabinete do *Politische Abteilung*.

“Puxa! Estou precisando de sua ajuda!” Fez um sinal para a máquina de datilografar, pousada sobre a secretária. “Traga uma cadeira e senta aí. Vou ditar p’ra você.”

“Ditar? Ditar o quê?”

“Ué, uma carta! Senta aí, senta!”

O português arrastou uma cadeira para o lugar e acomodou-se.

“Sabe, eu não sei escrever em alemão e...”

“Não é alemão. É português. Sabe escrever em português, n’é?”

O pedido era insólito.

“Português? Mas...”

“Olha, eu falo português mas minha ortografia é meio ruim. Preciso de sua ajuda p’ra escrever direito.”

“Eu também não sou grande espingarda a escrever”, atrapalhou-se o *SS-Mann*. “As minhas artes são outras.”

“Sempre é melhor que eu. Vai, bota aí o papel.”

Francisco estava diante de um superior hierárquico e além disso devia-lhe favores.

“O que aconteceu?”, perguntou. “Para quem é isto?”

“P’ra polícia brasileira”, foi a resposta. “Temos uns camaradas das SS presos no ano passado no Brasil e me pediram, na qualidade de brasileiro, p’ra interceder por eles. É por isso que preciso da carta em português.”

“O que fizeram esses camaradas?”

O *Unterscharführer* Broad esboçou um esgar constrangido.

“Está vendo o *Totenkopf*?”, perguntou, indicando a caveira no colarinho da farda. “O *Reichsführer-SS* e os outros chefões acreditam que as caveiras de cristal existentes na América do Sul foram feitas pelos atlantes, o povo semidivino que após a queda das luas de gelo emigrou para a Alemanha, o Tibete e os Andes, criando os arianos. Por serem dos místicos atlantes, essas caveiras têm poderes mágicos. Se forem controlados, esses poderes podem dar vantagem ao Reich na guerra.”

O português riu-se.

“Oh, lá está você a reinar...”

“Juro! As SS levam esse negócio muito a sério. Acontece que uma caveira de cristal encontrada nas ruínas maias de Lubaatun está num museu no Brasil. É a caveira da deusa da Morte. Então as SS mandaram no ano passado uns camaradas p’ra roubar a caveira, mas eles foram presos. Como o Brasil está em guerra com o Reich, nosso governo não pode ajudá-los. Então pensaram que, por ser brasileiro, talvez uma carta minha em português faça a diferença.”

Tanto pormenor, e sobretudo a forma compenetrada como Broad respondera, mostrava que não se tratava de brincadeira.

“Está a falar a sério? As SS acreditam mesmo que há caveiras com poderes... uh... mágicos?”

“Acreditam nisso e em muito mais. Você nem imagina. Chego a pensar que estou numa organização de macumba.”

“Oh, está a gozar comigo...”

“Não acredita? Olha, você lembra no ano passado o resgate de Mussolini, depois de ele ter sido preso? Sabe o que o *Reichsführer-SS* fez para localizá-

lo? Recorreu a uns quarenta astrólogos, adivinhos e videntes, veja só! Os chefões enfiaram alguns homens numa casa em Berlim, entregaram a eles um mapa da Itália e uns pêndulos e... abracadabra!, o lugar onde o *Duce* estava preso foi encontrado!”

O português não conseguiu disfarçar a incredulidade.

“Foi assim que souberam onde Mussolini estava?”

“Me garantiram que sim. Parece que um vidente chamado *Münch*, usando um pêndulo e o mapa, o localizou nos Abruzos.” Baixou a voz. “Outros dizem que toda a operação foi um fiasco e que o paradeiro de Mussolini só foi determinado pelos serviços secretos com métodos tradicionais.” Endireitou-se. “Mas que os astrólogos e os outros ocultistas foram usados nessa operação, não duvide. E não foi caso único. A Marinha de Guerra recorreu a astrólogos, parapsicólogos e pêndulos p’ra localizar os comboios inimigos no Atlântico. Montaram numa sala um mapa gigante do Atlântico e puseram os pêndulos sobre ele. Se os pêndulos reagissem em algum ponto era porque havia ali um comboio.”

“Isso resultou?”

Broad inclinou a cabeça numa expressão cheia de ironia.

“Se essas bobagens surtissessem algum efeito, o Reich já teria ganhado a guerra faz muito tempo!”, exclamou. “Claro que esse plano maluco não funcionou. Como podia? O problema é que tem muita gente no partido, a começar pelo próprio *Reichsführer-SS*, que acredita nessas burradas. Foi pensando assim que nos metemos nessa guerra e na matança dos judeus.”

Francisco esboçou uma careta cética.

“Não acredito que Himmler vá nessa conversa...”

“Ele é um dos mentores! O *Reichsführer-SS* acredita que os arianos descendem de uma raça de gigantes que veio do céu e se instalou na Atlântida, você entende? O Himmler e o Höss pertenceram aos Artamanen, uma sociedade ocultista que influenciou o aparecimento do partido nazi. O *Reichsführer-SS* se acha uma reencarnação do rei Heinrich I e tem um profundo interesse nas civilizações perdidas, na arqueologia pré-histórica, no Santo Graal, na filosofia oriental, na astrologia, no hipnotismo, no espiritualismo, na telepatia, na homeopatia, no herbalismo e em todas essas

ciências de fronteira, incluindo a ideia de que é possível a humanidade recuperar a centelha divina perdida se adotar as políticas raciais corretas, afastando as raças inferiores e cultivando a reprodução exclusivamente entre a raça dos senhores.”

“Está a insinuar que o que se passa aqui obedece a ideias esotéricas?”

“Não tenha dúvida.” Baixou a voz. “Um camarada nosso recebeu uma carta do *Reichsführer-SS* exigindo uma investigação urgente sobre as ligações entre a dinastia bíblica da casa de David e o registro dos reis de Atlântida, veja só. Parece que ele acredita que os cronistas bíblicos, quando escreveram sobre os reis judeus, estavam plagiando os registros históricos atlantes. O povo eleito não seria afinal o povo judeu, mas o atlante.”

Francisco hesitou.

“Atlantes? Quem são esses?”

A pergunta fez Broad perceber que as suas revelações não estavam a ser inteiramente compreendidas, pois a educação do *SS-Mann* era limitada. Respirando fundo, como um balão a desinchar, indicou a máquina de escrever.

“Olha, eu sei que o caso é meio complicado, mas tenho mesmo de escrever essa carta, viu?”

Percebendo que havia coisas que lhe escapavam e que o seu interlocutor queria era despachar a questão, Francisco acertou a folha de papel no rolo da máquina e preparou-se para escrever.

“Então diga lá.”

“Escreve aí.” Broad afinou a voz. “Excelência. Serve essa missiva para solicitar seus serviços...”

Com a língua entre os lábios, o português pôs-se a bater nas teclas com o indicador em movimentos hesitantes, os olhos a procurarem no teclado uma letra aqui e outra ali; era evidente que não tinha o menor treino naquele trabalho. Vendo-o a datilografar daquela maneira, Broad foi assaltado pela dúvida. Desconfiado, levantou-se do seu lugar e foi espreitar a folha.

Eisselença,

Çerve esta miçiva pra suliçitar os çeus çervisos

“Ué! Que é isso?!”

“Bem, é a... enfim... a...”

O brasileiro suspirou, caindo em si.

“Deixe estar”, resignou-se. “Eu escrevo essa carta. Pode ir embora.”

O olhar de Francisco iluminou-se.

“De certeza?”

O oficial virou a máquina para o lugar dele e regressou ao assento.

“Tudo tranquilo. Eu faço isso.”

Arrancou a folha que o português começara a datilografar e inseriu uma nova. Aliviado e embaraçado, o *SS-Mann* levantou-se e preparou-se para se escapulir, mas nesse momento um homem fardado apareceu à porta com ar apressado; tratava-se do *Hauptsturmführer* Wilhelm Boger.

“Broad, preciso da tua ajuda.”

O brasileiro começara já a datilografar a missiva para a polícia brasileira e nem desviou o olhar da folha.

“Um momento, *Hauptsturmführer*. O chefe pediu-me para...”

“Majdanek caiu!”

A notícia imobilizou Pery Broad, que deixou suspenso no ar o dedo com que ia bater numa tecla.

“O quê?!”

“Os russos entraram no campo de surpresa e tomaram tudo. Incluindo as câmaras de gás.”

“Não pode ser!”, exclamou o brasileiro. “As câmaras de gás caíram nas mãos dos russos? Intactas?”

“É uma catástrofe!”, confirmou o *Hauptsturmführer* Boger. “O pessoal teve de retirar à pressa e não pôde destruir tudo. Parece que pelo menos uma das câmaras de gás não foi destruída e o inimigo está agora na posse de provas do segredo. Anda tudo em polvorosa e preciso de ajuda na papelada. Isto é prioritário.”

Broad levantou-se.

“O que é preciso fazer?”

“Primeiro há que tratar dos documentos de transferência”, retorquiu o camarada. “Temos de trazer para aqui prisioneiros de Majdanek.”

Ignorando Francisco, que a tudo assistira sem dizer nada, como se fosse invisível, os dois SS do *Politische Abteilung* mergulharam no corredor e desapareceram.

IV

Quando os desconhecidos entraram no perímetro do crematório número três com as fardas do Exército Vermelho, Levin estava a analisar a panela de sopa e os vestidos que Róza Robota lhe fizera chegar através de Tanusha. O mágico perscrutou o rosto dos recém-chegados, tentando perceber se sabiam que iam morrer. O estranho é que, ao que tivesse conhecimento, não haviam chegado ordens específicas para ligarem os fornos. Além do mais, os dezanove prisioneiros russos eram acompanhados por um *Kapo* alemão, o que não era normal numa *Aktion*.

“O *Malakh HaMaves* disse-me que estes russos não vieram para ser mortos”, indicou Kaminsky. “Vão ficar convosco no número três.”

“Estes tipos vieram para o *Sonderkommando*?”

“Parece que sim.”

“Mas para quê, se já temos aqui tanta gente e os transportes diminuíram? Para que querem os alemães aumentar o *Sonderkommando*?”

“O *Malakh HaMaves* não me explicou.”

A chegada dos russos e do seu *Kapo* deixou toda a gente preocupada, pois o crescimento do *Sonderkommando* numa altura em que havia menos judeus para gasear era perigoso. Simples aritmética. Para meter mais homens num lado, os alemães teriam de cortar noutro. Onde cortariam, estava-se mesmo a ver, seria nos judeus.

Enquanto andava às voltas com a panela de sopa e os vestidos de Róza, Levin viu os recém-chegados instalarem-se nos dormitórios do crematório. Depressa se tornou claro que formavam um grupo à parte. Os russos

agarraram nas garrafas de *vodka* e nos maços que com abundância se encontravam no setor do *Sonderkommando* e puseram-se a beber e a fumar sem limites. Não se empenharam em nenhuma tarefa adstrita ao *Sonderkommando* nem os SS lhes deram qualquer ordem nesse sentido. Isso significava que, se formalmente estavam no *Sonderkommando*, na prática não passavam de prisioneiros de guerra cujo estatuto era regulado pela Convenção de Genebra.

Acompanhado por Gradowski, Levin abeirou-se do homem que entrara no perímetro do crematório com um lenço sobre a cara a empurrar um carrinho de mão. O recém-chegado, um judeu sefardita holandês chamado Pais, estranhou ver os dois camaradas dirigirem-se a ele; normalmente os efetivos do *Sonderkommando* afastavam-se do *Scheißkommando*.

“Deixa-nos ver isso.”

O holandês do *Scheißkommando* imobilizou-se. Com Gradowski ao lado, Levin inspecionou o carrinho de mão. Apesar do fedor característico, o veículo apenas trazia uma pequena camada de excrementos.

“Vem sempre com pouca merda?”

“Em geral. Não se esqueça de que venho retirá-la do crematório, não trazê-la para cá.”

Não era o que o mágico queria ouvir.

“Mas acontece trazeres um pouco mais do que isto?”

“Às vezes entregam-me o carrinho mal lavado e há mais merda no interior, sim. Mas é raro.”

“Quando isso acontece, a sentinela inspeciona-o?”

“É evidente. Vê o carrinho.”

“Pois, mas espreita o interior do carrinho ou mexe na merda para se assegurar de que não trazes nada cá dentro?”

A pergunta arrancou um sorriso do prisioneiro do *Scheißkommando*.

“A sentinela? Mexer na merda? Claro que não.”

“Nunca?”

“Nunca.”

Era o que Levin queria ouvir.

Os prisioneiros russos mostravam uma grande animosidade contra os polacos, ao ponto de se recusarem a falar com os judeus polacos dos crematórios, incluindo Gradowski. Com os restantes, porém, não havia problemas. Depois de Levin fazer com o seu baralho de cartas uns truques simples que os divertiram, um dos russos, com galões de major, chamou-o.

“*Tovaritch, idi syuda!*”

O mágico hesitou, na dúvida sobre se teria sido insultado; os russos eram conhecidos pela liberalidade com os palavrões. Mas a expressão nos rostos era amigável e o movimento dos dedos universal. O major queria apenas que ele se aproximasse.

“*Vodka*”, disse-lhe o russo, estendendo uma garrafa. “*Napitok.*”

“Não percebo.”

“*Getränk Schnapps*”, insistiu. “Bebe a aguardente.”

Afinal o major sempre falava alemão. Por cortesia, até porque seria indelicado rejeitar o gesto amigável, o mágico provou um trago. Um ardor leve aqueceu-lhe a garganta.

“Hmm... não é mau.”

“Mais.”

Não tinha grande desejo de lhe fazer a vontade, mas percebeu que se tratava de uma espécie de rito de iniciação; para ser aceite pelos russos precisava de lhes mostrar que era capaz de beber *vodka*. Voltou a meter a garrafa à boca e, enchendo-se de coragem, engoliu dois goles de uma assentada. Um braseiro violento incendiou-lhe a garganta e marejou-lhe os olhos.

“Aaaah!”

“Toma pão, *tovaritch*”, recomendou o major, estendendo-lhe uma fatia. “Respira nele.”

Aflito com o incêndio que lhe devorava as vias respiratórias, Levin obedeceu e respirou para o pão. Para sua surpresa, o ardor acalmou. Bufou de alívio, secando as lágrimas com as costas das mãos.

“Ufa! Isto é... é forte.”

Os russos riram-se e o mágico riu-se com eles; era como se a partir desse momento fossem todos membros da mesma fraternidade, a dos bebedores

de *vodka*. Levin não passara a fazer parte do grupo, não era russo nem soldado, mas fora aceite e os rostos distantes e carrancudos abriram-se. Podiam não ter cara de amigos, mas quando as barreiras caíam os sorrisos apareciam e os russos tornavam-se calorosos.

“Chamo-me Antipov e sou de Irkutsk”, revelou o major. “Saltámos de paraquedas por detrás das linhas alemãs, mas as coisas não correram bem e fomos feitos prisioneiros.”

“Desculpe a pergunta”, atreveu-se Levin. “Como se explica que o Exército Vermelho tenha entrado na Polónia em janeiro e ainda não tenha chegado cá?”

“Em janeiro apenas ocupámos algumas posições. Mas agora que expulsámos os alemães da Bielorrússia e lhes destruímos o Grupo do Centro começou o grande avanço sobre a Polónia.”

“Pois sim, mas isso está a ser lento e...”

“*Blyad!* As nossas forças acabaram de entrar em Lublin, o que querem mais?”

“O Exército Vermelho está em Lublin?”, admirou-se Levin. “Como sabem vocês isso?”

“Saímos agora de lá.”

“Saíram de Lublin?”

“Sim. Estávamos presos num campo chamado Majdanek, perto de Lublin. Um sítio terrível, mais ou menos como este. Fazia-se lá o que vocês fazem aqui. Com a aproximação das nossas forças, os alemães fugiram à pressa e mandaram-nos para aqui.”

Aquela informação era inesperada. E se...?

“Há umas semanas alguns dos nossos companheiros foram transferidos para Lublin”, apressou-se o mágico a dizer. “Estamos preocupados com eles. Por acaso sabe onde se encontram?”

“Duzentos judeus corpulentos?”

“Sim. Viu-os?”

O major Antipov fez um gesto de impotência.

“Lamento, *tovaritch*, mas é melhor rezarem um dos vossos Cadish.”

A notícia da chacina dos duzentos homens do *Sonderkommando* transferidos para Lublin correu célere pelos crematórios de Birkenau. Já não havia dúvidas, os alemães tinham começado a eliminar a unidade dos crematórios recorrendo aos seus habituais subterfúgios. Como podiam ter sido tão tolos? Haviam acreditado porque tinham querido acreditar. Mas não mais. A novidade dada pelos prisioneiros russos desfizera-lhes as últimas ilusões. Os transportes haviam diminuído e os SS começavam a liquidar o *Sonderkommando*. Ninguém tinha já dúvidas de que em breve haveria mais “transferências” daquelas.

“O que vamos fazer quando anunciarem uma nova transferência?”

A pergunta foi formulada por Gradowski numa reunião de emergência da cúpula do *Sonderkommando*, envolvendo também os oficiais russos, e exprimia o dilema diante de todos.

“Temos de desencadear a revolta”, respondeu o *Oberkapo* Kaminsky. “Caso contrário, seremos liquidados.”

“Os polacos e os alemães estão de acordo?”

Tratava-se de uma referência aos prisioneiros de triângulo vermelho, os políticos que enchiam Auschwitz I e constituíam a essência da resistência subterrânea no campo. Os alemães eram sobretudo comunistas e socialistas deportados para o KL, enquanto os polacos eram resistentes nacionalistas.

“Estão relutantes, como sabem. Andamos há um ano a tentar convencê-los e os tipos arrastam os pés. Dizem que não é oportuno e mais não sei quê.”

O major Antipov interveio; a área operacional era a sua especialidade.

“A revolta tem de ser conjunta e coordenada. Existem em Auschwitz uns oitenta mil prisioneiros, dos quais vinte e cinco mil aptos a combater. É muita gente, sobretudo se considerarmos que só cá estão três mil SS. Os alemães não serão capazes de lidar com uma rebelião que envolva todos os prisioneiros. Mesmo que matem quarenta mil, sobrarão outros quarenta mil. É por isso que não pode ser só o *Sonderkommando* a revoltar-se.”

“Sem dúvida”, concordou Kaminsky. “Temos de acabar com os constantes adiamentos, sob pena de os alemães darem cabo de todos. Não podemos esperar mais. Vou falar com os gajos do *Kampfgruppe Auschwitz* e dizer-lhes que temos de desencadear a revolta o mais cedo possível.” Hesitou e

olhou para o oficial russo. “Precisamos de um plano.”

Percebendo que faltavam conhecimentos militares aos elementos do *Sonderkommando*, o major esboçou uma expressão condescendente.

“Eu trato disso”, concedeu. “De qualquer modo, as linhas gerais são simples. É preciso um levantamento simultâneo em toda a parte. Nós podemos dar o sinal, fazendo rebentar os crematórios, por exemplo, mas é muito importante que toda a gente se erga. Campo dos homens, campo das mulheres, Auschwitz I... toda a gente. Um levantamento geral. Se tivermos ajuda do exterior, melhor.”

“Podemos contar com o Exército Vermelho?”

O *Oberkapo* disse-o quase como se quisesse meter uma cunha.

“Sabe bem que não.”

“Os únicos no exterior que nos podem dar uma ajuda são os *partisans* polacos”, indicou Kaminsky. “Em volta do *Katzet* encontra-se a unidade Sosienka, que recebe auxílio e reforços dos ingleses, e junto às montanhas de Beskid Zywiecki está a unidade Garbnik. Um dos *partisans*, o Urban, treinou em Inglaterra e chegou cá de paraquedas. É ele que estabelece a ligação entre os *partisans* e o *Kampfgruppe Auschwitz*.”

“Os *partisans* ajudam-nos?”

“Desde que lhes paguemos.”

Os homens entreolharam-se.

“Creio que ainda temos valores que *organizámos* dos transportes”, disse Gradowski. “Não sei é se será suficiente.”

Um *Kapo* até ali silencioso, o *Kapo* Lemke, do crematório número dois, interveio.

“Isso não é problema”, indicou. “Se for preciso mais dinheiro, as miúdas do *Kanadakommando* podem *organizar-nos* uma joias. O principal é convencermos o *Kampfgruppe Auschwitz*. Eles têm muitos contactos e recursos. Se a rede de resistência alinhar, o resto virá por acréscimo.”

“Suponhamos que a resistência alinha connosco”, sugeriu o major Antipov. “Quando a hora chegar, o *Sonderkommando* combaterá com quê?”

O olhar do *Oberkapo* Kaminsky desviou-se para Levin endereçando-lhe a responsabilidade da resposta.

“Tenho tudo a postos”, indicou o mágico. “Falta-me apenas a ordem para avançar.”

Os diversos *Kapos* e chefes da revolta do *Sonderkommando* olharam uns para os outros, como se se consultassem para saber se haveria alguma objeção, mas todos sabiam que estavam encostados à parede e que, apesar dos enormes riscos, já não havia margem para mais hesitações.

“Avance.”

Como todos os dias, o *Kommando* da sopa saiu da zona dos crematórios sob escolta de um SS e chegou às cozinhas muito cedo; era na verdade a primeira unidade a entrar ali para se abastecer para o almoço, justamente de modo a evitar contactos com o *Kommando* da sopa dos restantes campos. Para transportar a sopa só eram necessários dois homens, mas o *Oberkapo* Kaminsky convencera o *Kommandoführer* de que o melhor seria irem quatro, uma vez que a panela era pesada e os prisioneiros estavam debilitados pela diminuição da comida dos transportes. Dois prisioneiros das cozinhas apareceram com uma grande panela de sopa e pousaram-na diante dos quatro recém-chegados.

“E o pão?”

Os prisioneiros da cozinha foram buscar um grande cesto de vime carregado de pão e entregaram-no ao *Sonderkommando*. Levin pegou no cesto enquanto os companheiros se prepararam para levantar a panela.

“Um momento.”

O SS que os escoltava, inquieto por ter vindo com quatro judeus, pegou numa grande colher de pau e meteu-a na sopa. Remexeu o líquido durante alguns segundos em busca de qualquer anomalia, mas não encontrou nada. Satisfeito, retirou a colher.

“Vamos.”

O *Kommando* da sopa fez o caminho de regresso, três homens a segurarem a panela de sopa e um com o cesto do pão, e a escolta só os largou depois de cruzarem o portão e entrarem no perímetro do crematório número três.

A sopa foi distribuída por todos nos aposentos do crematório. Quando a

panela ficou vazia, Levin inclinou-se sobre o interior e, revirando as patilhas no fundo, soltou a base da panela e revelou assim uma cavidade oculta. Pegou nos sacos guardados nessa cavidade e retirou-os, exibindo-os à plateia como se tivesse acabado de executar um passe de magia.

“Surakabaia, surakabaia!”

Os companheiros aplaudiram. Depois de fazer uma vénia de agradecimento, o mágico estendeu o saco ao major Antipov. O oficial russo abriu-o, retirou o pó negro do interior e cheirou-o.

“Pólvora da boa”, constatou. Voltou-se para um subalterno. “Oleg, vai buscar as latas.”

O subordinado acorrou-se e retirou uma caixa de baixo da cama. Levou-a para junto dos restantes prisioneiros e entregou uma pequena lata ao major. Na lata vinha um papel em caracteres gregos e o desenho de uma sardinha; era uma lata de conserva já devidamente esvaziada e limpa. Antipov inspecionou o interior e deitou-lhe um bocado de pólvora.

“O mecanismo?”

Como em resposta, Levin abriu os pães que trouxera da cozinha e retirou do interior várias peças pequenas. O oficial pegou nelas e, com grande habilidade, montou um mecanismo.

“Os estilhaços?”

Oleg entregou-lhe com deferência uns pedaços de metal aguçados; eram espinhas de arame farpado que os prisioneiros russos haviam cortado às escondidas das vedações. Depois de os introduzir na lata de conserva, o major Antipov selou-a. Quando terminou, e perante o olhar expectante de toda a gente, entregou-a a Gradowski com um sorriso vitorioso.

“A nossa primeira granada.”

Um “urrah!” ergueu-se do crematório.

Apesar de os transportes terem diminuído com o fim da deportação dos judeus húngaros, os comboios ainda iam dando entrada na *Judenrampe*. Além disso, as *Selektionen* regulares em Birkenau arrebanhavam *Muselmänner* que já não estavam em condições de trabalhar e eram enviados para os crematórios. Havia ainda casos de nacionalistas polacos ou

peessoas que por uma razão ou outra as autoridades entendiam eliminar. Como sempre, a liquidação era feita nas câmaras de gás quando o número de vítimas envolvidas era elevado ou a tiro sempre que se tratava de algumas pessoas.

Esse dia estava a ser calmo. As conversas centravam-se na notícia sensacional da chegada do Exército Vermelho aos arredores de Varsóvia e nos apelos da rádio russa à revolta da população da capital polaca. Tudo era discutido pelos homens do *Sonderkommando* com grande excitação quando apareceu no crematório uma rapariga com um bebé de dois dias. O guarda de serviço era um holandês. Os SS holandeses gozavam de boa reputação entre os prisioneiros; tratavam os judeus com decência e havia mesmo um que se recusava a matar.

O holandês que nesse dia ali se encontrava, fiel a essa reputação, deixou a judia confraternizar com os homens do *Sonderkommando*. Sentaram-se junto aos fornos e Levin foi buscar comida e leite. Enquanto ia contando a sua vida, a rapariga devorou um pão com salsichas e bolos ao mesmo tempo que alimentava a criança com o leite. Tratava-se de uma cantora de Budapeste que à chegada a Birkenau escapara dos crematórios e fora enviada para o campo das mulheres, destinada a trabalho escravo. Conseguira sobreviver durante vários meses sem que os SS se apercebessem da sua gravidez. Tivera o parto às escondidas, mas o choro da recém-nascida traíra-a e ambas foram enviadas para o crematório; daí que tivesse aparecido ali sozinha. Ficaram à conversa durante algum tempo. O SS holandês participou e até distribuiu cigarros. Todos se entristeceram com a narração de episódios dramáticos e se riram com os cómicos. Ao cabo de meia hora, o guarda olhou para o relógio.

“Bom, não podemos continuar eternamente sentados à conversa”, disse, pegando na espingarda que deixara encostada à parede. “Chegou a hora da roda da morte.” Encarou-a. “Como prefere? Começo por si ou pela criança?”

A jovem húngara suspirou e abraçou o bebé, cobriu-o de beijos e, resignada, pôs-se também de pé.

“Por mim”, murmurou numa voz triste. “Não seria capaz de ver a minha

menina morrer.”

Os homens do *Sonderkommando* afastaram-se e Levin virou as costas, recusando-se a observar a cena. O primeiro tiro foi um estampido brutal que o sobressaltou. Escutou o som surdo de algo a cair, como se um saco de batatas tivesse tombado no chão, e o choro assustado do bebê irrompeu no crematório para ser silenciado pelo segundo disparo.

Nesse dia não houve mais nada para fazer no crematório número três, até porque o único transporte que chegara à *Judenrampe* fora encaminhado para o número um. Enquanto os companheiros deambulavam pelo perímetro, ociosos e taciturnos, Levin sentou-se à entrada do crematório à conversa com Gradowski. Os primeiros temas foram as notícias da chegada dos russos aos arredores de Varsóvia e um incidente na véspera com um companheiro do *Sonderkommando*. Uma rapariga enviada para a morte implorara-lhe por sexo, dizendo que não queria morrer sem conhecer o amor, mas ele recusara. O assunto gerara uma discussão à noite no dormitório; uns criticaram-no, considerando desumano rejeitar o último desejo de uma condenada, outros apoiaram-no, argumentando que fizera bem em salvaguardar a dignidade da vítima. Depressa, porém, passaram ao que verdadeiramente os preocupava. O armamento do *Sonderkommando*.

“Como os fornos do nosso *Krema* estão inoperacionais, pareceu-me mais seguro começar por aqui porque há menos SS nas redondezas”, explicou o mágico. “Quando estivermos abastecidos de armas e munições, será a vez do quatro, depois do um e finalmente do dois.”

“Quanto tempo levará isso?”

“Alguns dias.”

Gradowski ficou momentaneamente calado.

“O esquema do fundo falso na panela de sopa é um achado”, acabou por dizer. “Como diabo se lembrou dessa?”

“Simples truque de ilusionista.”

“E como é que a pólvora chegou à panela da sopa? Foi a Róza?”

“Sim. Preparei uns vestidos femininos com uns esconderijos subtis nos colarinhos, nas mangas e na borda das saias e entreguei-lhos, juntamente

com a panela da sopa já devidamente tratada. A Róza fez chegar esses vestidos às raparigas da Union-Werke. Elas meteram a pólvora nos esconderijos dos vestidos e quando saíram da fábrica os SS que as revistaram não deram com nada. A seguir foi simples. Entregaram os vestidos à Róza, ela retirou a pólvora e meteu-a no fundo falso da panela. A seguir deu a panela a um contacto no *Kommando* da cozinha, que só teve de a encher de sopa.”

“Isso é brilhante!”, considerou o judeu polaco, fascinado com o engenho do mágico. “Absolutamente brilhante! Imagino o...”

O interlocutor interrompeu-o com um salto brusco, a atenção voltada para o portão de entrada. O prisioneiro do *Scheißkommando* acabava de entrar no perímetro do crematório número três. Sem perder tempo, os dois homens dirigiram-se apressadamente às latrinas, onde o aguardaram. Mandaram-no parar e acercaram-se do carrinho, fixando a atenção nos excrementos.

“Está cá dentro?”

“Sim.”

Levin e Gradowski trocaram um olhar embaraçado, como se perguntassem um ao outro a quem cabia a responsabilidade de extrair o pacote. Como o *Schreiber* era o veterano, o mágico teve de se resignar. Alçou a manga do braço direito e, sustendo a respiração, mergulhou a mão na massa amarelo-acastanhada das fezes. Enojado e agoniado, retirou o embrulho. Pousou-o no chão e destapou o conteúdo.

Uma pistola.

V

O telefone tocou na altura em que Francisco procurava um pretexto para sair do *Abteilung VI* e ir visitar Tanusha ao *Kanada*. Ouviu a voz do *Oberscharführer* Kurt Knittel atender no seu gabinete e, depois de um curto silêncio e de algumas palavras ininteligíveis, ouviu o aparelho ser desligado. Instantes volvidos, o chefe do departamento apareceu diante dos subordinados.

“Temos de preparar uma ação especial de propaganda”, anunciou em tom grave. “Acabei de ser informado pelo comandante Baer de que estalou uma sublevação em Varsóvia. Com os russos nos arredores e os apelos à revolta na rádio inimiga, os polacos atacaram os nossos homens à traição e assumiram o controlo do centro da cidade. O inimigo vai usar isto para atizar ainda mais a população contra nós. Não podemos ficar de braços cruzados. Temos instruções para lançar uma *Aktion* de contrapropaganda que assegure a tranquilidade no *Katzet*. É preciso que os prisioneiros polacos não levantem a grimpá.”

“Deveremos decretar um recolher obrigatório, *Oberscharführer*?”

“De modo nenhum”, respondeu o chefe do departamento. “Não podemos dar sinais de nervosismo. Temos de mostrar firmeza e tranquilidade. É preciso que os prisioneiros percebam que estamos no controlo da situação.”

Ora ali estava o pretexto que procurava, percebeu Francisco.

“Antes de fazermos o que quer que seja, *Oberscharführer*, talvez fosse conveniente sentirmos o pulso ao ambiente no *Katzet*”, propôs. “Tenho bons contactos entre os prisioneiros em Birkenau e poderia ser útil falar

com eles.”

“Boa ideia”, aprovou o chefe do *Abteilung VI*. “Faça isso.” Voltou-se para outro subordinado. “Wolf, convinha que se começasse já a...”

Sem perder tempo, o SS português abalou dali.

O ambiente entre os prisioneiros no *Kanada* era diferente do habitual. Ao entrar no setor, Francisco apercebeu-se de que os semblantes dos reclusos se mostravam mais sorridentes que o normal e por toda a parte se viam pessoas a cochichar com entusiasmo indisfarçável. As notícias corriam depressa e estavam a galvanizar os prisioneiros. Os próprios guardas davam sinais de perturbação.

“Então, camarada?”, atirou a um *SS-Mann* de sentinela. “Como estão os prisioneiros?”

“Excitados”, foi a resposta. “Esta história de Varsóvia não veio nada a calhar. Já viste isto? Está bonito, sim senhor.”

“Achas que os prisioneiros poderão fazer alguma coisa?”

O rosto do alemão contraiu-se num esgar pouco tranquilo.

“Eles que tentem...”

Depois de se afastar da sentinela, Francisco ainda se abeirou de prisioneiros que conversavam como se conspirassem, mas a simples aproximação de um SS era suficiente para que as conversas fossem suspensas. Os reclusos nunca confiariam nele.

No barracão onde Tanusha trabalhava, a *Blockälteste* mostrou-se embaraçada quando Francisco a interpelou e perguntou pela russa. A responsável pelo trabalho, uma polaca de triângulo vermelho, pestanejou nervosamente.

“Ela... uh... não... não está aqui de momento.”

“Não está? Então está onde?”

“Bem... penso que... que foi às latrinas.”

O comportamento da *Blockälteste*, mais que estranho, era suspeito. Para quê tanto embaraço por causa de uma simples ida às latrinas? Desconfiando que algo de anormal se passava, o português pegou-lhe subitamente pelo pescoço e ergueu-a no ar.

“Onde está a Tanusha?”

“Agh... ah...”

Sempre com a *Blockälteste* pendurada e a espernear, Francisco segredou-lhe ao ouvido.

“Ou me dizes imediatamente o que se está a passar ou parto-te o pescoço e depois conto que te ouvi a gabar a insurreição em Varsóvia.”

A polaca percebeu que ele não estava a brincar.

“A... ali”, gaguejou, com dificuldade em respirar. “Agh... ela está... ali.”

Francisco pousou-a no chão.

“Onde?”

Afogueada e ainda a tentar recuperar o fôlego, a *Blockälteste* indicou uma porta ao fundo do barracão.

“Foi para o... o armazém.”

A atenção do português fixou-se na porta. O que se passaria ali que a responsável do barracão não queria que ele visse? No momento em que se ia dirigir ao local, a porta abriu-se e viu sair um homem loiro, com farda SS branca e estatura mediana. Conhecia-o de vista e sobretudo de reputação; tratava-se do *Hauptscharführer* Otto Moll. Ignorando as pessoas em volta, o chefe dos crematórios ajeitou ao peito a *Kriegsverdienstkreuz* com espadas com que acabara de ser condecorado pelos elevados serviços que prestara ao Reich, percorreu o barracão em passo apressado e saiu porta fora.

Depois de atirar um olhar perplexo à *Blockälteste*, que baixou os olhos, Francisco encaminhou-se para o local de onde o oficial SS acabara de sair. A porta ficara encostada e o português empurrou-a. Viu um vulto no chão.

“Tanusha?”

A rapariga pôs-se em pé e, cambaleando, olhou para ele; estava despenteada e sangrava do canto do lábio.

“Fran... Francisco!”

Correu para ela e amparou-a nos braços.

“O que aconteceu?”

“Foi... foi ele”, titubeou a russa, a voz fraca. “Exigiu que lhe *organizasse* umas pedras preciosas. Obrigou-me a tirar uns colares e vir aqui para o armazém, para que ninguém o visse a... a ficar com eles.”

A prática dos SS de irem ao *Kanada* exigir que os prisioneiros lhes entregassem valores encontrados nas bagagens dos deportados era comum e conhecida de Francisco. O ouro dos judeus era roubado por grande parte dos SS em proveito próprio, tendo em vista as dificuldades que se adivinhavam no pós-guerra. Ele mesmo já ficara com algumas joias que a namorada lhe *organizara*; tratava-se de uma forma de juntarem um pé-de-meia muito útil para quando um dia saíssem de Auschwitz. O que o português não compreendia era o estado em que Tanusha se encontrava.

“Porque te bateu ele?”

Os olhos azuis da rapariga começaram a humedecer.

“Porque... porque...”

A russa não conseguiu terminar a frase, mas não foi preciso porque Francisco reparou nesse instante numa pequena peça branca de roupa rasgada no chão e logo percebeu que eram as cuecas que Moll lhe havia arrancado à força.

VI

Embora a notícia de que Varsóvia se revoltara tivesse causado grande excitação por todo o KL, em nenhum sítio teve maior impacto do que nos crematórios. Logo que a novidade foi conhecida, e aproveitando mais um dia calmo, o *Oberkapo* Kaminsky convocou uma reunião de urgência da cúpula dos conspiradores no bloco treze do campo dos homens.

“Desde que nos reunimos da última vez que muita coisa mudou”, disse o judeu lituano, claramente animado com a evolução dos acontecimentos. “Graças à coragem das raparigas e dos rapazes espalhados pelo *Katzet* e ao engenho do nosso mágico, conseguimos trazer armas, munições e explosivos para os crematórios.”

“E chegam?”

Foi Levin quem respondeu.

“Trouxe para o crematório tudo o que me foi pedido”, garantiu. “Mas não me peçam que traga tanques...”

“Houve uma evolução muito importante”, atalhou Kaminsky, retomando a palavra. “O levantamento em Varsóvia. Não acredito que a resistência polaca se revoltasse sem estar articulada com o Exército Vermelho, como demonstram os apelos da rádio russa à insurreição na cidade. A revolta significa que os russos estão a lançar a arrancada final. Temos de aproveitar a dinâmica dos acontecimentos e desencadear a rebelião em Auschwitz. O momento chegou.”

Um coro de assentimento percorreu o grupo. Tinham as armas, os acontecimentos evoluíam e, pormenor que ninguém mencionava mas estava

presente no espírito de todos, a ameaça de o *Sonderkommando* ser eliminado aumentava a cada dia que passava. Um dos presentes, um polaco que chefiava a unidade do crematório número um, ergueu a mão.

“E o resto do campo?”, quis saber o *Kapo* Morawa. “O que vai fazer o *Kampfgruppe Auschwitz*? Junta-se a nós?”

A pergunta era muito importante.

“Essa é a única coisa que infelizmente não mudou”, admitiu Kaminsky em tom contido. “Tenho conversado com a resistência, mas apesar dos nossos argumentos não os consegui convencer a desencadearem a revolta conosco. Dizem que temos de ter calma, que só poderemos atuar quando os russos estiverem perto do *Katzet*, que seria uma estupidez dar um pretexto aos alemães para nos matarem logo agora que a hora da libertação está tão perto, que...”

“Cabrões!”

“Estupidez é ficarmos quietos!”

“Esses comunas que venham para o *Sonderkommando* para verem o que é bom! Queria vê-los no nosso lugar a dizerem que é uma estupidez revoltarmo-nos! Queria vê-los! Dizem-se eles revolucionários! Quando chega a hora de agir, metem o rabinho entre as pernas!”

Os protestos cruzavam-se num clamor indignado; claramente o *Kampfgruppe Auschwitz* não era ali nesse momento muito popular. O *Oberkapo* ergueu as mãos, tentando acalmar os companheiros.

“Calma! Calma!”, pediu. “Tenham calma. Temos de lidar com a situação como ela é e não como gostaríamos que fosse. Estamos perante interesses contraditórios. Cada dia que passa joga a favor da generalidade dos prisioneiros, uma vez que os russos estão cada vez mais perto. Pelo contrário, cada dia que passa joga contra nós, pois como conhecedores do segredo e testemunhas oculares de tudo o que aqui aconteceu somos o primeiro alvo a abater. Os SS até podem deixar que outros prisioneiros vivam, mas nós não. Por isso os interesses do *Sonderkommando* e os do resto do *Katzet* estão em conflito. Se a libertação se aproxima, para que vai a rede clandestina arriscar uma revolta? Se a nossa execução se aproxima, para que iremos nós adiar a revolta?”

“O Litvak tem razão!”, interveio Gradowski. “Os nossos interesses não coincidem com os do *Kampfgruppe Auschwitz*. Se estamos à espera da resistência geral do campo, então mais vale desistirmos. Não podemos esperar pelos outros, não podemos aguardar uma revolta que nunca ocorrerá! Temos de nos revoltar nós mesmos! Não há alternativa!”

“Revoltar por revoltar não faz sentido”, argumentou o *Kapo* Morawa, cético. “Sozinhos nada conseguiremos.”

“É verdade”, concordou Kaminsky. “Mas nada fazer também não é opção. O que proponho é que o *Sonderkommando* se revolte. É provável que isso nos condene à morte, admito, mas condenados já nós estamos. A diferença é que morreremos a combater e não como cordeiros.”

Um coro de aprovação percorreu o bloco treze. A rejeição da ideia de caminharem para a morte como tinham visto tantos fazer era poderosa entre os judeus do *Sonderkommando*.

“Isso! Isso!”

“Vamos à luta!”

Novos gestos para calar o grupo.

“Não pensem que a nossa rebelião é suicida”, sublinhou o *Oberkapo*. “Arriscada sim, mas não suicida. Considerando a chegada dos russos aos arredores de Varsóvia e a revolta da resistência polaca na cidade, é possível que o nosso levantamento convença a rede clandestina do campo a juntar-se a nós. Temos de os obrigar a definir-se. Há que pô-los perante o facto consumado. Depois tudo dependerá de como as coisas evoluírem. Se criarmos problemas sérios aos alemães, os tipos do *Kampfgruppe Auschwitz* poderão convencer-se e decretar um levantamento geral. As primeiras horas serão cruciais e tudo se decidirá aí. Aconteça o que acontecer, ninguém duvide de uma coisa: a rede clandestina jamais tomará a iniciativa. Jamais. Se estivermos à espera deles, nunca haverá revolta. Temos de ser nós a revoltar-nos e será o sucesso da nossa revolta que os levará a revoltarem-se.” Ergueu a voz. “Quem vota pela revolta?”

Todos os elementos do grupo, incluindo Levin e à exceção do *Kapo* Morawa e do major Antipov, deram um salto a gritar “sim!”, “eu!” e “revolta!” Quando o bruaá se acalmou, e preocupado com o silêncio do

oficial do Exército Vermelho, Kaminsky encarou-o.

“Noto que não está convencido, major...”.

“Nota bem”, confirmou o russo. “Eu e os meus homens não nos vamos meter nesse fiasco.”

Estas palavras impuseram um silêncio profundo no barracão, não só pelo pessimismo que lhes estava subjacente como por significar que não podiam contar com os homens do Exército Vermelho. Tratava-se de um grave revés, considerando a experiência militar deles. O *Sonderkommando* precisava dos russos e o pior que lhe podia suceder era eles porem-se de parte.

“Porquê, major?”, quis o *Oberkapo* saber. “Vocês estão tão em risco como nós. Não se esqueça de que, com tudo o que viram em Majdanek e aqui em Birkenau, também conhecem o segredo e são testemunhas incômodas. Tendo em conta o que vocês sabem, os alemães não vos deixarão viver.”

Pelo seu semblante percebia-se que o major Antipov não estava convencido disso, mas também não tinha a certeza do contrário.

“Talvez”, acabou por conceder. “Note que me reservo o direito de intervir caso perceba que a operação pode ter sucesso. Mas neste momento estou cético, e por dois motivos. Primeiro, parece-me que a revolta só pode ter êxito se ocorrer um levantamento geral em Auschwitz. A falta de apoio da rede clandestina é um problema sério. Por outro lado, as ações militares têm maior probabilidade de ser bem-sucedidas se apanharem o inimigo de surpresa. Ora constato que toda a gente no *Sonderkommando* sabe que nos vamos revoltar. Toda a gente. Isso não é normal. Uma operação destas requer segredo e por isso só pode ser conhecida por um número muito limitado de comandantes. Se toda a gente está a par, a probabilidade de a informação chegar aos SS é maior.”

“Não é do interesse de ninguém contar-lhes o que quer que seja, major.”

“Isso diz você”, replicou o russo. “Ainda noutra dia vi uma mulher numa câmara de gás aqui de Birkenau a dar a um SS a morada de uma família de judeus que se encontrava escondida. Deve ter pensado que os alemães assim a poupariam. Para sobreviverem muitas pessoas fazem tudo o que for preciso. Tudo. Vocês, mais do que ninguém, já o deviam saber. Ninguém nos garante que um elemento do *Sonderkommando*, tentando conquistar as

boas graças dos SS, não lhes passe os nossos planos. Ora uma operação militar, para ser bem-sucedida, exige secretismo. Nesta operação não há segredo nenhum. Toda a gente sabe tudo. Não contem comigo nem com os meus homens.”

Fez-se um novo silêncio dentro do barracão. Tornou-se claro que aquela posição era definitiva e que o oficial não recuaria. Tratava-se de uma perda de vulto.

“Lamento ouvir isso”, disse Kaminsky em tom pesado. “Mas, se não posso contar com os seus homens, peço-lhe encarecidamente que ao menos nos prepare um plano operacional. O senhor major prometeu-mo.”

Fazendo uma pausa para considerar o pedido, o major Antipov condescendeu.

“Os oficiais russos são honrados e cumprem sempre as suas promessas.” Pegou numa folha que trazia na mão e depositou-a sobre a mesa, mostrando um esquema rabiscado. “O *Sonderkommando* terá de ser dividido em dois *Kommandos* de combate, o dos prisioneiros dos *Kremas* um e dois e o dos *Kremas* três e quatro. As operações serão desencadeadas às quatro da manhã em ponto, no momento em que a guarnição do campo está em sono profundo e as sentinelas meio adormecidas. A essa hora o *Sonderkommando* atacará os dez SS de cada crematório e apoderar-se-á das suas armas. Um grupo de cem homens dos *Kremas* um e dois esconder-se-á à beira da estrada e emboscará as vinte sentinelas que a essa hora deverão aparecer para ocupar os postos de observação. Quando os SS passarem, o *Sonderkommando* emergirá da sombra e atacá-los-á. Como o combate será corpo a corpo, terão de ser cinco homens por cada SS.”

“E os dos *Kremas* três e quatro?”

“Esses enviarão outra unidade de cem homens para cortar a energia de todo o campo. Uma vez estas duas operações concluídas, ambos os grupos se dividirão em dois. Cinquenta homens avançarão contra as restantes sentinelas e os outros cinquenta cortarão as vedações dos diversos campos para permitir uma fuga geral. Os prisioneiros do campo das mulheres e do campo dos homens receberão ordem para fugir e os barracões serão incendiados para criar maior caos e garantir que toda a gente se põe em

fuga. Os homens que ficarem nos crematórios fá-los-ão explodir e, aproveitando a confusão geral, abrirão buracos nas vedações e escaparão. Com as sentinelas fora de combate e milhares e milhares de prisioneiros a correrem de um lado para o outro como galinhas tontas, os alemães não saberão para onde se hão de voltar. Será assim que o *Sonderkommando* escapará de Auschwitz.”

O oficial recostou-se no seu lugar, dando a exposição por terminada. Os homens em torno da mesa ficaram um longo momento calados, a matutar no que haviam escutado. Foi Gradowski que rompeu o mutismo geral.

“É um bom plano.”

Um burburinho de aprovação percorreu o grupo. Já não havia a excitação de instantes antes, pois todos se confrontavam nesse momento com as realidades e dificuldades práticas da revolta e iam ficando com uma melhor noção do que os esperava. Sem experiência de combate, pedia-se-lhes que eliminassem umas dezenas de SS sem fazer barulho e que incendiassem Birkenau. Não seria fácil. Mas tinha de ser feito. Esmagado pela responsabilidade, Kaminsky falou num fio de voz.

“Para a semana.”

Os homens diante dele olharam-no, uns porque não tinham ouvido bem, outros por não compreenderem o que haviam escutado.

“Como?”

O *Oberkapo* do *Sonderkommando* levantou-se, a decisão tomada, a adrenalina a disparar-lhe no sangue e já incapaz de permanecer quieto.

“A revolta será para a semana.”

VII

A planta pregada na parede, com as representações geométricas das fileiras de barracões nos diversos campos, só era compreensível para quem estivesse familiarizado com os *Konzentrationslager*, e em particular Auschwitz-Birkenau. A vara tocava nesse instante no desenho dos edifícios no topo da planta de Birkenau, que Francisco e todos os SS no auditório sabiam ser os crematórios, e o homem que a manuseava era o *Hauptscharführer* Otto Moll. Como de costume estava fardado de branco e mantinha pregada ao peito a *Kriegsverdienstkreuz* com espadas de que tanto se orgulhava.

“O que aconteceu com o *Katset* de Majdanek não pode suceder aqui”, sublinhou o chefe dos crematórios. “Fomos apanhados de surpresa pela rapidez do avanço do inimigo e não houve tempo de destruir as câmaras de gás. O inimigo capturou pelo menos uma delas intacta. Temos de impedir que o mesmo aconteça no nosso *Katset*. É preciso começar imediatamente a destruir os *Kremas*.”

O novo comandante de Birkenau, o *Hauptsturmführer* Kramer, interveio.

“Pois, isso é muito bonito de dizer”, considerou. “O problema é que há transportes a chegar com matéria-prima. Já me avisaram que os judeus de Łódź vêm aí. Como sugere que os submetamos a uma *Aktion* sem os *Kremas*?”

“Recebemo-los, fechamo-los com todos os outros judeus no campo e à noite, enquanto estão a dormir, retiramos a guarda. A seguir a artilharia e os *Junkers* bombardeiam o campo. Daremos assim cabo de quase toda a gente.

Os nossos homens liquidarão os que sobreviverem.”

O comandante riu-se.

“Ach, isso não é possível”, disse Kramer. “Berlim quer preservar os judeus em condições de trabalhar. Não se esqueça de que precisamos de manter as fábricas a laborar. Temos a IG Farben, temos a Union-Werke, temos a...”

“Está bem”, percebeu o chefe dos crematórios. “Então porque não mandamos para outros campos os prisioneiros de que não precisamos?”

“Quais campos? Majdanek caiu, enquanto Bełżec, Sobibór, Chelmno e Treblinka já foram desmantelados. Mandamo-los para onde?”

O *Hauptscharführer* Moll não desarmou.

“Para os campos a oeste. Dachau, Mauthausen... sei lá.”

“Esses são simples *Konzentrationslager* e *Arbeitslager*, não têm instalações específicas para tratamento especial”, lembrou o *Hauptsturmführer* Kramer. “O último campo com câmaras de gás operacionais é o nosso. Se as destruímos, o Reich perderá definitivamente a capacidade de exterminar as raças inferiores. Não preciso de vos recordar a enorme tragédia que uma coisa dessas seria para a Alemanha e a humanidade. Perderemos esta grande oportunidade de viabilizar a evolução da raça humana para a sua fase divina. Por isso a ordem de desmantelamento dos *Kremas* só pode ser dada pelo *Reichsführer-SS*.”

“Bem... uh, está bem”, concedeu mais uma vez Moll. “Mas isso não nos impede de iniciar a planificação. Chamamos os engenheiros para estudarem a melhor maneira de destruir as instalações, quanta dinamite será necessária, onde irá ser colocada... essas coisas. Mandamos também os homens do *Sonderkommando* para tratamento especial. É imperativo que não escape um único, pois conhecem o segredo.”

Um murmúrio de aprovação percorreu o auditório. Ninguém ignorava que a BBC e o *The New York Times* já haviam noticiado que Auschwitz era uma fábrica de morte e muitos dos presentes tinham até sido referidos pelo nome, o que os deixara muito nervosos. Para agravar as coisas, e apenas uma semana depois de o Exército Vermelho ter cruzado a fronteira da Prússia Oriental, chegara a notícia de que Paris caíra. Os Aliados

avançavam a oeste e a leste e a Wehrmacht não parava de recuar em todas as frentes. Os SS estavam ainda sob o efeito do choque. A necessidade de não deixar testemunhas que os comprometessem em tribunal era compreendida por todos.

“Soube por um *Kapo* polaco que o *Sonderkommando* anda a preparar uma revolta”, acrescentou o chefe dos crematórios. “Temos de acabar com eles. Liquidámos um contingente em Majdanek e a seguir vamos eliminar um novo grupo. Alguns irão para as unidades de *Sprengkommando*, destinadas a demolir os crematórios, mas também esses serão liquidados. Não sobrá nem um cabelo que possa servir de prova.”

No auditório, o único que o interrompia, como de resto constituía seu direito e dever, era o comandante de Birkenau.

“Como iremos tratar dos tipos do *Sonderkommando* sem que desconfiem?”

A pergunta tocava num ponto delicado da operação, uma vez que o *Kommando* dos crematórios era constituído por homens corpulentos e sem ilusões quanto ao seu destino último, o que os tornava perigosos. O chefe dos crematórios respondeu com um sorriso críptico.

“Deixe isso comigo.”

VIII

A carpintaria do crematório número dois tornou-se o refúgio de Levin no dia anterior à revolta do *Sonderkommando*. Para escapar à ansiedade geral, o mágico decidiu dedicar-se à construção dos adereços para o seu espetáculo. Enquanto se distraía com aquilo não pensava no resto. Passou assim a manhã inteira a fazer desenhos, a serrar madeira e a pregar tábuas.

Pelo meio-dia sentiu a porta da carpintaria abrir-se e viu o *Oberkapo* Kaminsky.

“A sopa chegou”, anunciou-lhe o chefe do *Sonderkommando*. “Venha daí, vamos almoçar.”

Saíram os dois.

“Marcámos a revolta para amanhã, mas já me disseram que foi outra vez adiada”, queixou-se Levin. “O que se passa?”

“Negociações de última hora”, explicou o *Oberkapo*. “A resistência polaca deu ordens para que se iniciem levantamentos por toda a Polónia, incluindo aqui em Auschwitz. O *Kampfgruppe Auschwitz* finalmente decidiu fazer alguma coisa. Estão entusiasmados com a chegada do Exército Vermelho a Varsóvia e com a revolta na cidade. Tudo indica que os russos vão mesmo lançar a grande ofensiva para tomar o resto do país, o que significa que as perspetivas para uma rebelião bem-sucedida no campo estão a melhorar.”

Levin respirou fundo.

“Deus o oiça.”

Chegaram ao pátio quando a sopa estava a ser distribuída. Como fazia

calor, até porque agosto era sempre quente, os homens tinham decidido comer no exterior para aproveitar o sol e por isso espalhavam-se pelo perímetro com as suas tigelas. O problema era a comida. Com menos transportes de deportados, a qualidade das refeições degradara-se e o *Sonderkommando* passara a depender da sopa da cozinha.

“Porra para a sopa!”, resmungou um dos homens. “Em vez de gasearem os pelintras dos ciganos, que não têm dinheiro nem para mandar cantar um cego, deviam era enviar um comboio à maneira, hem? Daqueles com carne e vinho e compotas. Isso é que era!”

O campo dos ciganos tinha sido liquidado nesse dia, um evento muito comentado por todos os reclusos. O *Oberkapo* Kaminsky lançou ao homem um olhar de reprovação.

“Não digas disparates.”

“Disparate é o que estamos a comer. Ah, no tempo dos transportes de França é que era vida! Lembram-se? Tudo do bom e do melhor, até dava gosto. Tínhamos vinho, tínhamos...”

“Cala-te!”

A autoridade do responsável máximo do *Sonderkommando* era tal que foi prontamente obedecido. Havia na unidade diversos homens embrutecidos e Levin vira várias vezes alguns juntarem-se aos SS e baterem em deportados para os forçar a entrar nas câmaras de gás.

De repente o *Hauptscharführer* Moll apareceu no pátio com o *Kommandoführer* do número dois, o *Unterscharführer* Steinberg. Os elementos do *Sonderkommando* pousaram os pratos no chão e puseram-se de pé, tirando os chapéus da cabeça.

“Kaminsky, vem cá.”

Sem hesitar, o *Oberkapo* dirigiu-se ao chefe dos crematórios. Embora assustado, ou talvez exatamente por isso, Levin não pôde deixar de admirar o responsável do *Sonderkommando*. Qualquer prisioneiro que fosse chamado por Moll ficava logo a tremer. Não Kaminsky. Devia ser o único judeu que não mostrava o menor medo dos SS.

O *Hauptscharführer* Moll disse ao *Oberkapo* que o acompanhasse e ambos desapareceram por detrás do edifício. Os homens do

Sonderkommando olharam inquisitivamente para o *Kapo* Lemke, o segundo homem mais importante do *Kommando* do crematório.

“O que está o *Malakh HaMaves* aqui a fazer?”, sussurrou um dos homens. “Será que vem aí um transporte? Se calhar o...”

Uma detonação calou-o.

O tiro viera do outro lado do edifício. As expressões tornaram-se inquietas. O que estava a suceder? Ainda se interrogavam quando viram o *Hauptscharführer* Moll reaparecer no pátio.

“Preciso de dois voluntários.”

O SS apontou para Levin e um companheiro chamado Monjek; eram os “voluntários”. Os prisioneiros seguiram Moll até ao outro lado do edifício e depararam-se com o corpo de Kaminsky estendido no chão, um buraco na nuca e uma poça de sangue ao lado da cabeça.

IX

Com a determinação dos obcecados, Francisco não largou o *Hauptscharführer* Moll durante dois dias. Graças ao passe que o chefe do seu departamento lhe entregara para circular por todo o KL, o *SS-Mann* seguiu-o por toda a parte. O chefe dos crematórios terminou a jornada do segundo dia no bar da Haus der Waffen-SS, o hotel dos SS junto à estação ferroviária da cidade de Auschwitz.

O bar estava nessa noite a meia casa e Moll, acompanhado por dois amigos, um dos quais o inseparável *Unterscharführer* Eckardt, ficou longamente à conversa entre rodadas de cerveja. O português sentou-se num lugar à janela, agarrado ao famoso gelado de baunilha do hotel e posicionado de maneira a vê-los sem ser visto. Dali seguiu a conversa dos alemães, que ia evoluindo sem rumo definido, errática, com graçolas sobre superiores hierárquicos ou referências a episódios nos crematórios que os SS achavam hilariantes.

“Haviam de ter visto o que me aconteceu esta manhã”, contou o *Hauptscharführer* Moll. “Apareceu-me no *Krema* um grupo de *Muselmänner* para tratamento especial. Como a chefia está sempre com a conversa de sermos poupadinhos, achei que não valia a pena gastar gás com eles e decidi acabá-los eu mesmo.”

“A tiro?”

“E gastava munições? Peguei numa barra de ferro e... pumba!, aqui vai disto!”

Os companheiros riram-se.

“Com uma barra de ferro?! *Ach*, és doido, Otto!”

“Esperem, ainda não acabei”, apressou-se Moll a adiantar. “Estava eu catita da vida a malhar nas tolas deles quando um dos tipos me pediu para cantar *O Danúbio Azul* enquanto eu ia fazendo o servicinho. Achei boa ideia. Então o gajo pôs-se a trautear Strauss enquanto eu ia acabando os outros. Vocês estão a imaginar a cena? Ele a cantar na-na-na-na-naa pim-pim pim-pim, e eu a bombar, tumba-tumba-tumba. Eh pá, só visto!”

Nova risada.

“Ao menos poupaste esse Caruso?”

“O que achas? Deixei-o para último, pois há que promover a cultura e premiar os artistas, mas também comeu. Trabalho é trabalho, conhaque é conhaque.”

A conversa derivou para outros assuntos que os preocupavam e aos quais achavam menos graça, do avanço russo na Polónia e da revolta em Varsóvia ao plano para arrasar os crematórios e acabar com o *Sonderkommando*, mas acabou num tema mais agradável.

“E se déssemos um saltinho ao bordel?”, sugeriu o *Unterscharführer* Eckardt. “Apareceu agora uma mamalhuda que eu gostava de provar.”

Moll fez um gesto fatigado.

“*Ach*, hoje não.”

“Anda lá, pá.”

“Não, não. Estou muito cansado. Vão vocês.” Consultou o relógio e, vendo as horas, pôs-se de pé num salto. “*Scheiße*, já é tarde! Tenho de acordar cedo para preparar a receção à matéria-prima de Łódź.”

Deitando umas moedas sobre a mesa para pagar as cervejas, os SS levantaram-se e encaminharam-se para a saída.

“Nem sabes o que perdes, Otto. A mamalhuda dava cabo de ti.”

Uma vez cá fora, o grupo separou-se. Dois foram para um lado, o do bordel dos SS, Moll para o outro, o do caminho para casa. A oportunidade de Francisco aparecera enfim.

Aquele ponto da rua era o ideal, pois a lâmpada do poste de iluminação pública estava fundida e havia uma pequena latrina pública atrás da qual se

podia esconder. O português ocultou a bicicleta e preparou-se. Tinha pouco tempo; um minuto, talvez nem tanto. Tirou o casaco e ficou de camisa interior verde-escura. Descalçou a bota direita, retirou a meia e voltou a calçar a bota. A seguir meteu a cabeça na meia, indiferente ao seu fedor característico, e no ponto dos olhos abriu dois buracos com um canivete. Assim ninguém o reconheceria. Satisfeito, anichou-se por detrás da latrina.

Aguardou.

A rua estava deserta, pois já se fazia tarde, e uma poça de água refletia a Lua prateada que pairava no alto. O vulto do *Hauptscharführer* Moll apareceu na esquerda. Apesar de ter bebido umas três ou quatro cervejas, o chefe do crematório parecia sóbrio. Caminhava numa passada tranquila, embrenhado nos seus pensamentos. Francisco certificou-se de que a rua permanecia deserta e no momento em que o violador de Tanusha ia a passar saltou da escuridão como um felino.

“O que...”

Tapou a boca do alemão, assentou-lhe uma joelhada nos testículos que o deixou indefeso e arrastou-o para a sombra da berma. Uma vez aí, esmurrou-o consecutivamente na cara e no fígado. Apesar de não ser alto, o *Hauptscharführer* Moll era um homem possante, mas o português parecia uma montanha e o oficial não teve a menor hipótese. Depois de o moer de pancada, o *SS-Mann* carregou-o para o interior da latrina e, pegando-lhe pelos cabelos da nuca, mergulhou-lhe a cabeça nos excrementos.

“Hmpgh... mghpgh...”

Ao fim de alguns segundos levantou-lhe a cabeça.

“Quero-te fora de Birkenau”, sussurrou-lhe ao ouvido. “Se daqui a uma semana ainda por cá andares, afogo-te em merda. Percebeste?”

Sem o deixar responder, mergulhou-lhe de novo a cara nos excrementos que entupiam a latrina pública. A sua vontade era matá-lo, mas sabia que isso levaria o *Politische Abteilung* a abrir um inquérito pormenorizado, com identificação de todos os que nessa noite tinham estado na Haus der Waffen-SS, o que os conduziria a ele. Não valia a pena o risco. Em vez disso, deixou-o prolongadamente com a cara enfiada nas fezes à espera que lhe faltasse o ar. Quando lhe sentiu a convulsão por ter as vias respiratórias

obstruídas com merda ao ponto de sufocar, puxou-lhe de novo a cabeça para o deixar tossir, expelir as fezes que lhe enchiam a garganta e as narinas e recuperar o fôlego. Com um movimento brutal, arrancou-lhe do peito a tão estimada *Kriegsverdienstkreuz* com espada, puxou-lhe as calças para baixo e espetou-lhe a condecoração no ânus.

“Aaaaagh!”

Colou-lhe de novo os lábios ao ouvido.

“Tens uma semana.”

Largou-o e fundiu-se na noite.

X

Fazia calor em Auschwitz, pois era verão, o sol estava a pique e os termómetros subiam acima dos trinta Celsius. Ao chegar à borda da água, Francisco descalçou as botas e despiu a camisa e as calças da farda até ficar em cuecas. Sentou-se à beira da piscina e mergulhou as pernas na água. Estava fria e não muito limpa, mas isso não o perturbou.

“*Herr SS-Mann!*”, chamou um prisioneiro alemão, decerto um *Kapo*, que se banhava nessa altura. “Não me diga que vai dar um mergulhinho...”

“Vamos ver, vamos ver...”

Era o primeiro dia de folga do português em mais de duas semanas. Como sempre, por sua vontade daria um salto ao *Kanada* para passar a tarde com Tanusha. Como quase sempre, refreou esse desejo. Não podia passar a vida com a namorada, tanto mais que o apoio que lhe dera após a violação pelo *Hauptscharführer* Moll intensificara os burburinhos sobre a sua relação com ela. Tinha de ter cuidado, não só por sua causa mas também por Tanusha. Se houvesse um inquérito e ambos fossem considerados culpados de confraternização ilícita, a namorada seria executada e ele arriscava o mesmo fim.

Foi o medo de serem denunciados que nesse dia de folga o impediu de a visitar no *Kanada*. O problema era o que fazer com a folga. Noutros tempos teria dado um salto a um bordel, mas desde que conhecera Tanusha desinteressara-se do amor comprado. Outra opção seria imitar os seus camaradas SS e ir emborrachar-se na Haus der Waffen-SS ou em qualquer cervejaria da cidade. Os hábitos nórdicos não condiziam contudo com a sua

natureza latina. Um português que se prezasse não se embebedava, muito menos com cerveja.

“Então, *Herr SS-Mann?*”, desafiou-o de novo o prisioneiro alemão. “Esse mergulho?”

O calor tornava-se insuportável e a água estava de facto convidativa, até porque com a diminuição dos transportes as cinzas haviam-se tornado raras. É certo que ainda se via à distância o tracejado a carvão do fumo de uma das chaminés a dispersar-se pelo céu azul, com certeza os judeus de Łódź a serem queimados, mas o que nessa altura se passava não tinha a menor comparação com a loucura que fora a liquidação quase completa dos judeus da Hungria nos dois meses anteriores.

Contemplou o retângulo azul diante dele e suspirou. A piscina de Auschwitz, situada no *Stammlager* entre a vedação e os blocos B6 e B7, era na verdade um reservatório de água no qual os bombeiros do KL haviam instalado uma prancha de mergulho. Alguns prisioneiros selecionados a dedo, sobretudo *Kapos* que as autoridades queriam premiar, eram autorizados a frequentá-la, o que explicava a presença daquele recluso.

Usando os braços como alavancas, impulsionou-se para a frente e deslizou enfim para a água.

Após o terceiro mergulho, emergiu à tona e apercebeu-se de um vulto. Um SS estava plantado à borda da piscina a olhar para ele com as mãos na cintura. Sacudiu a cabeça para expulsar a água que lhe turvava a visão e reconheceu-o.

“Opa!”, saudou-o o *Unterscharführer* Pery Broad. “Está gostosa?”

Francisco olhou em redor. O *Kapo* alemão já tinha abandonado a piscina e estava a sós com o brasileiro das SS.

“Nada má. Vai uma banhoca?”

“Quem dera! Essa água parece mesmo legal.” Abriu os braços num gesto de frustração. “Mas não posso.” Apontou para os barracões na esquina do campo, a centena e meia de metros de distância. “Estou indo p’ra uma reunião do *Politische Abteilung* no B11. A barra está pesada, n’é?”

“O que aconteceu?”

“Como os americanos entraram no Reich, o chefão quer...”

“Os americanos o quê?!”

Ao ver a surpresa no rosto do interlocutor, o brasileiro percebeu que ele não estava a par da novidade.

“Puxa, você não sabe? O inimigo chegou à Linha Siegfried e está atacando Aix-la-Chapelle. É a primeira cidade da Alemanha sob fogo inimigo terrestre. O povo já foi retirado, mas está todo mundo preocupado. Parece que o comandante da divisão *panzer* local disse ao inimigo que não resistiria à tomada da cidade, mas esse mau caráter já foi detido e terá de responder perante tribunal marcial. O meu chefe convocou o pessoal p’ra uma reunião de emergência.”

A notícia era em bom rigor esperada havia muito, tal a rapidez com que as forças aliadas tinham cruzado a França em direção à fronteira alemã. Mas uma coisa era prever que isso acontecesse e outra saber que acontecera mesmo. A importância de uma evolução daquelas no teatro de operações não podia ser menosprezada.

“E agora?”

“Agora... vamos à briga.”

Não era a resposta que Francisco esperava.

“Qual briga? Está tudo a desmoronar-se...”

“Não é bem assim”, corrigiu-o Broad. “Estamos falando da invasão da própria Alemanha. P’ros nossos soldados, essa já não é mais uma guerra dos nazis, não. É uma guerra dos alemães, você entendeu? Agora é mesmo a doer. Nem pensar em recuar.”

“Ninguém vai recuar?”

“Antes a morte.” Espreitou o relógio e pareceu alarmado. “Nossa! Estou atrasado!”

Acenou em despedida e abalou dali.

A pele dos dedos de Francisco já estava de tal modo enrugada pela água que ele saiu da piscina; passara uma hora inteira lá dentro e apetecia-lhe estender-se ao sol. Ao elevar-se para o exterior ouviu vozes e percebeu que vinha gente. Na verdade eram dois camaradas. Enquanto se secava com

uma toalha, saudou-os com o “*Heil Hitler!*” obrigatório. A seguir alongou a toalha no chão e sentou-se sobre ela, preparando-se para se deitar e acolher o sol da tarde. Foi nessa altura que se apercebeu de um zumbido familiar. Subitamente alerta, perscrutou o céu. A noroeste viu um enxame de pontos escuros entre as nuvens.

Uma sirene começou a soar em contínuo pelo campo. Havia no KL vários tipos de sirenes, mas todos sabiam que o alarme em contínuo era o mais grave. Os SS acabados de chegar estavam a despir-se e ficaram momentaneamente desorientados, quase como galinhas aturdidas, sem saber se deveriam continuar a tirar as fardas ou se teriam de se vestir novamente, se deveriam ficar ali ou regressar aos seus postos.

“*Scheiße!*”

Com a palma da mão sobre a testa, como a pala de um boné, Francisco fixou os olhos nos enormes aviões que eram os pontos do enxame e não teve dificuldade em identificá-los. O nariz em vidro, os quatro motores e as vastas asas sobre o longo corpo mostravam que se tratava de Consolidated B-24 Liberator, os grandes bombardeiros capazes de atravessar o Atlântico graças à nova base dos Aliados nos Açores. Pormenor importante, eram americanos.

A primeira explosão não foi uma bomba, mas uma sucessão de bombas que erguiam colunas de pó em grandes penachos e um fragor tal que o ar começou a agitar-se e os próprios ossos do português estremeceram. Vendo as explosões para os lados de Birkenau aproximarem-se de Auschwitz I, onde se encontravam, os SS recém-chegados atiraram-se à piscina, embora ainda não se tivessem despido completamente, e Francisco imitou-os. Melhor abrigo do que aquele só um *bunker* subterrâneo de betão maciço.

Encolhidos dentro de água, as mãos agarradas à borda do tanque como se segurassem uma boia, os três homens assistiram a uma explosão em pleno *Stammlager* e depois viram os aviões passar sobre eles com um ronco medonho. As colunas de poeira levantavam-se já do outro lado entre detonações brutais, engolindo dessa feita Auschwitz III, onde se situava o complexo industrial de Monowitz. As explosões multiplicavam-se aí com uma intensidade hedionda. Dir-se-ia que a própria terra se abria para

devorar a grande fábrica da IG Farben, onde tantos escravos judeus e polacos laboravam.

Os aviões seguiram a sua viagem e o zumbido depressa desapareceu, deixando o complexo concentracionário envolto em colunas gigantescas de poeira branca e fumo negro. Os principais danos pareciam ter ocorrido na fábrica de Monowitz, claramente o principal alvo, mas a preocupação de Francisco, como sempre, estava em Birkenau. Saiu da piscina, indiferente à nuvem de poeira que se abatera sobre o local, e vestiu-se apressadamente. Estaria Tanusha bem? Um dos postos de observação encontrava-se deserto, uma vez que os soldados tinham fugido para se abrigarem nos *bunkers*, pelo que o escalou em movimentos rápidos.

Uma vez lá em cima, fitou Birkenau no horizonte. Havia penachos de poeira sobre os barracões distantes. A metrópole da morte claramente tinha sido atingida, mas a zona onde se encontravam o *Kanada* e os crematórios permanecia intacta.

XI

Os últimos acontecimentos eram o tema da conversa de Levin com o *Kapo* Eliezer à porta do crematório número três. A morte de Kaminsky obrigara a adiar a revolta. Além disso mostrara-lhes que a informação sobre o projeto da sublevação chegara aos alemães. O major Antipov tinha razão quando desconfiara.

A boa notícia era que o *Hauptscharführer* Moll deixara de aparecer nos crematórios. No *Sonderkommando* dizia-se na brincadeira que o chefe dos crematórios tinha sido um dos quinze SS mortos no bombardeamento americano do KL Auschwitz, embora todos soubessem que não era o caso. Na verdade corriam rumores de que o anjo da morte fora transferido para outro posto e havia mesmo quem garantisse que o tinham nomeado *Lagerführer* de um subcampo qualquer. Fosse como fosse, nunca mais foi visto por aquelas paragens.

O desaparecimento súbito de Moll constituíra um alívio para os homens da unidade especial dos crematórios, mas as atenções estavam nessa altura voltadas para o recente bombardeamento aliado. O ataque fizera quase trezentos mortos e feridos entre os prisioneiros, sobretudo na fábrica de Monowitz, embora o que mais lhes custasse nem fosse isso.

“Não percebo porque não rebentam com os crematórios”, interrogou-se o mágico. “Bastava terem largado aqui umas bombocas e... acabava-se esta palhaçada toda.”

“O problema é que também nós levávamos com elas...”

“Ora, ora”, devolveu Levin com um gesto indiferente. “Condenados já

nós estamos. Ao menos assim terminava o pesadelo.”

“Já o deviam ter feito há muito tempo, quando a grande matança estava em curso”, opinou o *Kapo* Eliezer. “Agora é tarde de mais. Resta cada vez menos gente para gasear.” Respirou fundo. “Temos de nos render à evidência. O mundo não quer saber de nós para nada. Não viu que o bombardeamento incidiu sobretudo na fábrica de Monowitz? Os tipos só pensam no esforço de guerra. Os judeus são a última das suas preocupações.”

Era verdade.

“Será que sabem de nós?”

“Claro que sim. Não se esqueça que o *Kampfgruppe Auschwitz* está em contacto com a resistência polaca e passa constantemente informações para o exterior. Além disso, a BBC noticiou a existência de Auschwitz. O que aqui tem acontecido é mais que conhecido pelos que decidem, pode ter a certeza. Se mesmo assim os crematórios ainda não foram bombardeados é porque ninguém quer saber de...”

A entrada súbita de um punhado de oficiais SS no perímetro do crematório interrompeu a conversa. Os homens do *Sonderkommando* puseram-se todos em sentido e tiraram os chapéus. Entre os recém-chegados estava o *Scharführer* Busch, que acabara de ser nomeado *Kommandoführer* do crematório número três. Quando reconheceu o *Kapo* Eliezer, o novo *Kommandoführer* dirigiu-se a ele.

“Tenho ordens para vocês”, anunciou Busch. “Há um campo aqui perto que foi danificado durante um destes bombardeamentos inimigos. Precisamos de trezentos homens para a equipa de remoção de destroços.”

“Trezentos, *Herr Scharführer*? Para uma transferência?”

“Correto.”

Eliezer e Levin trocaram um olhar carregado de subentendidos.

“E... e quem serão eles, *Herr Scharführer*?”

“Isso decidirão vocês. Tudo o que sei é que preciso de homens para serem transferidos para esse campo na Silésia. Vocês, os *Kapos*, que preparem uma lista com trezentos nomes, sejam eles quais forem.”

“Mas... mas...”

Ignorando Eliezer, o novo *Kommandoführer* entrou no crematório com o intuito evidente de o inspecionar, sinal de que vinha aí uma nova *Aktion*.

“Tens vinte e quatro horas para me entregar a lista.”

A ordem do SS espalhou o pânico no *Sonderkommando*. O próprio Levin, que acreditava estar protegido pelo projeto do espetáculo de magia, sentia-se nervoso com o anúncio. Trezentos homens eram muitos. Na verdade o número correspondia à soma dos elementos dos crematórios números três e quatro e a quase metade de todo o contingente, pelo que aquilo era a confirmação de que a extinção da unidade de trabalho dos crematórios entrava numa nova fase. O temido momento da aniquilação total do *Sonderkommando* aproximava-se.

Todos se mantiveram calados enquanto o *Scharführer* Busch se manteve no crematório a supervisionar uma *Aktion* de tratamento especial a um grupo de mortas-vivas recolhido no campo das mulheres e despejado da carga de um camião como sacos de batatas. Contudo, logo que a jornada terminou e os homens recolheram aos aposentos, a discussão estalou.

“Com que critérios vamos escolher os trezentos nomes?”, questionou o *Kapo* Eliezer. “Como nos podem pedir uma coisa destas?”

“Ninguém faz lista nenhuma!”

“Mas o Busch deu-me vinte e quatro horas para a apresentar”, argumentou o *Kapo*, encurralado. “Se não a entregar, vocês sabem muito bem o que ele me fará...”

Todos sabiam.

“Estás a dizer que vais fazer a lista?”

“Tenho alternativa? Aliás, a ordem é extensível a todos os *Kapos*. Quem não a cumprir terá de se haver com aqueles animais.”

Ou seja, todos os *Kapos*, não apenas Eliezer, pagariam com a vida caso a lista não fosse apresentada. Fez-se um silêncio pesado no dormitório. Era um dilema impossível. O *Sonderkommando* estava nesse momento nas mãos dos *Kapos* e estes não tinham modo de contornar a ordem que lhes fora dada. Teriam de escolher os companheiros a enviar para a morte.

A noite foi passada em branco, com os *Kapos* a discutirem

acaloradamente o assunto durante horas e horas. Ao nascer do dia regressaram aos aposentos com uma lista de trezentos nomes. Os companheiros exigiram saber quem estava lá e Eliezer acabou por mostrá-la. Todos convergiram para o papel, incluindo Levin, e perscrutaram-no com ansiedade incontrolável em busca do seu nome. O mágico sentiu um baque no momento em que pousou os olhos numa das primeiras linhas.

Fora selecionado.

Ficou em estado de choque. Então não gozava de proteção especial por causa do espetáculo? Porque o haviam metido naquela lista? Logo a resposta se lhe impôs. Fora justamente por isso que o tinham nomeado. Os *Kapos* sabiam que ele estava protegido. Com toda a probabilidade, os SS tirá-lo-iam de lá quando o vissem, mas não podia ter a certeza e isso, como era natural, deixou-o imensamente nervoso, mais a mais porque Francisco e o *Abteilung VI* não exerciam o menor poder nos crematórios.

Os companheiros inscritos na lista reagiram em fúria.

“Temos de nos revoltar!”, gritou um deles. “Não podemos deixá-los fazer o que querem de nós sem levarem troco!”

Um clamor de aprovação encheu os alojamentos do crematório com as vozes dos selecionados.

“É isso!”

“Quando vierem vamos recebê-los a tiro!”

As palavras de incentivo à revolta multiplicavam-se, alimentadas pelo medo e pela convicção de que seriam todos mortos. O problema era a coordenação de todo o processo de rebelião, sobretudo depois da execução do *Oberkapo* Kaminsky, o homem em quem os judeus do *Sonderkommando* mais confiavam e que melhor os poderia guiar.

“Calma, calma!”, pediu Gradowski. “Temos de nos articular com o *Kampfgruppe Auschwitz*.”

A referência à resistência no campo desencadeou protestos.

“Não podemos esperar!”

“Os tipos falam, falam, mas não fazem nada!”

“Não se pode contar com esses gajos!”

Assumindo a sua posição de líder informal do grupo, Gradowski fez sinal

aos companheiros de que o ouvissem.

“Todos sabemos que o *Kampfgruppe Auschwitz* tem medo de decretar um levantamento geral”, declarou. “Mas a revolta em Varsóvia mudou tudo. Posso dizer-vos que a resistência polaca fez chegar a Auschwitz instruções para que o campo se revolte.”

“Não é a revolta de Varsóvia que está a correr mal? Noutro dia ouvi os SS gabarem-se de que estão a retomar o controlo da cidade.”

“São boatos para nos desmobilizar.”

“O que andam os russos a fazer? Se já chegaram aos arredores de Varsóvia, porque não entram no centro da cidade e ajudam os polacos? Será que fazem de propósito para a resistência ser esmagada e eles ficarem com mão livre para mais tarde fazerem o que quiserem na Polónia?”

“Oiçam, tudo isso me ultrapassa”, disse Gradowski. “O facto é que a resistência polaca deu ordens para a revolta em Auschwitz. Por questões de segurança da operação, não estou em condições de vos dar pormenores, mas garanto-vos que há preparativos em curso.”

“Se assim é, de que estamos à espera?”

“Avancemos para a revolta!”

“Revolta! Revolta!”

“Avançaremos, mas não sozinhos”, gritou Gradowski, sobrepondo a voz à dos companheiros. “Temos de fazer tudo em articulação com a resistência polaca, dentro e fora do campo. Só assim seremos bem-sucedidos.”

“Eu não sei o que vocês pensam, mas quando me vierem buscar vou resistir”, anunciou um dos selecionados. “Não me deixarei ficar!”

“Nem eu! Nem eu!”

“Se um grupo resistir, os alemães vão massacrar toda a gente”, avisou Gradowski. “Há que manter a disciplina e articular-nos com o *Kampfgruppe Auschwitz*. Só assim poderemos safar-nos.”

“Mas quando é que esses gajos se decidem?”

“Em breve.”

“Não podemos esperar! A todo o momento os alemães vão aparecer aí, fazem uma *Selektion* e mandam-nos para o gás. Temos de nos revoltar o mais depressa possível!”

“É tudo uma questão de dias. Estamos a falar com o *Kampfgruppe Auschwitz* e...”

“Não temos de falar com esses tipos”, interveio outro dos que constavam da lista dos *Kapos*. “Temos é de os informar de que vamos avançar. O resto do campo que nos siga! Mesmo que os alemães matem a maioria, alguns escaparão, e isso é melhor do que morrermos todos.”

Enquanto os judeus discutiam acaloradamente, os prisioneiros russos assistiam ao debate. Só quando Gradowski lançou um olhar de súplica ao major Antipov é que este se decidiu a intervir com a sua autoridade de militar.

“Uma revolta que não envolva todos os prisioneiros está condenada ao fracasso”, lembrou o oficial do Exército Vermelho num tom sereno. “Se um acordo com a resistência é uma questão de dias, então temos de apostar nisso. É melhor fazermos uma revolta com hipóteses de sucesso do que uma que de certeza irá falhar.”

As palavras do major russo acalmaram as cabeças quentes no *Sonderkommando*. De facto, se havia mesmo uma possibilidade de escaparem com vida, porque não esperar mais uns dias? Desde que a revolta começasse antes de virem buscar quem constava da lista dos *Kapos*, os seleccionados estavam dispostos a aguardar.

A reacção dos espectadores quando viram Levin mostrar-lhes a carta que haviam seleccionado do baralho não foi tão entusiástica como normalmente seria, nem a bem dizer o mágico se mostrou tão concentrado no número como era habitual. Desde que a lista dos trezentos fora entregue aos SS que todos os que nela constavam viviam num sobressalto permanente. Incluindo Levin, que não conseguira entretanto contactar Francisco e ignorava se o seu nome fora ou não retirado da lista.

Daí que, quando o vulto de Gradowski se recortou na porta dos alojamentos do crematório número três, o truque das cartas tivesse sido imediatamente interrompido. Todos sabiam que o líder informal da sua unidade do *Sonderkommando* havia passado a tarde numa reunião clandestina com o *Kampfgruppe Auschwitz* para tratar dos pormenores da

revolta e aguardava-se que dali saísse uma data firme para o levantamento geral dos prisioneiros do campo. A postura de Gradowski, curvada e derrotada, não augurava nada de bom.

“O que aconteceu?”, perguntou Shlomo. “Não me digas que voltaram a roer a corda...”

Por momentos sem nada dizer, o recém-chegado percorreu em passo lento o dormitório e sentou-se pesadamente sobre a sua cama. Massajou as têmporas e suspirou. O desânimo que dele se apossara era evidente.

“Dizem que o momento oportuno ainda não chegou...”

Estas palavras desencadearam um verdadeiro pandemônio entre os elementos do *Sonderkommando* que constavam da lista dos *Kapos*.

“É sempre a mesma merda!”

“Cabrões!”

“Quando chega a hora, os comunas metem o rabo entre as pernas!”

“Eles que venham para o *Sonderkommando* para ver como custa! Eles que venham e vejam os nomes deles na lista! Quero saber se acham que o momento oportuno ainda não chegou!”

Toda a gente falava ao mesmo tempo. As interjeições cruzavam-se no ar como projéteis e prolongaram-se por alguns minutos. Quando por fim se esgotaram, as atenções voltaram-se de novo para Gradowski.

“Esses palermas não veem que vamos todos ser mortos?”

“Quem será morto somos nós, os *Muselmänner* e os deportados que cá cheguem”, corrigiu Gradowski. “Os restantes vão safar-se. É por isso que não têm interesse numa revolta.”

“Mas a resistência polaca não lhes ordenou um levantamento?”

Os ombros de Gradowski descaíram mais um pouco e ele suspirou, como se se afundasse nos abismos do desespero.

“A revolta de Varsóvia falhou.”

“O quê?!”

A notícia deixou toda a gente pregada aos seus lugares. Tinham vivido o último mês na esperança de que o levantamento decretado pela resistência polaca desencadeasse o colapso da presença alemã na Polónia, mas claramente isso já não iria acontecer.

“O Exército Vermelho não mexeu um dedo para ajudar os polacos e deixou-os ser massacrados pelos alemães”, disse Gradowski. “A resistência polaca foi esmagada e os seus comandantes deram ordens para suspender as revoltas planeadas em toda a parte, incluindo em Auschwitz. É o fim.”

Os homens do *Sonderkommando* ficaram um longo momento em silêncio, cientes do significado do que acabavam de ouvir. A resistência nada faria. Estavam sós e era sós que teriam de tomar a grande decisão. Ou se revoltavam, e morreriam, ou eram gaseados, e morreriam. Não havia esperança.

XII

Mais um dia de espera. Com a acentuada diminuição dos transportes, os alemães começaram a usar apenas o crematório número um para as cada vez mais raras *Aktionen* de tratamento especial, deixando os restantes crematórios inativos. No crematório número três Levin era o único que ainda tinha uma missão. Nessa manhã acordou por isso mais cedo do que os companheiros e foi tomar banho e vestir-se. O seu objetivo do dia era trabalhar na carpintaria do crematório número dois, na esperança de que Francisco o visitasse enfim.

Os companheiros estavam já a acordar quando se sentou para o pequeno-almoço. Não passava de um chá. Pelo menos era quente, mas bebericou-o com desconsolo. Depois pousou a chávena e, resignado, dirigiu-se à porta para sair.

“Pst!”

O major Antipov fazia-lhe sinal.

“*Dobre utro*”, cumprimentou-o. “Bom dia.”

“Não pode sair do crematório.”

“Perdão?”

O oficial do Exército Vermelho levantou a ponta do colchão da sua cama e mostrou uma pistola escondida.

“É hoje.”

“É hoje o quê?”

“O que você sabe.”

O mágico ficou um longo momento plantado no mesmo sítio, a digerir o

anúncio. Uma vez que eram eles os militares, os russos estavam encarregados dos pormenores operacionais da sublevação. Nesse momento Levin tornara-se um soldado. Aquele dia já devia ter sido escolhido havia algum tempo, mas decerto fora mantido em segredo para impedir novas fugas de informação.

“O que... o que tenho de fazer?”

“O que toda a gente fará. Terá de pegar numa das armas e quando o momento chegar atacará os alemães. A ação começará pelo crepúsculo, às seis da tarde, para aproveitarmos ao máximo a escuridão. Está tudo articulado com os outros crematórios. O *Krema* número um fará um sinal de luz ao número dois, que nos fará um sinal de luz a nós e nós ao número quatro. Será então lançada a insurreição. Portanto prepare-se.”

Levin olhou para os companheiros do *Sonderkommando* que se levantavam.

“O pessoal já sabe?”

“Vamos agora passar a palavra.”

Nervoso, o mágico deu meia volta e pôs-se à janela, de onde contemplou as vedações como se receasse ver os SS aparecerem para suprimir a revolta que ainda não começara. Não viu nenhum. Na verdade, tudo parecia estranhamente calmo. Os fios de arame farpado roçavam uns nos outros ao vento, sempre a zumbir, e na paisagem árida revolteavam pequenas nuvens de pó amarelado. Como era possível tanta calma? O campo não deveria estar já em polvorosa? Mas o único alvoroço era o que lhe incendiava a alma. Birkenau parecia adormecido na sua rotina, de tal modo alheado que ele próprio chegou a duvidar que alguma coisa acontecesse realmente nesse dia. Fez um esforço para registar mentalmente a data: 7 de outubro de 1944. O dia em que os prisioneiros de Auschwitz iam enfim dar troco. O dia da revolta do *Sonderkommando*.

O dia em que iria morrer.

A manhã foi passada em preparativos. Para quem pensava que acordara para mais um dia sem nada que fazer, esse 7 de outubro estava a revelar-se uma verdadeira surpresa. A ansiedade e a excitação apoderaram-se dos

elementos do *Sonderkommando*. Todos conversavam animadamente sobre o que iriam fazer quando a hora chegasse, como atacariam os alemães, como escapariam, dúvidas e medos e anseios para os quais não havia respostas. Shlomo chegou a mostrar a Levin uma almofada de poliestireno que tinha preparado para a ocasião.

“Vais defender-te dos alemães com uma almofada?”

“A almofada é para cruzar o Vístula, idiota”, devolveu o grego sefardita. “Como não sei nadar, atiro-me ao rio e passo para o outro lado a boiar na almofada.” Apontou para uma caixa. “Há ali outras. Não queres?”

A ideia não era má. A preocupação do mágico, todavia, não estava ainda no Vístula, pois nem sequer acreditava que conseguissem sair do perímetro do crematório, mas em como iria lutar. Tinha uma faca, um pau e pedras. Nada mais. Não lhe parecia que pudesse ir longe. As armas mais poderosas, como as latas de conservas transformadas em granadas e as pistolas, estavam destinadas aos elementos com experiência de combate, pois estes decerto dar-lhes-iam melhor uso. Havia metralhadoras, mas encontravam-se na posse dos companheiros do crematório número um.

As armas foram entregues aos russos e aos homens do *Sonderkommando* que as sabiam manusear. Gradowski e o major Antipov decidiram manter as granadas no esconderijo, um buraco oculto na parede do dormitório, para apenas serem distribuídas perto da hora. Os únicos explosivos à vista eram garrafas de água cheias de gasolina e com um pano embebido no gargalo; tratava-se de uma invenção dos prisioneiros russos. Todos se afadigavam com os preparativos de última hora. Alguns juntavam os poucos alimentos que haviam guardado para a fuga, outros limpavam as armas ou preparavam as roupas.

Com uma resma de folhas sob o braço, Gradowski cruzou-se com Levin.

“Vou pôr o meu manuscrito a salvo. Não queres fazer o mesmo?”

Era uma boa ideia. No meio da confusão instalada no dormitório, o mágico levantou uma tábua do soalho debaixo da sua cama, revelando um esconderijo. Meteu a mão e retirou o texto que escrevera no rescaldo do extermínio do campo das famílias. Com os papéis escondidos nas roupas, saíram ambos do crematório e dirigiram-se às traseiras do edifício. Pegaram

em pás e, por sugestão de Gradowski, abriram buracos na zona onde estavam enterradas as cinzas de muitas das vítimas dos gaseamentos.

“Este é o sítio com mais probabilidade de ser escavado quando tudo isto acabar”, justificou o *Schreiber*. “Aqui há mais possibilidades de os manuscritos serem descobertos.”

Levin espreitou uma última vez o título do seu manuscrito, *A Magia das Cinzas*, antes de o proteger num embrulho e metê-lo num cilindro usado para materiais de carpintaria. Tal como Gradowski, inseriu o cilindro num buraco e tapou-o. A tarefa concluída, regressaram ao crematório.

Os mapas da região, desenhados à mão por um dos elementos do *Sonderkommando*, foram estendidos no chão e o grupo juntou-se para analisar as opções de itinerário.

“A melhor maneira é juntarmo-nos aos do *Krema* número quatro e metermos pelas árvores em direção ao rio”, opinou o *Kapo* Eliezer. “Depois de passarmos o Vístula temos de correr para a floresta, oito quilómetros adiante. Estende-se até à fronteira e há lá muitos esconderijos.”

Para Levin tudo aquilo equivalia a sonhar em voz alta; era sem dúvida agradável fantasiar sobre o momento em que cruzariam o Vístula, mas não alimentava ilusões.

“O problema é sair do *Krema*.”

“Se despacharmos os alemães, sairemos pelo portão, claro. A maior dificuldade surgirá quando passarmos o rio.”

“Não podemos contar com os *partisans*?”

Essa questão era muito importante, pois sem ajuda local, e uma vez que desconheciam a região, seria difícil escaparem à perseguição que os SS prontamente lhes montariam com os cães.

“A minha esperança era o Urban”, admitiu Gradowski, referindo-se ao paraquedista que os ingleses haviam lançado meses antes para estabelecer a ligação entre a resistência exterior e interior do campo. “Mas os alemães apanharam-no.”

“Onde está ele?”

Gradowski suspirou, evitando a resposta pois ela era evidente.

“Estamos entregues a nós próprios.”

“E o Exército Vermelho?”

“Os russos não querem saber de nós para nada. Basta ver como deixaram os alemães aniquilar os polacos em Varsóvia.”

“A não ser que nos colemos aos homens do major Antipov”, alvitrou Eliezer. “Se conseguirem sair daqui, estabelecerão contacto com o Exército Vermelho.”

Os olhares do grupo desviaram-se para os prisioneiros russos. Todos sabiam que quase de certeza iriam morrer, mas é próprio dos seres humanos manterem a esperança e a esperança deles eram os russos.

Embora a sopa ainda estivesse quente, só a fome impelia Levin e os companheiros a levá-la à boca. Na verdade até se poderia dizer que não era um caso de fome mas de sede, de tal maneira o caldo viera aguado. Talvez fosse mais correto considerá-la água quente salpicada por vestígios de nabos. Foi por isso com ar desconsolado que encostaram a borda da tigela aos lábios e começaram a sorver.

“*Appell!*”, bramiu uma voz no exterior. “*Schnell! Schnell! Appell!*”

Ao ouvir a ordem para a chamada, os prisioneiros deram um salto e vários precipitaram-se para a janela. Viram o *Scharführer* Busch, *Kommandoführer* do seu crematório, acompanhado pelo *Unterscharführer* Gorges e por um pequeno destacamento de SS.

“*Appell! Los! Los!*”

Os elementos do *Sonderkommando* trocaram olhares assustados.

“Os tipos sabem tudo! Alguém deve ter bufado e eles sabem que vamos revoltar-nos e...”

“Vieram foi buscar-nos para a transferência!”

Estabeleceu-se no crematório a desorientação geral, pois a presença dos SS era inesperada. Não podia ser coisa boa e se calhar não era de facto coincidência, além de que ameaçava os planos da revolta. Sobretudo, precipitava uma decisão.

“E agora? O que fazemos?”

“Calma, calma!”

“O que fazemos?”

Os olhares ansiosos voltaram-se para os mesmos de sempre, Gradowski e o major Antipov. Esperava-se deles a liderança. Não era contudo fácil ver claro naquela situação confusa, até porque lhes faltavam dados. Acabou por ser o oficial russo a tomar a decisão.

“É melhor atacarmos.”

Ao ouvir isto, os homens começaram de imediato a pegar nas suas armas e a preparar-se para pegar lume às garrafas cheias de gasolina.

“Esperem”, interveio Gradowski. “Primeiro temos de perceber as intenções deles. Pode ser que se trate de um *Appell* de rotina.”

“A esta hora?”, questionou o major Antipov. “Isto é uma manobra de antecipação. Os tipos tomaram conhecimento dos nossos planos para esta noite e querem matar-nos antes que nos revoltamos. Ou então vieram buscar-nos para a transferência dos trezentos. É melhor atacarmos já.”

“Mas... e se for mesmo um *Appell* de rotina?”, insistiu Gradowski. “Ao desencadear a revolta mais cedo que o combinado com os outros crematórios não estaremos a pôr em perigo toda a operação por uma coisa que pode não passar de um equívoco? Não seria melhor esperarmos até perceber as intenções deles?”

O argumento não era despiciendo, percebeu o oficial do Exército Vermelho, até porque a improvisação constituía de facto uma péssima maneira de desencadear uma operação militar. Começar nesse instante o levantamento do *Sonderkommando* era sem dúvida prematuro, não só porque a revolta iria ocorrer muito antes da hora combinada, o que tinha implicações sérias na articulação com os restantes crematórios, mas também porque isso significaria que o essencial das operações decorreria à tarde, em plena luz do dia, o que faria deles alvos fáceis para as miras dos SS. O ideal, não o podia negar, seria aguardar pela noite. Mas seria o ideal possível?

“Pois, mas... qual a alternativa? Imaginem que nos querem mesmo matar. Se formos para o *Appell* perdemos qualquer margem de manobra.”

“Porque não uma solução intermédia?”, propôs Levin. “Alguns de nós descem, mas não todos. Isso permitir-nos-á ganhar tempo para compreender

o que pretendem eles realmente. Se for um simples *Appell*, vamos todos à chamada e depois voltamos aos nossos aposentos, o que nos permitirá manter o plano original. Se for o que receamos... vamos a eles!”

“Parece-me bem”, acedeu o major Antipov. “Um grupo que desça, para parecer que lhes estamos a obedecer. Mas escondam as armas nas roupas e ataquem se virem que se trata de algo mais do que um simples *Appell*.”

“Quem dará o sinal?”

A pergunta de Gradowski suscitou um silêncio súbito.

“Dou eu.”

O homem que falou era um judeu polaco habitualmente discreto. Chamava-se Chaim, era um dos que estavam na lista dos trezentos e tinha um martelo na mão. As atenções surpreendidas viraram-se para ele; ninguém dava nada por aquele meia-leca e ali estava Chaim a emergir do anonimato.

“Tu?”

“Sim, eu. Porquê? Duvidam de mim?”

Os chefes dos revoltosos trocaram um olhar. Alguém tinha de dar o sinal e aquele homem parecia-lhes tão bom como qualquer outro.

“Qual será o sinal?”

Chaim ergueu o martelo.

“Isto.”

A voz no exterior voltou a fazer-se ouvir.

“*Sonderkommando!*”, chamou o SS responsável pelo crematório número três. “Vocês já trabalharam muito arduamente. Por ordens superiores, serão agora enviados num comboio para um campo aqui na Silésia. Nada têm a temer. Irão receber boas roupas, terão muita comida e a vida será mais fácil. Vou chamar-vos um a um pelos números tatuados. Quando ouvirem o vosso número, saiam e alinhem-se no pátio.”

Ou seja, não era um *Appell* de rotina mas a transferência. Tudo ficou claro. Ciente de que não deveria dar aos alemães um pretexto para entrarem nos dormitórios, pois encontrariam o material de combate ali acumulado, Gradowski fez um gesto com a mão a indicar aos companheiros a porta de saída.

“A dez cinquenta e sete dois.”

O último homem do contingente húngaro do *Sonderkommando* do crematório número três abandonou o dormitório e juntou-se aos companheiros alinhados no pátio para o *Appell*; eram de facto os primeiros nomes colocados na lista dos *Kapos*. Todos os selecionados tinham um ar assustado mas ninguém desobedecera.

“Estão a chamar-nos segundo a ordem da lista”, constatou Shlomo. “Os húngaros já saíram todos.”

Ficaram a observar o que se passava no exterior. A chamada pareceu ter sido suspensa, e foi-o de facto pois, em vez de chamar o número seguinte, uma unidade de SS enquadró os húngaros e deu-lhes ordem de marcha. O grupo de prisioneiros abandonou em formação o perímetro do crematório escoltado pelos alemães, dirigindo-se aparentemente para o vizinho campo dos homens. Logo que os húngaros desapareceram para lá do perímetro, os SS que permaneceram no pátio retomaram a chamada.

“A dezasseis setenta e seis.”

O número foi reconhecido por Levin; era o seu. Ficou por instantes paralisado. Pelos vistos o seu nome não fora retirado da lista. Ia mesmo ser “transferido”. Respirando fundo para ganhar coragem, o mágico despediu-se dos companheiros com um sinal de cabeça e, movendo-se como um dos robôs profetizados na obra de Karel Čapek, saiu do edifício e plantou-se diante dos alemães.

“A onze vinte e oito dezanove.”

Um a um, os homens do *Sonderkommando* iam saindo e alinhavam-se no pátio. O essencial da chamada incidia nessa altura sobre o contingente grego. Estes não foram tão prestimosos como os húngaros a obedecer à ordem de se alinharem, mas mesmo assim apareceram. Ao lado de Levin ficaram Shlomo e o seu irmão Abraham.

Uma vez concluído o *Appell* dos gregos, chegou a vez dos polacos. O *Scharführer* Busch chamou um primeiro número e todos ficaram em suspenso a ver quem iria aparecer. Ouviu-se um rumor de vozes no interior do crematório, dir-se-ia um protesto, mas o prisioneiro saiu e foi plantar-se na primeira fila, junto aos *Kapos*. Tratava-se de Chaim.

“A treze zero oitenta e nove.”

Dessa feita ninguém apareceu. Após uma espera de dois minutos, o guarda dos crematórios repetiu a chamada do número.

“A treze zero oitenta e nove.”

Mais uma vez ninguém deu sinal de vida. O *Scharführer* Busch hesitou, desconcertado. Como nunca nenhum prisioneiro desobedecera a uma ordem sua, presumiu que houvesse um engano. Consultou a lista e olhou para os prisioneiros diante dele. Os elementos do *Sonderkommando* formavam por filas, como sempre durante o *Appell*, com a diferença de que não somavam os cento e cinquenta do costume, mas talvez dois terços desse número quando considerados os húngaros. Na realidade o número de judeus no pátio era de tal modo reduzido que não foi preciso fazer a contagem para que o *Scharführer* Busch percebesse que faltavam ainda muitos homens.

“Onde estão os outros?”

“A vestir-se, *Herr Scharführer*”, foi a resposta tensa de Chaim. “Como não temos tido trabalho e não sabíamos que ia haver um *Appell*, ninguém estava preparado.”

“Vocês têm de estar sempre preparados”, cortou Busch com irritação. “Não vos avisei há dias de que ia haver uma transferência e teriam de estar prontos para partir a qualquer momento?”

“Sim, *Herr Scharführer*.”

Todos os prisioneiros tinham as armas escondidas por baixo da roupa. Levin posicionara-se a meio do grupo, a faca e o pau ocultados dentro da camisa, os bolsos carregados de pedras. Os olhares dos homens do *Sonderkommando* perscrutaram o exterior do perímetro do crematório. O mágico apercebeu-se de que para lá da vedação, não muito longe dos portões, se encontrava a lona verde da carga dos camiões. Vira aqueles veículos tantas vezes transportar deportados para os crematórios que seria capaz de os reconhecer em qualquer parte. Era portanto nos camiões de morte que os queriam “transferir” para o destino final, o tal campo “de repouso” que os fazia antes pensar no repouso eterno.

Agastado com a demora em ser obedecido, Busch consultou o relógio.

“Mas o que está aquela gente a fazer que não aparece?”, questionou-se.

“Quem são os que ficaram lá em cima?”

“São os polacos, *Herr Scharführer*.”

O oficial SS formou um megafone com as mãos em concha.

“*Appell!*”, gritou de novo. “Desçam imediatamente ou teremos de vos ir aí buscar à paulada! *Los! Los!* Não temos o dia todo! Onde está o A treze zero oitenta e nove?”

Do interior do crematório não veio nenhum sinal. Os alemães trocaram olhares inquisitivos. Pairava no ar um clima insurrecional e os judeus alinhados no pátio perceberam que teriam de atuar depressa se ainda queriam apanhar o inimigo de surpresa. Com as mãos perto das armas, todos estavam preparados para passar à ação mas aguardavam o sinal combinado, as atenções fixas em Chaim à espera que atuasse. O que o estaria a demorar?, queriam lá ver que ele se acobardara?, será que teriam de...

Um martelo materializou-se de repente na mão do judeu polaco e este saltou sobre o *Scharführer* Busch, acertando-lhe com violência na cabeça.

“Urrah!”

A revolta começara.

XIII

Tudo se precipitou num abrir e fechar de olhos. O sinal acabara de ser dado e os homens do *Sonderkommando* sacaram das armas escondidas nas roupas e lançaram-se sobre os SS, atingindo-os com paus, machados, facas e tiros. Ao mesmo tempo começaram a cair no pátio garrafas cheias de gasolina que explodiram entre os alemães, espalhando o fogo e o caos.

Apanhados de surpresa, vários SS caíram, feridos ou em chamas, enquanto os restantes recuavam, desconcertados e assustados. Nunca tinham visto coisa assim, nunca os judeus se tinham unido para lhes levantar a mão, jamais haviam pensado que aquilo fosse possível. Afinal era, os prisioneiros revoltavam-se, os judeus atacavam, havia camaradas SS caídos e eles caíam também se não fugissem.

“Acabem com os gajos!”

Uma chuva de pedras, garrafas incendiárias e tiros abateu-se sobre os SS, que tentavam abrigar-se e disparavam às cegas, quase ao acaso, na verdade mais preocupados com proteger-se do que com reprimir a insurreição. Os alemães meteram atabalhoadamente pelo portão, aturdidos e encolhendo-se para cobrir as cabeças, quase a atropelar-se uns aos outros, muitos em sangue ou a transportar camaradas feridos, até por fim conseguirem abandonar aos tropeções o perímetro do crematório número três e pôr-se ao abrigo dos projéteis.

A revolta arrancara bem. Seguindo o plano, os homens do *Sonderkommando* avançaram sobre os inimigos caídos no pátio e arrancaram-lhes as armas. Levin pegou numa pistola Mauser e apontou para

os alemães em fuga, mas quando premiu o gatilho ela não disparou. Olhou para a arma, desconcertado e tentando compreender o mecanismo. Decerto estava trancada e ele, que de armas nada entendia, não sabia destrancá-la.

Logo que se apossaram do armamento inimigo, os prisioneiros convergiram para o portão no tropel de quem procurava aproveitar a confusão para se escapulir e correr para a floresta, mas nesse momento foram travados por uma barragem de tiros. Os alemães haviam recuado mas não tinham fugido, apenas se posicionaram em lugares mais bem protegidos para melhor defenderem o portão e impedirem o *Sonderkommando* de escapar. Embora tivessem expulsado os SS do perímetro, os prisioneiros estavam encurralados.

“E agora?”, perguntou Levin. “O que fazemos?”

“Temos de sair!”

Os judeus voltaram a tentar uma surtida pelo portão, mas o fogo inimigo abateu mais alguns homens e os restantes tiveram de recuar. O caminho estava cortado e a situação parecia ter chegado a um impasse. Ouviram então o som de motores em aproximação.

“Camiões!”, gritou Gradowski da janela do crematório, mais bem posicionado do que os companheiros no pátio. “Vêm aí camiões!”

Os roncões emudeceram e os homens do *Sonderkommando* escutaram o tilintar de metais e o som abafado de passos de corrida, entre ordens gritadas em alemão. Os SS tinham recebido reforços com uma rapidez desconcertante e os judeus prepararam-se para o pior. O facto de a ação decorrer à luz do dia jogava claramente contra eles. Quase imediatamente viram soldados avançar sobre o crematório; eram muitos e vinham armados com metralhadoras e espingardas automáticas, incluindo as famosas MP 40, e com elas varreram o pátio aos tiros. Os prisioneiros tombavam como moscas, uns atrás dos outros, os gemidos abafados pelo fragor do tiroteio nutrido, as balas a salpicarem a terra ou a esburacarem as paredes do edifício quando não rasgavam as carnes e despedaçavam os ossos.

Impossível permanecer ali. Sem opções, Levin procurou abrigo no crematório e embateu nos homens que tentavam sair. Entre os prisioneiros russos e os judeus polacos que se acotovelavam no corredor reconheceu

Gradowski.

“Estamos perdidos”, gritou o judeu polaco. “Os gajos nem nos deram tempo de sair do perímetro.”

“Então... então o que fazemos?”

Gradowski indicou com o polegar o setor dos dormitórios.

“A malta incendiou os colchões”, revelou. “Ao menos deitamos fogo a esta merda toda.”

“E as granadas?”

O polaco colou a mão à testa, como se se tivesse esquecido das latas de conserva que haviam transformado em explosivos.

“Porra!”

Os dois mergulharam no interior do crematório, pois precisavam absolutamente das granadas, mas viram fumo negro sair do dormitório e invadir o corredor. Cobriram o rosto com o pano das camisas e persistiram até chegarem à porta do dormitório, mas o fumo era tão denso, o calor tão forte e as chamas tão próximas que se tornou claro que não seriam capazes de passar. Levin fez sinal de recuo.

“Não conseguimos. Temos de sair.”

“Precisamos das granadas!”

“Não há hipóteses de chegar ao esconderijo”, ripostou o mágico. “Além do mais, com este fogo vão todas explodir a qualquer momento. Temos de voltar para trás.”

O judeu polaco não pareceu convencido.

“Vou buscar as granadas!”

Mergulhou naquele inferno e desapareceu por entre o fogo e o fumo.

“Não!”

Mas Gradowski já não o ouvia. Ir para ali era uma perfeita loucura, percebeu Levin. Começou a tossir e, aflito e com dificuldade em respirar, deu meia volta, cruzou-se com vários companheiros entrincheirados no corredor e saiu do edifício no meio da fumarada.

Apesar de trazer o pano da camisa sobre a cara, o fumo negro asfixiava-o, mas no espaço exterior isso ao menos tinha a importante vantagem de o camuflar. Com os olhos a arder por causa do fumo, viu o pátio pejado de

corpos de companheiros abatidos pelo fogo dos reforços das SS. Um massacre. A revolta estava a revelar-se um desastre total. Com o portão controlado pelo inimigo, não havia escapatória. Avançava às cegas e embateu num vulto. Encarou-o, atarantado, e reconheceu Shlomo.

“O que...”

Um estrondo portentoso soou atrás deles; parecia que o mundo desabava. Desataram ambos a correr, espavoridos, em direção à vedação, sem virarem as costas nem sequer tentarem perceber o que acontecera. Dir-se-ia que o caos se abatera sobre aquele lugar, com uma atroada medonha a fazer tremer o próprio ar. Só quando chegaram junto do arame farpado olharam para trás e, incrédulos e assustados, viram o telhado colapsar com grande fragor sobre o interior do edifício, enterrando Gradowski e os outros companheiros que ainda ali se encontravam e destruindo aquele local maldito, onde tantas e tantas pessoas haviam sido assassinadas. O crematório número três deixara de existir.

XIV

Ao ouvir o estrondo, Francisco deteve as mãos no ar. Arquivava nesse momento uma cópia a papel químico da carta a convidar o humorista Jupp Hussels a vir a Auschwitz entreter a guarnição quando se apercebeu de que algo de anormal acontecia.

“Bombardeamento!”, gritou alguém no gabinete. “Todos para o abrigo!”

Estabeleceu-se de imediato a confusão nas instalações da *Kommandantur* de Auschwitz I. Toda a gente corria de um lado para o outro; dir-se-iam galinhas enlouquecidas. O português hesitou. Sabia por experiência própria que as bombas não caíam do céu por milagre, tinha de haver aviões a lançá-las ou canhões a dispará-las, e a verdade é que não ouvira previamente detonações à distância nem o ronco característico dos bombardeiros.

“Para o abrigo!”, ordenou-lhe o *Oberscharführer* Knittel, passando a correr por ele, frenético e dominado pelo pânico. “*Los! Los!*”

Ainda desconfiado, Francisco abeirou-se da janela e perscrutou o céu. Nem sinal dos aviões. Intrigado, percorreu o horizonte com o olhar e viu uma nuvem de fumo negro a rolar nos céus para lá de Auschwitz I. O seu coração deu um salto.

“Foi em Birkenau!”

O comandante do *Abteilung VI*, que voltara atrás para o repreender por não ter obedecido à ordem, olhou na mesma direção e confirmou que a nuvem de fumo estava de facto a alguma distância.

“*Ach so.*”

A constatação tranquilizou o *Oberscharführer* Knittel. Não corriam perigo

imediatamente. Já Francisco sabia que aquele era o setor oeste de Birkenau, onde se situava o *Kanada* e os crematórios e onde estavam Levin e sobretudo Tanusha.

“Temos de ver o que se passa!”, exclamou, alarmado. “É preciso ir lá!”

“Nem pensar”, travou-o o chefe, já a calma personificada. “Ninguém vai a lado nenhum sem recebermos ordens.”

Um matraquear longínquo, como o de uma máquina de escrever em dedos nervosos, denunciou os disparos inconfundíveis das metralhadoras. Tudo no setor oeste de Birkenau.

“*Oberscharführer*, não vê que isto não é normal?”, quase protestou o *SS-Mann*, procurando a todo o custo um pretexto para ir em socorro de Tanusha. “Houve uma explosão em Birkenau e estão aos tiros! Os camaradas precisam de ajuda! Temos de ir lá ver o que se passa!”

“Ninguém sai sem ordens superiores”, insistiu o *Oberscharführer* Knittel. “Onde é que já se viu...”

O uivo contínuo de uma sirene cortou o ar e interrompeu o chefe do *Abteilung VI*. Os dois homens calaram-se e perscrutaram o espaço exterior.

“*Blocksperr!*”, gritou alguém lá fora. “*Blocksperr!*”

Blocksperr queria literalmente dizer *bloqueio de bloco*, a expressão usada em Auschwitz para impor o recolher obrigatório. O homem que gritava era um *Unterscharführer* do *Politische Abteilung*.

“Hans!”, gritou o *Oberscharführer* Knittel. “O que se passa?”

“Não sei”, devolveu o *SS* lá em baixo. “O comandante Baer está a mandar reforços para Birkenau. Tem aí gente que possa dar uma ajuda?”

Foi tudo o que Francisco precisou de ouvir. Deu um salto ao armário do arsenal da *Kommandantur* para pegar numa MP 40 e abandonou o edifício em corrida.

Os camiões enchiam a estrada poeirenta, dezenas e dezenas de veículos verde-azeitona carregados de *SS-Männer* que iam de Auschwitz I para Birkenau. Com os olhos sempre pregados no fumo negro no horizonte e o coração nas mãos, Francisco convenceu-se de que a explosão ocorrera na zona do *Kanada*. A sua russa estava em perigo. Já a entrar no imenso

campo concentracionário, contudo, identificou o edifício envolto em fumo e percebeu que se situava ao lado do subcampo de Tanusha. O crematório número três.

Já mais perto, estudou a estrutura. O telhado desaparecera e apenas se via uma espiral de chamas e fumo escuro a erguer-se dos destroços. Era ali que Levin dormia. Aquilo não augurava nada de bom. Porém, sabia que o mágico passava os dias na carpintaria do crematório número dois, e era por isso possível que não estivesse metido na confusão.

Duas rajadas de metralhadora cortaram o ar, apanhando de surpresa os SS que seguiam nos camiões.

“*Scheiße!*”, praguejou o homem ao seu lado. “Esta foi perto!”

A confusão não decorria só no crematório número três, percebeu o português. Também havia tiros ali ao lado, no setor dos números um e dois. O que diabo se estaria a passar? Teriam os russos chegado a Auschwitz? Ou seriam os *partisans* polacos que atacavam o campo? O camião imobilizou-se perto da *Judenrampe* e a portinhola da carga abriu-se.

“*Raus!*”, gritou o *Hauptscharführer* que comandava a força, mandando-os sair. “*Schnell! Schnell!*”

Os homens saltaram para o exterior, os capacetes nas cabeças e as MP 40 e as Mauser preparadas para abrir fogo. Os SS tinham olhares assustados e Francisco percebeu que não possuíam a menor experiência de combate; estavam habituados a bater em prisioneiros desarmados, não a enfrentar homens que respondiam a tiro.

Quando se aproximaram dos edifícios de extermínio sucederam-se novas rajadas e os alemães atiraram-se para o chão junto à vedação do crematório número um. Tudo aquilo parecia confuso e Francisco ergueu a cabeça para ler a situação táctica. O edifício estava cercado por SS e havia corpos de soldados alemães espalhados pelo perímetro do crematório. Foram disparadas novas rajadas e o português percebeu que os tiros vinham do interior do edifício. Espantado, começou a compreender o que realmente se passava. Quem disparava eram os homens do *Sonderkommando*.

“Abram fogo!”, ordenou o *Hauptscharführer* que comandava a unidade. “Acabem com os tipos!”

Os SS começaram a atirar, mas era evidente que não sabiam para onde. Além do mais, o fogo de resposta do *Sonderkommando* revelou-se tão nutrido e certo que atingiu dois homens e obrigou os restantes a suspender o tiro e a procurar refúgio. O amadorismo dos camaradas surpreendeu Francisco.

“Que artolas...”

O *Hauptscharführer* que comandava a operação percebeu que assim não iriam lá. Deu uma ordem a um *SS-Mann* e este afastou-se. No interior do crematório ergueu-se então um coro de vozes a entoar *A Internacional*. O português aproveitou para estudar o espaço em redor. O campo das mulheres, atrás da vedação do crematório número um, parecia calmo, decerto devido ao *Blocksperr*e, e o crematório número dois, mesmo atrás dele, não dava sinais de vida. Pelo contrário, os SS circulavam por ali à vontade. No *Kanada* tudo parecia também tranquilo, o que significava que Tanusha estava em segurança. Um pouco mais longe o fumo negro continuava a erguer-se dos escombros do crematório três e ouviam-se ainda tiros e rajadas esporádicas.

No número um cantava-se nessa altura o *Hatikvah*, o hino dos judeus.

Primeiro ouviu-se ladrar e só depois os cães apareceram. Foi então que Francisco percebeu que o *Hauptscharführer* queria lançar as bestas contra os homens entrincheirados no crematório número um. Aproximavam-se dezenas de pastores alemães, todos conhecidos pela ferocidade com os prisioneiros, puxados pelos tratadores. Os SS haviam encorajado a criação destas unidades, convencidos de que os cães poderiam substituir os soldados na função de guarda dos prisioneiros da mesma maneira que eram capazes de guardar rebanhos, libertando assim homens para missões de combate na frente russa, mas com o tempo tornou-se evidente que o projeto não passava de uma fantasia e que os prisioneiros enganavam os cães com uma facilidade de que as ovelhas não eram capazes.

Uma vez diante do edifício, os homens da unidade canina, as *SS-Hundestaffel*, tiraram as trelas e, apontando para o crematório, deram aos animais a ordem de ataque.

“*Fass!*”

Todos esperavam ver os cães correr para o edifício como matilhas de lobos, ferozes, os dentes arreganhados e os olhos em fúria, como tantas vezes faziam com os prisioneiros, mas não foi isso que aconteceu. Quando entraram no terreno do crematório, uma simples rajada do interior bastou para que os animais recuassem. De orelhas caídas e literalmente com as caudas entre as pernas, refugiaram-se atrás dos tratadores a ganir.

“Metralhadoras!”, gritou o *Hauptscharführer* com irritação. “Tragam as metralhadoras!”

Dois SS instalaram metralhadoras pesadas MG 42 em tripés, secundados por camaradas que carregavam longas correntes de munições. Francisco observava o procedimento quando ouviu um clamor vindo do crematório.

“Hurrah!”

Os homens do *Sonderkommando* faziam uma sortida. Desencadeou-se nesse momento um caos infernal; os alemães despejavam balas sobre os prisioneiros e estes respondiam enquanto corriam, ao mesmo tempo que se sucediam explosões de granadas e de dinamite. Onde teriam eles ido buscar todo aquele arsenal?, interrogou-se o português, espantado com o poder de fogo do pessoal do crematório número um.

Por momentos não entendeu a intenção dos judeus. Pareceu-lhe que era uma carga suicida, e só quando os viu esgueirarem-se pela vedação e correrem para além dela percebeu que haviam aberto buracos no arame farpado e se escapuliam por ali. Os SS quiseram perseguir os fugitivos, mas o fogo dos que se mantinham no crematório impediu-os de avançar. O tiroteio prolongou-se mais cinco minutos, sempre intenso.

De repente parou.

Instalou-se um silêncio estranho e inesperado no local. Apenas se viam corpos espalhados no espaço aberto em torno do edifício, uns com fardas de SS, outros com roupas civis, muitos imóveis, alguns ainda a mexerem-se. Constatando que a resistência cedera, o *Hauptscharführer* saiu do seu abrigo com a MP 40 apontada.

“Baionetas... ao ataque!”

Os homens armados de Mauser atarraxaram as baionetas ao cano das

espingardas e começaram a avançar. Primeiro com cautela, depois com confiança crescente, invadiram o perímetro do crematório número um, passaram pelos corpos estendidos no chão e, uma vez diante da porta do edifício, e após uma breve hesitação, penetraram no interior. Francisco viu vários homens do *Sonderkommando* encolhidos numa das salas.

“Toda a gente lá para fora!”, gritou o *Hauptscharführer*. “*Los, los!*”

Os SS avançaram sobre os prisioneiros e, à coronhada, obrigaram-nos a sair do edifício. Os judeus tremiam, assustados, e aglomeraram-se no centro do pátio, onde Francisco e mais um punhado de alemães os ficaram a vigiar. Depois de se certificar de que não havia mais ninguém escondido no interior do crematório, o *Hauptscharführer* saiu para o pátio.

“Todos deitados no chão”, ordenou. “Quem se mexer ou levantar a cabeça leva um tiro no pescoço.”

Os prisioneiros obedeceram e deitaram-se de barriga para baixo. Alguns SS aproximaram-se e agrediram-nos a pontapé e à coronhada, deixando vários a sangrar profusamente da cabeça. Outros alemães inspecionavam os buracos abertos na vedação, por onde os elementos do *Sonderkommando* haviam fugido. O *Hauptscharführer* abandonou nesse momento o perímetro, presumivelmente para informar os superiores hierárquicos da fuga, e deixou os homens a vigiar os prisioneiros.

A revolta no número um fora neutralizada.

XV

O tiroteio reacendeu-se no perímetro do crematório número três. Ao escutar os zumbidos em torno dele, Levin percebeu que uma parte importante dos disparos vinha na sua direção. A vedação não o deixava passar, o pátio estava pejado de corpos e o crematório ardia. Exposto e sem opções, abandonou Shlomo e correu de regresso ao edifício que colapsara.

As chamas lavravam alto e o fumo negro rolava grosso, mas não havia alternativa. A sua prioridade era viver mais alguns minutos, mais alguns segundos, o mais que pudesse. Já só queria adiar o inevitável. Atirou-se contra a porta da câmara dos fornos e rolou pelo chão. O teto desabara ali e viam-se destroços e corpos por toda a parte, vigas de madeira carbonizadas e o fogo a lavar na vizinha sala do carvão. As janelas estavam estilhaçadas e havia buracos de balas nas paredes enquanto mais projéteis disparados pelos SS zumbiam pela sala, ricocheteando no metal dos fornos em todas as direções e cravando-se com estalidos nos tijolos e na madeira.

Encurralado.

Não tinha para onde ir. Achou irónico ele, um mágico, um artista dos esconderijos, um mestre dos desaparecimentos, na altura em que mais precisava de se sumir não sabia o que fazer. Ou sabia? Olhou em redor, já não com o esgar desesperado de um fugitivo, mas com o olhar conhecedor de um profissional das artes do ilusionismo, e estudou a câmara dos fornos.

Havia dois fornos com quatro entradas de incineração. Apesar de o edifício estar a arder, não se podia esquecer que algumas semanas antes os fornos tinham sido desativados. O que queria dizer que estavam frios. Ou

seja, habitáveis. O seu olhar iluminou-se. Olhou para fora e, no meio do fumo, vislumbrou vários SS a avançar pelo pátio pejado de cadáveres. Só dispunha de alguns segundos. Abriu a portinhola de uma das entradas de incineração e, vencendo uma última hesitação, mergulhou no forno.

A câmara era fechada e cheirava a cinzas, as dos milhares e milhares de cadáveres que haviam sido ali incinerados. Mas não podia pensar nisso. Tinha de se esconder melhor porque os SS, quando daí a instantes chegassem à câmara dos fornos, iam decerto espreitar por todas as entradas. Apoiando-se nas paredes interiores, impulsionou-se para cima e chegou à zona de combustão que ligava os fornos à chaminé. Havia aí uma tampa de ferro, que levantou. Subiu para a zona de combustão e voltou a colocar a tampa, isolando-se dos fornos. Ficou por baixo da chaminé. O espaço era apertado, mas ao menos estava escondido.

E vivo.

Encerrado na zona de combustão, Levin não via nada a não ser as paredes daquele espaço acanhado. Levantou a cabeça e, acompanhando o funil da chaminé, fitou o retângulo de céu azul que lá em cima o fumo negro enchia de fuligem no topo do funil da chaminé. Sem imagens, apenas lhe chegavam sons. Os tiros tornaram-se ocasionais até que cessaram por completo. Ouviu vozes em alemão; eram os SS que deambulavam entre os destroços. Pelo que diziam, com palavras como *schnell*, *Feuer* e *Wasser*, percebeu que apagavam o incêndio. Escutou sons de camiões e instantes mais tarde pareceu-lhe que chovia na chaminé; eram decerto os camiões-tanque dos bombeiros que lançavam água sobre o que restava do crematório. Ao fim de algum tempo ouviu os camiões afastarem-se e a calma foi restabelecida, pontuada por tiros ocasionais. O incêndio pelos vistos tinha sido apagado e os alemães liquidavam os feridos no pátio.

A tranquilidade não durou muito. Ouviu de novo vozes e com elas berros em alemão. Sabia que os SS só gritavam assim quando se dirigiam a prisioneiros. Intrigado, colocou um ouvido à tampa de ferro e escutou vozes a implorarem num alemão deficiente; pelo sotaque, tratava-se dos húngaros. O estrépito de um tiroteio intenso irrompeu de repente, cerrado, brutal e

prolongado. Ao cabo de alguns segundos a fuzilaria parou tão bruscamente como começara. As vozes com sotaque húngaro não voltaram a ouvir-se.

O silêncio impôs-se no exterior, sinal de que os SS haviam partido, mas Levin não tinha dúvidas de que o crematório número três continuava sob vigilância. Aprendera em Auschwitz a não se preocupar demasiado com o futuro distante porque esse futuro não existia. Nenhum judeu em Birkenau, e muito menos um judeu do *Sonderkommando*, podia alimentar ilusões sobre o amanhã. A esperança de sobreviver estava lá, claro. Mas considerava-se um homem realista e sabia que não fazia sentido pensar a longo prazo. Apenas o imediato interessava. O imediato era aquela hora, aquele minuto, aquele segundo. A semana seguinte era já o longo prazo. Até o dia seguinte era o longo prazo. Estaria vivo no dia seguinte? Não sabia. Estaria vivo daí a uma semana? Nem sequer pensava nisso.

Os alertas desencadeados por fugas de prisioneiros prolongavam-se por três dias e envolviam *Appelle* contínuos por todo o campo. Sem mantimentos não podia esperar três dias. Tinha de encontrar maneira de se escapulir. Pôs-se a refletir. Esgueirar-se-ia com cuidado do forno e atacaria a sentinela que guardava o acesso ao crematório. Vestiria a farda dela e esconderia o corpo no interior do forno. Já de uniforme, e valendo-se do seu alemão impecável, talvez conseguisse enganar as sentinelas e abandonar o perímetro do crematório rumo a ver-se-ia depois o quê.

Não era grande plano, nem sequer sabia exatamente como matar a sentinela, mas era tudo o que tinha.

XVI

O paradeiro de Levin inquietava Francisco. Se o mágico estivesse no crematório dois, o da carpintaria, tudo estaria bem. Mas o problema era se se encontrava no três, o dos seus aposentos. Na altura em que avaliava a questão, o doutor Mengele apareceu no perímetro e foi ter com o *Kommandoführer* do crematório número um, o *Oberscharführer* Erich Mühsfeldt.

“Então?”, quis saber o médico. “O que aconteceu?”

“Uma insurreição”, respondeu Mühsfeldt. “Encontrámos o corpo do *Kapo* Karl nos fornos.” Tratava-se de um *Kapo* alemão de triângulo verde em quem os SS depositavam confiança. “Atiraram-no para lá vivo e ainda tentaram atrair-me para uma armadilha, mas chamei reforços.”

O doutor Mengele abeirou-se dos prisioneiros deitados no chão.

“Médicos, em pé.”

Quatro homens do *Sonderkommando*, todos enlameados e dois deles a sangrarem da cabeça, ergueram-se e puseram-se em sentido. O doutor Mengele aproximou-se; claramente conhecia-os, pois contava com a colaboração deles nas suas experiências com prisioneiros, em particular gémeos ou pessoas com deformidades.

“Vocês tomaram parte nisto?”

A resposta negativa veio em coro.

“*Nein, Herr Doktor.*”

O olhar do doutor Mengele desviou-se para o *Oberscharführer* Mühsfeldt.

“Confirma?”

O oficial SS anuiu.

“É correto. Esses estavam na sala de dissecação quando a coisa aconteceu.”

O doutor Mengele encarou os quatro médicos judeus com um olhar penetrante, como se ele próprio os dissecasse, e acabou por lhes indicar o interior do crematório.

“Vão-se lavar e retomem o trabalho.”

Os médicos não precisaram de ouvir a ordem duas vezes. Viraram-se e, a tremer, correram para o edifício.

“Este aqui estava a rezar”, interveio o *Oberscharführer* Mühsfeldt, indicando um outro prisioneiro. “Chamam-lhe *dayan* e não participou.”

“Também pode ir.”

O *dayan*, Leib Langfus, levantou-se e desapareceu a correr. O doutor Mengele encarou então Mühsfeldt e fez um movimento de consentimento com a cabeça. O *Kommandoführer* voltou-se para os seus homens e apontou para os prisioneiros deitados no chão.

“Acabem com eles.”

Os SS desataram a varrer a tiro os homens do *Sonderkommando* deitados no chão. Francisco resignou-se a imitar os camaradas.

Com a situação controlada no crematório número um, o *SS-Mann* português interpelou o *Hauptscharführer* que o comandava e, alegando que precisava de tratar de assuntos urgentes relacionados com o *Abteilung VI*, obteve autorização para sair do posto. A sua prioridade era localizar Levin.

Atravessou a via-férrea junto à *Judenrampe* e entrou no crematório em frente, o número dois. As coisas pareciam tranquilas. Os SS estavam no controlo da situação e não havia sinais de combate. Deparou-se com o *Kommandoführer* do dois, o *Unterscharführer* Karl Steinberg, e pôs-se em sentido, batendo com os tacões das botas e estendendo o braço.

“*Heil Hitler!*”

O oficial estranhou vê-lo naquelas paragens.

“O que faz aqui, *SS-Mann*?”

“Estou ao serviço do *Abteilung VI*, *Hauptscharführer*. Procuro um prisioneiro do *Sonderkommando* que colabora com o meu departamento.

Peço licença para interrogar os prisioneiros, *Hauptscharführer*.”

A situação estava controlada e o *Unterscharführer* Steinberg fez um gesto de indiferença.

“À vontade”, disse, indicando uma porta. “Se o tipo é deste *Krema* está com certeza ali dentro. O *Kapo* fechou os seus homens na sala logo que as coisas começaram, pelo que não houve problemas.” Apontou para o cadáver de um russo à direita. “O único que tive de abater foi aquele ali. Furou-me as rodas da bicicleta para não me deixar fugir, o cabrão.”

Quando o oficial se afastou, o SS português destrancou a porta e entrou na sala. Havia ali uma centena e meia de prisioneiros e todos o olharam. Reconheceu um deles.

“Você é o *Kapo*, não é?”

O judeu hesitou.

“Uh... sim, quer dizer...”

Um outro prisioneiro deu um passo em frente e pôs-se em sentido.

“Eu sou o *Kapo* do *Krema* número dois, *Herr SS-Mann*”, apresentou-se. “*Kapo* Lemke.”

Confuso, Francisco apontou para o *Kapo* que reconhecera.

“Então e você? Eu já o vi como *Kapo*...”

O homem parecia aflito.

“Sou... sou o *Kapo* Eliezer, *Herr SS-Mann*. Sou do *Krema* número três mas... enfim, estou aqui.”

Ou seja, tinha fugido do três para ali. O português fez um sinal ao *Kapo* Lemke e levou-o para um canto tranquilo.

“Estou à procura do prisioneiro Herbert Levin, que costuma vir trabalhar para a carpintaria. Onde está ele?”

“Hoje não veio, *Herr SS-Mann*.”

Francisco estreitou as pálpebras.

“Ficou no *Krema* número três?”

“*Jawohl*, *Herr SS-Mann*.”

Uma péssima notícia. Fez um gesto na direção do *Kapo* Eliezer.

“Venha cá!”, ordenou. “Você estava no *Krema* número três quando isto começou?”

“Sim, *Herr SS-Mann*.”

“Conhece um homem do *Sonderkommando* chamado Herbert Levin?”

“O mágico?”

“Esse mesmo. Ele também estava lá?”

“Sim, *Herr SS-Mann*.”

“E... e morreu?”

“Sim, *Herr SS-Mann*.”

Os ombros de Francisco descaíram.

“Viu o corpo?”

“Quer dizer... ver não vi”, admitiu. “Mas de certeza que não escapou, *Herr SS-Mann*. Eu próprio nem sei como consegui fugir.”

O português fez um gesto de agradecimento aos dois judeus pela informação e encaminhou-se para a porta.

“*Herr SS-Mann*, o que nos vai acontecer?”

Virou-se para trás e viu o *Kapo* Lemke, que formulara a pergunta, a olhá-lo com ansiedade, evidentemente apreensivo quanto ao seu destino e ao dos seus homens. Francisco fitou-o por dois longos segundos sem nada dizer, na verdade sem saber o que dizer. A execução em massa dos elementos do *Sonderkommando* do crematório número um, em que participara ainda alguns minutos antes, não lhe deixara ilusões. Por outro lado, o facto era que os judeus deste crematório não se tinham revoltado.

“O vosso *Kommandoführer* disse-me que você mandou os seus homens para a sala logo que a confusão começou. Foi mesmo assim?”

“Sim, *Herr SS-Mann*.”

Francisco suspirou.

“Só o futuro dirá se fez bem.”

XVII

A noite já envolvia Birkenau quando Levin abandonou o esconderijo. Com movimentos lentos e cuidadosos, esgueirou-se do forno e estacou para se certificar de que estava sozinho no crematório. Ainda havia fumo a erguer-se do edifício, mas era simplesmente o rescaldo do incêndio. Parte do telhado tinha desabado sobre a câmara da cremação e as estrelas cintilavam no céu negro. Fazia frio, pois outubro começara e à noite as temperaturas desciam mais. As primeiras neves não tardariam. Com mil cautelas, pegou numa barra de ferro que encontrou entre os escombros e avançou cosido à parede, parando de metro a metro para se assegurar de que ninguém se apercebera da sua presença.

Chegou a um buraco na parede e espreitou para fora. Viu a vedação e para lá dela o recorte dos barracões do *Kanada*, fracamente iluminados por candeeiros de luz amarelada. Milhares de pequenos pontos luminosos em linhas retas cruzavam-se por Birkenau, assinalando as múltiplas vedações, e vários focos de luz passeavam-se pelo campo a partir das torres de observação. Não viu ninguém dentro do perímetro do crematório e isso tranquilizou-o. Saiu do edifício em ruínas pelas zonas de sombra. O céu limpo era dominado pela Lua, que lhe iluminava o caminho mas também o expunha. Tinha de ter cuidado. Avançou devagar para o portão, mas vislumbrou vultos e agachou-se. A via de fuga estava cortada.

Ouviu os SS falar. Àquela distância não compreendia o que diziam. Aproximou-se mais um bocado e as vozes ganharam definição.

“... escapou ninguém aqui”, dizia alguém. “Uns ainda fugiram para o

Krema número quatro, mas apanhámo-los. Já viu os corpos?”

“Vi, vi. Nada.”

“Às tantas o tipo estava no *Krema* número um. Houve aí um grupo que escapou e só foi apanhado horas depois num barracão em Rajsko. Ouvi dizer que foram todos mortos. É possível que esteja entre eles.”

“Não, eu sei que ele estava aqui no três.”

“Verificou os corpos que retirámos?”

“Um a um.”

Ouviu um fósforo a ser aceso.

“Se calhar foi esmagado pelo telhado e está no meio dos destroços...”

“É o que eu estava a pensar. Posso inspecionar o *Krema*?”

“Outra vez?”

“Tenho de me certificar porque senão o meu chefe dá cabo de mim. Sabe como é, ordens são ordens.”

A sentinela respirou fundo.

“Está bem.”

O vulto encaminhou-se para o portão e Levin ficou imóvel. Em circunstâncias normais teria corrido de regresso ao que restava do crematório e voltaria para dentro do forno. O que o travou foi a voz do SS, e sobretudo o sotaque. Permaneceu quieto na sombra, a ver o soldado cruzar o portão. A luz prateada da Lua iluminou o rosto do homem e o mágico confirmou o que já tinha deduzido. Era Francisco.

“Pst!”

O português apontou a MP 40 na direção do barulho.

“Quem está aí?”

“Sou... sou eu”, soprou o judeu com a voz fraca. “Levin.”

A voz da sentinela veio do portão.

“Passa-se alguma coisa?”

“Tudo tranquilo”, disse Francisco, refeito da surpresa. “Estou a ensaiar a conversa com o meu chefe quando lhe anunciar que já não vai haver espetáculo de magia.”

O alemão riu-se.

“Ach so.”

Quando a sentinela se afastou, o português fez sinal a Levin e foram ambos para os escombros do crematório.

“Estou contente por vê-lo”, murmurou Francisco quando entraram no edifício em ruínas. “Já me tinha convencido de que você morreria.”

“Nem eu sei como escapei. Tem notícias dos outros?”

“Os alemães mataram uns quatrocentos homens do *Sonderkommando*. Duzentos em combate e outros duzentos fuzilados. Apenas estão vivos os do *Krema* número dois e um punhado dos restantes.”

“Meu Deus.”

“Vocês fizeram isto tudo mal feito”, repreendeu-o Francisco. “A ação devia ser à noite e com método. À luz do dia e desta forma desorganizada é que não podia ser.”

“Eu sei, mas eles vieram buscar-nos para nos matar, os acontecimentos precipitaram-se e... enfim, deu nesta catástrofe. Ao menos provocámos algum dano nos SS?”

“Andam para aí a dizer que só morreram três SS”, foi a resposta. “Mas vi muitos camaradas pelo chão e já me contaram que o verdadeiro número de mortos na nossa força é de setenta, incluindo um *Obersturmführer* e dezassete *Oberscharführer*. Isto para não falar nos feridos. Os alemães nunca imaginaram que vocês fossem capazes de uma coisa destas. Até os outros judeus no campo andam de cabeça mais levantada.”

O português entregou-lhe o seu cantil. O mágico engoliu sofregamente a água enquanto o SS vigiava o portão. Não podia permanecer ali muito tempo sob pena de atrair a atenção da sentinela.

“Tem de sair daqui.” Olhou em redor. “Sabe de algum sítio onde se possa esconder?”

Depois de esvaziar o cantil, Levin apontou para os fornos.

“Ali dentro.”

“Boa ideia!”, aprovou Francisco. “Já sei como vamos fazer. Um dos *Kapos* aqui do três, um tipo chamado... uh... Lizer ou...”

“Eliezer?”

“Esse mesmo. O gajo conseguiu fugir para o *Krema* número dois. Dá-se bem com ele?”

“É um bom homem.”

“Ótimo. Soube há pouco que ele foi destacado para a unidade do *Sonderkommando* que virá aqui amanhã de manhã limpar os escombros. Ponha-se à coca e quando o vir junte-se a ele. No meio da confusão e entre tantos homens do *Sonderkommando*, ninguém dará por nada. Entendeu?”

“Sim.”

Tirou do bolso uma barra de chocolate que comprara na cantina dos SS para Tanusha e ofereceu-a ao judeu.

“Tome isto”, disse. “Amanhã vou ter consigo ao *Krema* número dois e digo ao *Kommandoführer* que durante a confusão você esteve todo o tempo na carpintaria a preparar o espetáculo. Isso chegará para que o deixem em paz.”

Sem mais uma palavra, Francisco abandonou as ruínas e encaminhou-se em passo lesto para o portão. Levin ficou a vê-lo afastar-se. Quando o SS desapareceu, o mágico abriu uma das portinholas e meteu-se lá dentro. Seria uma noite desconfortável, mas ao menos estava vivo.

XVIII

Pareciam pedaços de algodão soltos ao vento. Vinham de nenhures e cortavam o ar em milhares de traços brancos até pousarem suavemente na imensa alvura que cobria os telhados e o solo a perder de vista. Uma espécie de neblina abatera-se sobre Birkenau, clara embora espessa, transformando as torres de observação em fantasmas silenciosos; estavam lá mas apenas se vislumbravam vultos sombrios, como árvores escondidas no nevoeiro.

Apertando a gola do sobretudo, Francisco virou a cara de lado para se proteger da neve e do vento e acelerou o passo. Novembro chegara e aquele nevão era o primeiro da estação. Apenas ouvia a sua própria respiração, o som abafado das botas a mergulharem na neve e o vento a sibilar no arame farpado. Pensou que, se alguma vez fosse feita uma música sobre Birkenau, o assobio desafinado do arame teria de lá estar. Um outro, também obrigatório nas memórias sonoras daquele sítio, cortou o ar nesse momento; era o apito de um comboio que se aproximava da *Judenrampe*. O português teria de passar pela plataforma da via-férrea a caminho do crematório número dois e do *Kanada*, onde ia abastecer Levin e Tanusha de bens que adquirira na cantina SS. Ainda teve esperança de cruzar a linha antes que o transporte chegasse, mas o monstro negro, com fumo denso e escuro a rolar da chaminé, atravessou-se à sua frente, impetuoso e compacto, e travou com um guincho e um bafo prolongado. O comboio imobilizou-se na plataforma.

Havia vários SS plantados na *Judenrampe*. Ia pelos vistos decorrer mais

uma das temíveis *Selektionen*. Enquanto se aproximava, Francisco ia tentando destrinçar o médico que decidiria quem seguiria para a direita e para a esquerda, quem viveria e quem morreria. Seria o doutor Mengele ou o doutor Wirths? Na verdade até podia ser qualquer outro, pois havia vários em Auschwitz habitualmente destacados para a *Judenrampe*. Perscrutando os rostos dos alemães, contudo, não lobrigou nenhum médico. De repente reconheceu Pery Broad. O que diabo estaria o brasileiro ali a fazer? Ao lado dele encontravam-se elementos do *Politische Abteilung*.

As portas dos vagões abriram-se e os prisioneiros, debilitados, desaguaram na *Judenrampe*. Percebia-se que se tratava de *Muselmänner* vindos de um campo de trabalho qualquer e enviados para Birkenau para tratamento especial. Os guardas que vinham no comboio gritaram-lhes instruções e deram-lhes uma ou outra bastonada, mas tudo parecia bem mais calmo do que era habitual. Não se viam cães nem *Kommandos* provenientes do *Kanada* para recolherem as malas nem hordas de SS a ladrarem ordens e a sovarem os recém-chegados.

Enquanto os prisioneiros formavam na *Judenrampe*, o grupo de Broad dirigiu-se aos guardas do comboio e falou com eles. À distância não se percebia o que diziam, mas a cara dos alemães recém-chegados mostrava surpresa. A seguir, e para espanto de Francisco, os guardas ordenaram aos prisioneiros que voltassem aos vagões. Contrariados, e sem perceberem a verdadeira natureza do sítio onde haviam chegado, os judeus regressaram ao comboio.

As portas dos vagões fecharam-se, a locomotiva apitou e a composição começou a recuar, voltando na direção de onde viera até cruzar novamente a grande torre que marcava o portão ferroviário de Birkenau e desaparecer na alvura da neblina e do nevão. O português estava estupefacto. Fora a primeira vez que vira um comboio sair da *Judenrampe* carregado de prisioneiros judeus. Com a plataforma de novo vazia, os homens do *Politische Abteilung* abandonaram a *Judenrampe* e encaminharam-se para um barracão, passando por Francisco.

“Oi”, cumprimentou-o Broad. “Tudo bem?”

“O transporte voltou para trás. O que aconteceu?”

“Chegou pela rádio uma nova ordem do *Reichsführer-SS*”, disse o brasileiro. “A partir de hoje é estritamente proibido matar prisioneiros no *Katzet*. O pessoal desse trem não sabia. Mandaram-nos para tratamento especial, mas já não podemos processá-los.”

O olhar de Francisco iluminou-se.

“Está a falar a sério? Acabaram os gaseamentos?”

“Ordens do *Reichsführer-SS*.”

“Mas... mas isso é magnífico!”

O brasileiro sorriu, concordando com o subordinado.

“É legal.”

“E agora?”

Broad apontou para os crematórios números um e dois, situados ao lado da *Judenrampe*.

“Vamos destruir os *Kremas* e tudo o que está relacionado com o tratamento especial. Não vai ficar pedra sobre pedra. Ninguém pode encontrar a menor prova da existência desses edifícios.”

“Então e o *Sonderkommando*?”

“Vão ser todos liquidados.”

“Mas acabou de dizer que Himmler proibiu que se liquidassem mais prisioneiros...”

“É verdade”, confirmou o oficial. “Mas o *Sonderkommando* é diferente. Temos de destruir as provas e as testemunhas do tratamento especial, mas não todas ao mesmo tempo. Uma agora, outra depois. Queremos usar alguns judeus p’ra desmontar os *Kremas*, pois sabem melhor do que ninguém o que há lá.”

Francisco coçou a cabeça. O mágico corria grande perigo.

“E os restantes prisioneiros do campo?”, perguntou, preocupado com Tanusha. “O que lhes vai acontecer?”

“Os russos estão se aproximando. Em breve vamos evacuar o *Katzet*.” Fez um gesto com a mão, indicando a neve em redor. “Não será moleza com esse tempo. O frio está chegando e os prisioneiros serão retirados a pé, porque os trens são necessários p’ros soldados. O pessoal levará dias p’ra chegar aos campos no Reich. Com tanto frio e sem comida, muitos vão

morrer. As caminhadas serão marchas de morte. Temos outras prioridades nesse momento, n'ê? Vai ser meio chato.”

“Marchas de morte?”

Broad assentiu.

“Não morrem no gás, morrem na estrada.”

XIX

Plantado de pernas abertas à entrada do perímetro do crematório número um, o *Oberscharführer* Müshfeldt fez sinal aos homens do *Sonderkommando* que deambulavam entre os carris da *Judenrampe*.

“*Alle eintreten!*”, gritou o SS. “Todos para dentro!”

Ao ouvir a ordem do *Kommandoführer*, Levin trocou um olhar alarmado com os companheiros. As chamadas eram normais em Birkenau e decorriam todas as manhãs e noites para o *Appell*. Aquela estava a ser feita a meio do dia. Péssimo sinal.

“*Eintreten!*”, insistiu o *Oberscharführer* Müshfeldt, impacientando-se. “*Schnell! Schnell! Alle eintreten!*”

Nervosos mas impotentes, os homens do *Sonderkommando* encheram o pátio onde um grupo de SS bem armados os aguardava. O mais extraordinário era que nenhum dos elementos do *Sonderkommando* parecia surpreendido; todos sabiam que a hora chegaria e aí estava ela finalmente. O fim da linha.

“Levem-nos”, ordenou Müshfeldt aos seus homens. “*Los! Los!*”

Os SS fortemente armados escoltaram os judeus para o crematório número dois e encaminharam-nos para a sala dos fornos. Os homens do *Sonderkommando* entraram, os SS não. Em vez disso, trancaram-nos. Ninguém tinha ilusões quanto ao seu destino. Levin espreitou pela janela, bloqueada por barras de ferro, e viu sentinelas a rodear o edifício, as armas preparadas e os dedos nos gatilhos. O que tinha de acontecer aconteceria em breve.

“Como achas que será?”, perguntou em tom fatalista um dos companheiros, um homem chamado Lewenthal. “Irão gasear-nos?”

“Aqui, na sala dos fornos?”, devolveu o mágico com um semblante cético. “Não há entradas para os cristais do gás.”

“Então vão metralhar-nos...”

“Mas eles estão todos lá fora e as paredes protegem-nos”, argumentou Levin. Abanou a cabeça. “O mais provável é que bombardeiem o edifício. Destroem o crematório e matam-nos a todos.”

“Ou então atiram uma bomba de fósforo pela janela”, alvitrou outro homem, um médico chamado Miklós. “Não se lembram dos deportados do *ghetto* de Milo? Foi assim que acabaram com eles, coitados. Bem capazes de...”

O som da fechadura a destrancar-se calou-os a todos. A porta abriu-se e mais elementos do *Sonderkommando* entraram na sala dos fornos; eram agora os homens do crematório número quatro. O espaço tornou-se apertado e os judeus sentaram-se onde encontravam lugar, a maior parte no chão de cimento, outros encostados às paredes ou aos fornos. Todo o *Sonderkommando* estava ali; não faltava ninguém.

“Irmãos judeus.”

A voz sobrepôs-se ao burburinho nervoso. Tratava-se de Leib Langfus, o *dayan*, o juiz religioso do crematório número um que confortara Levin após o gaseamento do campo das famílias.

“Foi a inescrutável vontade de Deus que enviou o nosso povo para a morte”, disse Leib num tom grave. “O destino entregou-nos a mais cruel das tarefas, a de participar na nossa própria destruição e a de testemunhar o nosso desaparecimento até às cinzas a que nos vão reduzir. Nunca os céus se abriram para apagar as chamas das piras funerárias. Foi esta a vontade de Deus e nós, filhos de Israel, temos de aceitar com resignação que as coisas estão destinadas a ser assim, assim e não de outro modo. O Todo-Poderoso o decidiu. Porquê? Não nos cabe a nós, simples seres humanos, responder. Este destino é o que foi escolhido para nós e temos de o aceitar.”

Um murmúrio de comiseração elevou-se entre os presentes.

“Irmãos judeus, não receeis a morte”, prosseguiu o *dayan*, o tom

aparentemente sereno mas os olhos incendiados pelo fogo da paixão. “De que serviria a nossa vida mesmo que, por um estranho milagre, conseguíssemos sobreviver? Regressaríamos às nossas terras para encontrar as casas vazias e pilhadas. Todos os cantos estariam assombrados pela memória dos que desapareceram, enchendo de mais dor os nossos olhos que tanta dor já viram. Sem as nossas famílias, deambularíamos pelo mundo como almas penadas, sombras do que outrora fomos, espíritos perdidos a viver de lembranças dolorosas. Não encontraríamos paz em parte alguma. Passemos pois por esta última provação com a coragem dos judeus que somos. Enfrentemos a morte com a dignidade que nunca conseguiram tirar-nos.”

Um silêncio profundo impôs-se na sala dos fornos quando Leib acabou de falar. Aqueles homens já tinham visto tudo e não alimentavam a menor ilusão sobre o que os esperava. A maior parte deixara de acreditar na religião, considerava até insultuosa a referência a Deus perante tudo o que haviam visto e feito. No entanto, as palavras do *dayan* tocaram-nos profundamente. Acreditassem no que acreditassem, haviam nascido judeus, vivido como judeus e morreriam judeus. Não era uma escolha, mas um destino.

Ouviram a porta destrancar-se mais uma vez e voltaram-se, expectantes. A porta abriu-se e o *Unterscharführer* Steinberg, *Kommandoführer* do crematório número dois, entrou com uma resma de folhas nas mãos e acompanhado por dois SS armados de MP 40.

“*Ärzte heraus!*”, ordenou o oficial. “Médicos para fora!”

O doutor Miklós e três outros homens, todos médicos do crematório número um que habitualmente trabalhavam com o doutor Mengele, abandonaram a sala. A seguir, e lendo de uma das folhas que segurava, o *Unterscharführer* Steinberg chamou algumas dezenas de números. Os homens foram-se apresentando um a um até a chamada terminar.

“Vocês vão para o *Sprengkommando*”, comunicou-lhes o oficial. Enfrentou os restantes. “Os que não foram chamados serão transferidos para Gross Rosen.”

Todos sabiam que o *Sprengkommando* era a unidade encarregada de demolir os crematórios e fazer desaparecer os vestígios da máquina de extermínio e Gross Rosen um campo de concentração perto de Auschwitz. Claro que ninguém acreditou nesta última parte; não passava do velho estratagema de prometer uma “transferência” para os enganar.

Uma vez a chamada terminada, o *Unterscharführer* Steinberg virou-se para sair, mas já à porta parou e, como se lhe tivesse ocorrido algo, consultou os seus papéis de novo.

“O A mil seiscientos e setenta e seis?”, perguntou. “Onde está o A mil seiscientos e setenta e seis?”

Aliviado, Levin deu um passo em frente.

“Presente.”

O *Kommandoführer* indicou o exterior com a cabeça. Ainda a tremer, o mágico esgueirou-se da sala dos fornos. Não sabia o que lhe iria suceder, mas sabia que para os companheiros que deixava para trás apenas haveria morte.

Os alemães escoltaram os judeus selecionados para fora do perímetro do crematório; eram ao todo quase uma centena. Uma vez no exterior, os do *Sprengkommando* foram encaminhados para o campo dos homens enquanto os cinco restantes ficaram com o *Unterscharführer* Steinberg. O oficial SS acompanhou-os até às linhas do comboio, mesmo ao lado da *Judenrampe*. Uma vez aí, entregou ao doutor Miklós a resma de folhas que trazia nas mãos.

“Risque o seu número e os dos seus companheiros.”

Os cinco judeus espreitaram a lista. Continha uma série de números que todos perceberam serem os tatuados nos braços dos prisioneiros do *Sonderkommando*. O doutor Miklós procurou o seu e riscou-o. A seguir identificou os números de cada um dos companheiros que trabalhavam com o doutor Mengele e por fim, obedecendo a uma indicação de Levin, que também localizara o seu número, riscou-o igualmente.

“Dirijam-se aos vossos aposentos”, ordenou o *Unterscharführer* Steinberg. “Ai de quem saia de lá.”

Escoltados por dois SS, os cinco judeus obedeceram. Ao atravessar a linha férrea, Levin lançou um olhar à *Judenrampe* e lobrigou, imobilizados na plataforma com os braços atrás das costas a observá-los, os dois homens a quem ele e o seu pequeno grupo deviam a vida. O doutor Mengele, protetor dos quatro médicos, e Francisco, o anjo guardião do mágico de Auschwitz.

XX

Ao entrar no perímetro do crematório número dois, Francisco estranhou o fumo negro que se elevava do telhado. Se Himmler tinha dado ordem para que terminasse o extermínio em Birkenau, quem estaria a ser cremado? Foi com esta dúvida que se dirigiu ao anexo do edifício, a carpintaria onde Levin e Tanusha o acolheram com alívio.

“Ah, *Herr SS-Mann!*”, exclamou o mágico, pousando uma peça na qual trabalhava. “Bons olhos o vejam!”

Sem se atrever a beijar o namorado, a russa pegou-lhe na mão e apertou-a com emoção.

“Estava a ver que não chegavas...”

O português indicou o crematório com o polegar.

“Quem estão eles a cremar?”

“Papéis.”

“Ah, sim!”, compreendeu Francisco. “Andam numa roda-viva a destruir documentos dos prisioneiros, mais listas diversas, índices de cartões, certidões de óbito e tudo o que os possa comprometer. Na *Kommandantur* e no *Politische Abteilung* é a mesma coisa.”

“Há dias foram os meus camaradas do *Sonderkommando*”, disse Levin lugubrememente. “Levaram para os fornos uma data de corpos queimados. As queimaduras eram tão grandes que não lhes reconhecemos os rostos nem os números tatuados nos braços. Impossível identificá-los. Mas acho que eram os meus companheiros dos crematórios.”

“Eram eles”, confirmou o SS em voz baixa. “Levaram-nos para a floresta

e mataram-nos com lança-chamas.”

Tanusha arregalou os olhos.

“Que horror!”

Apesar de estarem convencidos de que já tinham visto tudo, os métodos de extermínio não paravam de os surpreender.

“Oiçam, temos de falar”, disse Francisco, querendo afastar a conversa daquele assunto e preocupado com o que aí vinha. “Logo que o *Sprenghkommando* complete a demolição dos crematórios, os últimos sobreviventes do *Sonderkommando* serão liquidados.” Apontou para Levin. “O meu chefe deu-me duas semanas para fazer o espetáculo de magia.”

“Não será difícil.”

“Você será executado no dia seguinte.”

O mágico empalideceu.

“Mas...”

“Em breve o campo será evacuado e eu enviado para a frente de combate”, acrescentou o português, voltando-se para Tanusha. “Os prisioneiros ver-se-ão arrastados pelas estradas durante dias e dias, sem comida e no pico do inverno, até chegarem ao Reich. Estarão dez a vinte graus negativos. Será uma marcha de morte.”

Os dois prisioneiros ficaram um momento emudecidos, a fitá-lo.

“Não podemos fazer nada?”

Francisco manteve uma expressão fechada. A situação era muito séria.

“Temos de fugir.”

Fez-se um silêncio profundo na carpintaria. Ninguém ignorava que quase todas as tentativas de fuga de Auschwitz haviam terminado mal, a começar pela do SS Viktor Pestek, o simpático *Volksdeutscher* do campo das famílias, e a acabar na revolta do *Sonderkommando*, passando por inúmeros outros incidentes. Havia casos bem-sucedidos, mas eram raros. Quase todos os fugitivos acabavam por ser capturados, torturados e executados.

Levin abanou a cabeça.

“É perigoso fugir...”

“Ficar ainda é mais perigoso.”

O mágico tinha consciência de que não podia ignorar a realidade, mas o

passo que o SS propunha era complicado. Podia ser fácil para ele, um soldado e homem habituado à ação, mas Levin não passava de um civil e daquelas coisas nada entendia.

“Seja”, suspirou Tanusha. “Vamos a isso.”

“Não é assim tão simples”, contrapôs o judeu. “Não se sai daqui sem mais nem menos.”

Esse era o verdadeiro problema, como todos sabiam e Francisco em especial. Tirou do bolso uma folha que desdobrou sobre a mesa de carpintaria, revelando um mapa. Os três debruçaram-se sobre ele. A planta mostrava o complexo concentracionário de Auschwitz e o espaço em redor.

“O *Katzet* tem uma guarnição de três mil SS e várias linhas de proteção para impedir a fuga de prisioneiros”, indicou o português. Apontou para as retas que delimitavam os campos. “A primeira linha é a vedação eletrificada. Como sabem, quem tocar nela morre eletrocutado.”

“Isso é só de noite”, lembrou o mágico. “De dia está desligada.”

“Pois, mas quem se aproximar da vedação é de imediato abatido pelos guardas das torres de observação”, contra-argumentou o SS. “Portanto as vedações são o primeiro problema. Mas mesmo que as consigamos passar teremos de lidar com a chamada zona de interesse de Auschwitz, uma área de segurança exterior fortemente patrulhada por guardas.” Passou a mão por todo o espaço exterior. “Estamos a falar de quarenta quilómetros quadrados transformados num deserto e onde não existem esconderijos. A população local foi retirada, à exceção de uns mineiros e de uns trabalhadores ferroviários, o que dificulta ainda mais a fuga. O pessoal do *Sonderkommando* que escapou do *Krema* número um foi apanhado aí.”

“E se mesmo assim conseguirmos sair da zona de interesse?”

O dedo de Francisco deslizou para um espaço mais vasto no mapa.

“Nesse caso teremos de enfrentar a terceira linha de barreira, a área restrita especial. Esta zona também é patrulhada e só se pode passar com documentos emitidos pelo *Lagerführer*. Há tabuletas por toda a parte a avisar que quem entrar no setor será abatido.”

“Portanto, três linhas de barreira...”

“E mais alguma coisa”, completou o português. “Para lá da área restrita

especial estão as residências das famílias dos SS. São hostis aos fugitivos. Também hostis são os *Volksdeutsche* da Ucrânia, da Moldávia e da Bessarábia que ocupam as casas e as quintas dos polacos expulsos desta região. Essa área residencial pode ser considerada uma quarta linha.”

Os três ficaram a contemplar o mapa.

“Não será fácil.”

“E não é tudo”, acrescentou Francisco. “Sempre que se descobre a fuga de um prisioneiro, como sabem, o alarme soa por todo o *Katzet* e os SS são postos em alerta. Organizam-se expedições para capturar os fugitivos e a primeira coisa a controlar são as estradas, as valas e os bosques. Além disso, as equipas de busca partem com cães treinados para localizar prisioneiros. Também há um reforço das sentinelas das torres de observação da grande cadeia de guardas, situada alguns quilómetros em redor das vedações. Este estado de alerta prolonga-se por três dias.”

Tanusha não tirava os olhos do mapa.

“Teremos de ficar três dias escondidos?”

“Escondidos onde? Não se esqueçam de que nenhum de nós é desta região. Estamos em terreno desconhecido e não falamos polaco. Além do mais, mesmo que consigamos manter-nos invisíveis esses três dias, o que não será fácil, não podemos esquecer que os alemães vão continuar a procurar-nos durante muito tempo. Uma das primeiras medidas envolve o envio de notificações à Kripo e à Greko com informações que lhes permitam identificar-nos.”

Todos sabiam que a Kripo era a polícia criminal e a Greko a das fronteiras.

“Que tipo de informações?”

“Os nossos nomes, os nossos números, a data da fuga... sei lá. Com essa informação, a Kripo e a Greko verificarão a identidade de qualquer pessoa que caia sob a sua jurisdição. Além disso, a mesma informação será distribuída por todas as esquadras de polícia da região. Foi graças a este sistema que alguns prisioneiros, que conseguiram a proeza de escapar às quatro linhas de barreira, acabaram por ser capturados muitas semanas depois.”

O SS calou-se e os três ficaram a fitar longamente a planta. Estavam perante uma situação impossível. Se ficassem em Auschwitz, Levin seria executado e Tanusha, sem a proteção de Francisco, provavelmente morreria nas marchas de morte. Se decidissem fugir, a morte com tortura era o desfecho mais provável. Uma escolha difícil.

Com um brilho inesperado nos olhos, o mágico encarou os companheiros.
“Mas eu tenho um plano.”

XXI

O trovejar distante, cavado e profundo levou Francisco a fixar os olhos no horizonte; dir-se-ia uma tempestade e a impressão não era inexata. Não se tratava porém de uma tempestade qualquer; não era feita de relâmpagos nem de chuva ou sequer de nuvens, mas de aço e fogo, de milhares de projéteis vomitados por centenas e centenas de peças de artilharia e de Katyushas que devastavam tudo.

“Os russos se aproximam, hein?”

O *SS-Mann* voltou-se para o oficial que nas suas costas se lhe dirigira num português tropical.

“Estão a sessenta ou setenta quilómetros”, calculou Francisco. “Mais uma ou duas semanas e chegam cá.”

Não era preciso ser-se perito em questões militares para aceitar a evidência, pelo que o *Unterscharführer* Pery Broad se voltou para o interior da grande sala do *Theatergebäude*, o velho teatro de Auschwitz transformado em armazém que então retornava à sua função original. A esmagadora maioria das cadeiras estava ainda vazia e sobre a porta um cartaz anunciava a apresentação prevista para daí a dez minutos. As letras góticas garrafais faziam um anúncio intrigante.

O Grande Nivelli apresenta
a mulher serrada ao meio

O SS brasileiro contemplou o cartaz.

“O espetáculo terá de começar uma horinha mais tarde.”

O português coçou a nuca, preocupado com a falta de público.

“Não sei o que se passa”, confessou. “Se calhar o pessoal não está tão entusiasmado com a magia como eu pensava...”

“Está brincando? Uma garota serrada ao meio? Todo mundo no *Katzet* fala nisso! É a melhor maneira de esquecer toda essa bagunça. O problema é a execução no campo das mulheres. Muitos camaradas foram chamados p’ra garantir a segurança e isso os está atrasando.”

“Qual execução?”

“Você não sabe? Uns agentes infiltrados na fábrica da Union-Werke descobriram quem foram as judias que ajudaram o *Sonderkommando*. Roubavam pólvora e a esconderam nos crematórios. Foi com essa pólvora que os prisioneiros fabricaram as granadas. O pessoal do *Politische Abteilung* as identificou e deu um aperto nelas.”

Francisco sobressaltou-se; teria Levin sido denunciado?

“Puseram a boca no trombone?”

“Que nada”, admitiu o SS brasileiro. “A chefona é uma tal Róza. Moça durona. Os açougueiros do *Politische Abteilung* deixaram a cara dela em papa, mas não abriu o bico. Está agora sendo enforcada com mais três cúmplices. É por isso que seu espetáculo está atrasado, entendeu? Mas espera um pouquinho e o pessoal já vai chegando. Ninguém quer perder a garota serrada ao meio.”

O *Theatergebäude* situava-se no exterior de Auschwitz I, embora encostado à vedação. Ao longe estava Birkenau, para onde os olhos de Francisco se desviaram. Onde antes se erguiam os crematórios números um e dois, nada restava já. O *Sprengkommando* havia feito bem o seu trabalho. Os dois grandes edifícios cor de tijolo tinham sido totalmente demolidos e no seu lugar estendia-se um descampado anónimo. O mesmo sucedia com a pequena casinha branca a que chamavam *Bunker* e com o crematório número três, que já fora destruído durante a revolta do *Sonderkommando*. Para compensar, o crematório mais longínquo permanecia em pé.

“Quando vão demolir o número quatro?”

“Em breve”, foi a resposta. “Esse *Krema* ainda é necessário para os

Muselmänner e os executados.”

“O Himmler não deu ordens para que as execuções parassem?”

“Sim, mas essa ordem não se aplica aos condenados por tribunal marcial. Ainda ontem fuzilaram duzentos poloneses, homens e mulheres, por crimes menores. Vi a sentença de um deles. Mataram o homem no *Katzet* por receber em casa um familiar fugido da Gestapo.”

Uma voz interrompeu-os em alemão.

“Alguém disse *Katzet*?”

Os dois voltaram-se e viram o doutor Mengele, que acabara de chegar ao *Theatergebäude* impecavelmente fardado, como sempre.

“*Ach, Doktor!*”, desculpou-se Broad. “Estávamos a falar em português.”

“Por determinação superior, Auschwitz já não é um *Katzet*, um campo de concentração”, lembrou o médico. “É doravante um *Arbeitslager*, um campo de trabalho.”

“Justamente, *Doktor*. Diante do fuzilamento daqueles polacos condenados em tribunal marcial, aqui o meu camarada português perguntava-me quando vão acabar todas estas execuções.”

O doutor Mengele virou-se para Francisco.

“*Mein Freund, es geht immer weiter, immer weiter...*”, respondeu. “Meu caro, continua e continua...”

O médico afastou-se e encaminhou-se para o interior do edifício, manifestamente com a intenção de assistir ao espetáculo.

“P’ra ele é fácil falar”, observou Broad de novo em português. “Acabou de receber os papéis de transferência e vai regressar ao Reich. Nós teremos de permanecer aqui até a evacuação final. Que saco!”

Os dois ficaram a observar o doutor Mengele a percorrer a grande sala do *Theatergebäude* até se sentar na primeira fila, mesmo por detrás de um grupo de prisioneiros com instrumentos musicais. Pela sala deambulava também o *Oberscharführer* Knittel, o comandante do *Abteilung VI*, que com grande soberba afastou as cortinas e entrou no palco.

“O meu chefe gosta de brilhar e pedi-lhe que fosse o mestre-de-cerimónias”, explicou Francisco. “Entusiasmou-se durante os ensaios e até mandou mais gente ajudar-nos.” Indicou os prisioneiros com os

instrumentos musicais. “É a orquestra de Auschwitz I. Passámos a última semana a ensaiar.”

Estas novidades suscitaram curiosidade a Pery Broad, intrigado com o que iriam ver essa noite, mas quando se preparava para fazer perguntas ouviram um burburinho e viraram-se para trás. A chegada do doutor Mengele tinha sido um prelúdio, pois uma multidão de SS aproximava-se à conversa. Vinham de Birkenau e encaminhavam-se para o edifício onde já tudo estava a postos para a exibição de magia. Claramente o enforcamento de Róza Robota e das suas três companheiras da Union-Werke tinha terminado e os alemães dirigiam-se ao *Theatergebäude* para o espetáculo seguinte.

Percebendo que chegara a hora, Francisco fez sinal aos camaradas do *Abteilung VI* com a função de figurantes e dois deles apareceram no exterior com baldes. Quando os oficiais vindos do campo das mulheres cruzaram a porta do *Theatergebäude*, os figurantes despejaram o conteúdo dos baldes nas sarjetas. Era sangue e a cena fez os recém-chegados olharem com estupefação.

“O que é isto?”

Um dos *SS-Mann* que despejara um balde de sangue endireitou-se e fez a saudação hitleriana a um dos superiores hierárquicos.

“*Heil Hitler!*”, saudou. “São as experiências que correram mal, *Obersturmführer*.”

“Que experiências?”

“As da mulher serrada ao meio, *Obersturmführer*. O Grande Nivelli ainda está a afinar a sua magia e às vezes a serra falha o alvo.”

Os SS esboçaram um esgar vagamente impressionado e entraram a comentar o caso. Ainda se ouviu um deles praguejar um “*Scheiße!*”, enquanto outro observava jocosamente que “as experiências deste Nivelli são piores do que as do *Doktor Mengele*”. Constatando que o efeito pretendido fora alcançado, Francisco conduziu o brasileiro para o interior do teatro e levou-o ao lugar que lhe reservara. Depois de prometer voltar para assistir ao espetáculo junto dele, encaminhou-se para os camarins.

Os SS instalavam-se nos seus lugares. Os civis apareceram entretanto e em breve a grande sala ficou cheia de gente, a maior parte oficiais e SS-

Männer, mais respetivas famílias, mas também algumas *Aufseherinnen*, as mulheres SS. Muitos conversavam ainda sobre os enforcamentos dessa tarde no campo das mulheres, mas as famílias mantinham os olhares expectantes na cortina púrpura diante da plateia.

A magia ia começar em Auschwitz.

XXII

O burburinho próprio das salas cheias de gente silenciou-se quando os tambores iniciaram uma batida tensa e as lâmpadas se apagaram. Seguido por um foco de luz, o *Oberscharführer* Knittel subiu ao palco e, encaixando-se no espaço junto à cortina, enfrentou os espectadores do *Theatergebäude*.

“*Sturmbannführer* Baer”, disse o responsável pelo departamento de atividades culturais das SS na voz cavernosa de um ator a declamar, começando por se dirigir ao comandante do campo. “O *Abteilung VI*, que tenho a honra de chefiar, orgulha-se de produzir o espetáculo mais original alguma vez levado à cena no *Arbeitslager* de Auschwitz. Camaradas, hoje é noite de magia. O Grande Nivelli apresenta... a mulher serrada ao meio!”

A orquestra começou a tocar uma música pomposa e a grande cortina púrpura subiu, desvendando o jardim de um palácio rodeado por muralhas pintadas na tela que cercava o palco e montanhas nevadas à distância. No centro encontrava-se uma pequena mesa redonda de três pés, como as dos jogadores de cartas, com uma caixa sobre o tampo. Os restantes instrumentos silenciaram-se e uma flauta isolada tocou uma peça melancólica. Nesse momento uma figura descalça e envolta numa túnica açafraão entrou no palco apoiando-se num cajado. Um monge embrulhado numa *kasaya*. Caminhava devagar, de cabeça baixa, o cajado a tiquetaquear no soalho, até se imobilizar ao lado da mesa. A flauta emudeceu e o monge levantou a cabeça e encarou os espectadores.

“O meu nome é Nivelli e passei muitos anos no Tibete a conviver com os

lamas budistas para desvendar os segredos mágicos do oculto”, disse numa voz serena, quase hipnótica, ajeitando uma aba da *kasaya* budista. “O nosso universo foi criado quando uma estrela cheia de água colidiu com uma estrela enorme. Foram os fragmentos congelados dessa explosão colossal que geraram os sistemas estelares, incluindo o nosso. A Terra passou então a ter várias luas de gelo. Na altura existia no nosso planeta um continente chamado Atlântida, essa Thule perdida cujos habitantes tinham origem divina e alardeavam poderes extraordinários. Um dia as luas caíram na Terra e geraram forças geofísicas cataclísmicas que destruíram a Atlântida. Os atlantes tiveram de fugir e espalharam-se pelos quatro cantos do mundo. Conhecemo-los hoje como arianos. Uns abrigaram-se no Norte da Europa, em particular na Alemanha. Outros foram para os confins da Ásia e instalaram-se na Índia e nos picos gelados dos Himalaias. O Tibete.”

O som de uma flauta emergiu da orquestra, como se a simples evocação do nome do Tibete fosse mágica. A plateia parecia hipnotizada. Todos os oficiais SS reconheciam naquela narrativa a *Welteislehre*, a teoria do mundo de gelo, na qual assentava boa parte do misticismo nazi.

“Ao longo de milénios, os velhos segredos divinos dos atlantes foram guardados nos mosteiros tibetanos como tesouros sem preço, pois contêm fórmulas misteriosas que encerram poderes sem igual”, prosseguiu o Grande Nivelli. “Foi a esses poderes mágicos que acedi ao fim de anos e anos a viver com os lamas dos velhos mosteiros perdidos nos Himalaias e é convosco que os vou partilhar nesta noite em que o transcendente tocará o nosso mundo e os segredos esquecidos de outrora voltarão para nos enfeitiçar.”

A plateia irrompeu em aplausos entusiásticos. A reação do público não deixou de agradar a Francisco, que observava tudo sentado ao lado de Pery Broad. Como um pianista debruçado sobre um Bösendorfer, o mágico mostrava saber exatamente quais as teclas em que tinha de tocar. O Grande Nivelli voltou-se para a mesa ao lado dele e abriu a pequena caixa de madeira pousada no centro, revelando uma cabeça gorda e pintada de branco; dir-se-ia uma estátua de Buda.

“Siddharta Gautama, o homem que se tornou Buda, era um príncipe com

origem racial ariano-indiana”, disse, sempre num tom pausado e enigmático. “Teve acesso aos grandes segredos dos atlantes e tornou-se um dos maiores mágicos da história, autor do *Pali Canon*.” Estalou os dedos. “Buda, desperta.”

A cabeça da estátua estremeceu e abriu os olhos. Um burburinho atônito percorreu a plateia. A mesa não tinha corpo, apenas as três pernas, pelo que se diria que a cabeça estava decepada dentro da caixa. O facto de se mexer criou em todos a impressão de que se encontravam diante de uma espécie de autómato que adquiria vida. O autómato olhou para um lado e para o outro antes de reparar no homem de túnica plantado ao lado dele.

“Buda, ouves-me?”

A cabeça anuiu; parecia entender o que lhe era dito.

“Fala, Buda. O que tens para me dizer?”

Depois de uma breve hesitação, como se ainda estivesse a voltar à consciência depois de um sono de milhares de anos, a cabeça ganhou expressão e começou a parecer profundamente humana. O efeito era intrigante, pois o que antes se afigurava uma estátua de pedra tornara-se um autómato e por fim uma cabeça humana decepada que se mexia.

“A mente é tudo”, disse a cabeça. “São os nossos pensamentos que fazem de nós o que somos. Tornamo-nos o que pensamos. Não acredito no destino que nos acontece independentemente do que façamos. Acredito no destino que nos acontece se nada fizermos.”

O burburinho recrudescu na plateia. A cabeça falava. Muitos SS tentavam perceber o truque, enquanto outros, os inclinados para o misticismo, davam mostras de crer que observavam algo muito real. A cabeça era uma estátua mas mexia-se como um homem vivo, uma cabeça falante sem corpo.

“Buda, fala-me do que nos reserva o futuro.”

O silêncio impôs-se na sala, uma vez que o futuro, e especificamente o futuro da guerra que se sabia perdida, era o que a todos interessava.

“É melhor conquistarmo-nos a nós próprios do que vencer mil batalhas”, foi a resposta. “Só então a vitória será nossa. Não nos poderá ser retirada, nem por anjos nem por demónios, nem pelo Céu nem pelo Inferno.”

A cabeça calou-se, fechou os olhos e a expressão serenou-se, perdendo os vincos que a humanizavam e tornando-se estátua novamente. O Grande Nivelli abeirou-se da mesa e fechou a caixa, tapando a cabeça. Depois voltou-se para a plateia.

“Senhoras e senhores, acabámos de ouvir as palavras de Buda, o mago dos magos, herdeiro da sabedoria divina dos atlantes, palavras imortais que percorreram milénios até nos chegarem nesta noite mágica e nos iluminarem com a sua sabedoria imensa.”

Voltou-se de novo para a caixa e abriu-a para revelar a cabeça. Só que, em vez de Buda, o que lá estava era um pequeno monte de cinzas. O mágico voltou-se então para o público e fez um gesto a indicar o conteúdo da caixa.

“Senhoras e senhores, a magia das cinzas.”

Dobrou-se então numa vénia. Os SS estavam assombrados e por momentos nem se mexeram, tentando assimilar o que acabavam de testemunhar. Um deles levantou-se devagar e bateu palmas, logo imitado por outro e por outro até os aplausos ribombarem na sala inteira.

Pery Broad mostrava-se incrédulo.

“Puxa, vida! Como ele fez isso?”

“Arranjámos um SS gordo do meu departamento e ele memorizou umas frases de Buda. Depois pintámos-lhe a cabeça e metemo-lo dentro da mesa. Tão simples quanto isso.”

O SS brasileiro apontou para as três pernas da mesa.

“Colocaram-no dentro da mesa como? A mesa não tem nada por baixo do tampo...”

“Claro que tem. Mas o corpo da mesa está escondido por um sistema de espelhos que cria a ilusão de que por baixo do tampo só há três pernas. É tudo um truque do mágico.”

O Grande Nivelli cobriu a mesa com um pano e um SS do *Abteilung VI* retirou-a de imediato para os bastidores enquanto uma rapariga loira entrava no palco. Vinha vestida com um *sari* dourado e azul. Detendo-se no centro, dobrou-se numa vénia.

“A princesa Anushri, herdeira do nome da deusa hindu da Beleza e da Fortuna, junta-se a nós para partilhar os velhos segredos místicos ariano-

atlantes encerrados nos *Vedas*, nos *Upanixades*, no *Mahabharata* e no *Bhagavad Gita*”, apresentou-a o mágico. “Basta recordar as semelhanças entre o *Mahabharata* hindu e o *Nibelungenlied* nórdico, entre a base da pureza de sangue e das castas do bramanismo e a consciência racial heroica da casta guerreira ariano-hindu do *Bhagavad Gita*, para perceber como a Índia pode esconder belezas arianas como a princesa Anushri, fiel depositária dos milenares segredos ariano-atlantes.”

Broad estava especado a olhar para a rapariga.

“Puxa, que beleza de garota!”, exclamou. “Quem é essa jovem?”

“É a assistente dele”, explicou o português, nada interessado em dar pormenores sobre Tanusha. “Chiu, preste atenção.”

O Grande Nivelli aproximou-se da assistente e retirou da *kasaya* um lenço negro.

“A princesa Anushri entrou em contacto telepático comigo quando eu estudava num mosteiro dos Himalaias”, disse enquanto lhe atava o lenço sobre os olhos, vendando-a. “Chegou a hora de vos fazer uma demonstração desses poderes para podermos vislumbrar a dimensão dos segredos guardados pelos lamas do Tibete.” Quando terminou recuou um passo. “Vire-se de costas, princesa.”

“Sim, mestre.”

Além de vendada, a princesa voltou-se de costas para a plateia; assim não havia a menor dúvida de que nada conseguia ver do que lá se passava. Satisfeito, o mágico desceu as escadinhas do palco até junto do público e chegou-se a um espectador, um SS com galões de *Hauptsturmführer*.

“Pode identificar-se, por favor?”

“Wilhelm Boger, *Politische Abteilung*.”

“Ah, um homem da Gestapo. Se lhe pedir que me dê um objeto que tenha nos bolsos, promete não me submeter a interrogatório?”

Uma risada nervosa percorreu a multidão enquanto o *Hauptscharführer* Boger levava a mão à cintura. Retirou um objeto e entregou-o ao mágico. Levin virou-se para o palco e fez uma pausa, aparentemente para se concentrar.

“Sim, princesa?”

A assistente, sempre vendada e de costas, respondeu de imediato.

“Uma pistola.”

“Agora a marca.” Pausa. “Sim, princesa?”

“Uma *Luger*.”

O Grande Nivelli ergueu a pistola no ar para que todos a vissem e os espectadores aplaudiram. Depois de devolver a arma ao *Hauptscharführer* Boger, dirigiu-se a um outro oficial sentado na primeira fila, este com galões de *Hauptsturmführer*.

“Pode identificar-se, por favor?”

“Josef Mengele, médico.”

O mágico tocou-lhe na farda.

“Vejo que também tem objetos nos bolsos, *Herr Doktor*”, constatou.

“Pode escolher algo que traga nas calças?”

O doutor Mengele meteu a mão no bolso e extraiu um objeto que entregou ao mágico.

“Isto serve?”

“Perfeito, *Herr Doktor*”, disse o Grande Nivelli. Voltou-se de novo para a assistente e, após uma nova pausa para se concentrar, interpelou-a. “Sim, princesa?”

Tanusha respondeu de pronto.

“Um lenço.”

“De que cor?”, quis o mestre saber. Pausa. “Sim, princesa?”

“Vermelho.”

O mágico ergueu o lenço vermelho e a plateia aplaudiu. A seguir dirigiu-se a um outro SS, este um oficial com galões de *Sturmbannführer* que se encontrava ladeado por outros altos oficiais.

“Pode identificar-se, por favor?”

“Richard Baer, *Lagerführer* de Auschwitz I.”

A constatação de que se encontrava diante do próprio comandante do campo deixou o Grande Nivelli pálido. O que fazer?

“Posso... posso verificar a sua farda?”, perguntou, intimidado. “É para a telepatia.”

O *Sturmbannführer* Baer sorriu com condescendência.

“*Ach! Kein Problem!*”, disse. “Não há problema.”

Vencendo a relutância e o medo, o mágico passou-lhe as mãos pela farda.

“Também tem coisas nos bolsos”, notou. “Será que o senhor comandante me pode entregar algum objeto, só que desta vez do casaco, para variar?”

O oficial retirou um objeto do bolso interior da farda e entregou-o.

“Tome.”

“*Vielen Dank*”, agradeceu. Mais uma pausa para concentração. “Sim, princesa?”

A assistente pareceu também concentrar-se.

“É uma fotografia.”

“Falta saber o que mostra.” Fez uma pausa. “Sim, princesa?”

“Uma família.”

O mágico ergueu no ar o pequeno retângulo com a imagem do *Sturmbannführer* Baer com os familiares numa floresta da Baviera e exibiu-o.

“Senhoras e senhores, palmas para a extraordinária princesa Anushri.”

O público aplaudiu enquanto o Grande Nivelli regressava ao palco. Sentado no seu lugar, Broad abanou a cabeça, intrigado.

“Ué! Como ele fez isso? Sempre pensei que esses números de mágica envolviam um código nas palavras do ilusionista. Mas ele só disse *sim, princesa...*”

“É telepatia.”

“Não brinca comigo!”

Francisco riu-se.

“Não reparou na pausa entre o momento em que ele disse que recebeu o objeto e a expressão *sim, princesa*? Os dois decoraram uma lista dos objetos que normalmente estão nos bolsos das pessoas e memorizaram uma contagem mental entre cada objeto. A contagem simultânea começa no momento em que ele diz que o recebeu e termina quando ele pergunta *sim, princesa?*, identificando assim o objeto. Por exemplo, se o quinto objeto da lista é um lenço, ele finge concentrar-se e faz uma pausa de cinco segundos. Quando quebra o silêncio ao quinto segundo e diz *sim, princesa?*, ela sabe que se trata do quinto objeto da lista. O mesmo para a marca das pistolas, as

cores e outras coisas.”

“Puxa, vida! Incrível!”

O mágico estava já no palco ao lado da assistente.

“E agora, senhoras e senhores, o momento que todos aguardávamos. A mulher serrada ao meio.”

Os SS do *Abteilung VI* empurraram uma espécie de caixão para o centro do palco. Abriram-no, revelando o que parecia uma maca. Obedecendo a um gesto do Grande Nivelli, a princesa Anushri subiu para a maca e deitou-se. Os ajudantes amarraram-na e meteram-na no caixão, deixando-lhe a cabeça visível numa ponta e os pés na outra. Quando terminaram, o mágico abeirou-se dela.

“Está pronta, princesa?”

“Sim, mestre.”

O Grande Nivelli fez um sinal aos ajudantes e um SS corpulento aproximou-se com uma serra. Assentou o instrumento sobre o caixão e começou a serrar.

“Cuidado...”, avisou o mágico. “Da última vez que fez isso falhou o alvo e a prisioneira morreu...”

Sorrisos nervosos na plateia; todos se lembravam do sangue despejado em baldes à entrada do teatro. O SS continuou a serrar, avançando até chegar a meio. De repente a princesa soltou um grito gutural, os pés contraíram-se e começaram a jorrar do caixão golfadas de sangue que sujaram a lâmina da serra.

“Oh, não!”, gritou o Grande Nivelli, repreendendo o SS. “Assim... assim matou-a!”

Um clamor chocado ergueu-se da plateia e as mulheres e os filhos dos oficiais gritaram e taparam os olhos, horrorizados. Indiferente a tudo, o SS prosseguiu a operação até ao fim. O caixão ficou separado em dois, uma parte com a cabeça inerte, a outra com os pés descaídos, o sangue a pingar da parte que fora serrada. A princesa Anushri fora cortada ao meio. Depois de um compasso de espera para que todos vissem bem a cena, o mágico voltou a juntar as duas partes. Deitou um lençol sobre o caixão e agitou os dedos no ar.

“Grande Krishna, senhor da compaixão e do amor, herói do *Mahabharata*, do *Bhagavad Gita* e do *Bhagavad Purana*, devolve a unidade a este corpo mutilado e restitui a princesa Anushri à vida.”

Retirou o lençol e abriu o caixão. A princesa loira, de novo inteira, embora aparentemente atordoada, pôs-se em pé com dificuldade, mas após uns primeiros passos hesitantes ganhou confiança e, já plenamente consciente, voltou-se para a plateia e curvou-se numa vénia. A sala encheu-se de aplausos entusiásticos e o mágico fez um gesto a indicar a assistente.

“Senhoras e senhores, foi a magia ariano-atlante da princesa Anushri.”

As palmas prosseguiram. Depois de duas novas vénias, a assistente deu meia volta e abandonou a cena enquanto dois SS do *Abteilung VI* transportavam para o centro do palco uma grande gaiola assente em rodas cujas paredes eram formadas exclusivamente por barras de ferro. Os dois alemães fizeram força sobre as barras, para mostrar a sua solidez, e no fim posicionaram-se à entrada da gaiola, como sentinelas.

O Grande Nivelli encarou o público.

“Senhoras e senhores, chegou a minha vez de me despedir”, anunciou o mágico. “Mas despedir-me-ei deixando-vos um último segredo atlante que arranquei das montanhas geladas do Tibete. Proponho-me fazer uma coisa que nenhum prisioneiro alguma vez conseguiu em Auschwitz, pois nenhum é detentor dos velhos segredos da Thule perdida.” Indicou a cela. “Entrar nesta gaiola e diante dos vossos olhos desaparecer para sempre. Acham tal coisa possível?”

Os SS riram-se.

“*Nein! Nein!*”

“Impossível!”

O *Oberscharführer* Knittel e um grupo de SS do seu departamento subiram ao palco. Depois de uma última vénia, o Grande Nivelli entrou na gaiola e o chefe do *Abteilung VI* trancou a porta e guardou a chave no bolso. Fechado no interior da gaiola, o mágico fez ao público por detrás das barras de ferro uma vénia de despedida.

“Que Buda vos ilumine.”

Os SS pegaram num lençol e cobriram a gaiola. A seguir formaram um

cordão em redor para garantir que o prisioneiro não fugia. Os tambores da orquestra puseram-se a bater num ritmo tenso e crescente, assinalando o momento em que a magia se consumava. Pararam. Ato contínuo, qual ilusionista, o *Oberscharführer* Knittel puxou o lençol.

A gaiola estava vazia.

O chefe do departamento de atividades culturais destrancou a porta e entrou, o mesmo acontecendo com outro SS. A certa altura havia já três SS dentro da gaiola à procura do mágico. Mas nem sinais dele. O Grande Nivelli volatilizara-se.

A cortina caiu.

XXIII

Uma confusão natural instalou-se na grande sala do *Theatergebäude* quando a multidão começou a sair para a rua, com os SS e respectivas famílias a discutirem os mistérios que tinham observado. A maior parte interrogava-se sobre como aqueles efeitos mirabolantes haviam sido alcançados, mas alguns asseguravam que era tudo verdade, aquilo era magia genuína ariano-atlante do Tibete. Os lamas tibetanos tinham de facto poderes mágicos e seria com esses poderes desvendados pela Ahnenerbe nas suas expedições fabulosas que o *Führer* poria no terreno armas secretas que no último instante salvariam o Reich e derrotariam os inimigos na grande batalha final, onde a luz destruiria a treva, o bem venceria o mal, os super-homens loiros e iluminados se imporiam aos sub-humanos escuros e obscurantistas.

Depois de se despedir de Broad, Francisco subiu ao palco, atravessou a cortina e deparou-se com os camaradas do *Abteilung VI* ainda em redor da gaiola, inspecionando o interior e em particular o esconderijo de esquina ocultado por espelhos. Quando se apercebeu da presença do português, o *Oberscharführer* Knittel interpelou-o.

“Onde está o prisioneiro?”, quis saber. “Nos ensaios ele meteu-se no esconderijo dos espelhos, mas agora já cá não está...”

“Ah, sim. O *Unterscharführer* dos crematórios levou-o de regresso a Birkenau. A ele e à rapariga.”

“Viu-os?”

“Na porta dos bastidores. O *Unterscharführer* estava com pressa. Talvez

execute o mágico ainda esta noite.”

Ao ouvir isto, o chefe do *Abteilung VI* descontraíu-se.

“Ufa, ainda bem!”, exclamou. “Não o vi sair da gaiola e fiquei preocupado.” Um sorriso aflorou-lhe aos lábios. “Isto correu às mil maravilhas, hem? O pessoal parecia contente.”

“Foi um êxito, *Oberscharführer*! Um êxito!”

Os homens do departamento de atividades culturais trocaram cumprimentos, satisfeitos com o sucesso do espetáculo e a reação da plateia, e foi num ambiente descontraído que os SS às ordens do *Oberscharführer* Knittel dispersaram. Embora a noite já tivesse caído, ainda não era tarde. Uns decidiram dar um salto à Haus der Waffen-SS para tomar uns copos no bar, outros foram visitar as meninas no bordel e os últimos anunciaram que iam para casa porque as famílias os esperavam para o jantar.

Quando se separou dos camaradas do *Abteilung VI*, Francisco abandonou o *Theatergebäude* e encaminhou-se para dois SS à conversa junto a uma esquina sombria do edifício. Tratava-se de um *Hauptsturmführer* e de uma *Aufseherin*, uma mulher SS com o cabelo loiro apanhado pelo boné e um embrulho debaixo do braço. Quando o português chegou ao pé deles, o oficial SS entregou-lhe uma chave.

“É o automóvel do comandante Baer.”

Os três puseram-se a caminho, contornando a vedação de Auschwitz I e encaminhando-se para a zona onde os oficiais estacionavam os carros.

“Como a conseguiu?”

“Oh, foi fácil”, foi a resposta do *Hauptsturmführer*. “Quando cheguei ao pé do comandante Baer no número da telepatia e lhe toquei na farda, percebi que tinha a chave no bolso das calças. O resto foi uma brincadeira de crianças. Enquanto lhe pedia que extraísse um objeto do bolso do casaco, surripiei-lhe a chave das calças. Estava ele a dar-me a fotografia da família e eu a guardar a chave no bolso da minha túnica.”

“O comandante Baer é uma figura que dá nas vistas”, repreendeu-o o português. “Não podia ao menos ter gamado a chave do carro de alguém

um pouco menos proeminente do que o responsável máximo de Auschwitz?”

“Como podia eu saber que era o comandante? Dirigi-me a ele porque percebi que se tratava de um dos oficiais mais graduados na sala, e como sabe só esses têm automóvel. Que tenha sido o chefe supremo de Auschwitz foi um acaso.”

O que estava feito estava feito, pensou Francisco. Trocou um olhar vagamente divertido com Levin e Tanusha, ambos disfarçados com as fardas SS que ele previamente lhes entregara.

“Como foi a saída da gaiola?”

“O *Ober* não percebeu patavina, o palerma. Quando ele e o outro SS entraram lá, esgueirei-me do esconderijo já fardado e os tipos pensaram que eu era um terceiro SS a inspecionar a gaiola. Fingindo que também andava à procura de mim próprio, limitei-me a seguir o plano. Saí da gaiola, fui aos bastidores ter com a nossa Tanusha...”

“Eu tinha acabado de me fardar de SS...”

“... misturámo-nos com a multidão, saímos do teatro e... e cá estamos.”

Apesar do tom descontraído da conversa, sentiam-se tensos. Havia dado um passo irreversível e se fossem apanhados, o que podia acontecer a qualquer momento e em qualquer lugar, seriam levados para o *Politische Abteilung*, torturados e executados. Foi por isso que seguiram o resto do caminho em silêncio.

Depois de contornarem toda a vedação de Auschwitz I, passaram pelo portão com a inscrição *Arbeit macht frei*, estenderam os braços e saudaram as sentinelas com um “*Heil Hitler!*” convicto antes de se embrenharem nas ruelas escuras do campo. O olhar de Tanusha ainda se demorou nas janelas iluminadas do bordel, onde a irmã trabalhava, mas os riscos de tentar trazê-la eram demasiado elevados e nem se atreveu a suscitar a hipótese.

O Mercedes do *Sturmabführer* Baer estava estacionado no lugar habitual. Depois de se certificarem de que ninguém os via, meteram-se no carro. Francisco ocupou o lugar do condutor, como se fosse o motorista, enquanto Levin e Tanusha entraram para o banco traseiro. Os galões de *Oberscharführer* da farda do judeu e o estatuto de simples *SS-Mann* do

português justificavam esta distribuição de lugares.

Quando a chave da ignição foi rodada, o motor não ligou. Francisco tentou uma segunda vez e uma terceira, mas o automóvel limitou-se a gemer. Já nervosos, os fugitivos começaram a sentir-se em pânico. Poderia a fuga falhar por causa de um pormenor tão idiota?

“Se calhar há um problema no motor”, alvitrou Levin. “Quer que vá lá ver?”

“É do frio”, respondeu o português. “Logo que aqueça ele liga.”

Tentou duas vezes, sempre com o mesmo resultado. À terceira, no entanto, o motor começou a soluçar e, embora a custo, acabou por rugir. Os ocupantes suspiraram de alívio. O condutor meteu a primeira e saiu da garagem, mas um SS apareceu da sombra e colocou-se diante do Mercedes.

“Onde pensam que vão com o carro do comandante?”

Tinham sido apanhados.

Francisco hesitou. E agora? Deveria carregar no pedal, atropelar o SS e acelerar por ali fora, derrubando portões e tudo o mais que lhe aparecesse? A tentação foi grande, mas conteve-se. Dominando os nervos, baixou o vidro.

“O *Sturmbannführer* deu-me ordens para levar os convidados de regresso ao posto da Gestapo em Katowice.”

O SS deitou um olhar aos bancos traseiros do automóvel e, como estava escuro, apenas vislumbrou dois vultos fardados. Isso, e o tom confiante do motorista, tranquilizou-o. Deu um passo para o lado e, concedendo passagem, estendeu o braço.

“*Heil Hitler!*”

Os ocupantes do Mercedes devolveram a saudação hitleriana e o carro arrancou, percorrendo devagar as ruelas de Auschwitz I até chegar ao portão. À direita havia uma sentinela na torre de observação com uma metralhadora e à esquerda uma mesa com um SS sentado. O automóvel imobilizou-se diante da cancela. O SS da mesa, reconhecendo a viatura do comandante, levantou-se de pronto e, zeloso, abeirou-se da janela do condutor.

“*Heil Hitler!*”, saudou. “*Papiere?*”

Pegando nos documentos de viagem que Levin lhe estendeu do banco traseiro, os mesmos que o mágico surripiara uma hora antes do bolso do doutor Mengele durante o número da telepatia, e com o coração a bater desenfreadamente, Francisco entregou-os ao SS. O alemão desdobrou-os e verificou o texto.

“*Ach so, Doktor Mengele!*” Lançou uma espreitadela aos lugares de trás mas, tal como acontecera com o SS da garagem, por causa da escuridão só vislumbrou fardas; presumiu que a bordo seguissem o doutor Mengele e o próprio comandante do campo. Foi o que lhe bastou para estender o braço. “*Heil Hitler!*”

Voltou ao lugar e, em sentido, abriu a cancela.

Só quando o automóvel passou pelo último posto de controlo do complexo concentracionário, já dezenas de quilómetros para lá da cidade de Auschwitz, os ocupantes acreditaram que tinham mesmo escapado. Não que estivessem fora de perigo, coisa só possível se e quando abandonassem o território controlado pelos alemães, mas a parte mais arriscada fora superada. Isso não impediu que se mantivessem em silêncio, como se receassem que quaisquer palavras proferidas no interior do Mercedes pudessem alertar as SS.

No horizonte à esquerda iam-se acendendo clarões, por vezes isolados, outras vezes consecutivos, sempre acompanhados por um bramido abafado, como um murmurar distante. Os bombardeamentos russos. O problema é que não haviam planeado em pormenor o que fariam quando saíssem do setor de Auschwitz. Uma vez concluído o mais difícil, Levin e Tanusha percebiam que a tarefa diante deles permanecia complicada. Como fariam daí em diante?

Mas o homem ao volante já levava tudo pensado. No ponto da estrada que sabia ser o mais a leste possível, fora já da área restrita especial, Francisco guinou para a esquerda e o carro saiu da estrada, mergulhando por um caminho de carroças tapado por arbustos. Quando atingiu um lugarejo de onde não podia ser visto da estrada, imobilizou a viatura e desligou o motor e os faróis. Um silêncio absoluto instalou-se no carro, apenas rasgado pelo

rumor intermitente dos bombardeamentos distantes.

“Chegámos.”

Os dois passageiros olharam-no interrogativamente.

“Chegámos onde?”

Como em resposta à pergunta dos fugitivos, o português saiu do automóvel e abriu a porta traseira, convidando-os a sair, ao mesmo tempo que apontava para o horizonte iluminado pelos clarões das explosões longínquas.

“O exército russo está naquela direção”, indicou. “Só têm de mudar de roupa e caminhar para lá.”

O mais rápido a reagir foi Levin, que se apeou de pronto. Tanusha foi atrás, mas sempre hesitante, sobretudo porque via o namorado evitar-lhe o olhar. Abriram o embrulho que traziam desde o edifício do teatro, expondo as roupas civis. Despiram as fardas de SS, mas a rapariga ficou ainda mais perturbada quando constatou que Francisco não fazia nada.

“Tu... tu não tiras a farda?”

“Não.”

“Porquê?”

Com um suspiro profundo, o português encarou-a finalmente.

“Não vou convosco.”

“Perdão?”

“Sou um SS, Tanusha”, disse, apontando para a caveira que trazia cosida ao colarinho. “O que pensas que me sucederá se os russos me deitarem a mão?”

“Vens à paisana, claro. Ninguém saberá de nada.”

O *SS-Mann* abanou a cabeça.

“Claro que saberão. Mais cedo ou mais tarde, quando tudo isto acabar, alguém que me tenha visto em Auschwitz irá identificar-me e denunciar-me. Os próprios comunistas vão investigar o meu passado e descobrir que lutei contra eles em Espanha e em Leninegrado. Vocês têm as tatuagens nos braços a servir de prova da vossa inocência. Eu tenho um passado que faz de mim um culpado. Quando perceberem quem sou fuzilam-me. Ou tens dúvidas?”

Depois de o fitar um longo momento com os seus grandes olhos azuis, Tanusha pestanejou. Tudo o que ele dizia era verdadeiro. Se passasse para o lado do Exército Vermelho acabaria por ser identificado.

“Eu fico contigo.”

“Não digas disparates”, cortou ele. “És uma fugitiva de Auschwitz, tens o braço tatuado e precisas de sair do setor alemão o mais depressa possível. O perigo é muito grande.”

A rapariga estava indecisa.

“Como vamos fazer?”

“Vocês têm de avançar pelos campos até chegarem junto dos russos e eu vou fugir para sul, embrenhar-me nas florestas e sair o mais depressa possível das zonas controladas pelos alemães. Como a frente de combate se encontra neste momento muito fluida, os controlos estão desorganizados e tenho de aproveitar a confusão para chegar a Itália, à Suíça ou a França.”

Os olhos dela começaram a brilhar, as lágrimas a espreitarem pelas pálpebras, os lábios trémulos.

“Quer dizer que... que não volto a ver-te?”

Aquele era o momento mais difícil. E não apenas para ela. Francisco abraçou-a com força, beijou-a no rosto e nos cabelos e por fim colou-lhe os lábios ao ouvido direito.

“Um dia irei ter contigo a Sablino”, segredou-lhe. “Agora vai. Vai e não olhes para trás.”

Desprendeu-se e empurrou-a, como se a lançasse na sua viagem. Tanusha parecia em choque, incapaz de se decidir, e foi Levin quem a puxou e lhe indicou o caminho. Os dois começaram a caminhar, ela sempre a virar-se para fixar Francisco como se quisesse gravar a imagem dele na memória, até ambos se fundirem com a sombra. O português ficou um longo instante imóvel, tentando destrinchá-los, mas a noite ocultava-os e depressa se tornou evidente que os engolira para sempre.

Francisco suspirou, consciente de que nunca poderia cumprir a promessa de ir ter com ela a Sablino, a floresta dos arredores de Leninegrado onde a conhecera. Devagar, quase contra a sua própria vontade, deu meia volta, arrastou-se para o automóvel, ligou-o e regressou à estrada. Ainda espreitou

pelo retrovisor na vaga esperança de a lobrigar, mas o reflexo do espelho apenas lhe devolveu a treva mais negra.

A magia das cinzas

A ti, homem que descobriste estes meus escritos enterrados junto de um dos crematórios deste inferno chamado Auschwitz-Birkenau, informo-te de que tens nas mãos um documento histórico da maior importância e rogo-te que o leves a quem de direito para que este manuscrito veja a luz do dia e o mundo inteiro tome enfim conhecimento dos graves acontecimentos que aqui tiveram lugar. Imploro-te que respeites esta última vontade de um desgraçado que vive na treva absoluta e sabe que deste abismo não há saída, um miserável que apenas existe para prestar testemunho e nessa missão encontra o único sentido da sua existência. Se me negares este pedido, meu irmão, é porque te tornaste ainda mais desgraçado do que eu, pois só uma alma perdida pode ignorar a derradeira vontade de um condenado.

Entrego-me pois a ti, homem que descobriste este meu testemunho, e em ti deposito a minha última esperança de que neste mundo haja nem que seja um lampejo de justiça. O meu nome é Herbert Levin e se perguntares por mim em Praga talvez te falem no Grande Nivelli, o mágico que um dia fui, e se estudares a minha história e genealogia saberás que sou de Berlim, tenho as minhas origens em famílias de sefarditas de Amesterdão, as quais têm as suas origens em Portugal, as quais têm as suas origens em Jerusalém.

No momento em que redijo estas tristes linhas estou no bloco treze do *Sonderkommando* e, juntamente com os meus companheiros, sou o homem mais infeliz à face da Terra, pois foi-me imposta a missão de colaborar no mais hediondo dos

crimes que um homem pode cometer contra outro homem, o de exterminar o seu próprio povo. Não tem descrição o que aqui se passa e sei que quando tudo acabar as pessoas terão dificuldade em acreditar que aconteceu. Não as censuro, pois reconheço que a dimensão desta barbárie é de tal modo monstruosa que parece alucinação de uma mente tresloucada.

Não vou contar tudo o que sucedeu nestes crematórios. Para isso existem outros manuscritos de companheiros meus que aqui estão há mais tempo e se encontram em melhor posição para o fazer, se é que tal é possível, pois a enormidade do que aqui vivemos ultrapassa a mais doentia das imaginações. Vasculha bem nos terrenos em torno dos crematórios, homem que descobriste esta minha memória, e encontrarás aí enterrados outros escritos de infelizes como eu. Nestas páginas apenas te contarei o que aconteceu no dia do extermínio do campo das famílias, e por uma razão muito simples: é que eu estive nesse campo e coube-me a terrível sina de ser cúmplice na sua liquidação final.

Quando nessa noite saímos do bloco treze, ao todo cento e quarenta homens do *Sonderkommando*, sabemos que vamos ajudar a matar as pessoas do campo das famílias pois tal não constitui segredo entre nós. Caminhamos em silêncio, de cabeça baixa, já de luto. Não se imagina o desânimo, a tristeza, o desespero que se apodera das nossas almas. E de mim em particular. Todos já tínhamos participado em inúmeras matanças nos crematórios, o gaseamento dos deportados não era novidade, mas as gentes que morriam raramente sabiam que a morte as esperava, pensavam que iam simplesmente tomar banho e depois comer e dormir. Nós alimentávamos-lhes essa ilusão para não lhes causar um sofrimento inútil e, tenho de o admitir, para sobrevivermos. Esta missão de colaborar na matança de crianças, mulheres e homens inocentes é terrível, mas o sofrimento deles limita-se ao momento em que os cristais de gás são despejados na sala subterrânea e é nisso que encontramos conforto para o mal que a morte deles faz à nossa consciência.

Desta feita, porém, é diferente. As pessoas que vão ser assassinadas viveram seis meses em Birkenau. Sabem o que se passa nos crematórios, pois não podem deixar de relacionar os

comboios que veem chegar diariamente, as multidões que para aqui são enviadas e daqui não saem, o fumo que jorra das chaminés e o cheiro a carne queimada que se infiltra por todo o lado. Além disso o movimento de resistência está informado e comunica tudo pelos canais clandestinos, como se comprova pelos boatos que circulam sem cessar por todo o campo. O que quero dizer é que as vítimas que aí vêm sabem ao que vêm. Sabem que vão ser mortas. *Sabem*. E isso muda tudo. Ademais, conhecemos pessoalmente muitas delas. Sobretudo eu, que vim do campo das famílias. Como poderei participar no festim do seu extermínio?

Quando chegamos ao crematório escolhido para a matança, os grandes senhores já lá estão com as suas calças de cavaleiros, as botas negras de cano alto reluzentes de tão bem engraxadas, as caveiras nos colarinhos e nos bonés. Todos aprumados e preparados para o combate, de armas nas mãos e cães a postos, pois vem aí o perigoso inimigo, as crianças, mulheres e homens indefesos que pelos vistos tanto ameaçam a Alemanha e a sua raça de senhores.

Todo o perímetro do crematório está cercado por soldados bem armados, as espingardas e metralhadoras a postos, as granadas à cintura, os projetores instalados em camiões para iluminar o palco. Não se pouparam a nada para a farra, os grandes senhores. Até mandaram vir reforços e um camião adicional de munições, tal o temor dos altivos representantes da raça superior perante a ameaça de pobres civis desarmados que, ao contrário de tantos outros que caminham cegos para a morte, sabem perfeitamente o que os espera.

Um silêncio absoluto paira sobre o campo. Mesmo os grandes senhores, habitualmente a transbordarem de soberba, parecem intimidados. Trata-se decerto da calma que precede as hecatombes. Ouvimos a certa altura um ronco distante a afastar-se e percebemos que são as motos e os camiões que partem para ir buscar "o inimigo". Passado um pouco o vento traz-nos o clamor da multidão entre os gritos dos grandes senhores que a forçam a entrar nos camiões e os latidos furiosos dos cães que os ajudam na sua missão. A berraria prossegue por longos minutos, com certeza entre bastonadas e coronhadas. Por fim todas aquelas vozes em pânico são

abafadas pelo ronco das motos e dos camiões, já em crescendo porque se encaminham para nós.

Trocamos um olhar nervoso, cientes de que a terrível hora se aproxima. Os camiões vêm a caminho com as primeiras vítimas. Imaginamo-las fechadas na carga, os olhos ansiosos a espreitarem das janelas para perscrutar o mundo e respirar o ar que dele vem; veem as luzes e procuram uma fuga que não existe, sentem-se consumidas pela aflição, é a sua última viagem e têm o destino marcado.

Os camiões param junto ao crematório. Ouvem-se portas a abrir-se, ordens em alemão e por fim um murmúrio tenso da multidão, alguns gritos, crianças a chorar, gente aterrorizada.

"Vão buscá-las!", ordena-nos o *Hauptscharführer* Moll. "*Schnell! Schnell!*"

Sob os olhares atentos dos grandes senhores, encaminhamo-nos para os camiões. E elas ali estão, as mulheres e as crianças. Os carrascos decidiram começar por elas e só depois irão buscar os homens. Primeiro apenas vislumbramos sombras em movimento mas depressa os vultos se transformam em pessoas que descem sem resistência dos camiões, mulheres com crianças ao colo ou pelas mãos. Ao ver-nos imploram que as salvemos, a elas e às crianças, e quase desfalecem quando percebem o nosso desespero, a nossa incapacidade, a nossa inutilidade. Somos os seus homens e não passamos de impotentes.

Só então, já sem esperança e resignadas, ficam ao abandono e se deixam conduzir pelo caminho que as leva onde todos sabemos que levará. Caminhamos em silêncio, nós ao lado delas, nossas irmãs, muitas tinha-as eu visto no campo das famílias; quero consolá-las, dar-lhes uma palavra de conforto, apaziguar o turbilhão que lhes revolteia na alma, mas não sei o que dizer, não faço ideia como se lida com alguém nesta situação. Cada passo as aproxima um pouco mais do crematório e não há maneira de travar esta marcha, de dar meia volta, de as proteger e levar dali para fora. O meu único consolo é saber que a minha mulher e o meu filho escaparam a tempo; candidataram-se a um campo de trabalho e livraram-se assim deste fim terrível.

Chegamos diante do edifício e deparamo-nos com a porta

escancarada como uma boca, o insaciável Moloch que se abre a todos os judeus para os devorar. Antes de entrarem elas erguem o olhar aflito, como se buscassem Deus, como se esperassem um milagre vindo dos Céus, e pela última vez, a sua última vez, fitam as estrelas que cintilam lá no alto com indiferença altiva, chocante na sua frieza, como se o próprio Céu não quisesse saber delas, até que com um suspiro angustiado se despedem do mundo e mergulham naquela boca escura e as estrelas frias são substituídas por lâmpadas amareladas.

Entramos em silêncio no antro da morte. Os olhos delas disparam em todas as direções, tentando compreender aquele sítio impessoal, adivinhar onde se esconde a ameaça, perceber de onde virá a morte. A grande sala revela-se profunda, sombria, sustentada por doze pilares, tantos como as doze tribos de Israel, em torno dos quais se estendem bancos preparados para acolher as roupas. Num dos pilares está pregada uma tabuleta em várias línguas a anunciar “banhos”, mas todas sabem que não há banhos nenhuns, a água é o gás, os banhos são a morte, e elas chegaram à antecâmara do seu túmulo. Nós, os do *Sonderkommando*, baixamos os olhos, embaraçados, estupidificados, incapazes de dizer o que quer que seja, as mentes vazias e os corações a sangrar, pois as mulheres percebem tudo e nós encolhemo-nos de vergonha e compaixão, mas não nos encolhemos tanto como gostaríamos, pois se pudéssemos encolhíamos-nos até desaparecer.

Os camiões continuam a chegar e mais e mais mulheres e crianças vão enchendo o vestiário, todas conscientes de que vivem os seus últimos momentos, todas a estudar o espaço com temor, todas a fitarem-nos com os seus grandes olhos assustados, olhos de vítimas e de juízes, olhos que nos julgam, olhos de quem espera de nós um gesto que as salve. E nós de ombros caídos e olhares derrotados, perdidos e incapazes do que quer que seja; na nossa cobardia nem homens chegamos a ser. Queremos dizer-lhes que se dispam, como tantas vezes tínhamos dito a outros que ali chegaram como elas, mas não conseguimos porque estas não são os outros, estas vêm de cá e os outros de alhures, estas sabem e os outros não sabiam, estas julgam-nos e os outros não nos

julgavam.

“Diz-me, irmão”, murmura uma mulher que me reconhece do campo das famílias, de mãos dadas às suas duas meninas assustadas. “Como vai ser a morte?”

Olho-a, horrorizado, sem saber o que dizer. Como se responde a uma pergunta destas?

“Quanto tempo vai demorar?”, insiste ela. “Será doloroso? Vamos sofrer muito?”

O que se responde? O quê, o quê? Como se descreve a uma mulher e a duas crianças a forma como vão morrer? Como se lhes conta que, quando as portas se fecharem e os cristais caírem, serão esmagadas pela turba que tentará desesperadamente escapar ao gás ou acabarão envenenadas se porventura se esquivarem à multidão enlouquecida na vertigem da morte iminente?

“Dispam-se!”, berra da entrada um alemão que começa a distribuir bastonadas pelas mais próximas. “Los! Los! Tirem as roupas imediatamente! *Schnell!*”

As bastonadas caem por toda a parte e têm um efeito eletrizante nas condenadas, pois também as roupas começam a cair. As desgraçadas despem-se rapidamente para evitar os bastões e depressa se começam a ver mulheres e crianças nuas. Sabemos por experiência que a roupa é o último bastião; um ser humano vestido é sempre capaz de se defender, mas não um ser humano nu. Quem está nu está exposto ao mundo, desprotegido e vulnerável perante os outros, pior quando os outros são o lobo.

Acontece então algo inesperado. Uma rapariga nua encosta-se a mim e acaricia-me. Recuo um passo, desconcertado, e apercebo-me de que outras se abraçam também aos meus companheiros do *Sonderkommando* e beijam-nos com corpos palpitantes e lábios ardentes, sequiosas e frenéticas. A que me tinha acariciado agarra-se a mim e apalpa-me a masculinidade como se me testasse, como se me convidasse. Já não há moral nem pudor, apenas fêmeas com fome de amor.

Talvez nos proponham assim uma troca desesperada; oferecem-se-nos se as protegemos, dar-se-ão a nós se nos erguermos para as salvar. Os corpos em troca da vida. Ou se calhar não é isso. Talvez procurem simplesmente nos estranhos que somos

um afago, um consolo, um gesto de amor que as resgate do ódio que as levará. Ou quem sabe se não se trata antes da maneira de expressarem o desejo desesperado de viver? No fim de contas o amor é a vida. A mente pressente o fim mas os corpos recusam-se a aceitá-lo, anseiam pela vida e pelo que de bom ela tem. Vibram com a pulsão da carne, buscam um último prazer, uma derradeira alegria. Talvez queiram simplesmente sentir-se vivas, gozar em pleno aqueles momentos finais, ser mulheres uma última vez e que essa despedida dure tanto que seja eterna. Mas não somos capazes de uma coisa dessas num momento daqueles e, para nossa eterna vergonha, retraímos-nos como eunucos. Até o desejo de amor lhes negamos.

Mais gente vai chegando dos camiões e de repente ouvem-se gritos de mulheres e choros. Olho para a entrada e percebo que são mães e filhas que não sabiam umas das outras e que se reencontram na antecâmara. Abraçam-se e riem-se e choram ao mesmo tempo. Dir-se-ia que se sentem quase felizes por saber que não irão morrer rodeadas de estranhos, que estarão de mãos dadas e isso neste momento vale para elas muito mais do que se poderia imaginar. Buscam ilhas de afeto num oceano de medo.

Todas se despiram e alinham na sala, umas a chorar, outras de mãos dadas, várias petrificadas, em choque e sem palavras. Vejo uma rapariga agitada, a arrancar os cabelos e a contorcer-se, e aproximo-me para tentar acalmá-la.

"Onde estás tu, meu amor?", geme. "Porque não vens ter comigo? Já..."

"Menina..."

"... não me queres, é isso?"

Quando me abeirola dela, uma mulher ao lado toca-me no ombro.

"Deixe-a estar", recomenda. "Enlouqueceu ontem à noite quando foi separada do namorado e soube que íamos ser trazidas para aqui."

Percebo que ela tem razão e afasto-me uns passos, procurando alguém a quem possa realmente ajudar. Um voluntarismo estúpido, é verdade. Que tipo de ajuda posso eu dar numa hora destas? Ajudá-las em quê, se não as posso salvar? Ajudá-las a morrer? Isso é ajuda?

"Somos tão novas", lamenta-se uma rapariga que me

interpela. "Porque nos fazem isto?"

"Gozei tão pouco a vida", diz outra. "Quero viver, quero sair daqui, quero... quero..."

Exprimem-se com uma estranha calma, como sonâmbulas. Estão ali mas sentem-se a sonhar. Não suplicam, nada exigem nem se revoltam. Falam simplesmente para exprimir o que sentem. Talvez seja uma forma de lidarem com a ansiedade. Limitam-se a partilhar os desejos e os medos e a comunicar os seus pensamentos a alguém que irá viver e que, ao levá-los consigo para o mundo, garantirá que ao menos uma parte delas de alguma forma sobreviverá. E nós, os homens do *Sonderkommando*, sempre castrados, incapazes de as salvar, sem jeito para as consolar, impossibilitados de ser homens.

Olho para um lado e vejo mulheres abraçadas, buscando conforto naquela hora terrível. Olho para outro lado e dou com uma mãe sentada num banco com a filha adolescente debruçada sobre os joelhos, a cabeça colada ao ventre, as duas em lágrimas. Que pesadelo será este que não acaba? Quando despertarei de tal horror? Há choros, há gemidos, há um ou outro grito, mas em geral elas mostram-se absurdamente calmas. Talvez seja coragem, talvez simples incredulidade. Será que percebem mesmo o que lhes vai suceder?

Nós, os do *Sonderkommando*, sabemos tudo ao pormenor mais ínfimo. Estes corpos curvilíneos vão daqui a pouco estar contorcidos e cobertos de excrementos e urina, desta boca perfeita serão arrancados os dentes com um alicate, este rosto rosado tornar-se-á azul e aquela cara de alabastro passará a ser negra ou vermelha, estes lindos olhos claros ficarão inchados e injetados de sangue e aquele cabelo castanho aos caracóis será cortado por uma tesoura. Estão vivas e daqui a pouco serão estátuas repugnantes. Será que têm mesmo noção do que as espera? Como se explica esta calma desconcertante? Como podem estar as mulheres e as crianças tão tranquilas quando algo tão pavoroso lhes vai suceder daqui a poucos minutos?

Os grandes senhores perfilam-se então junto à porta do vestiário, guardados pelas suas armas e pelos cães que não cessam de ladrar. Estão ali todos. Moll, Schwarzhuber, Mandel, Steinberg, Eckardt, Buntrock, Baretzki, Gorges... até

os energúmenos da Gestapo, que por aqui se chama *Politische Abteilung*, como o *Oberscharführer* Hustek e o *Hauptsturmführer* Boger. Vieram todos assistir à grande matança.

“Los! Los!”, rosna Moll, ameaçador. “Mexam-se! Mexam-se!”

As mulheres nuas começam a avançar pelo corredor que as conduz à sala ao lado. Ao beco sem saída. À câmara de gás. Caminham com passada firme, quase com orgulho, as mães com as crianças ao colo ou de mão dada com elas, as irmãs enlaçadas, sem súplicas, sem ilusões, sem pedidos de piedade. A última marcha. Caminham conscientes, sabem para onde vão e para o que vão, mas caminham, caminham sempre, caminham a passar diante dos SS e nenhuma lhes pede ou implora o que quer que seja. Até que param. Uma mulher que acompanha uma menina de cabelos encaracolados imobiliza-se diante dos grandes senhores e aponta-lhes o dedo.

“Assassinos, bandidos!”, vocifera. “Matam mulheres e crianças como se nós, desarmadas e indefesas, fôssemos o inimigo. Querem com o nosso sangue disfarçar as vossas derrotas, mas a nossa morte não vos impedirá de vos ajoelhades perante os que vos vergarão. Agora estais impunes, mas o dia da vingança chegará, e esse dia já não vem longe. A Rússia vencerá e vingar-nos-á. Os nossos irmãos do mundo inteiro não descansarão enquanto não vos fizerem pagar tudo o que estão a fazer. A vossa hora aproxima-se!”

Com um gesto brusco esbofeteia o SS mais próximo e, agarrando a sua menina, corre para a multidão e refugia-se no meio dela. Observo os grandes senhores e vejo-os assombrados, mudos, tensos, incapazes sequer de olharem uns para os outros. A bofetada é o menos. O que os perturba é o que acabam de ouvir, pois as palavras da mulher têm o toque da verdade. São a verdade. E eles sabem-no. Nos últimos tempos leram e ouviram as notícias, vislumbraram nas entrelinhas a derrota que se avizinha, falaram dela em surdina, mas eis que esta judia a gritou a plenos pulmões nas suas caras, gritou-a com tal intensidade que não era possível ignorá-la nem fingir que não a ouviram. A verdade da queda iminente do seu Reich dos mil anos, a verdade da humilhação mais completa e da ignomínia mais profunda que se avizinhava para o seu povo, mas também a verdade sobre a infame nódoa com que

conspurcavam o nome do seu próprio país, uma vergonha tão tremenda que ninguém alguma vez a poderá remover.

Uma segunda rapariga volta-se para eles, encorajada pelo exemplo daquela mãe que se escapulira. É uma loura bonita e voluptuosa em quem os grandes senhores tinham reparado no campo das famílias e que seguiam com esgares lúbricos de homens desde que ela se despira.

“Criminosos!”, insulta-os a loura. “Olham-me com os vossos olhos porcos e imaginam-me nas vossas nojices. Têm-me aqui nua, vocês que só assim me podem ver porque me encontro à vossa mercê. Mas o vosso jogo está a chegar ao fim porque não é possível matar todos os judeus e judeus sobrarão no mundo que em breve vos darão caça como aos animais que sois pelos crimes que cometeis.”

Tal como a mulher anterior, atira-se sobre os grandes senhores e esbofeteia um deles, mas estes desta feita não são apanhados de surpresa e uma chuva de bastonadas e coronhadas abate-se sobre a loura. A rapariga tem de ser resgatada pelos seus, atordoada e a cabeça em sangue, e é arrastada para o corredor. A marcha é retomada e as mulheres e as crianças recomeçam a longa procissão para a câmara de gás. Já não falta muito para que todas entrem, já não falta muito para que a porta se...

“Bertie?”

Ao ouvir a voz, esta voz de mulher tão familiar, fiquei imobilizado com o horror. Só havia uma pessoa no mundo inteiro que me chamava assim. Uma única. E não estava aqui. Não estava. Não podia estar. Incrédulo, em pânico, implorando a Deus que não me fizesse uma coisas dessas, uma coisa dessas não, não podia ser, era demasiado cruel, era impensável, agitado e a tremer voltei-me para o lado e vi-os, vi a minha mulher e vi o meu filho, o meu pequeno e querido menino, ambos nus, ambos a caminho da câmara de gás, os dois parados a olharem para mim e eu a olhar para eles, eles a tremer e eu atónito, os três em choque, sem querermos acreditar, acordados e a sonhar, vivos e mortos, eu vivo, eles já mortos.

“Gerda!? Peter!?”

O pequeno sai da fila disparado e agarra-se a mim,

enlaçando-me pela cintura e encostando a cabeça quente ao meu peito.

"Paizinho!"

"Mas... mas..."

"Bertie!", sopra Gerda, abraçando-me também. "Bertie, ajuda-nos!"

Olho-os e recuso-me a crer no que vejo, nego a evidência que se impõe diante de mim. Não pode ser, pura e simplesmente não pode ser. Não podem ser eles, tem de haver engano, são parecidos mas não são eles, não há maneira de serem eles, eles saíram e foram para outro campo, não podem estar aqui, não estão aqui.

Gerda e Peter... *aqui*?

"Vocês... vocês não foram para outro campo?"

"Eu tentei, Bertie, juro que tentei", diz-me ela com amargura. "Disseste-me que me candidatasse às transferências que aparecessem e até o SS português insistiu que o fizesse, obrigou-me a prometer que o faria. Quando a hora chegou, no entanto, eles disseram-me que eu podia ir mas o Peter não, o nosso menino era demasiado pequeno e teria de ficar. E eu... eu não tive coragem de o deixar para trás, de o deixar sozinho, de o abandonar. Foi por isso que fiquei."

"Mas não houve há dias uma *Selektion* de noventa crianças? Porque não o puseste lá?"

"Porque... porque isso significava que o Peter se separaria de mim. E não percebi para que era a *Selektion*. Nesse dia o teu amigo português veio ao campo e escondi-me dele para que não nos visse, pedi até que lhe dissessem que tínhamos partido, para que não me forçassem a separar-me do nosso menino e para não ficares ralado connosco porque tinha a certeza que a ralação era desnecessária e que nos iríamos salvar. E afinal... afinal aqui estamos nós, Bertie, meu Bertie, meu querido Bertie." Olhou em volta, assustada. "Dizem que nos vão asfixiar, que nos vão matar, que vamos sair pela chaminé, que... oh, meu querido. Não é verdade, pois não? Não nos vão fazer isso, pois não?"

Só então toda a terrível realidade da situação me caiu sobre os ombros. A minha mulher e o meu filho afinal continuaram durante todo este tempo em Birkenau. Julgava-os

já longe, fora de perigo, num campo de trabalho qualquer daqueles para onde enviaram outros voluntários do campo das famílias, e eis que eles ali se encontravam no crematório, nus, a caminho da câmara de gás, e eu com a missão de ajudar os grandes senhores a gaseá-los, a matá-los, a retirar os seus cadáveres negros e cobertos de excrementos e a entregá-los aos homens dos fornos para que os transformem em cinzas. A minha família. A minha própria família.

"O que se passa?"

Olho para o homem que fala atrás de mim e, aliviado, vejo o *Oberkapo* Kaminsky. Apercebera-se de que algo de anormal se passava e veio ver do que se tratava. Sinto uma lufada de esperança soprar-me na alma, pois se há alguém capaz de falar de igual para igual com os alemães e convencê-los, se há alguém que sabe como proceder numa situação destas é o *Oberkapo* Kaminsky.

"É... é a minha mulher e o meu filho, *Oberkapo*", revele-lhe. "Houve um engano. Eles estão aqui e preciso de os salvar. Por favor, ajude-me a tirá-los daqui. Por favor."

O responsável pelo *Sonderkommando* fita com surpresa Gerda e Peter, e estes olham-no com ansiedade e esperança, como se ele fosse o juiz e tivesse sobre todos o poder de vida ou de morte. Após uma longa pausa para digerir a situação, engole em seco.

"Escuta, Levin. Posso dizer ao *Malakh HaMaves* que está aqui a família de um elemento do *Sonderkommando* e pedir-lhe que autorize que ela saia. Acho que ele aceitará o pedido. Mas..."

"Então fá-lo!", quase grito. "Tira-os daqui imediatamente!"

"Ouve-me, Levin", prossegue, pousando a mão no meu ombro num gesto de compaixão. "É preciso que não te iludas. Quando os retirar daqui, o *Malakh HaMaves* levá-los-á para trás do crematório e dar-lhes-á um tiro na cabeça. Ou far-lhes-á algo ainda pior, como bem sabes. Nenhuma mulher ou criança entra no crematório e sai viva. Nenhuma."

Agarro-me ao *Oberkapo* pelos ombros e sacudo-o, tentando fazê-lo entender que este caso é especial.

"Tem de falar com ele e dizer-lhe que há um engano, que a minha mulher e o meu menino vieram para aqui por lapso e que

o seu verdadeiro destino é um campo de trabalho, que os dois podem ajudar o Reich, que eles..."

"Was ist los?", brame da entrada uma voz que todos já aprendêramos a temer. "O que se passa?"

O *Oberscharführer* Otto Moll, o terrível chefe dos crematórios, acabara de notar a anomalia nos procedimentos e interviera. O tempo escapava-se-nos como água entre os dedos.

"Então?", sopra-me o *Oberkapo* Kaminsky, a voz dominada pela urgência a pedir uma decisão imediata. "Tiro-os daqui e ele abate-os a tiro lá atrás ou... ou deixo-os ficar?"

O meu olhar horrorizado saltita entre o rosto expectante do *Oberkapo*, as caras ansiosas de Gerda e do meu pequeno Peter e a expressão colérica do *Oberscharführer* Moll. Como me podem fazer esta pergunta? Como me podem pedir que tome essa decisão? Que homem pergunta a outro homem como quer que a família morra?

"Eu... eu não posso decidir uma coisa dessas..."

"*Oberkapo*, o que se passa?", vocifera o oficial SS, claramente à beira de uma explosão de fúria. "Porque está isto parado? Toca a mexer! Los! Los!"

"Então, Levin? O que fazemos?"

Sinto-me enlouquecer. Que mundo é este?

"*Oberkaaapo!*"

O grito do *Oberscharführer* Moll é final e sabemos que a todo o momento ele virá desembestado por ali dentro.

"Levin!", implora Kaminsky. "O que fazemos?"

Não sei não sei não sei.

"Eu... eu..."

O *Oberkapo* deita a mão a Gerda e Peter e puxa-os.

"Vou levá-los lá para fora e o *Malakh HaMaves*..."

"Não!", travo-o. "Não!"

"Então?"

Atiro um olhar de pânico à minha família. Deixar que o meu menino e a minha mulher sejam entregues ao facínora do Moll está absolutamente fora de questão. Mas qual é a alternativa? Onde se encontra a saída deste dilema? O que faço?

Respiro fundo, derrotado.

"Vou com eles."

"Espera..."

Mas já nesse instante, num impulso mas ao mesmo tempo consciente do que faço, pego no meu Peter e na minha Gerda e, ai de mim!, mergulho com eles naquela corrente de gente. Metemos pelo corredor, o corredor da última caminhada, enquanto Kaminsky lá atrás grita por mim.

"Levin! Levin!"

Ignoro-o e prossigo de mãos dadas com a minha família até desaguarmos na grande sala da morte. A câmara de gás.

A sala está apinhada de gente, mulheres e crianças nuas, apertadas umas contra as outras como em conserva. Faz calor e o ar está viciado, e sempre mais gente a entrar, dir-se-ia um rio sem fim. As lâmpadas ao pé das falsas bocas de chuveiro no teto conferem ao espaço um certo ar fantasmagórico. Tudo parece irreal. Caminho como um sonâmbulo, sempre como se flutuasse num sonho, a furar entre as pessoas à procura de um dos respiradouros por onde entra o Zyklon B.

"Ali! Ali!"

Localizo uma dessas entradas de ar e levo a minha família para baixo dela.

"Bertie, fala comigo", implora-me Gerda. "O que se passa?"

Ela e Peter tremem e choram, assustados, e procuro tranquilizá-los.

"Tenham calma", peço-lhes. "É só um mau momento. Quando sentirem objetos a cair por este respiradouro, não fujam. Respirem fundo e não fujam. Assim será mais rápido."

A minha mulher abraça-me e o meu menino também.

"Tenho medo! Tenho tanto medo!"

"Chiu", sopro, sempre a esforçar-me por serená-los. "Chiu."

Aperto-os com força, são a carne da minha carne, e desejo ardentemente que tudo se faça com rapidez, que o *Malakh HaMaves* feche depressa a porta, que o doutor Mengele verifique que a temperatura é a correta, e é, considerando o calor que está aqui dentro, e que mande de imediato proceder ao tratamento especial. E que o *Rottenführer* Scheinmetz suba prontamente lá a cima e sem perda de tempo despeje os cristais de Zyklon B. Que tudo seja rápido, pois esta espera é uma tortura. Se nos vão matar, então que matem, matem depressa e ponham fim a este suplício.

"O que está aqui a fazer?"

A pergunta arranca-me da minha letargia. Como se despertasse olho para a pessoa que se me dirigiu e reconheço uma das professoras de Peter no barracão-escola de Alfred Hirsch, no campo das famílias. Ela também me reconheceu, até porque sou o único homem na câmara de gás e ao contrário de toda a gente estou vestido, o que me destaca das mulheres e das crianças nuas à nossa volta.

"É a minha família."

"Mas você não é obrigado a ficar aqui, pois não?"

"É a minha família."

A professora desvia o olhar para Gerda.

"Se ele não tem de morrer, vai deixá-lo morrer?", questiona com a expressão severa das instrutoras habituadas a impor disciplina nas salas de aula. "Ele, que perante a humanidade inteira tem o dever de testemunhar sobre o que nos estão a fazer? Vai deixar que esta testemunha morra? Quem vai levar ao mundo a notícia do que aqui se passa?"

A minha mulher, que tremia sem cessar, encara-me como se acabasse de receber uma revelação.

"Ela tem razão, Bertie. Tens de sair."

"Não, não", recuso-me. "Fico aqui."

"Não, Bertie", insiste Gerda, agora com maior firmeza. "Tens de sair. Se podes viver, não faz sentido que morras. Ao menos..."

"Não."

"... tu escaparás. Tens de sair."

"Não, não."

"Vai, Bertie. Vai por nós. Por favor, vai."

Ela empurra-me e, pela primeira vez desde que toda esta loucura começou, pela primeira vez desde que as tropas nazis marcharam diante da nossa casa em Praga, pela primeira vez desde que todo o nosso mundo se desmoronou como se nunca tivesse sido feito de outra coisa que não areia, começo a chorar e é como se um imenso dique me rebentasse no peito.

"Não posso, não posso!", grito a esvair-me em lágrimas e desespero. "Não veem que não posso?"

"Não percebes que tens de viver?"

"Viver como?", titubeio num pranto incontrollável. "Não entendem que morro convosco, que vocês são a minha vida?"

A minha Gerda abraça-me, e o meu Peter abraça-me, todos choramos unidos pela aflição, perdidos e desamparados na nossa desgraça. Gememos ao abandono, somos os mais infelizes dos infelizes.

Neste nosso último abraço oiço a voz de Gerda soprar-me ao ouvido.

"Vai, meu querido", sussurra ela. "Vai, que contigo vamos nós também. Tu morres um pouco com a nossa morte mas nós viveremos um pouco com a tua vida. Vai e vive por nós, vai e conta tudo ao mundo, vai e serve de testemunha, vai com vida para vingar a nossa morte. Vai."

Não quero largá-los, não quero não quero não quero, mas Gerda empurra-me e as outras pessoas empurram-me, "vinga-nos, Levin!", diz alguém, "conta ao mundo o que nos fizeram!", eu choro e vejo tudo turvo, tento agarrar-me à minha família e já só sinto Peter a abraçar-me a cintura e oiço a sua vozinha desesperada, "paizinho!", tento prendê-lo a mim mas os empurrões são mais fortes, são todas aquelas mulheres que me arrancam dos braços dos meus e me arrastam para fora da câmara da morte, "Peter!", grito, "Gerda!", escuto um novo "paizinho!", tento voltar para lá mas estou cercado, as lágrimas toldam-me a visão, chamo outra vez pela minha família mas desta feita já não a oiço, as mulheres empurram-me e empurram-me e a certa altura já não são apenas elas, sinto duas mãos fortes levantarem-me pelo ar, escuto um "anda, Levin" masculino e percebo que é o *Oberkapo* Kaminsky que me veio buscar, "deixa-me!", imploro, contorço-me para me libertar, quero a minha mulher, quero o meu filhinho, mas ele não me deixa, estou preso nos seus braços e flutuo.

Sinto de repente o ar fresco. Estou cá fora e oiço o *Malakh HaMaves* perguntar "o que se passa?" e o *Oberkapo* dizer-lhe que eu me tinha "sentido mal". Choro e debato-me mas Kaminsky é muito mais forte e segura-me, segura-me até me meter uma garrafa à boca e o ardor da *vodka* me queimar a garganta e incendiar as entranhas. *Vodka* e mais *vodka*. Tento cuspir o álcool e apenas me engasgo. Engulo e engasgo-me e engulo.

Por fim, já na sala onde o carvão é armazenado, resguardado da insanidade que decorre nos aposentos vizinhos, ele estende-me no chão e só então me liberta. Tento levantar-me

mas as pernas não obedecem; bambolem como esparguete cozido. Estou embriagado, volto a deitar-me para tentar recuperar a compostura e o mundo gira e gira e gira, os olhos pesam-me e de repente, como se alguém tivesse carregado num interruptor para desligar a luz, a minha consciência apaga-se.

E aqui estou hoje, ao fim da longa ressaca pela morte dos meus, o mais desgraçado dos desgraçados, sentado num cantinho do bloco treze do campo dos homens a datilografar numa máquina que me foi emprestada por Zalman Gradowski, o *Schreiber* do *Sonderkommando*, a martelar nas teclas para registrar o que aconteceu porque esta confissão é a minha missão, foi isto que me pediu a minha Gerda e as outras que morreram naquela noite e é por elas e pelo meu pequeno Peter que estou aqui a escrever, a prestar testemunho, a gravar estas palavras no papel para que um dia tu, homem que descobriste estes meus escritos, os leias e sobretudo os dês a ler ao mundo, para que o mundo saiba o que nos fizeram, para que o meu Peter e a minha Gerda e todos os outros não tenham morrido em vão, para que dês um sentido à nossa vida e a minha sobrevivência sirva um propósito.

Sei que também não vou escapar. Ninguém escapa ao seu destino e o *Sonderkommando* muito menos. Eu e os meus companheiros estamos marcados para morrer e temos plena consciência de que daqui nenhum sairá. Ainda estamos vivos mas é como se já estivéssemos mortos, da mesma maneira que os vivos que entram naquela câmara de gás na verdade já estão mortos. É por isso que deixo estes escritos aqui escondidos. Para que a minha voz sobreviva à minha morte, para que com ela sobreviva também a minha pobre família.

Hoje sou um homem sem amanhã, que vive o presente esmagado pelo passado. Há uma coisa, todavia, que tenho de confessar. Falo de ideias como a vingança e sobretudo o imperativo de prestar testemunho sobre tudo o que nos está a acontecer, sobre a aniquilação da minha família, sobre o extermínio do meu povo. Eu, que estou vivo, apenas sobrevivi para me vingar e para testemunhar perante o mundo e a história. Se não fosse isso, já teria morrido.

Palavras bonitas, sem dúvida, mas quando as profiro talvez

não esteja a ser inteiramente fiel à verdade nem sincero comigo e com quem me lê. É certo que a necessidade de retribuição e de prestar testemunho são o que mais pesa na minha determinação de sobreviver à morte dos meus. E, naquele momento terrível em que me abracei à minha família na câmara de gás, quis mesmo ficar lá e morrer com eles e nada me custou mais que abandoná-los à sua sorte para me salvar. Naquele instante teria preferido morrer a sobreviver e, se não fossem a Gerda, as pessoas ali fechadas e o *Oberkapo* Kaminsky, seria isso que teria acontecido.

Mas se for honesto, e na verdade imponho-me a mim próprio a honestidade mais absoluta, mesmo que a verdade me deixe nu e indefeso perante a crítica alheia e o julgamento que de mim próprio faço, terei de reconhecer que há algo que, passado esse primeiro momento, joga um papel mais importante na minha decisão de permanecer vivo. Algo que me enche de vergonha, algo que até perante mim me custa admitir mas que terei de fazer em nome do imperativo moral de franqueza a que aqui obedeço.

É que no meio de toda esta desgraça, de todo este sofrimento, do horror sem fim de quem viu a morte da sua própria família e de certo modo participou nela, o mais terrível é a vergonha. A vergonha. Não se trata simplesmente da vergonha de estar vivo quando a minha família morreu, quando tantas e tantas outras famílias morreram, quando colaborei direta ou indiretamente em todas essas mortes por causa do *Sonderkommando*. É também isso, é certo, mas é mais do que isso. Muito mais. A verdadeira vergonha, a grande vergonha, é ainda querer viver.

É essa a secreta e indizível motivação que verdadeiramente me move hoje. Quero viver. Bem posso falar na necessidade de vingança e de prestar testemunho, na necessidade de honrar um compromisso que assumi perante os meus naquele dia e naquela câmara de gás, e se invocar isso não estarei em bom rigor a faltar à verdade, mas obrigo-me a reconhecer que, se esgravatar nas raízes mais profundas das minhas motivações, o que realmente lá está, em toda a sua terrível nudez e crueza, é este desejo inquebrantável de viver. Quero viver e, seja qual for o argumento que invoque para legitimar esta vontade,

essa permanece a razão mais importante.

No meio deste horror, onde está afinal a magia? Como já te revelei, homem que descobriste estes meus escritos, sou mágico e à magia dediquei a minha vida. Embora a experiência e a razão sempre me tenham dito que na vida não há magia, que a magia não passa do efeito maravilhoso que esconde o mecanismo trivial, pois é esse o verdadeiro segredo do ilusionista, o meu coração de mágico nunca deixou de acreditar na magia genuína, no maravilhoso que se esconde no banal e vai para além dele, no fantástico que transcende o mundano e nos maravilha.

Para lá do meu racionalismo de salão, sempre acreditei no meu íntimo nessa verdadeira magia e foi a busca incessante dela que animou a minha vida de mágico. Sou mágico e secretamente passei a vida inteira à procura da magia autêntica, aquela que transcende os meros truques do ilusionismo e toca a espiritualidade mais pura, crendo sem o confessar que tal magia podia ser encontrada em qualquer lugar e em todas as coisas desde que olhássemos e soubéssemos ver. A magia exprime-se em tudo à nossa volta, na elegância frágil de uma flor ou no mais pestilento buraco de um esgoto, no belo e no horrível, no sublime e no banal.

Passei uma vida inteira a crer com todo o meu ser que em tudo há magia. Quando cheguei a Birkenau e vi o que aqui se passava perguntei a mim mesmo onde estaria a magia deste sítio de pesadelo. Em que recanto deste imenso esgoto humano encontraria eu o segredo do transcendente? Ao observar os comboios que chegavam a toda a hora, as pessoas que em filas intermináveis eram engolidas pelos crematórios e o fumo que rolava sem cessar das grandes chaminés, cheguei a perguntar-me se não seria aí que se escondia a magia deste lugar, pois a transformação de gente em cinzas parecia produto das artes do profano.

Para isso contribuiu o facto de constatar que para os nazis é realmente magia o que se passa por baixo destas chaminés. Os SS assumem-se como uma ordem iniciática, feiticeiros numa missão transcendente, parteiros de uma humanidade superior. Tudo o que aqui acontece obedece a uma ideia mística, a doutrina secreta de *madame* Blavatsky e da Sociedade Thule a

que só os iniciados acedem, um ato mágico que destrói o velho mundo e cria o novo. Para eles Auschwitz é a pira sacrificial, o forno onde se extingue o homem-animal, o ventre onde se molda o homem-deus. É neste inferno que os nazis querem forjar a divindade. Auschwitz apresenta-se como o altar ritual, os SS os feiticeiros, os judeus o cordeiro sacrificial. Não passamos de oferendas imoladas aos deuses no fogo do Valhalla e as nossas cinzas são o efeito dessa magia.

Os acontecimentos que neste manuscrito descrevo mostram porém que na vida não há realmente magia, que o transcendente se reduz a um efeito do trivial, que o feitiço é afinal um truque. Deus não passa de um ilusionista. Onde está a magia quando só nos restam cinzas?

Nota final

Nenhum romance me custou tanto a escrever quanto este. Cheguei a desistir dele antes de o começar, pois o que tinha para contar era de tal modo terrível, a história do que em Birkenau verdadeiramente se passou tão aterradora, que me pareceu que a sua leitura resultaria repugnante. Ora como por uma questão de honestidade não sou capaz de adoçar a verdade para a tornar digerível, pois isso seria falseá-la, vi-me numa situação impossível. Para quê escrever uma obra que ninguém seria capaz de ler?

O que me forçou a avançar para um romance que achava *a priori* ilegível foi uma compulsão, esta inexplicável obrigação de verter em palavras a narrativa que trazia dentro de mim e da qual só me poderia libertar se a gravasse em palavra escrita. Como se a emoção me impusesse o que a razão me interditava. Talvez precisasse de contar esta história para fazer dela uma catarse, a forma de me libertar de tudo o que carregava como um fardo, um processo de purificação interior, uma janela que abria para expulsar os demónios que me assombraram durante a preparação desta obra.

Para compreender isto é preciso que se entenda que não há texto capaz de reproduzir fielmente a dimensão e a profundidade do horror de Birkenau. Não só o que ali se passou é inexprimível, como uma obra que tente criar no leitor a sensação de lá estar corre o sério risco de jamais ser lida, pois estar lá, mesmo que apenas pelo fio da ficção, é uma experiência insuportável. Por outro lado, já tantos livros foram escritos sobre o Holocausto em geral e Auschwitz em particular que se poderia pensar que nada mais haveria para contar e que tudo já se sabe sobre o assunto.

É contudo importante perceber que os trabalhos literários sobre o Holocausto sofrem da miopia do sobrevivente, isto é, tendem a centrar-se nas histórias das pessoas que lograram salvar-se, gente que enfrentou enormes adversidades e que de algum modo excecional conseguiu prevalecer contra todas as probabilidades, gente ordinária em situação extraordinária, pessoas comuns que as circunstâncias tornaram heróis. Tais histórias são seguramente admiráveis mas negligenciam o facto fundamental de que as pessoas que viveram *toda* a experiência do Holocausto não foram os sobreviventes, mas os que morreram. O que faz que o Holocausto seja o Holocausto não são os que escaparam, são os que lá ficaram. Apesar de as narrativas individuais com que somos habitualmente confrontados nas obras de ficção deixarem emocionalmente implícito o contrário, em momento algum podemos esquecer que os sobreviventes constituem a exceção, jamais a regra.

A esta primeira constatação, tão fácil de ignorar porque os mortos não falam e por isso é como se as suas vivências nunca tivessem ocorrido, junta-se uma outra. A da suavização da experiência do Holocausto. Todos já ouvimos falar nos milhões de mortos e já vimos ou lemos descrições mais ou menos vagas do que se passava nas câmaras de gás, por exemplo. Porém, nenhum leitor aguenta ser prolongadamente confrontado com tais realidades. Podemos fitar o Sol por momentos, mas é impossível fazê-lo muito tempo seguido. É por essa razão que a ficção tende a suavizar ou a abreviar a parte mais intolerável do sucedido. Essas cenas aparecem em romances e em filmes, é certo, mas, apesar do horror que encerram, o horror da ficção acaba sempre por ficar aquém da realidade. Essa é a segunda constatação que tem de se fazer. Por incrível que possa parecer, o que normalmente é apresentado nas obras literárias ou cinematográficas não faz justiça à realidade do Holocausto. A realidade é pior do que a ficção.

O pior dos piores não deixou testemunhas. Estou naturalmente a falar das pessoas que foram fechadas nas câmaras de gás ou levaram um tiro na nuca. Nenhuma sobreviveu para contar o que lhe aconteceu, o que pensou, o que sentiu, o que passou naquela sala fechada com três mil pessoas nuas apertadas em redor ou à espera da sua vez na fila das execuções. Raramente

se fala, por exemplo, do que sucedeu em Treblinka, em Belzec ou em Sobibór. Será porque não se passou nada de relevante por lá? Treblinka, Belzec e Sobibór eram os piores dos piores. Piores ainda que Birkenau. O problema é que não escapou quase ninguém desses campos da morte. Sem testemunhas não há história, pois os mortos não falam. Aconteceu, mas como ninguém sobreviveu para contar o que lá aconteceu é como se não tivesse acontecido. Ou seja, não aconteceu.

Os únicos testemunhos de que dispomos sobre o Holocausto são de pessoas que não foram para as câmaras de gás, e consequentemente não tocaram no fundo daquele abismo. Uma delas, Dov Kulka, chegou mesmo a escrever que “como jovem que era não senti o tormento e a inquietação aguda, assassina, destrutiva sentida pelos reclusos adultos”. Isto é, viveu em Birkenau sem verdadeiramente compreender e sentir o horror de Birkenau. A única coisa de que se lembra mesmo a esse respeito é dos cadáveres esqueléticos de idosos e doentes retirados dos barracões e que ele evitava a caminho do barracão-escola de Alfred Hirsch. “Pede-me que explore a minha memória de uma forma racional”, respondeu-me Dov quando o questionei sobre o assunto. “Eu próprio fico espantado por não haver cenas de violência preservadas na minha mente.” Também Werner Reich o constatou. “Pode parecer estranho”, disse-me ele, “mas a minha vida em Birkenau não foi tão má como a que tive mais tarde em Mauthausen, para onde fui levado quando Auschwitz foi encerrado e onde ia morrendo de fome.”

É certo que Dov e Werner eram na altura adolescentes, e os mais novos, além de serem em geral protegidos da violência, tendem a considerar a sua situação normal, uma vez que não dispõem de termos de comparação. Além disso, Dov e Werner encontravam-se no campo das famílias, o menos mau dos vários campos de Birkenau, por se destinar a uma visita da Cruz Vermelha que afinal acabaria por nunca ocorrer. O pior momento foi mesmo o gaseamento dos seus ocupantes, mas os gaseados não viveram para contar e os sobreviventes como Dov e Werner necessariamente não passaram pelas câmaras de gás. Isso cria uma distorção inevitável na perceção do que foi a experiência global do Holocausto.

Contudo, há maneiras de corrigir essa distorção e chegar às vivências dos que morreram asfixiados pelo Zyklon B. Podemos não ter os seus relatos em primeira mão, é certo, podemos nunca vir a saber como eram os primeiros momentos em que os cristais de gás caíam na câmara e o pânico e o tumulto violento que desencadeavam, podemos apenas imaginar o desespero cego de uma pessoa que nesses instantes terríveis tentava a todo o custo sair, ao ponto de arranhar as paredes até arrancar as próprias unhas, mas ao menos temos relatos na primeira pessoa daqueles que com as vítimas partilharam os seus últimos momentos. Estou a falar dos prisioneiros destacados para trabalhar nas câmaras de gás e nos crematórios, as chamadas unidades especiais.

O Sonderkommando.

A esmagadora maioria dos elementos do *Sonderkommando* não sobreviveu. Pelas razões apresentadas neste romance, e nas circunstâncias aqui expostas, também eles foram quase todos assassinados. Mas, ao contrário das pessoas que o *Sonderkommando* ajudou a matar, alguns homens desta unidade lograram escapar no meio da confusão que envolveu a fuga desordenada dos SS de Auschwitz perante o avanço russo. Desse punhado, alguns depuseram no processo de Cracóvia e dois, Filip Müller e Miklós Nyiszli, verteram as suas experiências em livros de memórias. Todavia, isso aconteceu apenas um ou vários anos depois dos acontecimentos e a receção que na altura tiveram variou entre a indiferença e a frieza, para não dizer hostilidade aberta. Em bom rigor, a atitude dominante para com eles revelou-se altamente negativa, sobretudo entre os próprios judeus, traumatizados pelo extermínio mas também pela forma dócil como os seus se deixaram matar e pelo envolvimento cúmplice de outros judeus em todo o processo da matança.

Intimidados e receando as inevitáveis acusações de traição e colaboracionismo com o extermínio, os restantes elementos do *Sonderkommando* fundiram-se na multidão e mantiveram-se calados durante décadas e décadas. O seu silêncio foi tão profundo que até alguns historiadores especializados no Holocausto desconheciam que havia sobreviventes entre os homens da unidade dos crematórios. Tornaram-se

judeus malditos, testemunhas silenciosas, fantasmas vivos das câmaras de gás.

É preciso sublinhar que em certos casos tal reputação era merecida. Os SS mencionam o comportamento de indiferença, de bestialidade até, de alguns elementos do *Sonderkommando* em relação aos que iam morrer. “A disponibilidade com que eles desempenhavam as suas funções nunca cessou de me surpreender”, escreveu o *Obersturmbannführer* Höss, o fundador e primeiro comandante de Auschwitz-Birkenau, sublinhando que “não apenas eles nunca informavam as vítimas do que lhes ia acontecer, e ajudavam-nas até a despir-se, como estavam dispostos a recorrer à violência contra as que resistissem”. Esta alegação foi confirmada pelos próprios sobreviventes da unidade dos crematórios. “Sim, lamento dizer que alguns eram assim”, admitiu Josef Sackar, antigo elemento do *Sonderkommando*, quando questionado por Gideon Greif sobre se era verdade que alguns companheiros seus se comportavam com agressividade e crueldade com os que iam morrer. Batiam-lhes “com as mãos”, explicou Sackar, sobretudo “para os apressar” a despirem-se e irem para a câmara de gás. Nunca saberemos se essa era a postura dominante dos prisioneiros que trabalhavam nos crematórios, até porque se fosse os sobreviventes nunca o admitiriam, embora os manuscritos deixem supor que tal comportamento seria minoritário ou até raro.

A atitude em relação ao *Sonderkommando* só começou a mudar na década de 1980 graças ao trabalho de historiadores como Gideon Greif e Ber Mark, que reavaliaram as experiências dos homens da unidade especial dos crematórios. O que estes viveram passou a ser encarado de um outro prisma, e só então alguns saíram do anonimato e aceitaram dar a cara para contar o que viram e experienciaram. Todos estes relatos, no entanto, pecam por ter sido feitos muito depois dos acontecimentos. Na maioria dos casos, e pelas razões que acabei de enunciar, tais testemunhos levaram décadas a ser prestados e são marcados por múltiplas contradições e incorreções. Por exemplo, há versões diferentes da forma como o *Oberkapo* Kaminsky foi morto pelo *Hauptscharführer* Moll. Neste caso acabei por confiar no depoimento de um sobrevivente do *Sonderkommando* que afirmou ter

assistido a tudo e transportado o corpo do *Oberkapo* depois da execução, o que faz dele uma testemunha ocular desse acontecimento específico. Noutras situações, porém, a solução revelou-se menos evidente.

Le temps qui passe c'est la vérité qui s'enfuit, estabelece uma velha máxima francesa, e o mesmo se poderá dizer das memórias. O tempo brinca com as lembranças. Apaga-as, reconstrói-as e até as ludibria, um fenómeno muito conhecido das neurociências. Nada suplanta por isso um testemunho registado na hora dos acontecimentos, quando a recordação do que se passou permanece fresca e vívida, os pormenores nítidos, as impressões quase intactas. O problema é que, como vimos, os sobreviventes do *Sonderkommando* apenas falaram sobre o assunto mais tarde ou *muito* mais tarde. O tempo passou e as memórias alteraram-se ou apagaram-se.

Acontece que há uma classe de testemunhos do *Sonderkommando* que recua ao período em que os acontecimentos se estavam a produzir. Trata-se de um conjunto de manuscritos redigidos por elementos da unidade especial na altura dos gaseamentos e enterrados junto aos crematórios para serem descobertos mais tarde, quando os campos fossem libertados. Todos os seus autores foram mortos, à exceção de Marcel Nadsari, mas esses manuscritos chegaram de facto até nós. Constituem os registos mais aterradores do que realmente se passou nas câmaras de gás.

Apenas uns dias depois da libertação de Auschwitz-Birkenau, corria fevereiro de 1945, foi encontrado o primeiro de tais documentos, um texto em francês de Haim Herman. Logo no mês seguinte foram localizados alguns dos textos mais importantes, os manuscritos em ídiche de Zalman Gradowski, *Schreiber* do crematório número três, e em abril um texto em ídiche de Leib Langfus, conhecido no *Sonderkommando* por *dayan*. Sete anos mais tarde, em 1952, veio à luz um outro texto não assinado, mas atribuído igualmente a Langfus, e em 1961 e 1962 foram encontrados dois textos de Zalman Lewenthal, também em ídiche. Um último manuscrito apareceu em 1980, redigido em grego e da autoria de Marcel Nadsari, quase ilegível e só restaurado em 2017.

São estes textos que nos conduzem diretamente ao “coração do inferno”, como Gradowski intitulou os seus manuscritos. Foi neles que me baseei em

grande parte para descrever os acontecimentos no *Sonderkommando*, dos gaseamentos e das cremações aos pormenores da revolta de 7 de outubro de 1944. De resto, o epílogo do romance, referente ao gaseamento do campo das famílias, constitui quase uma cópia de parte de um dos manuscritos de Zalman Gradowski. Isso foi intencional, embora não malicioso. Já na trilogia do *Lótus*, uma sequência de romances anteriores dedicados ao autoritarismo e ao totalitarismo, as palavras de Salazar, de Mao Tsé-tung e de Chang Kai-shek constituíram cópias *ipsis verbis* de declarações que os três ditadores haviam realmente proferido em vida. Tal não foi feito para me apropriar indevidamente do trabalho alheio, mas para respeitar o mais possível a verdade dos seus pensamentos e personalidades.

No caso do epílogo desta obra, quis mostrar o que se passava dentro dos crematórios e percebi que isso não era possível se não usasse as palavras, as ideias e as emoções dos próprios intervenientes, pois não há relato mais fiel de um acontecimento do que aquele que é feito por alguém que o viveu. O manuscrito de Gradowski foi talvez dos textos mais horríveis em que alguma vez pus os olhos e estou convencido de que não podia fazer justiça ao que realmente se passou em Birkenau se não usasse o testemunho de quem tudo viu para melhor exprimir o que sucedeu.

O problema é que, por mais que a ficção ou o discurso histórico se esforcem por reproduzi-la, a realidade de Birkenau nos foge como a nossa sombra quando corremos para ela. Talvez consigamos aproximações, e tal já não seria mau, mas nunca poderemos apresentá-la em toda a sua dimensão e profundidade. Isso foi algo que os próprios homens do *Sonderkommando* fizeram questão de nos dizer. “O que aqui escrevo não passa de uma parte mínima do que realmente aconteceu”, avisou Gradowski no seu manuscrito, enquanto Lewenthal sublinhou que “toda a verdade contém muito mais tragédia e muito mais horror”. Ou seja, até as próprias testemunhas dos acontecimentos se sentiam incapazes de exprimir a enormidade do que viam e viviam. O que se passou em Birkenau, quando a globalidade da experiência é compreendida, ultrapassa tudo o que qualquer texto é capaz de apresentar.

Poderíamos ser tentados a pensar que o epílogo desta obra apresenta uma

única situação ficcional que, por ser tão extrema, a realidade não foi capaz de apresentar. Estou a referir-me ao encontro do homem do *Sonderkommando* com a sua família nos crematórios. Porém, tal situação era infelizmente comum. Os testemunhos dos elementos do *Sonderkommando* estão repletos de referências a encontros com familiares nessas circunstâncias, momentos que eles descrevem como o seu maior pesadelo. “Alguns no *Sonderkommando* reconheciam com frequência os seus”, afirmou Miklós Nyiszli, enquanto Zalman Lewenthal escreveu no seu manuscrito: “Quão terrível e trágica era a cena quando se percebia que [...] as mesmas pessoas que arrastavam os corpos e os queimavam [...] compreendiam que se tratava dos mesmos que tinham deixado para trás, os seus familiares, os seus entes queridos. Alguns encontravam os pais, outros as mulheres e os filhos.” Também Olga Lengyel, sobrevivente do campo das mulheres, observou nas suas memórias que no *Sonderkommando* “muitas vezes um marido tinha de cremar a mulher; um pai os filhos; um filho os pais; um irmão a irmã”.

Os exemplos concretos abundam. Shlomo Venezia revelou que no crematório “reconheci o primo do meu pai”, por quem intercedeu junto do SS de serviço, sem resultado, e a quem depois cremou o corpo. Eliezer Eisenschmidt confidenciou que “uma vez identifiquei o corpo de um primo” nos fornos e Shaul Chazan disse que um dos seus companheiros deu de caras com o irmão na câmara de gás e pediu a um SS que o salvasse, mas o rapaz acabou com um tiro na cabeça. Jehuda Bacon contou que um elemento do *Sonderkommando* chamado Kalmin Furman chegou a ser forçado a levar os pais para a câmara de gás e depois tentou enforcar-se, embora tenha sido salvo no último momento, enquanto um texto de Krystyna Zywulska fala no caso de um homem do *Sonderkommando* que se deparou com a mãe no vestiário e, ocultando-lhe até ao fim o que lhe iria acontecer, escolheu seguir com ela para a câmara de gás e morrer. O próprio Filip Müller escreveu ter recebido no crematório o cadáver do pai, que teve de cremar.

Até o comandante Höss assistiu a uma situação do género. “Este incidente testemunhei-o eu”, escreveu nas suas memórias. “Quando os corpos eram

retirados da câmara de gás, um membro do *Sonderkommando* parou subitamente e inclinou-se como se tivesse sido atingido por um raio. A seguir puxou o corpo, ajudando os seus camaradas. Perguntei ao *Kapo* o que lhe havia sucedido. Ele apurou que o judeu chocado tinha descoberto a mulher entre os cadáveres. Fiquei a observá-lo um bom bocado sem notar qualquer alteração nele. Continuou simplesmente a arrastar corpos. Passado um bocado voltei a cruzar-me com a equipa dele. Estava sentado com os outros a comer, como se nada se tivesse passado. Foi ele realmente capaz de esconder os seus sentimentos tão completamente ou estaria tão embrutecido que uma coisa destas já não o incomodava sequer?” Esta pergunta de Höss é pertinente, mas não deixa de ser surpreendente que o comandante de Auschwitz-

Birkenau não a tenha formulado em relação a si mesmo e aos seus próprios atos.

Situações semelhantes, neste caso envolvendo encontros indiretos, aconteciam no *Effektenlager*, conhecido no campo por *Kanada*, para onde os bens dos gaseados eram enviados para futura distribuição pelo Reich. As judias que trabalhavam no *Kanada* descobriam com alguma frequência roupa, objetos íntimos e fotografias que pertenciam aos seus familiares — e era assim que tomavam conhecimento da sua morte.

O essencial do que aparece neste romance resulta, como bem se percebe, do registo histórico. Da invasão alemã da Checoslováquia ao que se passou em Theresienstadt e em Auschwitz-Birkenau. As descrições do campo das famílias, do campo das mulheres, de Auschwitz I, dos bordéis, da Haus der Waffen-SS, do *Kanada*, da *Judenrampe*, dos crematórios, dos gaseamentos, dos preparativos e da revolta do *Sonderkommando* e de uma sucessão de outros episódios, uns de grande importância e outros menores, correspondem a situações documentadas. Até a fuga de Auschwitz, apresentada no último capítulo com pormenores que poderão à primeira vista parecer fantasiosos e rocambolescos, é na verdade inspirada no que aconteceu durante uma fuga levada a cabo pelos prisioneiros polacos Kazimierz Piechowski, Józef Lempart e Stanislaw Jaster e pelo prisioneiro ucraniano Eugeniusz Bendera. Convém aliás não esquecer que o

Holocausto não envolveu apenas os judeus, embora estes se tivessem tornado o seu alvo privilegiado, mas abrangeu também os polacos, os ciganos e os soldados soviéticos.

Herbert Levin, a sua Gerda e o seu Peter são personagens verdadeiras. Levin era o elemento mais novo da Bolsa de Berlim, de onde foi despedido devido às leis raciais introduzidas por Adolf Hitler. Mudou-se então com a família para Praga, onde fazia espetáculos de magia com o nome artístico de Nivelli e onde abriu lojas de artigos de ilusionismo como o Hokus-Pokus. A família Levin foi deportada para Theresienstadt e depois para Birkenau, onde Herbert ficou alojado no bloco doze do campo das famílias e partilhou o beliche com Werner Reich. Sabemos que Gerda e Peter foram gaseados em Birkenau e que Levin sobreviveu, mas faltam-nos os pormenores. A passagem do mágico pelo *Sonderkommando* é uma ficção, embora os eventos no *Sonderkommando* aqui apresentados, incluindo o modo de vida, os episódios, os gaseamentos, as execuções a tiro e a revolta de 7 de outubro de 1944 não o sejam. Também o espetáculo de magia com que se conclui esta obra é produto da minha imaginação, embora seja verdade que Levin tenha sobrevivido a Birkenau à custa dos seus truques de ilusionismo.

Depois da guerra, Herbert Levin recuperou o Grande Nivelli e regressou à Alemanha para apresentar espetáculos de magia. Quando em 1947 conseguiu um visto ao abrigo de uma quota para deslocados que lhe permitia emigrar para os Estados Unidos, fez um derradeiro espetáculo no Teatro Schiffbauerdamm, em Berlim. A tabuleta à porta do teatro mostrava o título “Riso e Lágrimas”. O Grande Nivelli apareceu pela última vez perante o público alemão com uma farda listada de prisioneiro. Durante o espetáculo tirou a farda e vestiu os trajes exuberantes de um Harlequim, a sua forma de cortar com o passado negro e depositar esperança num futuro que desejava colorido. Uma vez na América, prosseguiu a sua carreira de ilusionista. Casou em 1948 com Lotte Sommers, uma alemã que era a única sobrevivente de uma família enorme. Lotte tornou-se sua assistente. Os espetáculos do Grande Nivelli ganharam alguma reputação, tendo o ilusionista chegado a exhibir os seus números no Palace Theater de Nova

Iorque e a fazer apresentações em cruzeiros. Herbert Levin morreu em 1977, dois dias depois de apresentar o seu último espetáculo, na Pensilvânia.

As figuras reais desta obra não se limitam aos Levin. Todos os elementos do *Sonderkommando* aqui apresentados correspondem a personagens históricas, a começar por Zalman Gradowski, Leib Langfus e Zalman Lewenthal, autores dos manuscritos que já referi. Também têm existência histórica o *Oberkapo* Yaakov Kaminsky, o *Kapo* Georges, o *Kapo* Eliezer, o *Kapo* Lemke, o *Kapo* Morawa e Miklós Nyiszli, e ainda Chaim, o homem que deu o primeiro golpe na revolta de 7 de outubro. O mesmo se passa com Shlomo. Róza Robota é igualmente uma figura histórica, o mesmo acontecendo com personagens do campo das famílias como o dinâmico Alfred Hirsch, que todos conheciam por Fredy; o *Blockälteste* Bondy, assassinado quando tentava evitar que as pessoas do campo das famílias entrassem nos camiões que as iam conduzir aos crematórios; e o *Blockälteste* Wítězslaw Lederer, que logrou escapar com a ajuda do SS Viktor Pestek e tentou comunicar ao mundo o que se passava em Auschwitz.

Do mesmo modo, quase todos os SS mencionados no romance são personagens reais. Começemos pelos chefes. O *Obergruppenführer* Reinhard Heydrich, arquiteto da Solução Final, foi assassinado em Praga nas circunstâncias que este romance descreve. O *Obersturmbannführer* Rudolf Höss, o primeiro comandante do KL Auschwitz e responsável pela *Aktion Höss*, a operação de extermínio dos judeus húngaros em Birkenau, foi enforcado na Polónia em 1947. Höss deixou escritas memórias que constituem hoje uma importantíssima fonte de informação sobre o processo do Holocausto. O *Sturmbannführer* Richard Baer, terceiro comandante de Auschwitz I, viveu durante anos com uma identidade falsa. Capturado, acabaria por morrer no cárcere em 1963 quando aguardava julgamento. O *Hauptsturmführer* Josef Kramer, adjunto de Höss e depois comandante de Auschwitz II, ou Birkenau, foi enforcado na Alemanha em 1945. O *Obersturmführer* Johann Schwarzhuber, comandante do campo dos homens e do campo das famílias de Birkenau, foi enforcado na Alemanha em 1947.

A *Lagerführerin* Maria Mandel, comandante do campo das mulheres de Birkenau, foi enforcada na Polónia em 1948. Já o *Oberscharführer* Kurt Knittel, responsável pelo *Abteilung VI* do KL Auschwitz, nunca foi preso; tornou-se professor depois da guerra e alcançou cargos honoríficos na Alemanha, vindo a morrer de causas naturais em 1998.

Quanto aos subordinados ligados ao processo de gaseamento, o *Hauptscharführer* Otto Moll, chefe dos crematórios e o mais temido de todos os SS de Birkenau, condecorado pelas autoridades nazis pelos seus “feitos” no extermínio dos judeus, foi enforcado na Alemanha em 1946. Desconhece-se o destino do seu inseparável comparsa, o *Unterscharführer* Josef Eckardt. O *Hauptsturmführer* Josef Mengele, médico em Birkenau e conhecido pelas suas experiências com gémeos, conseguiu fugir para a América do Sul e morreu afogado no Brasil em 1979. O *Oberscharführer* Peter Voss, chefe dos crematórios antes de Otto Moll, morreu de causas naturais em 1976. Desconhece-se o destino do *Rottenführer* Scheinmetz, um dos homens que lançavam o Zyklon B nas câmaras de gás. O *Oberscharführer* Erich Mühsfeldt, *Kommandoführer* do crematório número um, foi enforcado na Polónia em 1948. Desconhece-se o destino do *Unterscharführer* Karl Steinberg, *Kommandoführer* do crematório número dois. O *Scharführer* Hubert Busch, *Kommandoführer* do crematório número três, foi condenado na Polónia a quinze anos de prisão e morreu de causas naturais. Por fim, o *Unterscharführer* Johann Gorges, *Kommandoführer* do crematório número quatro, nunca foi acusado e também morreu de causas naturais.

Por último, uma palavra sobre os SS mencionados neste romance e que não prestavam habitualmente serviço nos crematórios. O *Unterscharführer* Pery Broad, SS brasileiro nascido no Rio de Janeiro e que trabalhava no *Politische Abteilung*, a Gestapo de Auschwitz, tornou-se tradutor do exército britânico e passou quatro anos na prisão; morreu de causas naturais em 1993. O relatório que Broad escreveu para as autoridades britânicas permanece uma das melhores fontes sobre Auschwitz do ponto de vista das SS. O *Hauptsturmführer* Wilhelm Boger, também do *Politische Abteilung*, andou fugido durante anos até ser detido em 1959 e condenado a prisão

perpétua, tendo morrido na cadeia em 1977. O *Unterscharführer* Viktor Pestek, *Volksdeutscher* romeno apreciado pelos prisioneiros do campo das famílias e que ajudou o *Blockälteste* Wítězslaw Lederer a fugir, foi capturado, torturado e executado pelo *Politische Abteilung* em 1944. O *Unterscharführer* Fritz Buntrock, envolvido na *Selektion* das oitenta e nove crianças que escaparam do campo das famílias, foi enforcado na Polónia em 1948. O *Rottenführer* Stefan Baretzki, *Blockführer* em Birkenau, só foi detido em 1960, tendo posto fim à vida no cárcere em 1988. O *Rapportführer* Oswald Kaduk foi sentenciado em 1965 a prisão perpétua e libertado em 1989 por razões de saúde, tendo morrido em 1997.

O personagem de Francisco é inspirado numa figura histórica que combateu de facto na Guerra Civil de Espanha pela Legião Estrangeira, ao lado do general Franco, e diante de Leninegrado pela Divisão Azul espanhola. Este personagem já tinha aliás aparecido nos meus romances *A Vida Num Sopro* e *O Anjo Branco*. Pouco se sabe sobre os portugueses que combateram pelo Terceiro Reich. O historiador alemão Hans Werner Neulen confirmou que havia “centenas de soldados portugueses na Divisão Azul, a maior parte dos quais vivia em Espanha”, e que “alguns deles, habitualmente voluntários, envolveram-se nos combates de retirada no Reich e pertenciam às Waffen-SS”. Com a ajuda da minha editora alemã, contactei a Deutsche Dienststelle, a agência governamental alemã que mantém registos de todos os combatentes das forças armadas alemãs, incluindo os soldados estrangeiros, e ainda o Bundesarchiv-Militärarchiv, o arquivo militar alemão, mas em nenhum dos dois organismos foram fornecidos dados úteis sobre os portugueses que integraram as SS.

Uma derradeira referência à relação entre a magia e o Terceiro Reich. As alusões à ligação do nazismo ao ocultismo são absolutamente rigorosas, ao ponto de o escritor Thomas Mann dizer que “as tendências fascistas [...] estão impregnadas de magia”. O nacional-socialismo tem várias origens intelectuais e entre elas encontram-se justamente as correntes esotéricas tão em voga naquele tempo por todo o Ocidente, mas em especial na Alemanha e na Áustria, com referências à Atlântida, às lendas nórdicas, à espiritualidade, à sabedoria do Tibete, à parapsicologia, à astrologia, à

telepatia e demais ciências ocultas. Esse misticismo tendia a apresentar o mundo como um confronto entre o bem e o mal, a luz e as trevas, deuses e demónios, o espiritualismo e o materialismo. Os loiros nórdicos seriam virtuosos e teriam a centelha divina, os escuros seriam maléficos e demoníacos. Uma espécie de maniqueísmo extraído da banda desenhada de super-heróis belos e radiosos e vilões feios e tenebrosos, na qual muitos nazis, e em particular os SS, acreditavam com sinceridade.

Estas crenças desempenharam um papel importante no Holocausto, como a historiografia começa a reconhecer. A primeira obra que relacionou o nazismo com o ocultismo recua ao próprio ano da ascensão ao poder do nazismo, 1933, quando o jornalista francês Pierre Mariel, que aparentemente seria também um espião ao serviço do seu país, publicou *Les Sept têtes du dragon vert*. Seguiram-se outras obras publicadas em França ao longo dessa década e que culminaram em 1939 em *Hitler et les forces occultes*, de Edouard Saby, e *Gespräche mit Hitler*, de Hermann Rauschning, um nazi que conheceu pessoalmente o *Führer* e que terá descrito o nazismo como «socialismo mágico». Também Lewis Spence publicou, em 1941, uma obra com o título *The Occult Causes of the Present War*.

A ligação esotérica do nazismo foi sendo depois secundarizada, apesar de recuperada aqui e ali por obras como *Le Matin des magiciens*, de Jacques Bergier e Louis Pauwels, e *The Spear of Destiny*, de Trevor Ravenscroft. Até que por fim a historiografia se apercebeu de que a questão era mais séria do que à primeira vista poderia parecer e passou a dedicar-lhe maior atenção. “Os historiadores veem frequentemente as obsessões de Himmler pelo oculto como um aspeto exótico e marginal de uma vida dedicada ao policiamento eficiente e ao genocídio impiedoso”, observou o historiador Christopher Hale, mas “a verdade é que o entusiasmo de Himmler pelas civilizações perdidas, pela arqueologia pré-histórica, pelo Santo Graal e especialmente pelas origens das raças ‘indo-germânicas’ está intimamente ligado às ‘teorias’ que exigiam a eliminação dos desqualificados.” Também Heather Pringle constatou que “durante anos a maior parte dos historiadores desvalorizou o intenso interesse de Himmler pela antiguidade,

considerando-o puro charlatanismo e misticismo mal-amanhado, um disparate que não desempenhou qualquer parte relevante nos planos para um estado nazi”, mas começa agora a emergir “uma imagem muito diferente”.

Cresce a convicção de que o papel que o charlatanismo ocultista exerceu no Holocausto não foi marginal, mas central. Juntamente com outros conceitos, as ideias místicas contribuíram diretamente para o extermínio de milhões de pessoas devido à crença nazi de que só assim se poderia recuperar a natureza divina dos arianos e consequentemente resgatar a humanidade do abismo animalesco a que a miscigenação com as raças demoníacas a estava a lançar.

Sei que este romance contém episódios duros de ler e de digerir. Porque os descrevi deste modo tão cru? Porque é assim que encaro a ficção. A literatura não existe simplesmente para nos entreter ou para fazer experiências de linguagem ou para que se ostentem exercícios de virtuosismo estilístico, embora tais caminhos sejam evidentemente legítimos, pertinentes e valiosos. A literatura existe sobretudo para nos dizer coisas, abrir janelas e derrubar barreiras. Ou pelo menos é assim que a vejo. “Penso que apenas devíamos ler livros que nos mordem e que nos perfuram”, defendeu Franz Kafka. “Se o livro que estamos a ler não nos abala e desperta como uma marretada no crânio, para quê lê-lo? [...] Um livro tem de ser um machado para o mar gelado dentro de nós.” É para isso que os romances servem, é por isso que os escrevo e foi por isso que escrevi este e o fiz desta forma.

Uma vasta bibliografia teve de ser consultada para que esta obra fosse possível. Sobre o Holocausto e Auschwitz em geral, recorri a *Auschwitz — The Nazis & The ‘Final Solution’*, de Laurence Rees; *KL — A History of the Nazi Concentration Camps*, de Nikolaus Wachsmann; *The Origins of the Final Solution — The Evolution of Nazi Jewish Policy, 1939-1942*, de Christopher Browning; *Hommes et femmes à Auschwitz*, de Hermann Langbein; *L’État SS — Le Système des camps de concentration allemands*, de Eugen Kogon; *Ressources inhumaines — La Gestion des gardiens de camps de concentration*, de Fabrice d’Almeida; *Auschwitz — La Mémoire*

d'un lieu, de Annette Wieviorka; *Hyppocrate aux enfers — Les médecins des camps de la mort*, de Michel Cymes; *Five Chimneys — A Woman Survivor's True Story of Auschwitz*, de Olga Lengyel; *Forgotten Voices of the Holocaust — A New History in the Words of the Men and Women Who Survived*, de Lyn Smith; *Des Voix dans la nuit — La Résistance juive à Auschwitz*, de Ber Mark; *Guide historique d'Auschwitz — Et des traces juives de Cracovie*, de Jean-François Forges e Pierre-Jérôme Biscarat; e *O Ocidente no Divã — Uma Análise do Nazismo na Civilização Ocidental*, de Jean-Louis Vullierme.

Toda a informação relativa ao que aconteceu no *Sonderkommando* de Birkenau resultou da consulta de *Auschwitz — A Doctor's Eyewitness Account*, de Miklós Nyiszli; *Eyewitness Auschwitz — Three Years in the Gas Chambers*, de Filip Müller; *Sonderkommando — Dans l'enfer des chambres à gaz*, de Shlomo Venezia; *Au Coeur de l'enfer — Témoignage d'un Sonderkommando d'Auschwitz, 1944*, de Zalman Gradowski; *Dans l'horreur des atrocités*, de Leib Langfus; *Notes*, de Zalman Lewenthal; e *We Wept Without Tears — Testimonies of the Jewish Sonderkommando from Auschwitz*, de Gideon Greif.

A propósito das SS e da forma como encaravam o Holocausto e Auschwitz, as obras consultadas foram “Speech of the Reichsführer-SS at the SS Group Leader Meeting in Posen (Poznan)”, de Heinrich Himmler; *Commandant of Auschwitz — The Autobiography of Rudolf Hoess*, de Rudolf Höss; *Reminiscences*, de Pery Broad; *Diary*, de Johann Paul Kremer; *Für Volk and Führer — The Memoir of a Veteran of the 1st SS Panzer Division Leibstandarte SS Adolf Hitler*, de Erwin Bartmann; *Voices of the Waffen SS*, de Gerry Villani; *Waffen SS — Hitler's Black Guard at War*, de Christopher Ailsby; e *The SS: Hitler's Instrument of Terror — The Full Story from Street Fighters to the Waffen-SS*, de Gordon Williamson. Ainda o estudo “The Third Reich Enlists the New Soviet Man: Eastern Auxiliary Guards at Auschwitz-Birkenau in Spring 1943”, de David Rich.

A respeito dos deportados do campo das famílias e de Herbert Levin, as fontes a que recorri foram *Triumph of Hope — From Theresienstadt and Auschwitz to Israel*, de Ruth Elias; *Somewhere There Is Still a Sun — A*

Memoir of the Holocaust, de Michael Gruenbaum; *Trapped — Essays on the History of the Czech Jews, 1939-1943*, de Ruth Bondy; *Theresienstadt, 1941-1945 — The Face of a Coerced Community*, de H. G. Adler; *Terezín — Voices from the Holocaust*, de Ruth Thomson; *In Spite of Auschwitz — Survival, Liberation, A New Life in America*, de Klaus Pollak; *Memoirs of the Birkenau Boys — After Those Fifty Years e Spring's End*, de John Freund; *Landscapes of the Metropolis of Death — Reflections on Memory and Imagination*, de Dov Kulka; *The Death Camp Magicians — A True Story of Holocaust Survivors Werner Reich and Herbert Nivelli*, de William Rauscher; *Captivity, Flight and Survival in World War II*, de Alan Levine; e *Un Vivant qui passe — Auschwitz 1943 — Theresienstadt 1944*, de Claude Lanzmann.

Sobre a invasão nazi da Checoslováquia, as fontes usadas foram *Prague in Black — Nazi Rule and Czech Nationalism*, de Chad Bryant; *Prague in Danger — The Years of German Occupation, 1939-45: Memories and History, Terror and Resistance, Theater and Jazz, Film and Poetry, Politics and War* e *Prague in Black and Gold — The History of a City*, de Peter Demetz; *Under a Cruel Star — A Life in Prague, 1941-1968*, de Heda Margolius Kovály; e *The Killing of SS Obergruppenführer Reinhard Heydrich*, de Callum MacDonald.

No que diz respeito ao impacto da magia e do esoterismo no pensamento nazi, recorri a *Le Matin des magiciens*, de Jacques Bergier e Louis Pauwels; *Hitler's Monsters — A Supernatural History of the Third Reich*, de Eric Kurlander; *Digging for Hitler — The Nazi Archaeologists Search for an Aryan Past*, de David Barrowclough; *The Occult Roots of Nazism — Secret Aryan Cults and Their Influence on Nazi Ideology*, de Nicholas Goodrick-Clarke; *Himmler's Crusade — The True Story of the 1938 Nazi Expedition into Tibet*, de Christopher Hale; *The Master Plan — Himmler's Scholars and the Holocaust*, de Heather Pringle; *Nazis and the Occult — The Dark Forces Unleashed by the Third Reich*, de Paul Roland; *Occult Reich*, de J. H. Brennan; *The Nazi Occult*, de Kenneth Hite; *Hitler's Master of the Dark Arts — Himmler's Black Knights and the Occult Origins of the SS*, de Bill Yenne; *From a "Race of Masters" To a "Master Race": 1948 to 1848*, de

A. E. Samaan; e *Aleister Crowley, the Beast in Berlin — Art, Sex, and Magick in the Weimar Republic*, de Tobias Churton.

Sobre a magia e o ilusionismo em geral, as minhas fontes foram *Hiding the Elephant — How Magicians Invented the Impossible, Art & Artifice and Other Essays on Illusion* e *The Last Greatest Magician in the World — Howard Thurston Versus Houdini & the Battles of the American Wizards*, de Jim Steinmeyer; *Magic*, de Noel Daniel, Mike Caveney, Ricky Jay e Jim Steinmeyer; *Sleights of Mind — What the Neuroscience of Magic Reveals About Our Brains*, de Stephen Macknik e Susana Martinez-Conde; *Patter — Gags and Patter Lines for the Talking Magician*, de Sid Lorraine; e *The Book of the Law* e *The Book of Lies*, de Aleister Crowley.

Por fim, o ângulo português, com o impacto do Holocausto entre os judeus portugueses e o envolvimento de portugueses na causa nazi, baseou-se na consulta de *Portugueses no Holocausto — Histórias das Vítimas dos Campos de Concentração, dos Cônsules Que Salvaram Vidas e dos Resistentes Que Lutaram contra o Nazismo*, de Esther Mucznik; *Portugueses nos Campos de Concentração Nazis — As Histórias dos Portugueses Deportados para os Campos da Morte de Adolf Hitler*, de Patrícia Carvalho; *An deutscher Seite — Internationale Freiwillige von Wehrmacht und Waffen-SS*, de Hans Werner Neulen; *La División Azul — Sangre Española en Rusia, 1941-*

1945, de Xavier Moreno Juliá; *Rusia no es Culpable — Historia de la División Azul*, de Enrique de la Veja Viguera; *Más que unas Memorias — Hasta Leninegrado con la División Azul*, de Vicente Linares; e *A Mí La Legión! — De Millan Astray a las Misiones de Paz*, de José Rodríguez Jiménez.

Não posso terminar sem uma palavra a todos aqueles a quem um agradecimento é devido pelo seu envolvimento neste projeto. Primeiro a um conjunto de pessoas que me deram indicações sobre pormenores diversos, como a minha editora alemã, Nicole Luzar, que me ajudou na pesquisa na Alemanha e em detalhes relacionados com a língua alemã; o meu primo Jan-Lukas Zeitz, que também me ajudou na língua alemã, o mesmo acontecendo com André Häbler Rente; Inês Espada Vieira e Miguel

Vázquez Espada, no castelhano; Jitka Jaroměřská, no checo; e José Milhazes, no russo.

Obrigado ainda ao rabino Shlomo Pereira, por precisões relativas à cultura judaica; a Irit Doron, que me levou ao Yad Vashem, o Centro de Memória do Holocausto, em Jerusalém; a David Britland, que me deu alguns dados gerais sobre a vida do Grande Nivelli; e a Ondrej Psenicka e Karel Hybš, pelas pistas sobre o mundo da magia em Praga. Depois a Luís de Matos, o grande ilusionista português, pelas informações sobre a sua arte, e sobretudo por me ter apresentado Werner Reich e facilitado a nossa conversa. O Luís foi o primeiro grande entusiasta deste projeto.

A seguir um agradecimento aos rapazes de Birkenau. Dos oitenta e nove miúdos do campo das famílias que o doutor Mengele selecionou para viverem na altura do extermínio final, *Selektion* que decorreu nas circunstâncias que esta obra documenta, estive em contacto com três que me comunicaram pormenores e explicações que em muito enriqueceram o texto. Obrigado a Dov Kulka e John Freund, com quem troquei vários *emails* ao longo de todo o projeto, pela paciência e dedicação nos esclarecimentos.

Obrigado sobretudo a Werner Reich, meu amigo. O Werner, um judeu alemão de origem sefardita, conheceu pessoalmente Herbert Levin, a quem chamava *Herr* Levin. Partilhou com ele o beliche no bloco doze do campo das famílias e aí aprendeu as artes do ilusionismo, ao ponto de mais tarde, já nos Estados Unidos, vir a considerar a possibilidade de se tornar mágico profissional. Trocou centenas de *emails* comigo e passámos horas à conversa sobre a sua experiência em Birkenau. Sem o Werner, esta obra não existiria.

Levitando acima de todos, como a própria princesa Karnac, sempre a Florbela.

Table of Contents

PARTE UM

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

PARTE DOIS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

PARTE TRÊS

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

A magia das cinzas

Nota final